

O Livro dos Segredos Volume 6

OSHO

AnDre
Advaita Samtusti
[a r z @terra.com.br](mailto:arz@terra.com.br)

Agradecimento a Ma Gyan Darshana por disponibilizar o ebook em espanhol

Capítulo 71

Esquece a Periferia

Os Sutras

98 *Em uma posição fácil, gradualmente impregna de uma grande paz uma área entre as axilas.*

99 *Sinta-se a ti mesmo te estendendo por todas as direções, longe, perto.*

Por fora, a vida é um ciclone, um conflito, uma agitação, uma luta constantes. Mas isto é assim só na superfície; só na superfície do oceano há ondas, ruído enloquecedor, luta constante. Mas isto não é toda a vida. No profundo há também um centro sem ruído, silencioso, sem conflito, sem luta. No centro, a vida é um fluxo silencioso, depravado, um rio movendo-se sem resistência, sem luta, sem violência. A busca se encaminha a esse centro interno. Pode te identificar com a superfície, com o externo. Então haverá ansiedade e angústia. Isto é o que aconteceu a todo mundo, estamos identificados com a superfície e com a luta que há aí.

A superfície terá que ser perturbada; não há nada de mau nisso. E se pode estar enraizado no centro, a perturbação na superfície se voltará formosa, terá uma beleza própria. Se pode estar em silêncio dentro, então todos os sons de fora se voltam musicais. Então nada é mau; tudo se volta um jogo. Mas se não conhecer o núcleo interno, o centro interno, se estiver totalmente identificado com a superfície, voltará-te louco. E todo mundo está quase louco.

Todas as técnicas religiosas, as técnicas de ioga, de meditação Zen, são basicamente para te ajudar a estar de novo em contato com o centro, para entrar em ti, para esquecer a periferia, para deixar a periferia no momento e te relaxar em seu próprio ser tão profundamente que o externo desapareça completamente e só permaneça o interno. Uma vez que sabe como retroceder, como entrar em ti mesmo, não é difícil. volta-se tão fácil como qualquer outra coisa. Mas se não saber, se só conhecer a mente que se aferra à superfície, é muito difícil. Relaxar-se na gente mesmo não é difícil; não aferrar-se à superfície sim o é.

ouvi uma história sufí... Aconteceu uma vez que um faquir sufí estava viajando. Era uma noite escura e se perdeu. Estava tão escuro que nem sequer podia ver onde estava. Então, de repente caiu em um abismo. Estava aterrorizado. Não sabia o que havia abaixo na escuridão, ou quão profundo era o abismo, assim é que se agarrou a um ramo e começou a rezar. Era uma noite muito fria. Gritou, mas não havia ninguém que lhe escutasse; só sua própria voz devolvida pelo eco. E era uma noite tão fria que lhe estavam congelando as mãos e sabia que cedo ou tarde teria que soltar o ramo... ia ser muito difícil seguir agarrando-se. Suas mãos estavam tão congeladas que começavam a escorregar-se do ramo. A morte estava absolutamente perto. Em qualquer momento cairia e morreria. E então chegou o último momento. Pode-te imaginar quão aterrorizado estava, morrendo momento a momento. Então chegou o último instante e viu que o ramo escapava de suas mãos. E tinha as mãos tão congeladas que não havia forma de agarrar-se, assim tinha que cair.

Mas no momento em que caiu, começou a dançar, não havia nenhum abismo; estava sobre terra firme. E tinha estado sofrendo toda a noite.

Esta é a situação. Segue te aferrando à superfície, com medo a te sentir perdido se deixar a superfície. Em realidade, te aferrando à superfície está perdido. Mas o profundo está escuro e não vê o chão; quão único vê é a superfície. Todas estas técnicas são para te fazer valoroso, forte, aventureiro; para que possa deixar de te agarrar e caia dentro de ti mesmo. O que parece um abismo escuro, sem fundo, é associação de Futebol base mesma de seu ser. Uma vez que deixe a superfície, a periferia, estará centrado.

Centrar-se assim é o objetivo. Uma vez que está centrado, pode ir à periferia, mas será totalmente diferente. A qualidade de seu consciencia terá trocado inteiramente. Então pode ir à periferia, mas nunca voltará a *ser* a periferia, permanecerá no centro. E permanecer centrado estando na periferia é formoso. Então pode desfrutá-la; voltará-se um belo jogo. Então não há nenhum conflito; é um jogo. Então não criará tensões dentro de ti e não haverá angústia nem ansiedade em torno de ti. E em qualquer momento em que se volte muito... muito cansativo para ti, pode voltar para a fonte original; pode te dar um mergulho. Então se sentirá refrescado, rejuvenescido, e pode voltar de novo para a periferia..., e o caminho não é largo. Não vai a nenhuma parte que não seja dentro de seu próprio ser, de modo que o caminho não é largo. Está muito perto. A única barreira é que te agarra, aferra-te à periferia, com medo a morrer se a soltas. Ir ao centro interno é uma morte, morte no sentido de que sua identificação com a periferia morrerá, e surgirá uma nova imagem, uma nova percepção de seu ser.

De modo que, se queremos dizer em poucas palavras o que são as técnicas do tantra, podemos dizer que são uma profunda relaxação na gente mesmo, uma total relaxação na gente mesmo.

Sempre está tenso; esse é o agarre, o teimosia. Nunca está depravado, nunca em um estado de te deixar ser. Sempre está fazendo algo; esse fazer é o problema. Nunca está em um estado de não-fazer, no que as coisas estão acontecendo e você simplesmente está aí sem fazer nada. A respiração entra e sai, o sangue circula, o corpo está vivo e palpitando, a brisa sopra, o mundo segue girando..., e você não está fazendo nada. Não é o que o faz; simplesmente está depravado e as coisas estão acontecendo. Quando as coisas estão acontecendo e você não é o que faz, está totalmente depravado. Quando é o que faz e as coisas não estão acontecendo, mas sim estão sendo manipuladas por ti, está tenso.

Relaxa-te parcialmente quando está dormido, mas não é total. Inclusive dormido segue manipulando, inclusive dormido não deixa que tudo aconteça. Observa a um homem dormindo, verá que está muito tenso, todo seu corpo estará tenso. Observa a um menino pequeno dormindo, está muito depravado. Ou observa a um animal, um gato, um gato sempre está depravado. Você não está depravado nem sequer enquanto dorme; está tenso, lutando, te movendo, lutando com algo. Há tensões em seu rosto. Pode que esteja lutando em sonhos, protegendo..., fazendo as mesmas coisas que faz quando está acordado, as repetindo em um drama interno. Não está depravado; não está em um profundo estado de te deixar ser. Por isso dormir está voltando cada vez mais difícil. E os psicólogos dizem que, se esta mesma tendência continuar, não demorará para chegar o dia em que ninguém possa dormir naturalmente. O dormir terá que produzi-lo quimicamente, porque ninguém conseguirá dormir naturalmente. Esse dia não está muito longe, já estão em caminho para ele, porque inclusive dormidos só estão parcialmente dormidos, parcialmente relaxados.

A meditação é o dormir mais profundo. É uma relaxação total e algo mais, está totalmente depravado e, entretanto, alerta. Há consciencia. Estar totalmente dormido com consciencia é meditação. Completamente alerta, as coisas estão acontecendo, mas você não te está resistindo, não está lutando, não está fazendo. que faz não está aí, que

faz se dormiu. Só há uma testemunha, só há uma alerta que não faz. Então nada pode te perturbar.

Se souber como te relaxar, então nada pode te perturbar. Se não saber como te relaxar, então todo te perturbará. Digo *tudo*. Não é nenhuma outra costure o que te perturba; todo o resto é só uma desculpa. Sempre está preparado para ser perturbado. Se não te perturbar uma coisa, então te perturbará outra; sentirá-se perturbado. Está preparado, tem uma tendência a te sentir perturbado. Inclusive se todas as causas são se separadas de ti, sentirá-se perturbado. Encontrará alguma causa, criará alguma causa. Se não vir nada de fora, criará algo dentro -algum pensamento, alguma idéia- e se sentirá perturbado. Necessita desculpas.

Uma vez que sabe te relaxar, nada pode te perturbar. Não é que o mundo vá trocar, não é que as coisas vão ser diferentes, o mundo será o mesmo, mas você já não tem a tendência, não tem a loucura; não está constantemente preparado para ser perturbado. Então tudo o que acontece a seu redor é sosegador; inclusive o ruído do tráfico se volta sosegador se está depravado. Inclusive o mercado se volta sosegador. Depende de ti. É uma qualidade interna. quanto mais vai para o centro, mais surge a qualidade, e quanto mais vai para a periferia, mais será perturbado. Se se sentir muito perturbado, ou se for propenso a te sentir perturbado, isso mostra só uma coisa, que está existindo junto à periferia; nada mais. É uma indicação de que tem feito sua morada junto à superfície. E esta é uma morada falsa, porque seu verdadeiro lar está no centro, no centro mesmo de seu ser.

98 Sente a paz em seu coração.

Agora entraremos nas técnicas. *Em uma posição fácil. gradualmente impregna de uma grande paz uma área entre as axilas.*

Este é um método muito simples, mas funciona milagrosamente. Prova-o. E qualquer pode prová-lo; não há nenhum perigo. O primeiro é estar em uma posição muito relaxada; depravado em uma posição que seja fácil para ti. Não tente uma posição determinada ou *asana*. Buda se sinta em uma postura determinada; é fácil para ele. Também pode voltar-se fácil para ti se a praticar durante um tempo, mas ao princípio não te resultará fácil. E não há necessidade de praticá-la. Começa com qualquer postura que te resulte fácil agora mesmo. Não lute com a postura. Pode te sentar em uma poltrona e te relaxar. O único importante é que seu corpo esteja em um estado depravado.

Assim fecha os olhos e sente todo seu corpo. Começa pelas pernas, sente se houver alguma tensão ou não. Se sentir que há alguma tensão, faz uma coisa, tensa a mais. Se sentir que há alguma tensão na perna direita, faz que essa tensão seja o mais intensa possível. Leva-a a um cenit; logo, de repente, relaxa-a para poder sentir como se assenta ali a relaxação Logo percorre todo o corpo procurando em todas partes alguma tensão. Cada vez que sinta a tensão, tensa a mais, porque é fácil relaxá-la quando é intensa. Em um estado pela metade, é muito difícil, porque não pode senti-la. É fácil passar de um extremo a outro, muito fácil, porque o extremo mesmo cria a situação para passar ao outro. De modo que se sentir alguma tensão na cara, tensa os músculos da cara tudo o que possa, cria tensão e leva-a a um cenit. Leva-a a um ponto no que sinta que não é possível mais; então, de repente, relaxa-a. Desta forma, faz que todas as partes do corpo, todos os membros do corpo, estejam relaxados.

E ponha especial atenção nos músculos da cara, porque carregam com noventa por cento das tensões; o resto do corpo só carrega com dez por cento. Todas as tensões estão

na mente, de modo que a cara se converte no armazém. Assim tensa a cara tudo o que possa; não seja tímido com isso. Ponha intensamente angustiada, ansiosa; e logo, de repente, relaxa-a. Faz-o durante cinco minutos para que possa sentir que cada membro de todo o corpo está depravado. Esta é uma postura fácil para ti, pode fazê-la sentado, ou jogado na cama, ou como sente que é fácil para ti. *Em uma posição fácil, gradualmente impregna de uma grande paz uma área entre as axilas.*

O segundo, quando sentir que o corpo alcançou uma postura fácil, não lhe dê muita importância. Simplesmente sente que o corpo está depravado; logo, te esqueça do corpo. Porque, em realidade, recordar o corpo é um tipo de tensão; por isso digo que não lhe dê muita importância. te relaxe e esquece-o. Esquecer-se é relaxar-se.

Sempre que te lembra muito, essa lembrança mesmo leva tensão a seu corpo. Pode que não tenha observado isto, mas há um experimento muito fácil de provar. Tome o pulso. Logo fecha os olhos, ponha a atenção em seu pulso durante cinco minutos, e logo tome o outra vez. Agora o pulso será mais rápido, porque lhe emprestar atenção durante cinco minutos lhe dá tensão. De modo que em realidade, quando um médico toma o pulso nunca é o pulso real, é sempre mais que antes de que o médico começasse a tomá-lo. Quando o médico tomou sua mão, puseste-te alerta. E se o médico é uma doutora, estará ainda mais alerta, e será mais rápido. De modo que sempre que uma doutora tome o pulso, lhe subtraia dez; então esse será seu pulso exato. Se não, haverá dez pulsações mais por minuto.

Sempre que leva seu consciencia a alguma parte do corpo, essa parte fica tensa. fica tenso quando alguém te observa; todo o corpo fica tenso. Quando está sozinho é diferente. Quando alguém entra na habitação não é o mesmo. Todo o corpo se acelera, há-te posto tenso. Assim não dê muita importância à relaxação, ou te obcecará com ela. Durante cinco minutos, simplesmente te relaxe com facilidade e te esqueça. Seu esquecimento será útil e trará uma relaxação mais profunda ao corpo.

... *Gradualmente impregna de uma grande paz uma área entre as axilas.* Fecha os olhos e sente a área entre as axilas, a área do coração, o peito. Primeiro sente-a entre as duas axilas com toda sua atenção, com toda seu consciencia. te esqueça do resto do corpo, recorda só a área do coração, entre as duas axilas, o peito, e sente-a cheia de uma grande paz. No momento em que o corpo está depravado, a paz acontece automaticamente em seu coração. O coração se volta silencioso, depravado, harmonioso. E quando te esquecer de todo o corpo e ponha sua atenção só no peito e o sinta conscientemente cheio de paz, muita paz acontecerá imediatamente.

Há áreas no corpo, centros específicos, nas que se podem criar conscientemente sensações específicas. Entre as duas axilas está o centro do coração, e o centro do coração é a fonte de toda a paz que te acontece, independentemente de quando aconteça. Sempre que está em paz, a paz vem do coração. O coração irradia paz. Por isso, a gente de todo o mundo, de todas as raças, sem distinção de casta, religião, país, culta ou inculta, há isto sentido, que o amor surge de alguma parte perto do coração. Não existe nenhuma explicação científica. Sempre que pensa no amor pensa no coração. Em realidade, sempre que amas está depravado, e como está depravado, está cheio de uma certa paz. Essa paz surge do coração. De modo que a paz e o amor se uniram, associado. Quando ama está em paz; quando não ama está inquieto. devido à paz, o coração foi associado com o amor.

Assim é que pode fazer duas coisas. Pode procurar o amor; então às vezes sentirá paz. Mas este caminho é perigoso, porque a outra pessoa, a que amas, tornou-se mais importante que você; a outra pessoa é a outra pessoa, e te está voltando dependente em certo modo. De modo que o amor te dará paz às vezes, mas não sempre. Haverá muitas perturbações, muitos momentos de angústia e ansiedade, porque tem feito sua entrada a

outra pessoa. Sempre que se introduz outra pessoa, tem que haver alguma perturbação; só pode te unir à outra pessoa em sua superfície. A superfície será perturbada. Só às vezes, quando os dois lhes estejam amando muito profundamente sem nenhum conflito, só então estarão relaxados às vezes e o coração fluirá com paz.

De modo que o amor só pode te dar um vislumbre da paz, mas nada realmente estabelecido, enraizado. Não é possível a paz eterna com ele; só vislumbre. E entre dois vislumbres haverá fundos vales de conflito, violência, ódio e ira.

O outro caminho é encontrar a paz, não mediante o amor, a não ser diretamente. Se pode encontrar a paz diretamente -e este é o método para isso-, sua vida se encherá de amor. Mas agora a qualidade do amor será diferente. Não será possessivo; não estará centrado em torno de um. Não será dependente e não fará a ninguém dependente de ti. Seu amor se voltará simplesmente uma afeição, uma compaixão, uma profunda empatia. E agora ninguém, nem sequer um amante, pode te perturbar, porque sua paz já está enraizada, e seu amor chega como uma sombra de sua paz interna. Tudo se voltou para reverso.

De modo que Buda também ama, mas seu amor não é uma angústia. Se você amar, sofrerá; se não amar, sofrerá. Se não amar, sofrerá a ausência de amor; se amas sofrerá a presença do amor, porque está na superfície e tudo o que faça só pode te dar satisfação momentânea; logo, outra vez o vale escuro.

Primeiro te assenta em sua própria paz; então é independente, então o amor não é uma necessidade para ti. Então nunca se sentirá aprisionado quando amar; nunca sentirá que o amor se tornou um tipo de dependência, uma escravidão, uma atadura. Então o amor será simplesmente dar, tem muita paz, assim é que quer compartilhá-la. Então será simplesmente dar sem nenhuma idéia de devolução; será incondicional. E um dos segredos é que quanto mais dá, mais te acontece. quanto mais dá e compartilha, mais tua se volta. quanto mais profundamente entra no tesouro, que é infinito, mais pode seguir dando a todo mundo. É inesgotável.

Mas o amor deve te acontecer como uma sombra da paz interna. Normalmente, passa o contrário, a paz te acontece como uma sombra do amor. O amor deve te acontecer como uma sombra da paz; então o amor é formoso. Do contrário, o amor também cria fealdade, volta-se uma enfermidade, uma febre.

... *Impregna de uma grande paz uma área entre as axilas.* Toma consciencia da área entre as axilas e sente que está cheia de uma grande paz. Simplesmente sente paz aí e sentirá que está enche. Sempre está enche, mas nunca te deste conta. Isto é só para aumentar seu alerta, para te aproximar de casa.

Quando sente esta paz está mais longe da superfície. Não é que as coisas não estarão acontecendo aí..., mas quando provar este experimento e quando estiver cheio de paz, sentirá uma distância; chega o ruído da rua, mas agora há uma grande distancia, um grande espaço. Acontece, mas não traz nenhuma perturbação; mas bem te traz um silêncio mais profundo. Este é o milagre. Os meninos estarão jogando, alguém estará ouvindo a rádio, alguém estará brigando, e o mundo inteiro seguirá girando, mas sentirá que agora há uma grande distancia entre você e tudo. Essa distância chega porque te retiraste que a periferia. As coisas estão acontecendo na periferia e te parecerá que lhe estão passando a outro. Não está envolto. Nada te perturba, assim é que não está envolto, transcendeste. Isto é a transcendencia.

E o coração é naturalmente a fonte da paz. Não está criando nada; simplesmente está chegando à fonte que sempre está aí. Esta imaginação te ajudará a tomar consciencia de que o coração está cheio de paz; não é que a imaginação vá criar a paz. Esta é a diferença entre a atitude do tantra e a hipnose ocidental. A hipnose pensa que a está criando com a imaginação, mas o tantra pensa que não a está criando com a

imaginação; simplesmente está te harmonizando com algo que já está aí. Algo que possa criar com a imaginação não pode ser permanente, se não ser uma realidade, é falsa, irreal, e está criando uma alucinação.

De modo que é melhor estar inquieto e ser real que estar em uma alucinação de paz, porque isso não é um desenvolvimento; simplesmente está intoxicado com isso. cedo ou tarde terá que sair, porque cedo ou tarde a realidade destroçará a ilusão. A realidade tem que destroçar todas as ilusões; só uma realidade maior não pode ser destroçada.

Uma realidade maior destroçará a realidade que está na periferia; por isso, Shankara e outros dizem que o mundo é ilusório. Não é que o mundo seja ilusório, mas sim eles chegaram a conhecer uma realidade mais elevada, e desde essa altitude este mundo parece como sonhado. Está tão longe, a distância é tão infinita, que não pode sentir-se como real. O ruído da rua será como se o estivesse sonhando, não é real. Não pode fazer nada. Simplesmente acontece e passa e seu permanece sem afetar. E quando permanece sem ser afetado pela realidade, como vais sentir que é real? A realidade só se sente quando penetra profundamente em ti. quanto mais profundamente penetra, mais sente que é real.

Shankara diz que o mundo inteiro é irreal.

Deve ter chegado a um ponto do que a distância é tão imensa, tão tremendamente imensa, que tudo o que acontece aí se volta como um sonho. Chega, mas não chega nenhuma realidade com isso, porque não pode penetrar em ti. A penetração é a proporção de realidade. Se te atirar uma pedra, golpeia-te. O golpe penetra em ti e essa penetração faz que a pedra seja real. Se tiro uma pedra e te toca mas não penetra em ti, no fundo de ti ouvirá o ruído da pedra caindo sobre ti, mas não haverá perturbação. Sentirá que é falsa, irreal, *maia*, ilusória. Mas está tão perto da periferia que, se te atirar uma pedra, doerá-te. Não o corpo; ao corpo lhe doerá em qualquer caso. Se lhe atirar uma pedra a um buda, a seu corpo doerá igual a ao teu, mas um buda não está na periferia, a não ser enraizado no centro. E a distância é tão grande que ouvirá o ruído da pedra sem que o aduela. O ser permanecerá sem afetar, sem nenhuma cicatriz. Este ser sem cicatrizes sentirá a pedra como se a estivessem atirando em um sonho. É ilusória. De modo que Buda diz que nada tem substância, tudo carece de substância, não tem nenhuma substância, que é quão mesmo o que diz Shankara de que o mundo é ilusório.

isto prova. Sempre que poder sentir a paz entre as duas axilas, te enchendo, impregnando seu dentro do coração, o mundo parecerá ilusório. Isto é um sinal de que entraste em meditação, quando o mundo se sente e aparece como ilusório. Não pense que o mundo é ilusório, não há necessidade de pensar isso, sentirá-o. De repente ocorrerá a sua mente: «O que lhe aconteceu ao mundo?» de repente o mundo se tornou como um sonho. Está aí, uma existência como sonhada, sem nenhuma substância. Parece tão real... igual a um filme sobre a tela. Inclusive pode ser tridimensional. Parece algo, mas é uma projeção. Não é que o mundo seja uma projeção, não é que seja realmente irreal; não. O mundo é real, mas você cria a distância, e a distância se volta cada vez maior. E pode compreender se a distância se está fazendo cada vez maior, ou não, sabendo como sente o mundo. Esse é o critério. Esse é um critério meditativo. Não é uma verdade que o mundo é irreal; se o mundo se tornou irreal, contraste-te no ser. Agora a superfície e você estão tão longe que pode olhar a superfície como se fora algo objetivo, algo além de ti. Não está identificado.

Esta técnica é muito fácil e não te levará muito tempo prová-la. Com esta técnica, às vezes acontece que inclusive com o primeiro esforço sentirá sua beleza e seu milagre. Assim prova-a; mas se não sentir nada com o primeiro esforço, não te decepcione.

Espera, e segue fazendo-a. E é tão fácil que pode seguir fazendo-a em qualquer momento.

Pode fazê-la simplesmente jogado na cama de noite; pode fazê-la pela manhã quando sentir que há despertando. Primeiro faz-a e logo te levante. Inclusive dez minutos serão suficientes. Durante dez minutos de noite, antes de dormir, faz-a. Faz que o mundo seja irreal, e dormirá tão profundamente que pode que nunca antes tenha dormido assim. Se o mundo se voltar irreal justo antes de que durma, sonhará menos, porque se o mundo se tornou um sonho, então os sonhos não podem continuar. E se o mundo é irreal, está totalmente depravado, porque a realidade do mundo não terá efeito sobre ti, não te golpeará.

sugeri esta técnica a pessoas que padecem de insônia. Ajuda profundamente. Se o mundo for irreal, as tensões se dissolvem. E se pode sair da periferia, já foste a um profundo estado de dormir; antes de dormir, já está profundamente nele. E, então, pela manhã é muito formoso, porque se sente tão fresco, tão jovem; toda sua energia está vibrando. É porque está voltando para a periferia do centro. E no momento em que te dê conta de que já não está dormido, não abra os olhos. Primeiro faz este experimento durante dez minutos; logo abre os olhos. O corpo está depravado depois de toda a noite e se sente fresco e vivo. Já está depravado, de modo que não levará muito tempo. Simplesmente te relaxe. Leva seu consciencia ao coração, justo entre as duas axilas; sente-o cheio de uma profunda paz. Durante dez minutos, permanece nessa paz; logo abre os olhos. O mundo parecerá totalmente diferente, porque essa paz também será irradiada por seus olhos. E o dia inteiro será diferente; não só se sentirá diferente, mas também sentirá que a gente se está comportando de maneira diferente contigo. Em cada relação põe sua parte. Se essa parte já não estiver; a gente se comporta de maneira diferente, porque sentem que é uma pessoa diferente. Pode que não sejam conscientes disso, mas quando está cheio de paz, todos se comportarão de maneira diferente contigo.

Serão mais carinhosos e mais amáveis, menos duros, mais abertos, mais íntimos. Há um ímã. A paz é o ímã. Quando tem paz, a gente se aproxima mais a ti; quando está alterado, todos se sentem repelidos. E este é um fenômeno tão físico que o pode observar facilmente. Sempre que estar em paz notará que todos querem estar mais perto de ti, porque essa paz se irradia, volta-se uma vibração em torno de ti. Há círculos de paz a seu redor e todos os que se aproximam querem estar ainda mais perto de ti; igual a quer te pôr sob a sombra de uma árvore e te relaxar ali.

Uma pessoa que tem paz interna tem uma sombra a seu redor. Em qualquer lugar que vai, todos queriam estar mais perto dele, abertos, confiados. Uma pessoa que tem agitação, conflito, angústia, ansiedade, tensão internos, repele às pessoas. Todos os que se aproximam se assustam. É perigoso. Estar perto de ti é perigoso, porque dará o que tem. Está dando-o constantemente. De modo que pode que queira amar a alguém, mas se estiver muito alterado por dentro, inclusive seu amante se sentirá repelido e quererá escapar de ti, porque esgotará sua energia e não se sentirá feliz contigo. E sempre que vá, deixará-lhe cansado, esgotado, porque não tem uma fonte vivificadora, a não ser uma energia destrutiva dentro de ti.

Assim é que não só se sentirá diferente; outros também sentirão que é diferente.

Todo seu estilo de vida pode trocar se te aproxima um pouco mais ao centro..., e todo o ponto de vista e todos os resultados. Se estiver em paz, o mundo inteiro se volta pacífico para ti. É só um reflexo. O que é se reflete em todas partes. Todo mundo se volta um espelho.

99 Te expanda em todas as direções.

Segunda técnica: *Sinta-se a ti mesmo te estendendo por todas as direções, longe, perto.*

Tanto o tantra como o ioga pensam que sua estreiteza é o problema. devido a que te tornaste tão estreito, tão apertadamente estreito, sempre se sente pacote. A atadura não vem de nenhuma outra parte; a atadura vem de sua mente estreita, e se vai fazendo cada vez mais estreita e está muito confinado. Esse confinamento te dá a sensação de atadura. Tem uma alma infinita e um ser infinito, mas esse ser infinito se sente prisioneiro. De modo que, independentemente do que faça, sente limitações por toda parte. Em qualquer lugar que vai há um beco sem saída. Não pode ir mais à frente. Em todas partes há um confine. Não há um céu aberto no que voar.

Mas esse confine o cria você; esse confine é sua própria criação. Criaste-o por certas razões, por segurança, certeza. criaste um confine, e quanto mais estreito é o confine, mais seguro se sente. Se tiver um confine muito amplo, não pode cuidar de todo ele, não pode estar alerta e vigilante em todas partes. volta-se vulnerável. Estreita o confine e pode vigiá-lo, pode permanecer fechado, não é vulnerável, sente-se seguro. A segurança, a certeza, criou o confine. Mas então sente uma atadura.

Assim é como a mente é paradoxal. Segue pedindo mais segurança e segue pedindo mais liberdade. Ambas não podem estar juntas. Se quiser liberdade, terá que perder a segurança, a certeza. Em qualquer caso, a segurança é só ilusória, não existe realmente. Como a morte vai acontecer -faça o que faça, vais morrer-, toda sua segurança, sua certeza, é só uma fachada; nada ajudará. Mas, assustado da insegurança, cria confine, cria grandes muros a seu redor e então o céu aberto está fechado. iY então sofre! E então diz: «Onde está o céu aberto?», e «Quero liberdade e quero me mover!». Mas criaste estes confine.

De modo que isto é o primeiro que terá que recordar antes de fazer esta técnica; do contrário, não será possível fazê-la. Com seus confine intactos, não pode fazê-la. A não ser que deixe de criar confine, não poderá senti-la ou fazê-la.

... te estendendo por todas as direções, longe, perto. Sem confine, te voltando infinito, te fazendo um com o espaço infinito... Isto será impossível com sua mente. Como vais sentir o? Como vais fazer a? Primeiro terá que deixar de fazer certas coisas.

O primeiro é que, se estiver muito preocupado pela segurança e a certeza, então permanece pacote. Em realidade, a prisão é o sítio mais seguro. Ninguém pode te fazer danifico aí. Ninguém fora da prisão está tão seguro, tão protegido, como os prisioneiros. Não pode matar, não pode assassinar a um prisioneiro. É difícil. Está mais protegido que um rei. Pode assassinar a um presidente ou a um rei; não é tão difícil. Matam-nos diariamente. Mas não pode matar a um prisioneiro. Está tão seguro que, em realidade, os que queiram sentir-se seguros devem estar nas prisões, não devem viver fora. Viver fora de uma prisão é perigoso, está cheio de perigos. Pode acontecer algo. Assim é que criamos prisões mentais em torno de nós, prisões psicológicas em torno de nós, e levamos essas prisões conosco, são portáteis. Não precisa ficar com elas; elas vão contigo. Vá onde vá, sua prisão vai contigo.

Está sempre detrás de um muro. Só às vezes, muito raramente, sacas a mão para tocar a alguém. Mas só uma mão...; você nunca sai de sua prisão. De modo que quando nos juntamos, simplesmente juntamos as mãos fora das prisões. Tiramos uma mão pela janela, assustados, temerosos. E preparados para retirar a mão em qualquer momento. Os dois estamos fazendo o mesmo... Só se tocam as mãos. E agora os psicólogos dizem que inclusive isso é só uma aparência, porque as mãos têm sua própria couraça em torno delas. Toda mão está enluvada. Não só a reina Isabel usa luvas; você também usa luvas para que ninguém possa te tocar. Ou inclusive se alguém te tocar, há só uma mão morta.

Já te retiraste, assustado... porque o outro produz medo. Como diz Sartre: «O outro é o inimigo.»

O outro parecerá um inimigo se estiver tão couraçado. Com um apersona couraçada não pode haver amizade. A amizade é impossível, o amor é impossível, a comunhão é impossível. Tem medo.

Pode que alguém te converta em uma posse, pode que alguém te dobre, pode que alguém faça de ti um escravo. Temeroso disto, criaste uma prisão, um muro de segurança em torno de ti. Move-te cautelosamente, dá cada passo cautelosamente. A vida se volta uma pesadez, a vida se volta um aborrecimento. Se for muito cauteloso, a vida não pode ser uma aventura. Se está te protegendo muito, desejando muito a segurança, já está morto.

Assim recorda uma lei básica, a vida é insegurança. E só estará vivo se estiver disposto a viver na insegurança. A insegurança é liberdade. Se estiver disposto a estar inseguro, constantemente inseguro, será livre. E a liberdade é a porta ao divino.

Assustado, cria uma prisão, vai ficando cada vez mais morto. E então diz: «Onde está Deus?». E então questiona: «Onde está a vida? O que significa a vida? Onde está a sorte?». A vida está aí, te esperando, mas tem que te unir a ela segundo suas próprias condições. Você não pode ter suas próprias condições; a vida tem suas próprias condições. E a condição básica é, permanece inseguro. Não se pode fazer nada a respeito. Só pode criar uma ilusão, e pode esbanjar sua vida nessa ilusão. Não se pode fazer nada a respeito. Tudo o que faça será um engano.

Se te apaixonar, assusta-te de que esta mulher possa te deixar ou de que este homem possa te deixar. O medo surge imediatamente. Não tinha medo quando não estava apaixonado. Agora está apaixonado, a vida entrou e a insegurança entrou com ela. Alguém que nunca ama a ninguém nunca tem medo a que alguém lhe deixe. Pode lhe deixar o mundo inteiro; ele não tem medo. Não pode lhe fazer danifico. Está seguro. No momento em que ama a alguém, entrou a insegurança porque entrou a vida. E com a vida, entrou a morte. No momento em que amas, assusta-te, esta pessoa pode morrer, esta pessoa pode ir-se, esta pessoa pode amar a outro! Agora, para assegurar as coisas, deve fazer algo, deve te casar. De modo que se cria uma sujeição legal para que agora a esta pessoa resulte difícil te deixar. Agora a sociedade te protegerá, a lei te protegerá, o policial, o juiz, todos lhe protegerão.

Agora, se esta pessoa quer ir-se, pode levá-la aos tribunais, e se quiser um divórcio, terá que provar algo contra ti. Inclusive então levará três ou cinco anos. Agora criaste segurança em torno de ti.

Mas no momento em que está casado, está morto. A relação não está viva. Agora se tornou uma lei, não uma relação. Agora é um fenômeno legal, não algo vivo. Os tribunais não podem proteger a vida; a lei só pode proteger as leis. Agora o matrimônio é algo que está morto. Pode ser definido; o amor não pode ser definido. O matrimônio é definível; o amor é indefinível. Agora está sujeito ao mundo das definições.

Mas o fenômeno já está morto. No momento em que quis que fora seguro, no momento em que quis contê-lo para que não lhe acontecesse nada novo, ficou aprisionado nele. Então sofrerá. Então dirá que esta mulher se tornou uma atadura para ti. O marido dirá que esta mulher se tornou uma atadura para ele. E então lutarão, porque cada um se tornou um encarceramento para o outro. Agora brigam. Agora o amor desapareceu; só há conflito. Isso é o que acontece devido ao desejo de segurança.

E isto aconteceu em tudo. Recorda-o como algo básico, a vida é insegura. Esta é sua natureza mesma. Assim é que quando houver amor, padece o medo de que sua amada possa te deixar, mas não crie segurança. Então o amor crescerá. Sua amada pode morrer e não pode fazer nada, mas isso não matará o amor. O amor crescerá mais.

A segurança pode matar. Em realidade, se o homem fora imortal, eu digo que o amor seria impossível. Se o homem fora imortal, seria difícil amar a ninguém. Seria muito perigoso apaixonar-se. A morte existe e a vida é tão somente como uma gota de rocío sobre uma folha trêmula. Em qualquer momento chegará a brisa e a gota de rocío cairá e desaparecerá. A vida é tão somente uma flutuação. devido a essa flutuação, devido a esse movimento, a morte está sempre presente. Dá-lhe intensidade ao amor. O amor só é possível devido a que há morte. O amor se volta intenso porque há morte. Pensa... Se souber que a pessoa a que amas vai morrer ao momento seguinte, toda a mesquinaria desaparecerá, todo o conflito desaparecerá. E este único momento se converterá na eternidade. E haverá tanto amor que todo seu ser entrará em torrentes nele. Mas se souber que a pessoa a que amas vai viver, não há pressa. Pode brigar e pode pospor o amor para depois. Se a vida for eterna, se o corpo for imortal, não pode amar.

Os hindus têm um formoso mito. Dizem que no céu, onde rege Indra -Indra é o rei do céu- não há amor. Há garotas formosas, mais formosas que as da Terra, e deidades. Têm relações sexuais, mas não há amor porque são imortais.

Assim que se conta em uma das histórias índias que Uravasi, a chefe das garotas celestiales, pediu- permissão a Indra para ir-se à Terra durante uma temporada para amar a um homem. “Que tolice!”, disse Indra. “Pode amar aqui! E não encontrará pessoas tão formosas na Terra.”

Uravasi disse: “São formosas, mas são imortais, assim não há encanto. Estão realmente mortas”.

Estão realmente mortas porque não há morte para fazer que estejam vivas. Sempre existirão. Não podem morrer, assim que como vão estar vivas? Essa viveza existe em contraposição à morte. Um homem está vivo porque a morte está aí constantemente, lutando. A vida existe contra o trasfondo da morte.

Assim é que Uravasi disse: «me dê permissão para ir à Terra. Quero amar a alguém.» A permissão foi dado e ela baixou à Terra e se apaixonou pela Pururva, um jovem.

Mas Indra tinha posto uma condição. Indra pôs a condição de que podia ir à Terra, podia amar a alguém, mas devia lhe dizer ao homem que a amasse que não devia perguntar quem era. Isto é difícil para o amor, porque o amor é curioso. O amor quer sabê-lo tudo sobre a pessoa amada, tudo. Tudo o desconhecido terá que fazê-lo conhecido. Terá que entrar e penetrar em todo o mistério. De modo que Indra astutamente pôs uma condição cujas más manhas Uravasi não compreendeu. Assim é que ela disse: «De acordo. Direi a meu amante que não tenha curiosidade sobre mim, que não pergunte quem sou. E se perguntar, abandonarei-lhe imediatamente, voltarei.» E disse a Pururva: “Não pergunte nunca sobre mim, quem sou. No momento em que pergunte terei que
ir da Terra.”

Mas o amor é curioso. devido a isto, Pururva deveu ter ainda mais curiosidade a respeito de quem era ela. Não podia dormir. Não deixava de olhar ao Uravasi. Quem é? Uma mulher tão formosa, é como um sonho; não parece terrestre, não parece substancial. Possivelmente venha de alguma outra parte, de alguma dimensão desconhecida. sentiu-se cada vez mais intrigado. Mas também teve cada vez mais medo, porque ela poderia ir-se. atemorizou-se tanto que de noite, quando ia dormir, agarrava uma parte do sari do Uravasi em sua mão, porque não se confiava em si mesmo. Em qualquer momento poderia perguntar; pergunta-a sempre estava presente. Poderia perguntar inclusive enquanto dormia. E Uravasi disse que nem dormido podia perguntar a respeito dela. Assim dormia com uma parte de seu sari na mão.

Mas uma noite não pôde conter-se..., e pensou que agora lhe amava tanto que não se iria. Assim perguntou. E Uravasi teve que desaparecer; só ficou uma parte de seu sari na mão da Pururva. E se diz que ele ainda a anda procurando.

No céu não pode haver amor porque não há vida realmente. A vida existe aqui na Terra, onde existe a morte. Quando faz que algo seja seguro, a vida desaparece. Permanece na insegurança; essa é a qualidade mesma da vida. Não se pode fazer nada a respeito. isto iY é formoso!

Pensa, se seu corpo fora imortal, a vida seria feia. Começaria a encontrar maneiras e médios para suicidarte. E se for impossível, contra a lei, sofrerá tanto que nem o pode imaginar. A imortalidade é algo muito comprido. Agora no Ocidente estão pensando na eutanásia, porque agora a gente está vivendo mais. De modo que uma pessoa que chega aos cem anos quer ter o direito a matar-se. E, verdadeiramente, terá que conceder o direito. Fizemos uma lei contra o suicídio quando a vida era muito curta. Em realidade, em tempos da Buda ter quarenta ou cinqüenta anos era muito; a duração média da vida era de uns vinte anos. Na Índia, faz só duas décadas, a duração média da vida era de vinte e três anos. Agora na Suécia a duração média da vida é de oitenta e três anos. De modo que algumas pessoas podem chegar facilmente aos cento e cinqüenta anos.

Na Rússia soviética, há mil e quinhentas pessoas que alcançaram os cento e cinqüenta anos. Agora, se disserem que têm o direito a matar-se, porque já é muito, teremos que lhes dar o direito. Não lhes pode negar. cedo ou tarde, o suicídio será um dos direitos básicos. Não pode negá-lo se uma pessoa quer morrer; não por nenhuma razão, a não ser simplesmente porque a vida já não tem sentido. Já foi muito larga. A uma pessoa que viveu cem anos não gosta de viver. Não é que esteja frustrada, mas sim a vida não tem sentido.

Assim pensa na imortalidade. A vida não terá nenhum sentido. O sentido chega com a morte. O amor tem sentido porque o amor se pode perder. Então pulsa, vibra, palpita. Pode perder-se; não pode dá-lo por seguro! Não pode pensar nada sobre ele para amanhã, porque pode que já não exista. Tem que amar ao amante e à amada tendo em conta que pode que nunca haja um amanhã. Então o amor se volta intenso.

De modo que, primeiro, desiste de seus esforços por criar uma vida segura. Simplesmente desistindo, os muros que lhe rodeiam cairão. Sentirá por primeira vez que as chuvas chegam a ti diretamente, o Sol sai para ti diretamente. Estará sob o céu aberto. É formoso. E se te parece horrível, é só porque te acostumaste a viver em uma prisão. Terá que te acostumar a esta nova liberdade.

Esta liberdade te fará estar mais vivo, ser mais fluido, mais aberto, mais substancioso, mais radiante. Mas quanto mais radiante seja, quanto mais alta seja o topo de sua vitalidade, mais profunda será a morte perto de ti..., perto. Só pode te elevar em contraposição à morte, ao vale da morte. O topo da vida e o vale da morte sempre estão perto e em proporção.

Por isso digo sempre que terá que seguir a máxima do Nietzsche. É uma máxima muito religiosa. Nietzsche diz: «Vive perigosamente.» Não é que tenha que procurar o perigo positivamente; não é necessário procurar o perigo positivamente. Não crie projeções. Não crie muros a seu redor. Vive naturalmente, e isso será perigoso, suficientemente perigoso. Não é necessário procurar nenhum perigo.

Então pode fazer esta técnica. *Sinta-se a ti mesmo te estendendo por todas as direções, longe, perto.* Então é muito fácil. Se não haver muros, já está sentindo como te estende por toda parte. Então não há nenhum ponto no que termina. Simplesmente começa no coração e não acaba em nenhuma parte. Tem um centro e nenhuma periferia. A periferia segue expandindo-se... mais e mais. Todo o espaço está rodeado por ela.

As estrelas se movem nela, as terras nascem e se dissolvem, os planetas saem e ficam. Todo o cosmos se volta sua periferia. Nesta imensidão, onde estará seu ego?

Nesta imensidão, onde estará seu sofrimento? Nesta imensidão, onde estará sua mente mesquinha? A mente medíocre, onde estará? Não pode existir em semelhante imensidão; simplesmente desaparece. Só pode existir em uma área estreita. Só pode existir quando está murada, cercada, encapsulada. A encapsulação é o problema. Vive perigosamente e estate disposto a viver na insegurança.

E o belo é que, inclusive se decidir não viver na insegurança, fará-o! iNo pode fazer nada!

ouvi a respeito de um rei. Tinha-lhe muito medo à morte...

Os reis têm mais medo. Têm mais medo porque exploraram a muita gente, empurraram, esmagado, jogaram tantos jogos políticos com tanta gente...; fizeram muitos inimigos. Um rei verdadeiro não tem nenhum amigo, não pode o ter, porque o amigo mais próximo também é um inimigo, que espera uma oportunidade para lhe matar, para estar em seu lugar. Um homem no poder não pode ter amigos. Um Hitler, um Stalin, um Nixon, não podem ter amigos. Só têm inimigos que estão alardeando de ser amigos, e estão esperando a ocasião adequada para apartá-los do trono. Sempre que têm a oportunidade, fazem de tudo. Faz só um momento eram afetuosos, mas sua cordialidade é uma estratégia, sua cordialidade é uma tática. Um homem que está no poder não pode ter amigos. Assim é que Lao Tsé diz: «Se quiser amigos, não esteja no poder.» Então o mundo inteiro será amistoso contigo. Se estiver no poder, então você é seu único amigo, todo mundo é seu inimigo.

"...Assim é que o rei tinha muito medo. Estava muito atemorizado ante a possibilidade da morte, que estava por toda parte. Estava obcecado pela idéia de que todos os que lhe rodeavam foram matar lhe.

Não podia dormir, assim perguntou a seus assessores, a seus conselheiros; o que devia fazer. Disseram-lhe que fizesse um palácio com uma só porta. Na porta devia pôr sete círculos de soldados, o primeiro vigiando o palácio, o segundo vigiando ao primeiro, o terceiro vigiando ao segundo. Com uma só porta, ninguém poderia entrar e o rei estaria seguro.

O rei construiu o palácio com uma só porta, e com sete círculos de soldados vigiando-se uns aos outros. A notícia se estendeu por toda parte, e outro rei de um estado próximo veio a vê-lo. Ele também tinha medo. Tinha-lhe chegado a notícia de que seu vizinho tinha construído um lugar tão seguro que era impossível lhe matar. Deveu visitar a seu vizinho e juntos admiraram muito a idéia de uma só porta e toda a segurança... Nenhum perigo.

Enquanto estavam olhando a porta, um mendigo que estava sentado em uma esquina da rua começou a rir. De modo que o rei, o dono do palácio, perguntou-lhe ao mendigo: «por que te ri?».

O mendigo respondeu: «Rio-me porque cometeu você um engano. Deveria entrar e fechar, atar também esta porta. Esta porta é perigosa, alguém pode entrar por ela. Uma porta significa que alguém pode entrar. E inclusive se não entrar ninguém, ao menos pode entrar a morte. Assim faça uma coisa, entre e faça que se fechamento também esta porta. Então estará realmente seguro, porque não pode entrar a morte.»

Mas o rei disse: «Isso significa que já estarei morto, se fechar também esta porta.»

O mendigo disse: «Já está em um noventa e nove por cento morto... Só está tão vivo como esta porta. Esse é o perigo; estar assim de vivo. Deixe também esta viveza.»

Todo mundo está criando a sua própria maneira um muro a seu redor, no que nada pode entrar e onde pode permanecer em paz. Mas então já está morto. E a paz só acontece aos que estão vivos, a paz não é algo morto.

Permanece vivo, vive perigosamente, vive uma vida vulnerável, aberta, para que possa te acontecer tudo. quanto mais te aconteça, mais rico será. Então pode praticar esta técnica. Então esta técnica é muito fácil; nem sequer precisará praticá-la. Simplesmente pensa, e estará te estendendo por todo o espaço.

Capítulo 72

Começa a Viver na Insegurança

Perguntas

Por favor, explica o amor da Buda.

Não se converte o amor espiritual em um matrimônio?

Pode um viver na insegurança e não estar ansioso?

Que necessidade tem que transcendência?

Primeira pergunta:

Disse que o amor só é possível com a morte. Então, por favor, explica o amor da Buda.

Para uma pessoa ignorante, o amor sempre forma parte do ódio, sempre acompanha ao ódio. Para a mente ignorante, o amor e o ódio são *duas* caras da mesma moeda. Para a mente ignorante, o amor nunca é puro. E esse é o sofrimento do amor..., porque o ódio se volta um veneno. Ama a uma pessoa e também odeia à mesma pessoa. Mas pode que não o faça simultaneamente, de modo que não é consciente disso. Quando ama a uma pessoa, se esquece da parte do ódio, vai abaixo, vai ao inconsciente e espera ali.

Então, quando seu amor está cansado, cai ao inconsciente e surge a parte do ódio. Então odeia à mesma pessoa. E quando odeia, não é consciente de que também ama, agora o amor se foi ao profundo do inconsciente. Isto continua assim, igual ao dia e a noite. Vai movendo-se em *círculo*. converte-se em um sofrimento.

Mas para um buda, para alguém que está iluminado, a dicotomia, o dualismo, desaparece. Em tudo -não só no referente ao amor- a vida se volta uma unidade. Então não há dicotomia, o oposto não existe.

Assim, em realidade, chamar «amor» ao amor da Buda não está bem, mas não temos outro término. Buda mesmo nunca usou a palavra «amor». Usou a palavra «compaixão». Mas tampouco isso está muito bem, porque sua compaixão está sempre mesclada com sua crueldade, sua não-violência está sempre mesclada com sua violência... *Tudo* o que faça terá seu oposto muito perto. Existe entre contradições; daqui a tensão, a angústia, a ansiedade. *Não é* um; sempre *é* dois. É uma multidão, está dividido em muitos fragmentos, e esses fragmentos se opõem os uns aos outros. Seu ser é uma tensão; o ser da Buda é uma profunda relaxação. Recorda, a tensão existe entre dois pólos opostos e a relaxação está justo no meio, onde os dois pólos opostos já não se opõem. anulam-se mutuamente... e há uma transcendência.

De modo que o amor da Buda é basicamente diferente do que *conhece como* amor. Seu amor é um mal-estar; o amor da Buda é uma total relaxação. Não tem uma parte de ódio, de maneira que sua qualidade troca completamente. No amor da Buda haverá muitas coisas que não pode haver no amor corrente.

Primeiro, não pode ser quente. O calor vem do ódio. Não é paixão; mas bem, é compaixão. Não é quente, a não ser fresco, acalmado. Para nós, um amor acalmado significa que algo foi mau. O amor da Buda é acalmado, não tem calor. Não é como o Sol, mas sim como a Lua. Não criará paixão em ti, a não ser uma profunda calma.

Em segundo lugar, o amor da Buda não é realmente uma relação; seu amor é uma relação. O amor da Buda é seu estado de ser. Em realidade, não te ama; *é* amor. Esta distinção deve ser entendida claramente. Se amas a uma pessoa, seu amor é um ato, faz algo, comporta-te de uma certa maneira, cria uma relação, uma ponte. O amor da Buda é seu ser, é o que é. Não é amoroso contigo; simplesmente é amor. É como uma flor no jardim, passa junto a ela e te chega o perfume. Não é que a flor te esteja enviando seu perfume a ti especialmente, quando não passava ninguém, o perfume existia. E se nunca passa ninguém, o perfume seguirá existindo.

Quando seu amante não está contigo, quando sua amada não está contigo, o amor desaparece, não há perfume. É um esforço por sua parte; não é simplesmente seu ser. Tem que fazer algo para que saia. Quando não há ninguém e Buda está sentado sozinho sob sua árvore *bodhi*, também então ama. Parece absurdo, mas também então ama, não há ninguém a quem amar, mas segue amando. Amar é seu estado. E como é seu estado, nunca é uma tensão. Buda não pode cansar-se de seu amor. Você te cansará, porque é algo que está fazendo. De modo que os amantes se cansam um do outro se houver muito amor; cansam-se, necessitam descansos, intervalos, para recuperar-se. Se estiver com seu amante as vinte e quatro horas do dia, fartará-te, porque é muita atenção. Vinte e quatro horas fazendo algo é muito.

Buda não está fazendo nada, não se cansa de seu amor. É seu próprio ser, é como respirar. Igual a você nunca te cansa de respirar, nunca te cansa de ser, assim ele não se cansa de seu amor.

E então vem o terceiro, você será consciente de que amas. Buda não será consciente absolutamente..., porque a consciencia requer o contrário. Buda está tão cheio de seu amor que não será consciente. Se lhe perguntar, dirá: «Amo-te.» Mas não é consciente disso. O amor está fluindo tão silenciosamente dele, tornou-se uma parte tão intrínseca, que não pode ser consciente dele. Você será consciente de que ama, e se estiver aberto e receptivo será mais consciente de que te ama mais. Depende de sua capacidade, de quanto pode receber. Mas para ele não é um presente. Não te está dando nada, é sua maneira de ser; simplesmente é assim. Quando toma consciencia de seu ser total, iluminado, liberado, a dicotomia desaparece de sua vida. Então não há dualidade. Então a vida se volta uma harmonia, nada está contra nada.

devido a esta harmonia, há muita paz. Não há perturbação. A perturbação não se cria desde fora; está dentro de ti. A contradição segue criando a perturbação, embora possa que encontre desculpas fora. Por exemplo, observa o que acontece com seu amante, ou um amigo, um amigo de confiança, muito íntimo, próximo. Vive com ele, e simplesmente observa o que te está acontecendo. Quando lhes encontram estão muito contente, eufórico, dançando. Mas quanto pode dançar? E quão eufórico te pode sentir? Uns minutos depois está murcho, a alegria se foi, e depois de umas poucas horas está aborrecido, está pensando em escapar a alguma outra parte. E depois de uns poucos dias, estarão brigando.

Simplesmente observa o que está acontecendo. Tudo isto vem de dentro, mas encontrará desculpas fora. Dirá que agora este homem não é tão carinhoso como quando

chegou; agora este homem me está incomodando, está-me zangando. E sempre perceberá que te está fazendo algo; nunca será consciente de que sua dicotomia, a dualidade de sua mente, os opostos que tem dentro, estão fazendo algo. Nunca somos conscientes do que está fazendo nossa própria mente.

ouvi que uma atriz muito famosa e carismática de Hollywood foi a um estudo a recolher sua foto. A foto a tinham tomado no dia anterior. O fotógrafo lhe entregou a foto, mas ela se zangou, ficou furiosa. Disse: «O que tem feito? iMe tinha feito fotos antes e eram divinas!»

O fotógrafo lhe disse à atriz: «Sim, mas você esquece que quando lhe fiz aquelas fotografias eu era doze anos mais jovem. Eu tinha doze anos menos; está-se esquecendo disso.»

Nunca olhamos o que está acontecendo dentro. Se você não gostar da fotografia, o fotógrafo tem feito algo mal, não é que tenham acontecido doze anos e seja mais velho. É um processo interno; o fotógrafo não se sente afetado absolutamente, mas o fotógrafo deve ter sido um homem muito sábio!

Disse: «Você esquece que então eu era doze anos mais jovem.»

O amor da Buda é totalmente diferente, mas não temos nenhuma outra palavra para ele. Quão melhor temos é «amor». Mas se pode recordar isto, então a qualidade troca completamente.

E observa uma coisa, pensa profundamente nela. Se Buda fora seu amante, estaria satisfeito? Não o estaria, porque te pareceria que é frio, que não há paixão nisso. Sentirá que te ama como ama a todo mundo, não é nada especial. Sentirá que seu amor não é uma hospedagem, ele é assim por isso está amando.

Sentirá que seu amor é tão natural que não estará satisfeito com ele. Pensa internamente. Não pode estar satisfeito com um amor que não tem ódio, e não pode estar satisfeito com um amor que tem ódio. Este é o problema. Em qualquer caso, estará insatisfeito. Se o amor tiver ódio, estará insatisfeito, estará sempre doente, porque a parte do ódio te perturbará. Se o amor não tiver ódio, sentirá que é frio. E lhe está acontecendo a Buda tão naturalmente que, inclusive se não estivesse aí, estaria acontecendo; de modo que não é nada especial para ti. De maneira que seu ego se sentirá insatisfeito. E tenho a sensação de que se pode escolher como amante entre alguém que é um buda e alguém que não o é, escolherá ao que não é um buda..., porque pode compreender sua linguagem. que não é um buda, ao menos é como você. Estarão brigando, estarão discutindo, tudo será um embrulho, um louco embrulho, mas escolherá ao que não é um buda..., porque um buda está tão alto que não pode compreender a maneira em que ama a menos que te eleve.

Com alguém que não é um buda, com uma pessoa ignorante, não precisa te transformar a ti mesmo, pode seguir sendo o mesmo. Não é um desafio. Em realidade, aos amantes acontece justo o contrário. Quando dois amantes se encontram e se apaixonam, ambos tratam de convencer ao outro de que estão em um estado muito elevado. Tirarão o melhor que têm dentro. Parece que estão em um cenit. isso iPero requer um árduo esforço! Não pode permanecer neste cenit. De modo que quando começam a lhes assentar, descem das nuvens e põem os pés na terra.

Assim é que os amantes sempre se sentem frustrados o um com o outro, porque pensavam que o outro era divino, e quando se assentirem, quando todo se volta mundano, corrente, pensam que o outro lhes estava enganando. Não, não estava enganando; só estava mostrando sua melhor cara, isso é tudo. Não estava enganando a ninguém, não estava fazendo nada conscientemente. Simplesmente estava mostrando sua melhor cara..., e o outro estava fazendo o mesmo. Mas não pode seguir te

mostrando assim durante muito tempo, porque se volta árduo, difícil, pesado. De maneira que baixas.

Quando dois amantes se assentam, quando começam a dar por suposta a presença do outro, parecem muito mesquinhos, muito medíocres, muito correntes; justo o contrário do que pareciam antes. Antes pareciam anjos; agora parecem discípulos do diabo. Cai, vai a seu nível corrente.

O amor corrente não é um desafio, mas é estranho apaixonar-se por alguém que esteja iluminado. Só os muito afortunados encontram um amor semelhante; é pouco freqüente. Só acontece quando estiveste procurando uma pessoa iluminada durante muitas vidas. Só se tiver acontecido isto te apaixona por uma pessoa iluminada. Apaixonar-se por uma pessoa iluminada é em si mesmo um grande lucro; mas então há um problema. O problema é que a pessoa iluminada é um desafio. Não pode baixar a seu nível; isso não é possível, isso é impossível. Tem que ir a seu topo; tem que avançar, tem que te transformar.

De modo que o amor se volta uma *sadhana* se te apaixonar por um buda. volta-se uma *sadhana*, a maior *sadhana* que é possível. devido a isto, sempre que há um Buda ou um Jesus, ou um Lao Tsé, muitos dos que lhes rodeiam podem alcançar em uma vida topos que não teriam podido alcançar em muitas vidas. Mas o segredo é se podem apaixonar-se. Não é inimaginável; é imaginável. Pode que tenha existido em tempos da Buda; deve ter estado em alguma parte. Pode que Buda passasse por seu povo ou cidade e pode que nem lhe tenha ouvido, que não lhe tenha visto. Porque inclusive para ouvir um buda ou para ver um buda ou para te aproximar dele, é necessário certo amor, é necessária uma certa busca por sua parte.

Quando alguém se apaixona por uma pessoa iluminada, isso é significativo, muito significativo, mas o caminho será árduo. É fácil apaixonar-se por uma pessoa corrente, não há desafio; mas com uma pessoa iluminada o desafio será grande, e o caminho será difícil, porque terá que ir continuamente para cima. E essas coisas serão molestas. Seu amor será frio, seu amor parecerá ser para todo mundo, seu amor não terá a parte do ódio.

Esta foi minha experiência. Muita gente se apaixona por mim, e logo começam a jogar o jogo..., o jogo corrente. sabendo ou não, começam a jogá-lo. Em certo modo, é natural. Começam a esperar coisas de mim, as expectativas correntes, e sua mente opera na dualidade. Por exemplo, se me amar se sentirá feliz se pode me fazer feliz. Assim é o amor, quer fazer feliz ao outro. Se pode me fazer feliz, sentirá-se feliz; mas não pode me fazer feliz. Já o sou!

Se te apaixonar por mim, sentirá-se abatido, sentirá-se muito decepcionado, porque não pode me fazer feliz, não pode me fazer mais feliz. Não há nada mais. Se não poder me fazer feliz, sentirá-se infeliz, iY então tentará que me sinta infeliz! Porque se ao menos pode fazer isso, também isso será uma satisfação. Tentará me fazer desgraçado... sem te dar conta; não está alerta, não é consciente disso. Se for consciente, não o fará. Mas o tentará, sua mente inconsciente tentará me fazer desgraçado. Se pode me fazer desgraçado, então pode estar seguro de que também pode me fazer feliz. Mas se não poder me fazer desgraçado, está totalmente decepcionado. Então sentirá que não está relacionado comigo absolutamente, porque isso é o que uma relação significa para ti.

O amor corrente é uma enfermidade, porque a dualidade segue persistindo. E compreender o amor de uma pessoa iluminada é difícil. Não há maneira de entendê-lo intelectualmente. Tem que te apaixonar, e então tem que estar alerta com respeito a sua própria mente, porque essa mente seguirá perturbando.

Buda se iluminou, logo voltou para seu lar; voltou depois de doze anos. Sua esposa, a que tinha amado muitíssimo, estava muito zangada, furiosa. Todos esses doze anos tinha estado esperando e esperando, algum dia este homem voltará. E em sua mente havia muitas idéias de vingança, porque este homem se levou injustamente com ela, não tinha sido justo. de repente desapareceu uma noite. Ao menos poderia haver dito algo, o qual teria sido justo, mas simplesmente desapareceu sem dizer nada, abandonando-a a ela e a seu pequeno filho.

Esperou durante doze anos, e então chegou Buda. Ela estava muito zangada, furiosa.

O discípulo mais próximo, mais próximo da Buda era Ananda. Ananda lhe tinha seguido sempre como uma sombra. Quando Buda estava entrando no palácio disse a Ananda: «Por favor, não venha comigo.»

Ananda lhe perguntou por que..., porque era uma mente corrente, não estava iluminado. Só se iluminou quando Buda morreu. Disse: «por que? Ainda está pensando em términos de marido e mulher?». Estava escandalizado. Como podia um buda, uma pessoa iluminada, dizer: «Não venha comigo. vou reunir me com minha esposa?»

Buda disse: «Não se trata disso. Ela ficará mais furiosa vendo que venho com alguém. esteve esperando doze anos. Deixa que fique furiosa sozinha. Pertence a uma família muito antiga, muito culta, de modo que não ficará furiosa ante ti, não expressará nada..., e esteve esperando doze anos. Assim deixa que explore; não venha comigo. Eu já não sou um marido para ela, mas ela ainda é uma esposa. Eu troquei, mas ela não trocou.»

Buda foi sozinho. É obvio, ela estava furiosa, começou a chorar e a soluçar e a gritar e a dizer coisas. E Buda escutava. Ela perguntava uma e outra vez: «Se me amava embora fora um pouco, por que foi? por que te partiu? iY sem me dizer isso Se me amou, diga-me isso Y Buda dijo: «Si no te amara, ¿por qué habría vuelto?».

E Buda disse: «Se não te amasse, por que teria tornado?».

Mas estas são duas coisas diferentes, totalmente diferentes. Ela não estava realmente disposta para ouvir o que ele dizia. Ela seguia insistindo: «por que me deixou sozinha? me diga que nunca me amou; então tudo ficará claro.»

E Buda dizia: «Amava-te. Ainda te amo; por isso, tornei depois de doze anos.»

Mas este amor é diferente, ela estava zangada e Buda não estava zangado. Se ele também tivesse estado zangado porque ela estava gritando e chorando e soluçando, ela o teria podido entender. Se ele também se zangou e a tivesse pego, ela o teria podido entender. Então tudo teria estado bem, ele ainda era o de antes. Os doze anos teriam desaparecido completamente e eles se teriam amado outra vez. Não haveria nenhum problema. Mas ele estava em silêncio e ela estava furiosa. Só ela estava furiosa; ele estava sorrindo. Isto era muito! Que tipo de amor é este? Deve ter sido muito difícil de compreender para ela.

Tão somente para provocar a Buda, disse a seu filho, que agora tinha doze anos: «Este é seu pai, lhe olhe, é um escapista. Só tinha um dia quando ele escapou. Este é seu pai. É um mendigo, e ele te deu a vida. Agora lhe pergunte a respeito de sua herança. Estende suas mãos ante ele, é seu pai. lhe pergunte o que tem que te dar.» Ela estava provocando a Buda, estava zangada, naturalmente.

E Buda chamou a Ananda, que estava fora, e lhe disse: «Ananda, vêem e traz minha terrina de mendigar.» Quando lhe trouxe a terrina de mendigar a Buda, este o deu a seu filho, Rahul, e disse: «Esta é minha herança. Inicio-te em *sannyas*.» Este era seu amor.

Mas Yashodhara ficou ainda mais furiosa. Disse: «O que está fazendo? Se amas a seu filho, não lhe converterá em um mendigo, em um *sannyasin*.»

Buda disse: «Faço-lhe um mendigo porque lhe amo. Se o que é a herança real, e isso é o que lhe estou dando. Meu pai não foi tão sábio, mas eu se o que merece a pena dar-se e o estou dando.»

Estas são duas dimensões diferentes, duas linguagens diferentes, que não se juntam em nenhuma parte. Ele está amando. Deveu ter amado a sua esposa; por isso voltou. Deveu ter amado a seu filho; por isso lhe iniciou. Mas nenhum pai pode entender isto...

Quando o pai da Buda ouviu isto -era um ancião, doente-, chegou correndo e disse: «O que tem feito? É que te tem proposto destruir toda minha família? Escapou-te da casa, foi meu único filho. Agora tenho postas minhas esperanças no Rahul, que é seu único filho. E lhe iniciaste em *sannyas*. Assim que minha família este atalho. Já não há nenhuma possibilidade para o futuro. O que está fazendo? É um inimigo?»

E Buda disse: «Porque amo a meu filho, dei-lhe o que vale a pena. Nem seu reino nem sua família e sua árvore genealógica são importantes. Ao mundo não lhe afetaré que esta árvore siga crescendo mais ou não. Mas o fenômeno de *sannyas* no que Rahul está iniciado é importante. Eu também amo a meu filho.»

Dois pais falando... O pai da Buda lhe estava rogando de novo: «Volta. Sou seu pai. Estou velho, estou zangado. Defraudaste-me. Mas ainda tenho coração de pai e te perdorei. Vêem, minhas portas estão abertas. Volta. Desfeita este *sannyas*, volta, minhas portas estão abertas. Este reino é teu, estou esperando. Sou muito velho, mas sinto um profundo amor por ti e posso perdoar.» Isto é amor.

Logo está o outro pai, o próprio Buda Gautama, dando a iniciação a seu filho para que deixe o mundo. Isso também é amor.

Mas ambos os amores são tão diferentes que não é bom lhes dar o mesmo nome, uma só palavra..., mas não temos nenhuma outra.

Segunda pergunta:

Ontem à noite disse que o amor está vivo porque é inseguro, e o matrimônio está morto porque é seguro. Mas não é certo que o amor na profundidade espiritual se converte em um matrimônio?

Não! Nunca se volta um matrimônio. quanto mais profundo vai, *mais* se volta amor, mas nunca um matrimônio. Ao dizer «matrimônio» refiro a um vínculo externo, uma sanção legal, uma aprovação social. E digo que o amor nunca se volta um matrimônio porque nunca é seguro. Segue sendo amor. volta-se mais amor, mais e mais, mas quanto mais é, mais inseguro é. Não há nenhuma segurança.

Mas se amas, a segurança não te importa absolutamente. Só quando não ama se preocupa a segurança. Quando ama, o momento mesmo é tão intenso que não te importa o momento seguinte, não se preocupa o futuro. Não se preocupa o que aconteça amanhã..., porque o que está acontecendo agora mesmo é muito. É muito, é insuportavelmente muito. Não se preocupa.

por que chega à mente a idéia da segurança? Chega devido ao futuro. O presente não é suficiente, assim que te assusta do futuro. Em realidade, não está enraizado no presente. Não está vivendo no presente. Não está desfrutando-o. Não é uma sorte. O presente não é uma sorte, então põe sua esperança no futuro, então faz planos para o futuro, então quer assegurar completamente o futuro.

O amor nunca quer assegurar nada; está seguro em si mesmo. Essa é a questão. Está tão seguro em si mesmo que nunca pensa em nenhuma segurança; o que aconteça no futuro não é uma preocupação absolutamente, porque o futuro vai brotar do presente,

e se o presente está tão vivo, tão cheio de sorte, o futuro brotará dele. por que preocupar-se com ele?

Quando o presente não é uma sorte, quando é uma desdita, então está preocupado pelo futuro. Então quer fazê-lo seguro, sem risco. Mas, recorda, ninguém pode fazer que nada seja seguro. Essa não é a natureza das coisas. O futuro seguirá sendo inseguro. Só pode fazer uma coisa, viver o presente mais profundamente. Isso é quão único pode fazer. Se surgir alguma segurança disso, essa é a única segurança. E se não estar acontecendo, não está acontecendo; não se pode fazer nada.

Mas nossa mente funciona de uma maneira totalmente suicida. quanto mais desventurado é o presente, mais pensa no futuro e quer assegurá-lo. E quanto mais vá ao futuro, mais desventurado será o presente. Então está em um círculo vicioso.

Este círculo se pode romper, mas a única maneira de rompê-lo é viver o momento presente tão profundamente que este momento se volte a eternidade em sua profundidade. O futuro vai nascer dele; seguirá seu próprio curso, não precisa preocupar-se por ele.

De modo que digo que o amor nunca pensa na segurança porque o amor está muito seguro em si mesmo. O amor nunca tem medo à insegurança. A vida é insegura, mas o amor não tem medo à insegurança. Mas bem, o amor desfruta da insegurança porque esta dá cor à vida, trocando as estações e os estados de ânimo; dá tom. É formosa. A vida cambiante é formosa porque sempre há algo que descobrir, sempre há algo novo que encontrar.

Em realidade, dois amantes entram em um descobrimento constante um do outro. E a paisagem é infinita. Um coração que ama é uma paisagem infinita. Nunca pode acabá-lo. Não tem fim, segue e segue, estendendo-se mais e mais. É tão espaçoso como o espaço mesmo.

O amor não está preocupado pela insegurança, o amor pode desfrutá-la. Dá emoção. Só os que não podem amar têm medo à insegurança, porque não estão enraizados na vida. Os que não podem amar estão sempre seguros na vida. Esbanjam sua vida fazendo-a segura..., e nunca é segura. Não pode sê-lo.

A segurança é a qualidade da morte; a certeza é a qualidade da morte. A vida é insegura, e o amor não lhe tem medo. O amor não tem medo à vida, à insegurança, porque está solidamente enraizado. Se não estar solidamente enraizado e notas que chega um ciclone, terá medo. Mas se estiver solidamente enraizado, dará-lhe a bem-vinda ao ciclone, converterá-se em uma aventura. Se está enraizado, o ciclone que passa se converterá em um desafio. Sacudirá-te até suas mesmas raízes; cada uma de suas fibras se encherá de vida. Então, quando o ciclone tenha passado, não pensará que foi mau, uma desgraça. Dirá que foi afortunado, uma bênção, porque o ciclone se levou tudo o que estava morto. Tudo o que estava morto se foi com ele e tudo o que estava vivo se tornou mais vivo.

Olhe as árvores depois de que aconteceu um ciclone. Estão vibrantes de vida, palpitações de vida, radiantes, vitais; estão cheios de energia. Porque o ciclone lhes deu a oportunidade de sentir suas raízes, de sentir seu «enraizamiento». Foi uma oportunidade para sentir-se a si mesmos.

De modo que alguém que está enraizado no amor nunca tem medo a nada. Tudo o que venha é belo, uma mudança..., insegurança. Tudo o que vem é belo. Mas nunca se volta um matrimônio. Quando digo que nunca se volta um matrimônio não quero dizer que os amantes não deveriam casar-se, mas sim o matrimônio não deveria converter-se em um substituto do amor. Deveria ser tão somente o traje externo; não deveria ser o substituto. E nunca se voltará um matrimônio, porque os amantes nunca dão por sentada a presença do outro.

O que quero dizer é que isto é profundamente psicológico, os amantes nunca dão por sentada a presença do outro. Uma vez que começa a dar por sentada a presença do outro, o outro se tornou uma coisa. Já não é uma pessoa. De modo que o matrimônio reduz a seus membros a coisas. Um marido é uma coisa, uma esposa é uma coisa, previsível, muito previsível.

Estive-me hospedando com muitas famílias por tudo este país e cheguei a conhecer muitas algebras e a muitos maridos. Não são pessoas absolutamente. São previsíveis. Se o marido disser uma frase, pode-se saber o que dirá a esposa; é previsível como reagirá a esposa. E se a esposa diz algo mecanicamente, o marido responderá mecanicamente; isso é seguro. Estão representando o mesmo papel uma e outra vez. Sua vida é como um disco rajado; a agulha se estanca em um ponto e segue repetindo. É tão previsível como isso. pode-se dizer o que vai acontecer uma e outra vez, o marido e a esposa estão estancados em alguma parte; tornaram-se discos raiados. Então seguem repetindo. Essa repetição cria aborrecimento,

Estive-me hospedando com uma família... O marido me disse: «Tenho medo de estar sozinho com minha mulher. Só somos felizes quando há alguém mais. Nem sequer podemos ir de férias sem levar a alguém conosco, porque esse alguém põe algo novo. Do contrário, sabemos o que vai acontecer. É tão previsível que não merece a pena. Já o conhecemos.» É como se estivesse lendo o mesmo livro uma e outra e outra vez.

Os amantes não são previsíveis, essa é a insegurança. Não sabe o que vai acontecer, e essa é a beleza. Pode ser fresco e jovem e estar vivo. Mas queremos nos converter em coisas o um ao outro porque uma coisa pode ser manipulada facilmente. E não precisa ter medo de uma coisa. Conhece seu paradeiro, seu funcionamento. Pode planejar de antemão o que fazer e que não fazer. Ao dizer «matrimônio» refiro a um acerto no que duas pessoas caem ao nível de coisas.

O amor não é um acerto, a não ser um encontro momento a momento, vivo. Cheio de perigo, é obvio, mas assim é a vida. O matrimônio é seguro, não há perigo; o amor não é seguro. Nunca sabe o que vai acontecer; o momento seguinte é desconhecido, permanece desconhecido.

De modo que o amor está entrando no desconhecido a cada momento; a isso se refere Jesus quando diz: «Deus é amor.» Deus é tão desconhecido como o amor. E se não estar disposto a estar vivo e a amar e a estar inseguro, não pode entrar em Deus, porque essa é uma insegurança maior; é ainda mais desconhecido. De modo que o amor te prepara para a oração. Se pode amar, e permanecer com uma pessoa desconhecida sem reduzi-la a uma coisa, sem lhes voltar previsíveis, lhes encontrando momento a momento, está-te preparando para a oração.

A oração não é outra coisa que amor, amor por toda a existência. Está vivendo com a existência como está vivendo com seu amante, não conhece o estado de ânimo, não conhece a estação, não sabe o que está vindo. Nada é conhecido. Segue descobrindo-o... É uma viagem sem fim.

Terceira pergunta:

Pode alguém que não esteja iluminado viver na insegurança total e não estar ansioso, deprimido e aflito?

A insegurança total e a capacidade de viver nela são sinônimos da iluminação. De modo que alguém que não esteja iluminado não pode viver na insegurança total, e alguém que não possa viver na insegurança total não pode iluminar-se. Não são duas

coisas, a não ser só duas maneiras de dizer o mesmo. Assim não espere a te iluminar para viver na insegurança, ino! Porque então nunca te iluminará.

Começa a viver na insegurança; esse é o caminho para a iluminação. E não pense na insegurança total. Começa onde esteja. Tal como é, não pode ser total em nada, mas terá que começar em alguma parte. Ao princípio criará ansiedade, ao princípio se sentirá aflito..., mas só ao princípio. Se pode acontecer o princípio, se pode tolerar o princípio, a aflição desaparecerá, a ansiedade desaparecerá.

Terá que compreender o mecanismo. por que sente ansiedade; quando se sente inseguro? Não é devido à insegurança, a não ser à exigência de segurança. Quando se sente inseguro, sente-se ansioso, surge a ansiedade. Não está surgindo devido à insegurança, a não ser devido à exigência de fazer que a vida seja segura. Se começar a viver na insegurança e não pede segurança, a ansiedade desaparecerá quando cessar essa exigência. A exigência está criando a ansiedade.

A insegurança é a natureza mesma da vida. É um mundo inseguro para um Buda; para o Jesus também é inseguro. Mas eles não estão ansiosos porque aceitaram esse fato. tornaram-se o suficientemente amadurecidos para aceitar a realidade.

Esta é minha definição da maturidade e a imaturidade. Uma pessoa a que chamo imatura é alguém que segue lutando contra a realidade a favor de ficções e sonhos. Este homem é imaturo. Maturidade significa assumir a realidade, desprezar os sonhos, e aceitar a realidade tal como é. Buda é amadurecido. Aceita-a assim. Por exemplo, embora exista a morte, uma pessoa imatura segue pensando que pode que todo mundo vá morrer, mas não ela. Uma pessoa imatura segue pensando que para quando mora se descoberto algo, algum elixir médico, o que significa que não morrerá. Uma pessoa imatura segue pensando que morrer não é a regra. É obvio, o homem tem que morrer, mas em tudo há exceções, e segue pensando que ela é uma exceção.

Sempre que morre alguém se sente pormenorizado, sente: «Pobre homem, morreu.» Mas nunca te ocorre que sua morte é também sua morte. Não, evita-o. Não te aproxima de semelhantes assuntos delicados. Segue pensando que uma coisa ou outra te salvará, algum *mantra*, algum gurú milagroso. Acontecerá algo e te salvará.

Está vivendo em histórias, histórias de meninos. Uma pessoa amadurecida é alguém que confronta o fato e aceita que a vida e a morte estão juntas. A morte não é o final, a não ser o topo mesma da vida. Não é algo como um acidente que lhe acontece à vida; é algo que cresce no coração mesmo da vida. Cresce e chega a um cenit. De modo que o aceita e então não há medo à morte. Essa pessoa aceita que a segurança não é possível. Pode criar uma fachada, pode ter um saldo bancário, pode doar muito dinheiro para ter alguma segurança no céu, pode fazer de tudo. Mas no fundo sabe que nada é realmente seguro. O banco te pode extorquir, e ninguém está seguro de que o padre não seja um trapaceiro, o major dos trapaceiros. Quem sabe. Escrevem cartas...

Na Índia há uma seita muçulmana cujo sacerdote principal escreve cartas a Deus. Doa uma certa quantidade de dinheiro e ele escreverá uma carta. Porão a carta em sua tumba, em sua sepultura. Porão-a contigo para que possa apresentar a carta. O dinheiro é para o sacerdote; a carta vai contigo. Mas nada é seguro.

Uma pessoa amadurecida assume a realidade, aceita-a tal como é. Não exige. Não é exigente. Não diz: «Deveria ser assim.» Observa o fato e diz: «Sim, é assim.» Este assumir a realidade fará que seja impossível que se sinta desventurado, porque a desdita chega quando exige. Em realidade, a desdita não é outra coisa que uma indicação de que está indo contra a realidade. E não pode trocar a realidade; terá que ser trocado pela realidade. Terá que aceitar, terá que ceder.

Este é o significado da entrega, terá que ceder. A realidade não pode ceder, a realidade é como é. A não ser que ceda, sofrerá. A desdita a cria você porque segue

lutando. É como se a corrente de um rio está fluindo por volta do mar e você está tentando nadar contra corrente. Parece-te que o rio está contra ti. O rio não está contra ti. Nem sequer ouviu falar de ti; não te conhece absolutamente. O rio simplesmente está fluindo por volta do mar. É a natureza de um rio fluir por volta do mar, ir por volta do mar e cair nele.

Você está tentando ir contra a corrente. E pode que haja alguns loucos sentados ou de pé na borda que sigam te animando: «Está-o fazendo bem. Não deveria preocupar-se, porque cedo ou tarde o rio terá que ceder. iEres simplesmente genial, segue fazendo-o! Os que são geniais lhe ganharam no rio.» Sempre há parvos que seguem te dando ânimo, te dando mais entusiasmo.

Mas nenhum Alejandro, nenhum Napoleón, nenhum grande homem, ninguém foi nunca capaz de ir contra a corrente. cedo ou tarde, a corrente se impõe. Mas quando está morto não pode desfrutar da sorte que era possível quando estava vivo, a sorte de entregar-se, de aceitar, de fundir-se tanto corrente que não há nenhum conflito.

Mas esses parvos da borda dirão: «cedeste. Está vencido, fracassaste.» Não lhes escute; simplesmente desfruta da liberdade interna que chega ao ceder. Não lhes escute.

Quando Buda deixou de tentar ir contra a corrente, todos os que lhe conheciam disseram: «É um escapista. É um fracassado, aceitaste a derrota.»

Não escute o que digam outros. Sente a sensação interna. Sente o que te está acontecendo. Se se sentir bem fluindo com a corrente, esta é a maneira. Isto é o Tao para ti. Não escute a ninguém; escuta só a seu próprio coração. A maturidade aceita o que há, seja o que seja.

ouvi uma anedota... Lhes fez uma pergunta a um muçulmano, um cristão e um judeu. Pergunta-a era a mesma. Alguém perguntou aos três: «O que faria se um maremoto fizesse que o oceano cobrisse a terra e te afogasse nele?».

O cristão disse: «Farei o signo da cruz sobre meu peito, e rezarei a Deus para que me permita entrar no céu, para que abra as portas.»

O muçulmano disse: «Direi o nome do Alá e pensarei que isto é *kismet*, que isto é o destino..., e me afogarei.»

O judeu disse: «Darei as graças a Deus e aceitarei sua vontade, e aprenderei a viver sob a água.»

Isto é o que terá que fazer. Terá que aceitar a vontade da existência, a vontade do universo, e aprender a viver nela. Este é toda a arte. Uma pessoa amadurecida aceita tudo o que há aqui, não exige, não fala de nenhum céu.

O cristão estava fazendo isso, estava pedindo, estava dizendo: «Abre as portas do céu.» Mas tampouco era um pessimista que simplesmente aceita e se afoga. O muçulmano estava fazendo isso. O judeu o aceitou, mas bem lhe deu a bem-vinda, e disse: «Esta é a vontade; agora devo aprender a viver sob a água. Esta é a vontade de Deus.»

Aceita a realidade como é e aprende a viver nela com um coração que cede, com um ego entregue.

Última pergunta:

Disse ontem que a vida existe com a morte. Então, por favor, explica que necessidade tem que transcendencia.

Esta é a necessidade. Aí está a necessidade. A vida existe com a morte... Se pode compreender isto, transcendeste. Você aceita a vida; não aceita a morte. Ou sim? Aceita a vida mas rechaça a morte, e devido a isso sempre está em dificuldades. Está em

dificuldades porque a morte forma parte da vida. Quando aceita a vida, a morte vai estar aí, mas você rechaça a morte. Quando rechaça a morte rechaçaste também a vida, porque não são duas coisas. Assim estará em dificuldades.

Aceita a totalidade, ou rechaça a totalidade. Isso é a transcendência.

E há duas maneiras de transcender. Ou aceita ambas, a vida e a morte juntas, ou rechaça ambas, a vida e a morte juntas; então transcendeste. Estes são os dois caminhos, o negativo e o positivo. O negativo diz: «Rechaça ambas.» O positivo diz: “Aceita ambas”, mas a ênfase recai em que *ambas* deveriam estar aí, já aceitas ou rechaçadas. Quando ambas estão aí, anulam-se mutuamente, igual às cifras negativas e positivas. anulam-se mutuamente, e quando já não estão, transcendeste.

Está apegado à vida ou apegado -às vezes- à morte, mas nunca aceita ambas. conheci a muitas pessoas que estão tão desanimadas com a vida, que começaram a pensar em suicidarse. Primeiro estavam apegadas à vida, e a vida lhes frustrou -não é que a vida frustra; o que frustra é o apego, mas elas pensam que a vida é lhe frustrar-, assim que se apegam à morte. Agora começam a pensar em como destruir-se a si mesmos, como suicidarse, como morrer. Mas o apego segue aí. Antes era à vida; agora é à morte. De modo que uma pessoa que está apegada à vida e uma pessoa que está apegada à morte não são diferentes. Há apego, e esse apego é o problema. Aceita ambas.

Pensa, o que acontecerá se aceitar a vida e a morte? Imediatamente virá um silêncio à mente, porque se anulam mutuamente. Tanto a vida como a morte desaparecem quando as aceita, então transcendeste, foste mais à frente. Ou rechaça ambas, é o mesmo.

Transcendência significa ir além da dualidade. Apego significa permanecer na dualidade, apegado a uma contra a outra. Quando aceita ambas ou rechaça ambas, o apego cessa, sua atadura se solta. de repente flutua em uma terceira dimensão de ser, em que não há vida nem morte.

Isso é o *nirvana*, isso é *moksha*, onde não há dualidade, a não ser unidade, ser. E a menos que transcenda, sempre será desventurado. Pode trocar seu apego disto ao outro, mas será desventurado.

O apego cria desdita. O rechaço também cria desdita. O que escolha, depende de ti. Pode escolher um caminho positivo, como Krishna. Ele diz: «Aceita. Aceita ambas.» Ou pode escolher um caminho como Buda, que diz: «Rechaça ambas.» Mas faz algo com as duas juntas; então a transcendência chega imediatamente. Inclusive se *pensar* em ambas, haverá transcendência. E se pode fazê-la na vida real, nasce um novo ser. Esse ser não pertence à terra da dualidade; esse ser pertence a um âmbito desconhecido, o âmbito do *nirvana*.

Capítulo 73

O Medo à Transformação é Profundo

Os Sutras

100 *A apreciação dos objetos e os sujeitos é igual para uma pessoa iluminada e uma pessoa não iluminada. Aquela tem uma grandeza, permanece no estado de ânimo subjetivo, não se perde nas coisas.*

101 *Crie onisciente, onipotente, onipresente.*

Muita gente parece estar interessada na meditação, mas esse interesse não pode ser muito profundo, porque são muito poucos os que são transformados por ele. Se o interesse for realmente profundo, converte-se em um fogo por si só. Transforma-te. Simplesmente mediante o interesse intenso começa a ser diferente. Surge um novo centro de ser. Muita gente parece estar interessada, mas não surge nada novo neles, não nasce nenhum centro novo, não se obtém nenhuma nova cristalização. Seguem sendo os mesmos.

Isso significa que se estão enganando a si mesmos. O engano é muito sutil, mas é seguro que existe. Se segue tomando o remédio, seguindo o tratamento, e l a enfermidade segue igual

-mas bem, pelo contrário, segue aumentando-, então sua medicina, seu tratamento, tem que ser falso. Pode que no fundo não queira ser transformado. Esse medo é muito real, o medo a transformación. De modo que, na superfície segue pensando que está profundamente interessado, mas no fundo segue enganando.

O medo à transformação é como o medo à morte. É uma morte, porque o velho terá que ir-se e nascerá o novo. Você já não estará; nascerá de ti algo totalmente desconhecido. A não ser que esteja disposto a morrer, seu interesse na meditação é falso, porque só os que estejam dispostos a morrer voltarão a nascer. O novo não pode voltar uma continuidade com o velho. O velho deve ser interrompido. O velho deve ir-se. Só então pode surgir o novo. O novo não é algo que cresce do velho, o novo não é contínuo com isso, o novo é totalmente novo, e só chega quando morre o velho. Há um espaço entre o velho e o novo; esse espaço te dá medo. Tem medo. Quer ser transformado, mas simultaneamente quer seguir sendo o de antes. Este é o engano. Quer crescer, mas quer seguir sendo você. Então o crescimento é impossível; então só pode enganar; então pode seguir pensando e sonhando que está acontecendo algo, mas não acontecerá nada porque não se entendeu a questão básica.

De modo que há muita gente em todo mundo que está muito interessada na meditação, *moksha*, o *nirvana*, e não está acontecendo nada. Há muito ruído em torno disso, mas não está acontecendo nada real. O que acontece?

Às vezes a mente é tão ardilosa que, como não quer ser transformado, a mente criará um interesse superficial para que possa te dizer a ti mesmo: «Está interessado, está fazendo todo o possível.» E segue sendo o mesmo. E se não acontecer nada, pensa que a técnica que está usando não é boa, que o gurú ao que está seguindo não é bom, que a Escritura, o princípio, o método, não são bons. Nunca pensa que inclusive com um método errôneo é possível a transformação se houver um interesse real; inclusive com um método errôneo será transformado. Se estiver realmente interessado na transformação, chegará a ser diferente inclusive seguindo a um gurú errôneo. Se puser sua alma e seu coração no esforço, ninguém pode te enganar, exceto você mesmo. E nada é uma barreira a seu progresso exceto seus próprios enganos.

Quando digo que inclusive um professor errôneo, um método errôneo, um princípio errôneo, pode te levar ao real, quero dizer que a transformação real acontece quando está intensamente comprometido nela, não devido a nenhum método. O método é só um ardil, o método é só uma ajuda, o método é secundário, o fundamental é que seu ser esteja comprometido nisso. Mas segue fazendo algo... Nem sequer fazendo algo; segue falando de fazer. E as palavras criam uma ilusão, pensa tanto nisso que começa a sentir que está fazendo algo. As pessoas supostamente religiosas criaram muitas estratégias enganosas.

ouvi que um automobilista que ia conduzindo por uma estrada viu o edifício da escola ardendo. O professor da pequena escola era Amacie Nasruddin, que estava

sentado sob uma árvore. O automobilista lhe gritou: «O que está fazendo aí? A escola está ardendo!»

Amacie Nasruddin disse: «Já o se.»

O automobilista ficou muito nervoso. Disse:

«Então, por que não está fazendo algo?»

Amacie Nasruddin disse: «Desde que começou, estive rezando para que chova. *Estou* fazendo algo.»

A oração é um truque para evitar a meditação; a mente supostamente religiosa criou muitos tipos de oração. A oração também pode converter-se em meditação, mas normalmente a oração é só um escapamento. Para evitar a meditação, a gente segue rezando. Para evitar fazer algo, rezam. Rezar significa que Deus deve fazer algo, outro deve fazer algo. Rezar significa que ficamos passivos, nos tem que fazer algo.

A meditação não é oração nesse sentido; a meditação é algo que faz a ti mesmo. E quando está transformado, todo o universo se comporta de maneira diferente contigo, porque o universo não é outra coisa que uma resposta a ti, seja o que seja. Se estiver em silêncio, todo o universo responde a seu silêncio em milhares e milhares de maneiras. Seu silêncio se multiplica imensamente. Se for ditoso, todo o universo reflete sua sorte. Se for desventurado, acontece o mesmo. A matemática segue sendo a mesma, a lei segue sendo a mesma, o universo segue multiplicando sua desdita. A oração não servirá. Só a meditação pode ajudar, porque a meditação é algo que faz autenticamente, é uma ação por sua parte.

De modo que o primeiro que queria te dizer é que esteja constantemente pendente de que não te está enganando a ti mesmo. Pode que esteja fazendo algo e siga te enganando a ti mesmo.

ouvi que uma vez Amacie Nasruddin entrou correndo em uma agência de correios, agarrou ao empregado pela lapela, sacudiu-lhe, e disse: «Tornei-me louco. Minha mulher desapareceu!»

O empregado sentiu lástima e disse: «De verdade? desapareceu? Desgraçadamente, isto é uma agência de correios. Tem que ir à polícia para denunciar esse desaparecimento.»

Amacie Nasruddin negou com a cabeça e disse: «Não me vão pilhar outra vez. No passado também desapareceu minha esposa, e quando o denunciei a polícia, encontraram-na. Não me vão voltar a pilhar. Se pode tomar nota da denúncia, faça-o, se não; vou.»

Quer denunciá-lo para sentir-se bem, para sentir que tem feito todo o possível. Mas não quer denunciá-lo à polícia porque tem medo.

Segue havendo coisas para te sentir bem, para sentir que está fazendo algo. Mas, em realidade, não está disposto a ser transformado. De modo que tudo o que faz acontece como uma atividade inútil; não só inútil, mas também também daninha, porque é uma perda de tempo, energia e oportunidade. Estas técnicas da Shiva são só para os que estão dispostos a fazer. Pode as considerar filosoficamente; isso não significa nada. Mas se estiver realmente disposto a fazer, então te começará a acontecer algo. São métodos vivos, não doutrinas mortas. Seu intelecto não é necessário; requer-se sua totalidade de ser. E qualquer método servirá. Se estiver disposto a lhe dar uma oportunidade, qualquer método servirá. Converterá-te em um homem novo.

Repito-o outra vez, os métodos são ardis. Se estiver preparado, então qualquer método pode servir. São só truques para te ajudar a dar o salto, são como trampolins. Pode te lançar ao oceano desde qualquer trampolim. Os trampolins são insignificantes; é irrelevante de que cor são, de que madeira parecem. São simplesmente trampolins e

pode saltar desde eles. Todos estes métodos são trampolins. Seja qual seja o método que você goste, não siga pensando nele, faz-o!

Surgirão dificuldades quando começar a fazer algo; se não fizer nada não haverá nenhuma dificuldade. Pensar é muito fácil, porque não está avançando realmente, mas quando começa a fazer algo, surgem as dificuldades. De modo que se vir que surgiram dificuldades, pode sentir que está no bom caminho, está-te acontecendo algo. Então as velhas barreiras se romperão, os velhos hábitos se irão, haverá mudanças, haverá perturbação e caos. Toda criatividade sai do caos. Só será criado de novo se tudo o que for se volta caótico. De maneira que estes métodos ao princípio lhe destruirão; só então se criará um novo ser. Se houver dificuldades, te considere afortunado; isso mostra que há crescimento. Nenhum crescimento é suave..., e o crescimento espiritual não pode ser suave; essa não é sua natureza. Haverá dificuldades porque o crescimento espiritual significa crescer para cima, o crescimento espiritual significa entrar no desconhecido, entrar no inexplorado. Mas lembra que com cada dificuldade que se passe, cristaliza-te. Volta-te mais sólido. Volta-te mais real. Por primeira vez, sente que algo se centra dentro de ti, algo se volta sólido.

Tal como é agora, é um fenômeno líquido, que troca a cada momento, nada estável. Em realidade, não pode dizer que é um «eu», não é um. É muitos «eus» em um fluxo, um fluxo como o de um rio. É uma multidão; ainda não é um indivíduo. Mas a meditação pode te fazer um indivíduo.

Esta palavra, «indivíduo», é formosa; significa indivisível. Tal como é agora mesmo, está dividido. É só muitos fragmentos aferrando-se uns aos outros de alguma forma sem que haja nenhum centro, sem nenhum amor na casa; só serventes. E por um momento qualquer servente pode voltar o amor.

É diferente a cada momento porque não é; e a menos que seja, não pode te acontecer o divino. A quem vai acontecer lhe? Não está presente. A gente vem para mim e me diz: «Nós gostaríamos de ver deus.» Pergunto-lhes: «Quem verá? Não está presente. Deus sempre está presente, mas você não está aí para ver. É só um pensamento passageiro que quer ver deus». Ao momento seguinte já não estão interessados; ao momento seguinte se esqueceram completamente disso. É necessário um esforço e um desejo persistentes, intensos. Então qualquer método servirá.

Agora deveríamos entrar nos métodos.

100 Permanece desapegado.

Primeiro método: A apreciação dos objetos e os sujeitos é igual para uma pessoa iluminada e uma pessoa não iluminada. Aquela tem, uma grandeza: permanece no estado de ânimo subjetivo, não se perde nas coisas.

Este é um método muito belo. Pode começá-lo tal como é; não é necessário nenhum outro requisito. O método é simples, está rodeado de pessoas, coisas, fenômenos; em todo momento há algo a seu redor. Há coisas, há sucessos, há pessoas, mas como não está alerta, não está presente. Tudo está aí, mas você está profundamente dormido. As coisas se movem a seu redor, as pessoas se movem a seu redor, os sucessos se movem a seu redor, mas você não está presente. Ou está dormido.

De modo que tudo o que acontece a seu redor se volta uma força controladora, volta-se uma força que te domina; é miserável por isso. Não só é impressionado, condicionado por isso, mas também é miserável por isso.

Algo pode te apanhar, e a seguirá. Passa alguém, miras, o rosto é formoso, e te perde. Passa, um carro... e te perde. Algo que acontece a seu redor apanha. Não é

poderoso. Todo o resto é mais capitalista que você. Algo te troca; seu estado de ânimo, seu ser, sua mente dependem de outras coisas. Os objetos lhe influem.

Este sutra diz que as pessoas iluminadas e as pessoas não iluminadas vivem no mesmo mundo. Um buda e você vivem e lhes movem no mesmo mundo, o mundo segue sendo o mesmo. A diferença não está no mundo, a diferença acontece no buda, ele se move de uma maneira diferente. move-se entre os mesmos objetos, mas se move de uma maneira diferente. É dono de si mesmo. Sua subjetividade permanece distante e inalterada. Esse é o segredo. Nada pode lhe causar impressão; nada pode lhe condicionar desde fora, nada pode apoderar-se dele. Permanece desapegado; permanece ele mesmo. Se quer ir a alguma parte, irá, mas seguirá sendo dono de si mesmo. Se quer perseguir uma sombra, perseguirá-a, mas é sua própria decisão.

Esta distinção terá que compreendê-la. Com «desapego» não refiro a uma pessoa que renunciou ao mundo, então o desapego não tem sentido nem significado. Uma pessoa desapegada é uma pessoa que está vivendo no mesmo mundo que você, a diferença não está no mundo. Uma pessoa que renuncia ao mundo está trocando a situação, não a si mesmo. E insistirá em trocar a situação se não poder te trocar a ti mesmo. Essa é a indicação de uma personalidade débil. Uma pessoa forte, alerta e consciente, começará a trocar-se a si mesmo, não a situação em que está, porque, em realidade, a situação não pode trocar-se. Inclusive se pode trocar a situação, haverá outras situações. As situações seguirão trocando a cada momento, de modo que o problema existirá em todo momento.

Esta é a diferença entre a atitude religiosa e a irreligiosa. A atitude irreligiosa é trocar a situação, o circundante. Não acredita em ti, a não ser nas situações, quando a situação esteja bem, você estará bem. Depende da situação, se a situação não for boa, você não estará bem. De modo que não é uma entidade independente. Para os comunistas, os marxistas, os socialistas, e todos os que acreditam em trocar a situação, você não é importante; em realidade, você não existe. Só existe a situação, e você é só um espelho que reflete a situação. A atitude religiosa diz que, tal como é, pode que seja um espelho, mas esse não é seu destino. Pode chegar a ser algo mais, alguém que não é dependente.

Há três fases de crescimento. Em primeiro lugar, a situação é a que manda; você é miserável por ela. Crie que existe, mas não existe. Em segundo lugar, existe, e a situação não pode te arrastar, a situação não pode te influir porque te tornaste uma vontade, está integrado e cristalizado. Em terceiro lugar, você começa a influir na situação, simplesmente porque está aí, a situação troca.

O primeiro estado é o da pessoa não iluminada; o segundo estado é o da pessoa que é consciente constantemente mas ainda não está iluminada, tem que estar alerta, tem que fazer algo para estar alerta. A alerta ainda não se tornou natural, de modo que tem que lutar. Se essa pessoa perder consciencia ou atenção um só momento, estará sob a influência das coisas. Assim é que tem que manter-se alerta continuamente. Essa pessoa é o buscador, o *sadhak*, que está praticando algo.

O terceiro estado é o do *siddha*, o iluminado. Ele não está tentando estar alerta; simplesmente está alerta, não há nenhum esforço nisso. A alerta é como a respiração, segue, ele não tem que mantê-la. Quando a alerta se volta um fenômeno como a respiração, natural, *sahaj*, espontâneo, então este tipo de pessoa, este tipo de ser centrado, influi automaticamente nas situações. As situações trocam em torno dele; não é que ele deseje que troquem, mas é poderoso.

O poder é o que terá que recordar. Você não tem poder, de modo que algo pode te dominar. E o poder chega com a alerta, a consciencia, quanto mais alerta, mais poderoso; quanto menos alerta, menos poderoso.. Olhe..., quando está dormido,

inclusive um sonho se volta poderoso, porque está profundamente dormido, perdeste toda a consciencia. Inclusive um sonho é poderoso, e você é tão fraco que nem sequer pode pô-lo em dúvida. Nem sequer em um sonho absurdo pode ser cético; terá que acreditá-lo. E enquanto dura, parece real. Pode que veja coisas absurdas no sonho, mas enquanto está sonhando não pode as pôr em dúvida. Não pode dizer que isto não é real, não pode dizer que isto é um sonho, não pode dizer que isto é impossível. Simplesmente não pode dizê-lo porque está profundamente dormido. Quando não há consciencia, inclusive um sonho lhe afeta. Quando estiver acordado, rirá-te e dirá: «Era absurdo, impossível, isto não pode acontecer. Este sonho era simplesmente ilusório.» Mas não te deste conta de que, enquanto estava passando, estava-te influenciando, estava totalmente absorvido por ele. por que era tão capitalista um sonho? O sonho não era poderoso, você não tinha nenhum poder. Recorda isto, quando você não tem poder, inclusive um sonho se volta poderoso.

Quando está acordado, um sonho não pode influir em ti, mas a realidade, o que chamamos a realidade, sim o faz. Uma pessoa iluminada, acordada, tornou-se tão alerta que sua realidade tampouco pode influir nela. Se passar uma mulher, uma mulher formosa, de repente te perde. surgiu o desejo, o desejo de possuir. Se estiver alerta, a mulher passará, mas o desejo não surgirá, não foste influenciado, não foste dominado. Quando isto aconteça pela primeira vez, quando as coisas se movam a seu redor e não seja influenciado, sentirá uma alegria sutil de ser. Pela primeira vez sente realmente que existe; nada pode te tirar de ti. Se você quer seguir, isso é outra coisa. Isso é sua decisão. Mas não engane a ti mesmo. Pode te enganar, pode dizer: «Sim. A mulher não é poderosa, mas eu quero segui-la, quero possuí-la.» Pode enganar, muitas pessoas seguem enganando, mas não está enganando a ninguém mais que a ti mesmo. Então é fútil. Olhe atentamente, saberá que há desejo. Primeiro vem o desejo, e logo começa a racionalizá-lo.

Para uma pessoa iluminada, as coisas estão aí e ela está aí, mas não há nenhuma ponte entre ela e a coisa. A ponte se quebrado. Essa pessoa vai sozinha. Vive sozinha. segue-se a si mesmo. Nenhuma outra coisa pode possuí-la. devido a esta percepção, chamamos a este obtenho *moksha*: liberdade total, *mukti*. É totalmente livre.

Em todo mundo, o homem procurou a liberdade; não se pode encontrar a um homem que não esteja desejando a liberdade a sua maneira. Por muitos meios, o homem trata de encontrar um estado de ser no que possa ser livre, e lhe incomoda tudo o que lhe dá a sensação de atadura. Odeia-o. Luta com algo que lhe obstaculiza, que lhe aprisiona. Luta contra isso. Por isso há tantas lutas políticas, tantas guerras, revoluções; por isso há tantas lutas familiares contínuas, marido e mulher, pai e filho, todos lutando, os uns com os outros. A luta é básica. A luta é pela liberdade. O marido se sente confinado; a esposa lhe aprisionou, agora sua liberdade foi atalho. E a esposa sente o mesmo. Ambos se culpam mutuamente, ambos lutam, ambos tratam de destruir a atadura. O pai luta com o filho porque cada fase de crescimento do filho significa mais liberdade para este, e o pai sente que está perdendo algo, poder, autoridade. Nas famílias, nas nações, nas civilizações, o homem está desejando só uma coisa, liberdade.

Mas não se consegue nada com as lutas políticas, as revoluções, as guerras. Não se consegue nada, porque inclusive se conseguir liberdade, é superficial; no fundo permanece pacote. Assim é que toda liberdade resulta ser uma desilusão. O homem deseja intensamente a riqueza, mas, como eu o entendo, não é um anseia de riqueza, a não ser um anseia de liberdade. A riqueza te dá uma sensação de liberdade. Se for pobre, está confinado, seus meios são limitados, não pode fazer isto, não pode fazer aquilo. Não tem dinheiro para fazê-lo. quanto mais dinheiro tem, mais sente que tem liberdade, que pode fazer tudo o que queira. Mas quando tem todo o dinheiro e pode

fazer tudo o que desejas, imagina, sonha, de repente sente que esta liberdade é superficial, porque por dentro seu ser sabe muito bem que não tem poder e que algo pode te atrair. É impressionado, influenciado, poseído por coisas e por pessoas.

Este sutra diz que tem que chegar a um estado de consciencia no que nada te impressione, no que possa permanecer desapegado. Como fazê-la? Durante todo o dia está presente a oportunidade para fazê-la. Por isso digo que este método é bom para que o você faça. Em qualquer momento pode tomar consciencia de que algo te está possuindo. Então respira profundamente, inspira profundamente, espira profundamente, e volta a olhar a coisa. Quando estiver exaltando, volta a olhar a coisa, mas olhe como uma testemunha, como um espectador. Se pode obter a estado de ser uma testemunha embora seja um só momento, de repente sentirá que está sozinho, que nada pode influir em ti; ao menos nesse momento nada pode criar desejo em ti. Respira profundamente e espira quando sentir que algo está te impressionando, influenciando em ti, te tirando de ti mesmo, voltando-se mais importante que você mesmo. E nesse pequeno intervalo criado pela respiração, olhe a coisa, um rosto formoso, um corpo formoso, um edifício bonito, ou algo.

Se sentir que é difícil, se não poder criar um intervalo simplesmente exaltando, então faz algo mais, espira, e detém um momento a inspiração para que saia todo o ar. Para, não inspire. Então olhe a coisa. Quando o ar está fora, ou dentro, quando deixaste que respirar, nada pode influir em ti. Nesse momento não há uma ponte a ti; a ponte se quebrado.

A respiração é a ponte. Prova-o. Terá a sensação de ser uma testemunha durante um só momento, mas isso fará que saiba como é, isso fará que conheça a sensação de ser uma testemunha. Então pode procurá-la. Durante todo o dia, sempre que algo te impressione e surja um desejo, espira, detenha no intervalo, e olhe a coisa. A coisa estará aí, você estará aí, mas não haverá nenhuma ponte. A respiração é a ponte. de repente sentirá que é poderoso, que é forte. E quanto mais capitalista se sinta, mais te voltará *você*. quanto mais cesse a coisa, quanto mais cesse seu poder sobre ti, mais cristalizado se sentirá. começou a individualidade. Agora tem um centro ao que ir, e em qualquer momento pode ir ao centro e o mundo desaparece. Em qualquer momento pode tomar refúgio em seu próprio centro, e o mundo não tem poder.

Este sutra diz: *A apreciação dos objetos e os sujeitos é igual para uma pessoa iluminada e uma pessoa não iluminada. Aquela tem uma grandeza: permanece no estado de ânimo subjetivo, não se perde nas coisas.* Permanece no estado de ânimo subjetivo, permanece dentro de si mesmo, permanece centrado na consciencia. Terá que praticar a permanencia no estado subjetivo. Em todas as oportunidades que se presentem, prova-o. E em todo momento há uma oportunidade, em cada um dos momentos há uma oportunidade. Uma coisa ou outra está te impressionando, está te arrastando, atirando de ti, te empurrando.

Lembrança uma velha história. Um grande rei, Bharathari, renunciou ao mundo. Renunciou ao mundo porque tinha vivido nele totalmente e chegou a dar-se conta de que era vão. Não era uma doutrina para ele, a não ser uma realidade vivida. Tinha chegado a essa conclusão por meio de sua própria vida. Era um homem de fortes desejos, tinha desfrutado da vida todo o possível, e então de repente se deu conta de que era inútil, fútil. De modo que deixou o mundo, renunciou a ele, e se foi a um bosque.

Um dia estava meditando sob uma árvore. Estava saindo o Sol. De repente, precaveu-se de que no caminho, o pequeno caminho que passava junto à árvore, havia um diamante muito grande. Como estava saindo o Sol, refletiam-se os raios. Nem sequer Bharathari tinha visto antes um diamante tão grande. de repente, em um momento de inconsciência, surgiu um desejo de possuí-lo. O corpo permaneceu imóvel,

mas a mente se moveu. O corpo estava na postura de meditação, *siddhasana*, mas já não havia meditação. Só estava o corpo morto; a mente se foi, foi-se ao diamante.

antes de que o rei pudesse mover-se, chegaram dois homens a cavalo de direções diferentes e se deram conta simultaneamente do diamante que tinha atirado no caminho. Tiraram suas espadas; os dois afirmavam que tinham visto o diamante antes. Não havia nenhuma outra maneira de decidir, assim tiveram que lutar. Lutaram e se mataram o um ao outro. Em uns momentos, havia dois cadáveres tendidos junto ao diamante. Bharathari riu, fechou os olhos, e voltou a entrar em meditação.

O que aconteceu? Voltou a dar-se conta da futilidade. E o que aconteceu a esses dois homens? O diamante se tornou mais importante que toda sua vida. Isto é o que significa a posse: perderam sua vida por uma pedra. Quando há desejo, você já não está, o desejo pode te conduzir ao suicídio. Quando está sob o poder de um desejo, não está em seus cabais, está louco.

O desejo de possuir surgiu também na mente do Bharathari; em uma fração de segundo surgiu o desejo. E ele poderia haver-se movido para agarrá-lo, mas, antes de que pudesse, chegaram as outras duas pessoas e lutaram, e havia dois cadáveres tendidos no caminho com o diamante em seu sítio. Bharathari riu, fechou os olhos, e voltou a entrar em sua meditação. Durante um só momento, sua subjetividade se perdeu. Uma pedra, um diamante, o objeto, tornou-se mais poderoso. Mas voltou a recuperar a subjetividade. Sem o diamante, o mundo inteiro desapareceu, e fechou os olhos.

Durante séculos, os meditadores estiveram fechando os olhos. por que? É só simbólico de que o mundo desapareceu, de que não há nada que olhar, de que nada merece a pena, nem sequer olhá-lo. Terá que recordar continuamente; que quando surge o desejo saíste que sua subjetividade. Isto é o mundo, este movimento. iRecupérate, volta, te centre de novo! Poderá fazê-lo, todo mundo tem a capacidade. Ninguém perde nunca o potencial interno; sempre está aí. Pode te mover. Se pode sair, pode entrar. Se posso sair de minha casa, por que não vou poder voltar a entrar nela? Terá que percorrer a mesma rota; terá que usar as mesmas pernas. Se posso sair, posso entrar. Está saindo a cada momento, mas quando sair, recorda; e volta de repente. te centre. Se te parecer difícil ao princípio, então respira profundamente, espira, e detén a respiração. Nesse momento, olhe o que te estava atraindo. Em realidade, nada te estava atraindo; *você* se sentiu atraído. Esse diamante atirado no caminho no bosque solitário não estava atraindo a ninguém; simplesmente estava tendido ali sendo ele mesmo. O diamante não era consciente de que Bharathari se havia sentido atraído, de que alguém tinha saído de sua meditação, de sua subjetividade, tinha voltado para mundo. O diamante não era consciente de que duas pessoas tinham lutado por ele e tinham perdido a vida.

De modo que nada te está atraindo, *você* se sente atraído. Estate alerta e a ponte se romperá e recuperará o equilíbrio interno. Segue fazendo-o mais e mais. quanto mais o faça, melhor. E chegará um momento em que não precisará fazê-lo, porque o poder interno te dará tanta força que se perderá a atração das coisas. É sua debilidade a que se sente atraída. Se mais poderoso e nada te atrairá. Só então, pela primeira vez, é amo e senhor de seu próprio ser.

Isso te dará liberdade real. Nenhuma liberdade política, nenhuma liberdade econômica, nenhuma liberdade social pode ajudar muito. Não é que não sejam desejáveis..., são boas, boas em si mesmos, mas não lhe darão o que seu foro mais interno está desejando, a liberdade com respeito às coisas, aos objetos, a liberdade de ser a gente mesmo sem nenhuma possibilidade de ser poseído por nada ou por ninguém.

A segunda técnica é similar em certo modo, mas é de uma dimensão diferente. *Crie onisciente, onipotente, onipresente.*

Também isto se apóia no poder interno, na fortaleza interna. É como uma semente. Acredita que é onisciente, que sabe tudo; acredita que é onipotente, que o pode tudo; acredita que é onipresente, que está em todas partes... Como pode acreditá-lo? É impossível. Sabe que não é onisciente, é ignorante. Sabe que não é onipotente, que é absolutamente impotente, incapaz. Sabe que não é onipresente; está confinado em um pequeno corpo. Assim que como vais poder acreditá-lo? E se o crie, sabendo muito bem que não é assim, a crença será inútil. Não pode acreditar contra ti mesmo. Pode impor uma crença, mas será inútil, sem sentido. Sabe que não é assim. Uma crença só resulta útil quando sabe que é assim.

Isto terá que compreendê-lo. Uma crença se volta capitalista se souber que é assim. Não é questão de que seja verdadeira ou falsa. Se souber que isto é assim, uma crença se volta verdadeira. Se souber que isto não é assim, então nem sequer uma verdade pode voltar uma crença. por que? Terá que compreender muitas coisas.

Em primeiro lugar, tudo o que é é sua crença, crie dessa maneira, foste criado dessa maneira; foste condicionado dessa maneira, de modo que crie dessa maneira. E sua crença te influi. volta-se um círculo vicioso. Por exemplo, há raças nas que o homem é menos capitalista que a mulher, porque essas raças acreditam que uma mulher é mais forte, mais poderosa, que um homem. Sua crença se converteu em um fato. Nessas raças, o homem é mais débil e a mulher é mais forte. As mulheres fazem todo o trabalho que normalmente, em outros países, fariam os homens, e os homens fazem o trabalho que em outros países fariam as mulheres. Não só isso; seus corpos são débeis, sua estrutura é débil. chegaram a acreditar que isto é assim. A crença cria o fenômeno. Uma crença é criativa.

por que acontece isto? Porque a mente é mais capitalista que a matéria. Se a mente crie algo realmente, a matéria tem que seguir. A matéria não pode fazer nada contra a mente porque a matéria está morta. Acontecem inclusive costume impossíveis.

Jesus diz: «A fé pode mover montanhas.» A fé *pode* mover montanhas. Se não poder, isso significa somente que não tem fé; não que a fé não pode mover montanhas. Sua fé não pode as mover porque não tem fé.

Agora se está fazendo muita investigação a respeito deste fenômeno da crença, e a ciência está chegando a muitas conclusões incríveis. A religião sempre acreditou nelas, mas a ciência está chegando finalmente às mesmas conclusões. Tem que fazê-lo, porque há muitos fenômenos que estão sendo investigados por primeira vez. Por exemplo, pode que tenha ouvido falar dos remédios placebo. Há centenas e centenas de «patias» no mundo -alopatia, ayurveda, yunani, homeopatia, naturopatía..., centenas-, e todas afirmam que podem curar. E curam; suas afirmações não são falsas. Isto é o estranho, seu diagnóstico é diferente, seu tratamento é diferente. Há uma enfermidade e há mil, e um diagnósticos, e mil e um tratamentos, e todos os tratamentos ajudam. De modo que tem que surgir a questão de se for realmente o tratamento o que ajuda ou é a crença do paciente. Isto é possível.

Estão trabalhando de muitas maneiras, em muitos países, em muitas universidades, em muitos hospitais. dá-se só água ou um pouco não medicinal, mas o paciente acredita que lhe deram uma medicina. E não só o paciente; também o médico crie, porque tampouco ele sabe. Se o médico souber se for uma medicina ou não, isso terá um efeito, porque o médico lhe dá uma crença ao paciente mais que uma medicina. De modo que quando paga mais e tem um médico mais importante, cura-te melhor e antes. É questão de crença. Se o médico te der uma medicina troca, de umas quantas

moedas, sabe muito bem que não vai acontecer nada. Como vai curar se com umas quantas moedas um paciente tão doente, com semelhante enfermidade, com um fenômeno tão enorme? ¡Imposible! Não pode criá-la crença.

Todo médico tem que criar em torno de si um aura de crença. Isso ajuda. De modo que se o médico sabe que o que está dando é só água, não dará sua crença com fé. Seu rosto o mostrará, suas mãos o mostrarão, toda sua atitude e sua conduta mostrarão que está dando só água, e o inconsciente do paciente se verá afetado. O médico deve acreditar. quanto mais cria, melhor, porque sua crença é contagiosa. O paciente olhe ao médico. Se o médico tiver muita confiança -«Não se preocupe, este é um novo tratamento, uma nova medicina, e lhe vai ajudar. É totalmente seguro, não há nenhuma dúvida a respeito»-, se a personalidade do médico transmitir a impressão de absoluta esperança, então, inclusive antes de tomar o remédio, o paciente já está sendo curado. A padre já começou. Agora dizem que, independentemente do que se use, trinta por cento dos pacientes se curarão quase imediatamente; à margem do que se use -alopatia, naturopatia, homeopatia, ou qualquer «patia»-, trinta por cento dos pacientes se curará imediatamente.

Esse trinta por cento é o dos que acreditam. Essa é a proporção. Se vos Miro, se Miro dentro de vós, trinta por cento de vós é potencial, é o dos que podem ser transformados imediatamente. Uma vez que têm a crença, esta começará a funcionar imediatamente. Um terço da humanidade pode ser imediatamente transformada, trocada, a novos níveis de ser sem nenhuma dificuldade. A questão é só como criar a crença neles. Uma vez que a crença está aí, nada pode lhes deter. Pode que seja um dos afortunados, um desse trinta por cento. Mas uma grande desgraça lhe aconteceu à humanidade, e é que esse trinta por cento é condenado. A sociedade, a educação, a civilização, todos lhes condenam. pensa-se que são estúpidos. Não, são pessoas com maior potencial. Têm um grande poder, mas são condenados, e se elogia a pessoas intelectualmente impotentes; lhes elogia porque são potentes com a linguagem, as palavras, a razão. Em realidade, são simplesmente impotentes. Não podem fazer nada no mundo real do ser interno; só podem permanecer em sua mente. Mas eles possuem as universidades, possuem os meios de informação, são os amos em certo sentido. E são artistas da condenação. Podem condenar algo. E este trinta por cento de humanidade potencial, os que podem acreditar e ser transformados, não sabem expressar-se tão bem; não podem saber fazê-lo. Não podem raciocinar, não podem argumentar; por isso podem acreditar. Mas como não podem apresentar convincentemente seus argumentos, começam a condenar-se a si mesmos. Pensam que algo não está bem. Se pode acreditar, começa a sentir que não está bem de tudo; se pode duvidar, pensa que é genial. Mas a dúvida não é uma força. Mediante a dúvida ninguém chegou nunca ao ser mais íntimo, ao êxtase supremo; ninguém, nunca.

Se pode acreditar, então este sutra será útil.

Crie onisciente, onipotente, onipresente. Já é isso, de modo que, simplesmente por acreditá-lo, tudo o que te está ocultando, tudo o que te está cobrindo, cairá imediatamente. Mas será difícil inclusive para esse trinta por cento, porque também eles estão condicionados para acreditar em algo que não é a realidade. Também eles estão condicionados para duvidar, também eles estão adestrados para ser céticos; e conhecem suas limitações, assim que como vão poder acreditar? Ou, se acreditarem, a gente pensará que estão loucos. Se disser que crie que dentro de ti está o onipresente, o onipotente, o divino, o que o pode tudo, então a gente te olhará e pensará que te tornaste louco. Como vais acreditar semelhantes costure a não ser que esteja louco?

Mas prova algo. Começa desde o começo.

Sente um pouco deste fenômeno, e então a crença virá por si mesmo. Se quer usar esta técnica, faz isto. Fecha os olhos e sente que não tem corpo, sente que o corpo desapareceu, esfumou-se. Então pode sentir sua onipresença. Com o corpo é difícil. Por isso, muitas tradições seguem ensinando que não é o corpo, porque com o corpo entra a limitação. Não é difícil sentir que não é o corpo, porque *não* é o corpo. É só um condicionamento, é só um pensamento que foi imposto em sua mente. Sua mente foi impregnada com o pensamento de que é o corpo.

Há fenômenos que demonstram isto. No Sri Lanka, os monges budistas caminham sobre o fogo. Também o fazem na Índia, mas o fenômeno do Sri Lanka é muito excepcional, caminham durante horas e não se queimam.

Aconteceu uma vez, faz só uns poucos anos, que um missionário cristão foi ver os que caminham sobre o fogo. Fazem-no a noite que se iluminou Buda, uma noite de lua enche, porque dizem que esse dia se revelou ao mundo que o corpo não é nada, que a matéria não é nada; que o ser interno é onipresente e que o fogo não pode queimá-lo. Mas para fazer isto, durante um ano os monges que caminham sobre o fogo desencardem seus corpos, mediante o *pranayama*, processos respiratórios, e jejum. Meditam para desencardir suas mentes, esvaziar suas mentes. Durante um ano, preparam-se continuamente. Vivem em celas isoladas sentindo que não estão no corpo. Durante um ano, um grupo de cinquenta ou sessenta monges pensa continuamente que não estão no corpo. Um ano é muito tempo. Pensando em todo momento só uma coisa, que não estão no corpo, repetindo continuamente que o corpo é ilusório, chegam a acreditá-lo. Tampouco então lhes obriga a caminhar sobre o fogo. Lhes leva a fogo, e o que pensa que não se queimará, salta a ele. Uns poucos permanecem duvidando, vacilando, não lhes permite saltar, porque não é uma questão de que o fogo queime ou não, mas sim de sua dúvida. Se duvidarem um pouco, não lhes deixa saltar. De modo que sessenta se preparam, e às vezes vinte, às vezes trinta, saltam ao fogo e dançam nele durante horas seguidas sem queimar-se.

Um missionário veio a vê-lo em 1950. Estava muito surpreso, mas pensou que se a crença na Buda podia fazer este milagre, por que não a crença no Jesus? Assim pensou um pouco, duvidou um pouco, mas então, com a idéia de que se Buda podia ajudar, Jesus também o faria, saltou. queimou-se, queimou-se gravemente; teve que ser hospitalizado durante seis meses. E não podia entender o fenômeno. Não era uma questão do Jesus ou Buda, não era uma questão de acreditar em alguém; era uma questão de crença. E essa crença tem que ser repetida continuamente na mente. A não ser que chegue ao centro mesmo de seu ser, não começará a funcionar.

Esse missionário cristão retornou a Inglaterra para estudar a hipnose, o mesmerismo, e os fenômenos relacionados, e o que acontece enquanto se caminha sobre o fogo. Logo convidaram a dois

monges para que dessem uma demonstração na Universidade de Oxford. Os monges foram. Caminharam sobre o fogo. O experimento se repetiu muitas vezes. Então os monges viram que um professor lhes estava olhando, e estava olhando tão intensamente e estava tão absorto que seus olhos, seu rosto, eram enlevados. Os duas monges se aproximaram do professor e lhe disseram: «Você também pode vir conosco.» Imediatamente, o professor correu com eles, saltou ao fogo, e não lhe aconteceu nada. Não se queimou.

O missionário cristão também estava presente, e sabia muito bem que este professor era um professor de lógica, um homem que dúvida profissionalmente, cuja profissão se apóia em duvidar. Assim que disse a esse homem: «O que é isto! Fez você um milagre. Eu não pude fazê-lo, e sou crente.»

O professor disse: «Nesse momento, eu era crente. O fenômeno era tão real, tão fantasticamente real, que me cativou. Era tão claro que o corpo não é nada e que a mente o é tudo, e me senti tão extaticamente em harmonia com os duas monges que, quando me convidaram, não houve nenhuma só dúvida. Era singelo caminhar, era como se não houvesse fogo.»

Não houve nenhuma dúvida, nenhuma vacilação, essa é a chave.

Assim primeiro prova este experimento. Durante vários dias, sente-se com os olhos fechados pensando que não é seu corpo; não só pensando, mas também sentindo que não é o corpo. E se se sinta com os olhos fechados, cria-se uma distância. Seu corpo vai afastando-se mais e mais. Vai indo para dentro. cria-se uma grande distancia. Logo pode sentir que não é o corpo. Se sentir que não é o corpo, então pode acreditar que é onipresente, onipotente, onisciente, que sabe tudo, que o pode tudo. Esta onipotência ou esta onisciência não tem que ver com o que chamamos conhecimento; é uma sensação, uma explosão de sensação, que *sabe*. Isto terá que compreendê-lo, especialmente no Ocidente, porque quando disser que sabe, dirão: «O que? O que sabe?». O conhecimento deve ser objetivo. Deve saber algo. E se for uma questão de saber algo, não pode ser onipresente, ninguém pode sê-lo, porque há infinitos feitos que conhecer. Ninguém pode ser onisciente nesse sentido.

Por isso, no Ocidente riem quando os jainas afirmam que Mahavira era *sarvagya*, onisciente. riem, porque se Mahavira era onisciente, então deveu saber tudo o que a ciência está descobrindo agora, e inclusive o que a ciência descobrirá no futuro. Mas esse não parece ser o caso. Diz muitas coisas que contradizem obviamente à ciência, que não podem ser verdade, que não são factuais. Seu conhecimento, se for onipresente, nunca deveria ser errôneo, mas há enganos.

Os cristãos acreditam que Jesus era onisciente. Mas a mente moderna rirá, porque não era onisciente; não era onisciente no sentido se soubesse tudo sobre os fatos do mundo. Não sabia que a Terra era circular, que a Terra era um globo; não sabia. Pensava que a Terra era um terreno plano. Não sabia que a Terra tinha existido durante milhões e milhões de anos; acreditava que Deus a criou só quatro mil anos antes. No referente aos fatos, no que concerne aos fatos objetivos, não era onisciente.

Mas esta palavra, «onisciente», é totalmente diferente. Quando os sábios orientais dizem «onisciente», não se referem ou seja o tudo a respeito dos fatos; querem dizer absolutamente consciente, absolutamente alerta, completamente dentro, completamente consciente, iluminado. Não lhes interessa saber algo; só lhes interessa o fenômeno puro de saber não os conhecimentos, a não ser a qualidade mesma de saber. Quando dizemos que Buda sabe, não queremos dizer que sabe o que sabe Einstein. Não sabe isso. Sabe. Conhece seu próprio ser e sabe que esse ser é onipresente. Essa sensação de ser é onipresente. E sabendo isso, não fica nada por saber; essa é a questão. Já não há curiosidade por saber nada. Todas as perguntas cessaram. Não é que se alcançaram todas as respostas, todas as perguntas cessaram. Já não há nenhuma pergunta que fazer. Toda a curiosidade se foi. Não há nenhum problema que resolver. Esta calma interna, este silêncio interno, cheio de luz interna, é conhecimento infinito. Isto é o que quer dizer com «onisciente». É um despertar subjetivo.

Isto o pode fazer. Mas não acontecerá se segue acrescentando mais conhecimentos a sua mente. Pode seguir acrescentando conhecimentos durante vistas e vistas; saberá algo, mas nunca saberá tudo. O tudo é infinito; não pode saber-se dessa maneira. A ciência sempre permanecerá incompleta, nunca pode ser completa; isso é impossível. É inconcebível que possa ser completa. Em realidade, quanto mais sabe a ciência, mais chega ou seja que fica mais por saber.

Esta onisciência é uma qualidade interna do despertar. Medita, e deixa seus pensamentos. Quando não tiver nenhum pensamento, sentirá o que é a onisciência, o que é sabê-lo tudo. Quando não há nenhum pensamento, a consciencia se volta pura; nessa consciencia desencardida não tem nenhum problema. Todas as perguntas cessaram. Conhece-te ti mesmo, seu ser, e quando conhece seu ser, conheceste-o tudo, porque seu ser é o centro do ser de todos. Em realidade, seu ser é o ser de todos. Seu centro é o centro do universo. Neste sentido, os Upanishads declararam: «*Aham Brahmasmi*: Sou o Brahma, sou o absoluto.» Uma vez que conhece este pequeno fenômeno de seu ser, conheceste o infinito. É como uma gota do oceano, se se conhecer sequer uma gota, todos os segredos do oceano ficam revelados.

Crie onisciente, onipotente, onipresente. Mas isto chegará com a fé, isto não pode argumentá-lo contigo mesmo. Não pode te convencer a ti mesmo com algum argumento; terá que escavar profundamente dentro de ti para encontrar semelhantes sensações, as fontes de semelhantes sensações.

Esta palavra, «crie», é muito significativa. Não significa que tem uma convicção, porque convicção conota algo racional. Está convencido, argumentaste a respeito disso, tem provas sobre isso. Crença significa que não tem nenhuma dúvida a respeito disso, não que tem provas. Convicção significa que tem provas. Pode prová-lo, pode argumentá-lo. Pode dizer: «Isto é assim.» Pode raciociná-lo. Crença significa que não tem nenhuma dúvida. Não pode argumentá-lo, não pode racionalizar, terá que te dar por vencido se lhe perguntam. Mas tem uma base interna, sente que é assim. É uma sensação, não um raciocínio.

Mas recorda que semelhantes técnicas só podem funcionar se trabalhar com sua sensação, não com seu raciocínio. De modo que aconteceu muitas vezes que pessoas muito ignorantes, sem educação, incultas, alcançam topos da consciencia humana, e os que são muito cultos -educados, razoáveis, racionais- as perdem.

Jesus era só um carpinteiro. Friedrich Nietzsche escreve em alguma parte que em todo o Novo Testamento só há uma pessoa que merece realmente a pena, que é culta, educada, com conhecimentos filosóficos, sábia, esse homem era Pilatos, o governador romano que ordenou que Jesus fora crucificado. Efetivamente, era o homem mais culto, o governador geral, o vice-rei, e sabia o que é a filosofia. No último momento, quando Jesus ia ser crucificado, perguntou: «O que é a verdade?». Era uma pergunta muito filosófica.

Jesus permaneceu em silêncio -não porque este enigma não merecesse a pena ser respondido; Pilatos era a única pessoa que poderia ter compreendido a filosofia profunda-. *Jesus* permaneceu em silêncio porque só podia falar com os que podiam sentir. Pensar era inútil. Pilatos estava fazendo uma pergunta filosófica. Teria estado bem se a tivesse perguntado em uma universidade, em uma academia, mas lhe fazer ao *Jesus* uma pergunta filosófica não tinha sentido. Permaneceu em silêncio porque era inútil responder. Não era possível nenhuma comunicação. Mas Nietzsche, ele mesmo um homem de razão, condena ao *Jesus*. Diz que não tinha educação, que era inculto, nada filosófico, e não podia responder; por isso permaneceu em silêncio.

Pilatos fez uma pergunta formosa. Se a tivesse feito ao Nietzsche, este teria falado e discutido durante anos. «O que é a verdade?». Esta única pergunta é suficiente para falar e discutir durante anos. Toda a filosofia é só este assunto: «O que é a verdade?». Uma pergunta e todos os filósofos estão ocupados com ela.

A crítica do Nietzsche é em realidade uma crítica feita pela razão, uma condenação feita pela razão. A razão sempre condenou a dimensão de sentir, porque sentir é algo muito vago, misterioso. Está aí, e não pode dizer nada sobre isso. Ou o tem ou não o tem, ou está aí ou não está.

Não pode fazer nada respeito a isso e não pode falar disso. Você também tem muitas crenças, mas essas crenças são só convicções; não são crenças, porque tem dúvidas sobre elas. esmagaste essas dúvidas com seus argumentos, mas seguem aí. Segue lutando com elas, mas não estão mortas. Não podem está-lo. Por isso, pode que sua vida seja a de um hindu, ou um muçulmano, ou um cristão, ou um jaina, mas é só devido à convicção. Não tem fé.

Contarei-te uma anedota. Jesus disse a seus discípulos que fossem à outra borda de um lago junto ao que se estavam hospedando, e acrescentou: «Eu irei mais tarde.» foram-se. Quando estavam no meio do lago, surgiu um vento muito forte, e houve muita agitação, e se assustaram. A barco se estava bamboleando e começaram a gritar e a chorar. Começaram a gritar: «Jesus, nos salve!».

A borda em que estava Jesus estava muito longe, mas Jesus veio. diz-se que veio correndo sobre a água. E o primeiro que disse a seus discípulos foi: «Homens de pouca fé, por que estão gritando? Não criem?». Estavam assustados. Jesus disse: «Se criem, saiam da barco e caminhem para mim.» Ele estava sobre a água.

Viram com seus próprios olhos que estava de pé sobre a água, mas ainda lhes resultava difícil de acreditar. Deveram pensar que era um truque, ou que possivelmente era só uma ilusão, ou que este não era Jesus. Possivelmente era o diabo, lhes tentando. Assim começaram a olhá-los uns aos outros: «Quem caminhará?».

Então, um discípulo saltou da barco e caminhou. Efetivamente, podia caminhar. Não dava crédito a seus olhos. Estava andando sobre a água. Quando chegou junto ao Jesus, disse: «Como? Como está acontecendo?».

Imediatamente, todo o milagre desapareceu. O «Como?»..., e caiu sob a água. Jesus lhe tirou e disse: «Homem de pouca fé, por que perguntas como?».

Mas a razão pergunta «por que?» e «Como?». A razão pergunta, a razão questiona. A fé é o afastamento de toda pergunta. Se pode deixar todas as perguntas e acreditar, então esta técnica pode fazer milagres contigo.

Capítulo 74

A Sensibilidade é Consciencia

Perguntas

Como ser sensível e, entretanto, desapegado?

por que não cura seu próprio corpo?

Fazer esforços ferventes ou «Deixa-o em minhas mãos»?

Acreditava Jesus realmente que a Terra é plaina?

Primeira pergunta:

Segundo a meditação se faz mais profunda, alguém se volta mais e mais sensível aos objetos, os sucessos e as pessoas. Mas devido a este aumento de sensibilidade um sente uma espécie de intimidade profunda contudo, e normalmente isto se converte em causa de apegos sutis. Como ser sensível e, entretanto, desapegado?

Como ser sensível e, entretanto, desapegado? Estas duas coisas não são contrárias, não são opostas. Se for mais sensível, será desapegado; ou se é desapegado, voltará-te cada vez mais sensível. A sensibilidade não é apego; a sensibilidade é consciencia. Só uma pessoa consciente pode ser sensível. Se não ser consciente, será insensível. Quando é inconsciente, é totalmente insensível; quanta mais consciencia, mais sensibilidade. Um buda é totalmente sensível, tem uma sensibilidade ótima, porque sentirá e será consciente com sua capacidade total. Mas quando for sensível e consciente não estará apegado. Estará desapegado. porque o fenômeno mesmo da consciencia rompe a ponte, destrói a ponte entre você e as coisas, entre você e as pessoas, entre você e o mundo. A inconsciência, a falta de consciencia, é a causa do apego.

Se estiver alerta, a ponte desaparece de repente. Quando está alerta, não há nada que te relacione com o mundo. O mundo está aí, você está aí, mas desapareceu a ponte entre os dois. A ponte é feita de sua inconsciência. Assim não pense e sinta que te apega porque é mais sensível. Não. Se for mais sensível, não te apegará. O apego é uma qualidade muito áspera, não é sutil.

Para o apego não precisa estar consciente e alerta. Não é necessário. Inclusive os animais podem apegar-se muito facilmente; em realidade, mais facilmente. Um cão está mais apegado a seu amo que o que pode está-lo qualquer homem. O cão é completamente inconsciente, o que faz que se produza o apego. Por isso, nos países nos que as relações humanas se empobreceram, como no Ocidente, o homem está procurando a relação com animais, com cães ou outros animais, porque as relações humanas já não existem. A sociedade humana está desaparecendo, e todo homem se sente isolado, alienado, sozinho. Existe a multidão, mas não está relacionado com ela. Está sozinho na multidão, e esta solidão assusta. Alguém se assusta e se atemoriza.

Quando está relacionado, unido a alguém, e alguém está unido a ti, sente que não está sozinho neste mundo, neste estranho mundo. Há alguém contigo. Essa sensação de pertencer te dá uma espécie de segurança. Quando as relações humanas se voltam impossíveis, os homens e as mulheres tentam cercar relações com animais. No Ocidente estão profundamente relacionados com cães e outros animais, mas aqui no Oriente, embora possa que estejam adorando à vaca como animal sagrado, não lhes relacionam com elas. Pode que vão dizendo que adoram à vaca como animal sagrado, mas sua crueldade não tem fim.

No Oriente são tão cruéis com seus animais que Ocidente não pode sequer conceber como podem seguir pensando que são não-violentos. Em todo mundo, especialmente no Ocidente, há muitas sociedades para proteger aos animais da crueldade dos homens. No Ocidente não se pode pegar a um cão. Se lhe pegar, será um ato criminal e será castigado por isso. O que está acontecendo em realidade é que as relações humanas se estão dissolvendo; mas o homem não pode viver sozinho. Deve ter uma relação, uma sensação de pertencer, uma sensação de que alguém está com ele. Os animais podem ser muito bons amigos porque se apegam; ninguém, nenhum homem, pode apegar-se tanto.

Para o apego, a consciencia não é necessária; mas bem, a consciencia é a barreira. quanto mais consciente te volte, menos te apegará, porque a necessidade de apego desaparece. por que quer estar apegado a alguém? Porque sente que solo não é suficiente. Falta-te algo. Algo está incompleto em ti. Não está inteiro. Necessita a alguém que te complete. daqui o apego. Se for consciente, está completo, é uma totalidade; agora o círculo está completo, não te falta nada, não necessita a ninguém. Você, sozinho, sente uma total independência, uma sensação de totalidade.

Isso não significa que não amará a ninguém; mas bem, pelo contrário, só você *pode* amar. Uma pessoa que depende de ti não pode te amar; odiará-te. Uma pessoa que

te necessita não pode te amar. Odiará-te, porque te volta uma atadura. Essa pessoa sente que sem ti não pode viver, que sem ti não pode ser feliz, de modo que você é a causa de sua felicidade e de sua desdita. Não pode permitir-se te perder. Isto lhe dará uma sensação de aprisionamento, está aprisionada por ti e albergará ressentimento por isso, lutará contra isso. As pessoas odeiam e amam de uma vez, mas este amor não pode ser muito profundo. Só uma pessoa que é consciente pode amar, porque não te necessita. Mas então o amor tem uma dimensão totalmente diferente, não é apego, não é dependência. Não é dependente de ti e não te fará dependente dela; seguirá sendo liberdade e te permitirá que siga sendo liberdade. Serão dois agentes livres, dois seres totais, completos, que se unem. Essa união será uma festa, uma celebração; não uma dependência. Essa união será uma diversão, um jogo.

Por isso chamamos à vida da Krishna, *Leia-a-leela*, o jogo da Krishna. Ele ama a muitas pessoas, mas não há apego. Não se pode dizer o mesmo das *gopis* e os *gopals*, os amigos e as amigas da Krishna. Não se pode dizer o mesmo. Eles se apegaram, de modo que quando Krishna se vai do Vrindavan a Dwaraka, choram e soluçam e sofrem. Sua angústia é grande, porque pensam que Krishna lhes esqueceu. Ele não esqueceu, mas não há dor porque não havia dependência; está tão completo e é tão feliz na Dwaraka como o era no Vrindavan, e seu amor está fluindo tanto na Dwaraka como fluía no Vrindavan. Os objetos do amor trocaram, mas a fonte do amor permanece igual. De modo que independentemente de quem venha, recebe o presente. E este presente é incondicional; não se requer nada em troca, não se pede nada em troca.

Quando o amor chega através de uma consciencia alerta é um puro presente sem nenhuma condição, e a pessoa que o está dando é feliz porque o está dando. O ato mesmo de dar é sua sorte, seu êxtase.

Assim recorda que se sentir que por meio da meditação te tornaste mais sensível, imediatamente te voltará menos apegado, mais desprendido. Como estará mais enraizado em ti mesmo, estará mais centrado em ti mesmo, não usará a ninguém mais como seu centro. O que significa o apego? O apego indica que está usando a outra pessoa como centro de seu ser. Majnu está apegado a Laila, diz que não pode viver sem a Laila. Isso significa que o centro de ser foi transferido. Se disser que não pode viver sem isto ou aquilo, então sua alma não está dentro de ti. Então não está existindo como uma unidade independente; seu centro se foi a outra parte.

Este movimento do centro, de ti a outra coisa, ao outro, é o apego. Se for sensível, sentirá ao outro, mas o outro não se voltará o centro de sua vida. Você seguirá sendo o centro, e obrigado a que está centrado, o outro receberá muitos presentes de ti. Mas serão presentes; não serão entendimentos. Simplesmente dará porque tem muito, está transbordando. E agradecerá que o outro o tenha recebido. Isso será suficiente e isso será o fim.

Por isso sigo dizendo que a mente é uma grande embusteira. Pensa que porque está meditando te tornaste sensível. Então surge a questão de por que te apega. Se te apegar, é um sintoma claro de que a sensibilidade não se deve a consciencia. Em realidade, não é sensibilidade absolutamente.

Pode que seja sentimentalismo; isso é algo totalmente diferente. Pode ser sentimental, pode chorar e gemer por pequenas coisas, pode te comover, e se pode criar muito facilmente uma tormenta dentro de ti; mas isso é sentimentalismo, não sensibilidade.

me deixe que te conte uma história. Buda se estava hospedando em um povo; veio a lhe ver uma mulher, chorando e soluçando e gritando. Seu filho, seu único filho, tinha morrido de repente. Como Buda estava no povo, a gente disse: «Não chore. Vete a ver

esse homem. A gente diz que é compaixão infinita. Se ele o quiser, o menino pode reviver. Assim não chore; vete a ver esse Buda.»

A mulher foi com o filho morto, chorando, soluçando, e todo o povo a seguiu, todo o povo estava afetado. Os discípulos da Buda também estavam afetados; começaram a rezar em suas mentes para que Buda tivesse compaixão. Devia benzer ao menino para que revivesse, ressuscitasse.

Muitos discípulos da Buda começaram a chorar. A cena era muito comovedora, profundamente enternecedora. Todos estavam quietos. Buda permaneceu em silêncio. Olhou ao menino morto, logo olhou à mãe chorosa, lhe solucem, e lhe disse à mãe: «Não chore; faz tão somente uma coisa e seu filho viverá de novo. Deixa a este menino morto aqui, volta para povo, vete a todas as casas e pergunta a todas as famílias se alguém morreu alguma vez em sua família, em sua casa. E se pode encontrar uma casa em que nunca tenha morrido ninguém, então lhes peça algo de comer, um pouco de pão, um pouco de arroz, ou algo..., mas só dessa casa em que não tenha morrido nunca ninguém. E esse pão ou esse arroz reviverá ao menino imediatamente. Vê. Não perca tempo.»

A mulher ficou muito contente. Sentiu que agora ia acontecer o milagre. Tocou os pés da Buda e correu ao povo, que não era muito grande, umas poucas casas, várias famílias. Foi de uma família a outra, perguntando. Mas todas as famílias lhe diziam: «Isso é impossível. Não há uma só casa -não só neste povo, mas também em toda a Tierraen a que nunca tenha morrido ninguém, em que a gente não tenha padecido a morte e o sofrimento e a dor e a angústia que resultam dela.»

Pouco a pouco, a mulher se deu conta de que Buda estava fazendo uma artimanha. Isto era impossível. Mas ainda tinha esperança. Seguiu perguntando até que teve estado em todo o povo.

Suas lágrimas se secaram, sua esperança morreu, mas, de repente, sentiu que chegava a ela uma nova tranqüilidade, uma serenidade. Então se deu conta de que tudo o que nasce terá que morrer. É só uma questão de anos. Alguém morrerá antes, alguém depois, mas a morte é inevitável.

Voltou e tocou os pés da Buda de novo, e lhe disse: «Como dizem todos, tem realmente uma profunda compaixão pela gente.» Ninguém entendia o que tinha passado. Buda a iniciou em *sannyas*, fez-se uma *bhikkhuni*, uma sannyasin. Foi iniciada.

Ananda perguntou a Buda: «Poderia ter revivido ao menino. Era um menino tão formoso e a mãe estava tão angustiada...»

Mas Buda disse: «Inclusive se o menino tivesse ressuscitado, teria tido que morrer. A morte é inevitável.»

Ananda disse: «Mas você não parece ser muito sensível com a gente, com seu sofrimento e sua angústia.»

Buda respondeu: «Eu sou sensível; você é sentimental. Pensa que é sensível só porque põe-se a chorar? É infantil. Não compreende a vida. Não é consciente do fenômeno.»

Esta é a diferença entre o cristianismo e o budismo. conta-se que Jesus fez muitos milagres de ressuscitar a gente. Quando Lázaro estava morto, Jesus lhe tocou e voltou para a vida. No Oriente não podemos conceber a Buda tocando a um morto e lhe trazendo de volta à vida. Para as pessoas correntes, para a mente corrente, Jesus pareceria mais amoroso e compassivo que Buda. Mas eu lhes digo que Buda é mais sensível, mais compassivo, porque inclusive se Lázaro foi revivido, isso não trocou nada. Ainda teve que morrer. Ao final, Lázaro teve que morrer. De modo que este milagre não teve valor, não teve valor postremo. Não se pode conceber a Buda fazendo semelhante coisa.

Jesus teve que fazê-lo porque estava trazendo algo novo, uma nova mensagem ao Israel. E a mensagem era tão profunda que a gente não o entendia, de modo que teve que fazer milagres em torno de sua mensagem; porque a gente pode entender os milagres, mas não pode entender a mensagem profunda, a mensagem esotérica. Podem entender os milagres, de modo que mediante os milagres pode que se voltem abertos e capazes de ser receptivos à mensagem. Jesus estava levando uma mensagem budista a uma terra que não era budista; uma mensagem oriental a um país que não tem nenhuma tradição de iluminação, de muitos budas.

Podemos conceber que Buda era mais sensível que seus discípulos, que estavam chorando e gemendo. Eram sentimentais.

Não confunda seu sentimentalismo com a sensibilidade. O sentimentalismo é muito comum; a sensibilidade é extraordinária. Acontece mediante o esforço. É um lucro. Tem que ganhar a O sentimentalismo não terá que ganhar o nasce com ele. É uma herança animal que já tem nas células de seu corpo e sua mente. A sensibilidade é uma possibilidade. Não a tem agora mesmo. Pode criá-la, pode te esforçar por consegui-la; então te acontecerá. E quando acontecer, não te apegará.

Buda era totalmente desapegado. Estava ante o menino morto, mas não pareceu lhe afetar absolutamente. A mulher, a mãe, era desgraçada, e ele estava fazendo uma artimanha com ela. Este homem parece ser cruel, e esta artimanha parece ser muito para uma mãe cujo filho morreu. Deu-lhe um enigma, e sabia muito bem que ela voltaria com as mãos vazias. Mas digo de novo que ele era compaixão verdadeira, porque estava ajudando a esta mulher a crescer, a ser amadurecida. A não ser que possa compreender a morte, não é amadurecido; e a não ser que possa aceitar a morte, não tem um centro dentro de seu ser. Quando aceita a morte como uma realidade, transcendeste-a.

De modo que no Oriente só os *sadhus* de terceira classe têm feito milagres; os de primeira classe nunca tem feito nenhum; eles trabalham em um nível mais elevado. Buda também está fazendo um milagre, mas o milagre se está fazendo em um nível muito elevado. A mãe está sendo transformada.

Mas é difícil de compreender, porque nossas mentes são ásperas e só compreendemos o sentimentalismo; não compreendemos a sensibilidade. Sensibilidade faz referência a alerta que permite sentir tudo o que acontece ao redor. E só pode sentir quando não está apegado. Recorda isto, se está apegado já não está presente para sentir, saíste que ti. De modo que, se quer saber a verdade a respeito de alguém, não pergunte a seus amigos; estão apegados. E não pergunte a seus inimigos, eles também estão apegados, em sentido inverso. Lhe pergunte a alguém que seja neutro, nem um amigo nem um inimigo. Só ele pode dizer a verdade.

Aos amigos não lhes pode acreditar, aos inimigos não lhes pode acreditar; mas acreditam ou aos amigos ou aos inimigos. Ambos estão abocados a equivocar-se, porque não são testemunhas neutras, não têm uma visão desapegada. Não podem manter-se distantes e olhar, porque têm um certo investimento na pessoa. Os amigos investiram algo e os inimigos investiram algo. Vêm conforme a certos pontos de vista, e estão apegados a esses pontos de vista. Não pode sentir a vida em sua totalidade se está apegado. No momento em que sente que está apegado, adotaste um ponto de vista. perdeu-se a totalidade; só há algo fragmentário em suas mãos. E os fragmentos sempre são mentiras, porque só a totalidade é verdade.

Medita, te volte mais sensível, e toma como critério que irá voltando cada vez mais desapegado. Se sentir que o apego está crescendo, então está errando em alguma parte em sua meditação. Estes são os critérios. E, para mim, o apego não pode ser destruído e o desapego não pode ser praticado. Só pode praticar a meditação..., e o desapego virá como uma consequência, como uma seqüela. Se a meditação florescer

realmente dentro de ti, terá uma sensação de desapego. Então pode ir a qualquer parte e permanecerá sem perturbar, sem medo. Então, quando deixar o corpo, deixará-o sem nenhum arranhão. Seu consciencia será absolutamente pura; não terá entrado nela nada alheio. Quando está apegado, entram impurezas em ti. Esta é a impureza básica, que está perdendo seu centro e outra pessoa ou outra coisa está voltando o centro de seu ser.

Segunda pergunta:

Se a fé pode mover montanhas, por que não pode curar seu próprio corpo?

Não tenho nenhum corpo.

Esta sensação de que tem um corpo é absolutamente errônea. O corpo lhe pertence ao universo; você não o tem, não é teu. Assim é que se o corpo estiver doente ou se o corpo estiver são, o universo cuidará dele. E uma pessoa que está em meditação deveria permanecer como uma testemunha, esteja o corpo são ou doente.

O desejo de estar são forma parte da ignorância. O desejo de não estar doente também forma parte da ignorância. E esta não é uma pergunta nova, esta é uma das perguntas mais antigas. A fizeram a Buda; a fizeram a Mahavira. Desde que houve pessoas iluminadas, os não iluminados sempre têm feito esta pergunta.

Olhe... Jesus disse que a fé pode mover montanhas, mas morreu na cruz. Não pôde mover a cruz. Você ou alguém como você deve ter estado presente ali esperando. Os discípulos estavam esperando, porque conheciam o Jesus, e tinha estado dizendo uma e outra vez que a fé podia mover montanhas. Assim estavam esperando que acontecesse algum milagre..., e Jesus simplesmente morreu na cruz. Mas este foi o milagre, pôde ser testemunha de sua própria morte. E o momento de ser testemunha da própria morte é o momento máximo de estar vivo.

Buda morreu de intoxicação alimentaria. Sofreu continuamente durante seis meses, e havia muitos discípulos que estavam esperando que fizesse um milagre. Mas sofreu em silêncio e morreu em silêncio. Aceitou a morte.

Havia discípulos que estavam tentando lhe curar; muitos discípulos estavam dedicados a ele. Um grande médico daqueles dias, Jivaka, era o médico pessoal da Buda. Estava acostumado a *ir* com ele a todas partes. A gente deveu perguntar muitas vezes: «por que vai contigo este Jivaka?» Mas era o próprio apego da Jivaka. Jivaka ia com a Buda devido a seu próprio apego, e os discípulos que estavam tratando de ajudar a que o corpo da Buda permanecesse vivo mais tempo neste mundo, embora fora só uns poucos dias mais, também estavam apegados.

Para o próprio Buda, a enfermidade e a saúde eram o mesmo. Isso não significa que a enfermidade não causará dor. Causará-o! A dor é um fenômeno físico, acontecerá. Mas não perturbará a consciencia interna. A consciencia interna permanecerá sem perturbar, permanecerá tão equilibrada como sempre. O corpo sofrerá, mas o ser interno permanecerá sendo uma testemunha de todo o sofrimento.

Não haverá identificação..., e a isto o chamo um milagre. Isto é possível mediante a fé.

E não há montanha maior que a identificação; recorda. Os Himalayas não são nada; sua identificação com o corpo é uma montanha maior. Pode que se possa mover os Himalayas mediante a fé ou pode que não, o qual é irrelevante, mas sua identificação *pode* ser destruída.

Mas não podemos conceber nada que não conhecemos; só podemos pensar conforme a nossas mentes. Pensamos conforme aonde estamos; a pauta permanece igual.

Às vezes meu corpo está doente, e a gente vem para mim e me diz: «por que está doente?»

Não deveria estar doente; uma pessoa iluminada não deveria estar doente.» Mas quem te há dito isso? Nunca ouvi falar de nenhuma pessoa iluminada que não estivesse doente. A enfermidade forma parte do corpo. Não tem que ver com seu consciencia ou com se está iluminado ou não.

E às vezes acontece que as pessoas iluminadas estão mais doentes que as não iluminadas. Há razões... Agora que já não lhe pertencem ao corpo, não cooperam com o corpo; no mais profundo se separaram do corpo. De modo que o corpo permanece, mas o apego e a ponte se quebrado.

Muitas enfermidades acontecem devido à separação que teve lugar. Estão no corpo, mas já não cooperam. Por isso dizemos que uma pessoa iluminada não voltará a nascer, porque já não pode voltar a fazer nenhuma ponte com nenhum corpo. A ponte se quebrado. Enquanto está no corpo, em realidade também então está morto.

Buda alcançou a iluminação quando tinha ao redor de quarenta anos. Morreu quando tinha oitenta, de modo que viveu quarenta anos mais. O dia que se estava morrendo, Ananda começou a chorar e a dizer: «O que será de nós? Sem ti, cairemos na escuridão. Está morrendo e ainda não nos iluminamos. Nossa própria luz não se acendeu e te está morrendo. Não nos abandone!».

conta-se que Buda disse: «O que? O que está dizendo, Ananda? Morri faz quarenta anos. Esta existência era só uma existência fantasma, uma existência espectral. Estava continuando de algum jeito, mas a força não estava ali. Era só um impulso do passado.»

Se está pedalando em uma bicicleta, e logo pára e não pedala, não está cooperando com a bicicleta, mas esta seguirá movendo um momento devido ao impulso, à energia que lhe deu no passado.

No momento em que alguém se ilumina, a cooperação se rompe. Agora o corpo seguirá seu próprio curso. É um impulso. Lhe deu impulso em muitas vidas passadas. Tem uma duração de vida própria que será completada, mas agora, como a força interna já não está nele, o corpo é propenso a estar mais doente que de ordinário. Ramakrishna morreu de câncer; Ramana Maharshi morreu de câncer. Para os discípulos foi uma grande surpresa, mas, devido a sua ignorância, não puderam compreender.

Terá que compreender uma coisa mais. Quando uma pessoa se ilumina, esta vai ser sua última vida. De modo que todos seus *carmas* passados e todo o conjunto têm que ser completados nesta vida. O sofrimento -se tiver algo que sofrer- voltará-se intenso. Para ti não há pressa; seu sofrimento se pulverizará por muitas vidas. Mas para um Ramana esta Maharsi é a última. Tudo o que fica do passado tem que ser completado. Haverá uma intensidade de tudo, de todos os *carmas*. Esta vida se voltará uma vida condensada.

Às vezes é possível -isto é difícil de compreender- padecer em um só momento os sofrimentos de muitas vidas. Em um só momento, a intensidade se volta muchíssima, porque o tempo pode ser condensado ou expandido.

Sabe já que, às vezes, quando dorme, vê um sonho, e quando te volta a despertar sabe que só estiveste dormido uns segundos.

Mas viu um sonho muito comprido. É possível que inclusive toda uma vida possa ver-se em um só sonho.

O que aconteceu? Como pôde ver um sonho tão comprido em um período de tempo tão pequeno? Não há uma só capa de tempo como o entendemos normalmente; há muitas capas de tempo. O tempo dos sonhos tem sua própria existência. Inclusive quando está acordado, o tempo segue trocando. Pode que não troque conforme ao

relógio, porque um relógio é uma coisa mecânica, mas o tempo psicológico segue trocando.

Quando é feliz, o tempo flui rapidamente. Quando é desventurado, o tempo vai mais devagar. Uma só noite pode ser a eternidade se está sofrendo, e toda a vida pode ser um só momento se for feliz e ditoso.

Quando uma pessoa se ilumina, tudo tem que ser concluído; é um tempo de fechamento. Muitos milhões de vistas terão que ser concluídas e todas as contas têm que ser saldadas, porque não voltará a haver uma oportunidade. Depois de sua iluminação, uma pessoa iluminada vive em um tempo inteiramente diferente, e tudo o que lhe acontece é qualitativamente diferente. Mas permanece como uma testemunha.

Mahavira morreu de dor no estômago, algo como uma úlcera; sofreu durante muitos anos. Seus discípulos deveriam ter dificuldades com isso, porque criaram uma história em torno disso. Não podiam entender por que Mahavira devia sofrer, de modo que criaram uma história que diz algo a respeito dos discípulos, não a respeito da Mahavira.

Dizem que uma pessoa que tinha um espírito muito maligno, Goshalak, foi a causa do sofrimento da Mahavira. Lançou sua força maligna a Mahavira, e Mahavira absorveu devido só a sua compaixão; e por isso sofreu. Isto não diz nada a respeito da Mahavira, a não ser a respeito da dificuldade dos discípulos. Não podem conceber a Mahavira sofrendo, assim têm que encontrar uma causa em alguma outra parte.

Um dia eu estava padecendo um catarro; é meu companheiro constante. Assim veio alguém e disse: «Deve ter tomado o catarro de outro.» Isso não diz nada sobre mim; diz algo sobre ele. Resulta-lhe difícil me conceber sofrendo. Assim disse: «Deve ter o catarro de outro.» Tentei lhe convencer, mas é impossível convencer aos discípulos. Quanto mais trata de lhes convencer, mais acreditam que têm razão. Ao final me disse: «Diga o que diga, não vou escutar. Sei! tomaste a enfermidade de outro.»

O que se pode fazer? A saúde e a enfermidade do corpo são assunto dele. Se quer fazer algo respeito a isso, ainda está apegado a ele. Seguirá seu próprio curso; não precisa preocupar-se muito por ele.

Sou só uma testemunha. O corpo nasce, o corpo morrerá; só ficará ser uma testemunha. Isso permanecerá para sempre. Só ser uma testemunha é algo absolutamente eterno; todo o resto segue trocando, todo o resto é um fluxo.

Terceira pergunta:

Ontem à noite explicou detalladamente como os buscadores se enganam a si mesmos não fazendo esforços ferventes e sinceros pela meditação. Mas a muitos dos buscadores que lhe pedem fervientemente técnicas de meditação lhes diz simplesmente que o deixem tudo em suas mãos e que você te ocupará de seu progresso espiritual. Mas muitos buscadores sentem insatisfação sobre sua transformação espiritual dessa forma. Neste caso, por favor, explica como estes buscadores se estão enganando a si mesmos.

Em primeiro lugar, quando pedem uma técnica, dou-lhes uma técnica. Isto é uma técnica: Deixa-o tudo em minhas mãos. Esta é uma das técnicas mais poderosas possíveis. E não pense que é fácil; é muito difícil, às vezes impossível. É difícil deixá-lo tudo em mãos de alguém, mas se puder, nessa entrega seu ego desapareceu; nessa mesma entrega, seu passado desapareceu; nessa mesma entrega, nasce um novo ponto, é diferente. até agora estava vivendo com seu próprio ego; a partir de agora viverá sem o ego, seguirá um caminho de entrega.

Assim não pense que isto não é uma técnica! É uma técnica, uma das técnicas muito básicas. E não a dou a qualquer. A dou só a pessoas concretas que são muito egotistas, porque para eles qualquer técnica criará problemas. Seu ego tirará proveito dela. Voltarão-se mais egotistas com ela. Podem praticar algo menos isto, mas com essa prática seu ego não vai ser destruído; mas bem, ficará mais satisfeito. Voltarão-se grandes meditadores. Podem renunciar ao mundo, mas seu ego se fortalecerá independentemente do que façam. Quando sinto que este buscador tem um ego tão sutil que qualquer método será venenoso para ele, só então digo: «Deixa-o tudo em minhas mãos.» Isto não só não vai ser o fim, mas também vai ser o começo. E isto vai ser o começo adequado para todos os que são egocêntricos. Se podem deixá-lo tudo em minhas mãos, então começarei a lhes dar outras técnicas; mas só então. Então outras técnicas não resultarão venenosas. Uma vez que o ego não esteja aí, essas técnicas lhes transformarão. E se sua entrega é tão total que não fica nada por transformar, então não haverá necessidade de nenhuma outra técnica. Também isto é possível, e isto só é possível para os que são muito egotistas; só eles podem entregar-se totalmente.

Isto parecerá confuso, paradoxal; mas, recorda, só pode deixar algo se o tiver. Se não ter um ego muito forte, o que pode deixar? O que pode entregar? É como lhe pedir a um mendigo todas suas riquezas. Estará preparado; dirá: «De acordo», mas este acordo não significa nada. É absolutamente fútil, porque não tem nada que perder. E se tiver um ego muito forte, significa que também é um ego muito concentrado, cristalizado; pode deixá-lo totalmente porque será difícil deixá-lo em partes. Está tão concentrado e cristalizado que será difícil deixá-lo em fragmentos. Ou o deixa ou não. É uma das paradoxos da vida que para a entrega se requer que haja um ego muito autêntico em primeiro lugar. De modo que, para mim uma educação correta consistirá em criar egos fortes, até o extremo mesmo no que surja um grande sofrimento deles, e então... entrega-a. Só então é possível a entrega.

Esta foi minha experiência. A gente ocidental tem o ego mais forte que a oriental, porque no Ocidente não existe o conceito da entrega, o conceito da obediência, o conceito do gurú e a disciplina. Em realidade, a mente ocidental não pode conceber o que é um gurú. E não podem conceber que alguém se entregue a alguém. Toda a educação, a cultura e a civilização ocidentais se apóiam no ego, na satisfação do ego. E os psicólogos ocidentais dizem que, para estar mentalmente são, precisa ter um ego forte.

De modo que todas as psicologias ocidentais ajudam ao ego a fazer-se forte, o ego de um menino deve ser fortalecido por todos os meios; do contrário estará mentalmente doente.

Mas as religiões orientais dizem que, a menos que deixe o ego, não pode conhecer a verdade suprema, não pode conhecer o mistério da vida. Ambas parecem contraditórias, mas não o são. Para mim, o adestramento ocidental deve existir ao princípio para todas as pessoas de todo o mundo. deveria-se dar um ego forte a toda pessoa. Para a idade de trinta e cinco anos deveria alcançar o cenit de seu ego; à idade de trinta e cinco deveria estar em seu cenit, forte, o mais forte possível. Só então acontecerá a entrega. De modo que quando os buscadores ocidentais vêm para mim e lhes digo que o deixem tudo em minhas mãos, mostram-se muito indecisos, resistentes. E parece impossível, mas às vezes, quando acontece a entrega, alcançam uma realização mais profunda.

Com a gente oriental a entrega não é muito difícil. Estão preparados. Diz-lhes: «te entregue», e eles dizem: «Sim.» Não há nenhuma vacilação por sua parte. Não têm egos muito fortes, muito desenvolvidos.

Podem entregá-lo; mas essa entrega é impotente.

Não ajudará. De modo que acontece quase sempre que à pessoa oriental dou imediatamente uma técnica para que trabalhe com ela, para que ajude a seu ego. Às pessoas ocidentais lhe digo imediatamente: “te entregue.” Já chegaram a esse ponto dentro deles no que podem entregar-se; sua mesma vacilação mostra que podem entregar-se. Mas sua entrega vai ser uma luta, e quando é uma luta, é um *sadhana*. Quando há luta, isso significa que algo vai transformar lhes.

Assim, em primeiro lugar, quando lhes digo: «Deixa-o tudo em minhas mãos», isto é uma técnica; e só o digo às pessoas que têm egos muito desenvolvidos. Em segundo lugar...: *mas muitos buscadores sentem insatisfação sobre sua transformação espiritual dessa forma*. Exato, essa é a gente a que digo: «te entregue.» sentem-se muito desconformes. Querem algo que fazer; não querem entregar-se. Se que se sentirão desconformes, porque seu ego resistirá; tentará por todos os meios não entregar-se. Mas isso não pode evitar-se. Terão que passar por esta insatisfação, e terão que compreender que deixá-lo tudo em minhas mãos é só o princípio. Se não poderem fazer isso, não vou lhes dar nenhuma técnica agora mesmo. Podem me deixar, ou deixá-lo tudo em minhas mãos. Não há outra alternativa. Uma vez que digo a alguém: «Deixa-o tudo em minhas mãos», não vou lhe dar nenhuma técnica. Se que será difícil e árduo..., mas tem que ser assim. Quanto mais difícil, quanto mais árduo, melhor, porque isso significa que tem um ego desenvolvido, e está lutando. Algum dia terá que vir -a mim ou a outro, isso é irrelevante- e terá que entregá-lo.

O professor não é relevante; entrega-a é relevante. Onde te entregue não é importante. Pode te entregar a um buda de pedra; isso servirá. Entrega-a te transforma. É pôr seu ego de lado, te descarregar; viver por primeira vez, não do passado, a não ser entrando no presente, fresco e jovem, aliviado.

E o terceiro: *Neste caso, por favor, explica como estes buscadores se estão enganando a si mesmos*. Podem enganar-se a si mesmos. Podem me dizer: «Sim, deixamo-lo tudo em suas mãos», e seguir retendo-o tudo. Podem enganar-se a si mesmos com que se entregaram e podem seguir insistindo em sair-se com a sua. Entrega-a não pode ser parcial, só pode ser total; e então não pode impor suas condições, o que você gosta e o que você não gosta.

aconteceu faz uns poucos dias. Veio para mim um homem e me disse: «Deixarei-o tudo em suas mãos. Diga o diga, farei-o.»

Disse-lhe: «Repete-o outra vez lentamente: "Diga o que diga, farei-o.» Repetiu-o. Disse-lhe que o repetisse de novo e mais devagar.

incomodou-se um pouco e disse: «por que?» E também se deu conta de por que lhe estava dizendo que o dissesse mais devagar. Disse: «Pode que tenha razão. Não deveria dizer isto, porque é muito difícil deixá-lo tudo em suas mãos e será muito difícil obedecer tudo o que diga.» Assim que lhe disse que o fizesse condicional, que fora exato para não ter que trocar. Disse: «Muito bem. O que eu goste... me dê a liberdade de escolher.»

Assim é como te pode enganar. Dentro, *você* segue sendo o professor; segue escolhendo o que fazer e que não fazer. E se dá o caso de que tudo o que escolha vai ser errôneo, porque a mente que está escolhendo é errônea; do contrário, não teria havido necessidade de vir para mim. Quando digo que te entregue quero dizer que já não escolherá; agora escolherei eu e você obedecerá. E se pode obedecer totalmente, não está longe o dia em que te direi: «Já não é necessário. Agora pode escolher.»

Deve desaparecer; a superfície, o ego superficial deve desaparecer. Então aparece seu próprio ser. Não vou manter te me seguindo para sempre jamais. Essa não é uma prática muito feliz. Quando seu ego já não existe, apareceu seu próprio gurú, o professor interno. O gurú externo não é mais que um representante do interno. Uma vez que está

aí o interno, o externo não é necessário. E seu próprio gurú te dirá: «Agora te siga a ti mesmo. Balança sozinha. Já não necessita a ninguém que te guie; apareceu o gurú interno. Agora tem sua própria luz interna, pode ver com ela. Mostrará-te o caminho.»

Mas agora mesmo, tal como é, não é possível. Não tem nenhuma luz. Não pode ver. E em qualquer lugar que te conduza sua mente, será errôneo. Esta mente esteve te conduzindo durante vistas, e sempre te conduz a determinadas pautas. Tem velhos hábitos e te conduz conforme a eles. É uma coisa mecânica. Para criar uma discontinuidad, é necessária a entrega. Se entregar a algo, embora seja por uns poucos dias, haverá uma discontinuidad entre você e seu passado. entrou dentro de ti uma nova força. Já não pode continuar com o passado; a maneira de fazer as coisas de um, tal como foi sempre, já não pode

existir. Produzirá-se um giro. Esta discontinuidad é ao que nos referimos ao falar de «entrega».

Mas pode enganar. Pode dizer: «Sim, entregue-me», e pode que não te tenha entregue. Ou pode que pense que te entregaste mas inconscientemente esteja lutando. Não só na entrega, mas também em tudo no que se necessita um estado de deixar-se ir, lutamos.

No Ocidente se está fazendo muita investigação sobre o fenômeno do sexo, porque a gente se está voltando cada vez menos capaz de ter orgasmos profundos. Têm relações sexuais, mas não resulta delas nenhum êxtase. tornou-se um assunto aborrecido. Só se sentem frustrados, só se sentem debilitados com isso. E então se converte em uma rotina. Não sabem o que fazer. Um êxtase profundo por meio do orgasmo é sua significação. Se não acontecer, é fútil, inútil e inclusive daninho.

Muitas escolas de psicologia estão trabalhando com as perguntas: «O que lhe passou ao homem? por que não está conseguindo o orgasmo com o sexo? por que há tanta insatisfação?». Todas as investigações indicam que a razão é que o homem não pode entregar-se; por isso não pode alcançar o orgasmo. Inclusive ao fazer o amor, no meio do ato sexual, sua mente permanece em controle. Segue controlando. Não está em um estado de deixar ir. Tem medo de deixar ir porque, se permitir que a energia sexual se mova inverificado, não sabe aonde te conduzirá. Pode que te volte louco, pode inclusive que morra. Esse é o medo. De modo que permanece em controle.

Segue manipulando seu corpo. Esta manipulação da mente não permite que todo o corpo esteja envolto; todo o corpo não está em uma dança interna; não consegue o êxtase. Perde energia e não ganha nada, terá que haver insatisfação. Assim é que os psicólogos dizem que não alcançará um profundo êxtase a menos que esteja em um profundo estado de deixar ir, a menos que a mente não esteja presente e o ego não esteja presente; a menos que o corpo tome o controle com sua própria força, seu próprio impulso, e se mova com suas próprias fontes inconscientes; a menos que *você* não esteja. Esse êxtase pode te dar um primeiro vislumbre do êxtase supremo que acontece em um estado total de soltar o ego com o divino, com o universo.

O *samadhi*, o objetivo final de todo o ioga e o tantra, é um profundo orgasmo com o universo mesmo, com a existência mesma. O gurú só está tratando de te ajudar, de te levar a um ponto no que ao menos possa entregar o ego. Então acontecerá um profundo êxtase entre você e seu professor: essa é a lei.

De modo que se pode te entregar a um gurú, não escute a ninguém. Inclusive se o mundo inteiro diz que este gurú é errôneo, não escute. Se pode te entregar, este gurú é o apropriado. Alcançará um momento enlevado com ele. E se o mundo inteiro diz que este gurú é o apropriado, e não pode te entregar, ele é inútil para ti. De modo que em qualquer lugar que tenha a sensação da entrega, esse é seu gurú, seu professor.

Busca o lugar, busca a pessoa em cuja presença pode te permitir deixar ir, em cuja presença deixa a mente embora seja um momento. Uma vez que esta força externa entre em ti, seu caminho será diferente, sua vida terá dado um novo giro.

Pode te enganar a ti mesmo, pode seguir pensando que te entregaste, mas por dentro sabe muito bem que não te entregaste. E recorda, não pode enganar a um professor; ele sabe. E seguirá insistindo a menos que aconteça realmente o estado de deixar ir. Pode escorrer o vulto, pode jogar um jogo, mas não pode enganar a um professor. Pode te prostrar a seus pés, mas esse gesto não significa nada. Pode que seja só um gesto superficial; não te está prostrando absolutamente. Mas se a prostração acontece realmente, o professor pode trabalhar.

De modo que sempre que digo: «te entregue», ou «Deixa-o em minhas mãos e eu me ocuparei», digo-o a sério. Quero dizer exatamente o que digo.

Quero criar uma lacuna dentro de ti, uma discontinuidad com o passado. Uma vez que exista a lacuna, cedo ou tarde será capaz de seguir sozinho. Mas antes disso, se seguir sozinho, continuará a história passada. Não é possível nada novo. Para o novo, algo deve entrar em ti desde fora, deve te empurrar a um novo caminho.

Última pergunta:

Disse que Jesus não sabia que a Terra era redonda. Assim é que para quão cristãos acreditam que Jesus era Deus, isto parece muito estranho. Um iluminado como Jesus, que conhecia ciências ocultas profundas, não devia conhecer também muitos feitos astronômicos e astrológicos a respeito dos planetas, o universo e a inter-relação dos corpos celestes? Por favor, explica.

Não, ao Jesus não interessava. Quando Jesus disse que o mundo era plano, estava usando os conhecimentos que eram prevaletentes naqueles dias. Não lhe interessava se o mundo era redondo ou plano; isso era insignificante para ele. Interessavam-lhe mais as pessoas que estavam vivendo nesta Terra plana ou redonda.

Esse interesse terá que entendê-lo. É absolutamente fútil para o Jesus falar destas coisas. Que mais dá? Por exemplo, sabe pelos livros de geografia que o mundo é redondo. Se seus livros de geografia estivessem ensinando que o mundo é plano, como ensinavam no passado, que mais te daria? Seria um homem melhor? Seria mais meditativo em um mundo plano ou em uma Terra redonda? Que mais dará a seu ser e à dualidade de seu consciencia? É irrelevante.

Jesus estava interessado em seu consciencia, e não falaria innecesariamente de coisas que são inúteis. Só as pessoas não iluminadas são arrastadas a coisas desnecessárias. Se houvesse dito ao Jesús que o mundo era redondo, haveria dito que sim. Dá-lhe igual, porque não era isso o que lhe interessava.

A idéia prevaletente era que o mundo era plano. E, em realidade, para a mente corrente, o mundo ainda é plano. Parece plano. A redondez é um fato científico, mas Jesus não era um cientista.

Por exemplo, se que é um fato científico que o sol nunca sai e nunca fica. A Terra se está movendo ao redor dele; o Sol não se está movendo. Mas, entretanto, uso as palavras «Pôr-do-sol» e «saída do Sol». «Saída do Sol» é basicamente incorreto, porque o Sol nunca sai. «Posta de Sol» é incorreto, porque o Sol nunca fica. Assim é que, depois de dois mil anos, alguém pode dizer que este homem não estava iluminado, porque disse que o Sol sai, saída do Sol, posta do Sol. Não sabia estas pequenas coisas?

Mas se tiver que trocar todas as palavras; estarei lutando innescessariamente, e isso não vai ajudar a ninguém. Jesus simplesmente usou os conhecimentos prevalecentes; e a idéia prevalecente era que a Terra era plana. Não lhe interessava. Se estivesse aqui hoje, diria que a Terra é redonda. Mas nem sequer isso é exatamente científico, porque a Terra não é exatamente redonda. Agora dizem que é como um ovo, não exatamente redonda. A forma é como a de um ovo. Mas quem sabe? Ao dia seguinte pode que troquem e digam que não é assim. A ciência segue trocando, porque, conforme se volta mais precisa, conforme alcança mais conhecimentos, conforme se conhecem mais feitos, conforme se fazem mais experimentos, as coisas trocam. Mas uma pessoa como Jesus ou Buda não está interessada nestes fatos.

Recorda uma coisa, a ciência está interessada nos fatos, a religião está interessada na verdade. Os fatos não são seu interesse; a verdade é seu interesse. Os fatos são sobre os objetos; a verdade é sobre ti, seu consciencia. De modo que toda pessoa iluminada tem que usar os conhecimentos prevalecentes sobre os fatos. Mas não deveria julgar ao Jesus ou a Buda por isso; está julgando erroneamente. Só lhes pode julgar pelo que hão dito sobre a verdade, sobre a verdade intrínseca da consciencia humana. Sobre isso sempre são absolutamente certos embora suas linguagens troquem.

Buda fala em uma linguagem, Jesus em um diferente, Krishna em outro. Usam diferentes conhecimentos factuais, usam técnicas, ardis diferentes, mas o núcleo central de seu ensino é o mesmo. E é, se me permite dizê-lo, como alcançar a consciencia total.

A consciencia é o ensino básico de todos os iluminados. Usam muitas parábolas, técnicas, ardis, símbolos, mitos, mas essas coisas são irrelevantes. Pode as recortar, pode pôr as de lado, e simplesmente ressaltar o núcleo básico. O núcleo básico de todas as pessoas iluminadas é a consciencia. De maneira que Jesus segue dizendo a seus discípulos como estar mais acordados, não estar tão dormidos, não estar em sonhos, a não ser estar alerta, acordados.

Jesus estava acostumado a dizer uma parábola. Dizia que aconteceu uma vez que um grande senhor, um grande cavaleiro, um homem muito rico, saiu de viagem. Disse a seus serventes que tinham que estar sempre alerta, porque voltaria em qualquer momento, *em qualquer* momento, e quando voltasse, a casa devia estar lista para lhe receber. Poderia retornar em qualquer momento. Os serventes tinham que estar alerta; nem sequer podiam dormir. Inclusive de noite tinham que estar preparados, porque o amo podia voltar em qualquer momento.

Jesus estava acostumado a dizer que é necessário estar alerta em todo momento, porque em qualquer instante o divino pode descender sobre ti. Pode que lhe perca isso. Se o divino chama a sua porta e está profundamente dormido, perderá-lhe isso. Tem que estar alerta. O hóspede pode vir em qualquer momento, e o hóspede não vai informar te com antecipação de que está vindo.

Jesus dizia que, igual aos serventes desse senhor, permaneça alerta continuamente, permaneça consciente, esperando, vigilante, porque em qualquer momento pode penetrar em ti o divino. E se não estar alerta, virá, chamará, e se irá. E pode que esse momento não se repita logo; ninguém sabe quantas vistas podem passar antes de que o divino volte a chamar de novo a sua porta. E se normalmente está dormido, pode que já te tenha perdido essa chamada muitas vezes e pode que lhe perca isso uma e outra vez.

Estate alerta. Esse é o núcleo básico. Todo o resto *só* terá que usá-lo para chegar a isso. De modo que Jesus não deixa de estar iluminado por que diga que a Terra é plana. E simplesmente por saber que a Terra é redonda, você não te volta iluminado. Não é tão fácil!

Busca o Ritmo dos Opostos

Os Sutras

102 *Imagina o espírito simultaneamente dentro e ao redor de ti até que todo o universo se espiritualize.*

103 *Com toda sua consciencia no começo mesmo do desejo, do saber, sabe.*

104 *OH, Shakti, cada percepção particular é limitada, desaparecendo na onipotência.*

105 *Verdadeiramente as formas estão fundidas. Fundidas estão o ser onipresente e sua própria forma. Cai na conta de que cada um é feito desta consciencia.*

Um dos poetas mais sobressalentes, Walt Whitman, disse: «Contradigo-me mesmo porque sou grande. Contradigo-me mesmo porque contendo todos os opostos, porque sou tudo.» O mesmo pode dizer-se da Shiva, do tantra.

O tantra é a busca do ritmo dos opostos, das contradições. Pontos de vista contraditórios, opostos, voltam-se um no tantra. Isto terá que compreendê-lo profundamente; só então poderá compreender por que há tantas técnicas diferentes, contraditórias. A vida é um ritmo entre opostos: masculino e feminino, positivo e negativo, dia e noite, nascimento e morte. Entre estes opostos se move o rio da vida. Os opostos são as bordas, parecem contraditórios, mas são cooperativos. A aparência é falsa. A vida não pode existir sem este ritmo entre os opostos. E a vida contém tudo. O tantra não está a favor disto nem do outro, o tantra está a favor de tudo. Em realidade, o tantra não tem um ponto de vista próprio; todos os pontos de vista possíveis estão contidos nele. É grande. Pode contradizer-se a si mesmo porque contém tudo. Não é parcial; é a totalidade. Por isso é sagrado.

Todos os pontos de vista parciais estão abocados a ser profanos; não podem ser sagrados porque não contêm o oposto. Pode que sejam lógicos e racionais, mas não podem ter vida. Onde existe a vida, existe mediante seu oposto. Não pode existir sozinha; o oposto é indispensável.

Na mitologia grega, dois deuses são os pólos opostos, Apolo e Dionisos. Apolo é o deus da ordem, a disciplina, a virtude, a moralidade, a cultura, e Dionisos é o deus da desordem, o caos, a liberdade, a natureza. São pólos opostos. Quase todas as religiões se apóiam mais ou menos no ponto de vista apolíneo. Acreditam na razão, acreditam na ordem, acreditam na virtude, acreditam na disciplina, no controle...; em realidade, acreditam no ego.

Mas o tantra é basicamente diferente, contém a ambos. Contém também o ponto de vista dionisíaco. Acredita na natureza, acredita no caos, acredita em rir e dançar e cantar, não é só sério; é ambas as coisas. É sério, não sério. Nietzsche escreve em uma de suas cartas: «Só posso acreditar em um deus que dança.» Não pôde encontrar nenhum deus que dançasse. Se tivesse sabido algo sobre a Shiva, a história de sua vida teria sido totalmente diferente. Shiva é o deus que dança. Nietzsche só conhecia o deus cristão. Esse é o único ponto de vista, muito sério. Às vezes a seriedade do deus cristão parece absurda, infantil, porque o oposto é completamente negado. Não pode conceber a um deus cristão dançando. Impossível! Dançar parece muito mundano. E não pode conceber a um deus cristão render-se, ou sim? É impossível. O deus cristão não pode rir.

A risada parecerá muito mundana. O deus cristão é o espírito mesmo da seriedade, e Nietzsche não podia acreditar nele.

E penso que ninguém pode acreditar em um deus semelhante, porque é uma metade, não é a totalidade. Só pessoas como Billy Graham podem acreditar nele. Billy Graham diz muito seriamente em alguma parte que quando estiver lendo revistas porno deve recordar que Deus te está olhando. Isto é uma tolice. Está lendo uma revista porno e Deus te está vendo lendo as revistas porno!

Esta atitude mesma é estúpida. É estúpida porque não contém o oposto. Voltará-te estúpido e sem vida se se negar o oposto. Mas se pode acontecer facilmente ao oposto sem nenhuma contradição, se pode ser sério e pode rir, se pode te sentar como Buda e pode dançar como Krishna..., e não há nenhuma oposição inerente entre os dois, pode passar de ser um Buda a ser um Krishna fácil e brandamente. Se pode fazer isto, estará vivo. E se pode fazer isto, será um tântrico, porque o tantra é a busca básica do ritmo que existe entre os opostos, do rio que flui entre os opostos.

De modo que o tantra trabalha com todas e cada uma das técnicas possíveis. O tantra não é para alguns, a não ser para todos. Não todo tipo de mente pode ser cristão, não todo tipo de mente pode ser hindu, não todo tipo de mente pode ser budista. Um tipo específico de mente se sentirá atraído pela Buda, um tipo específico de memore pelo Jesus, um tipo específico de memore pela Mahoma. Shiva os contém a todos. Shiva pode ser atrativo para todos os tipos possíveis. foi incluído o total, a totalidade; não é um ponto de vista parcial. Por isso o tantra não tem nenhuma seita. Não se pode criar uma seita em torno da totalidade; só se pode criar uma seita em torno de um fragmento. Pode viver a totalidade, mas não pode criar uma seita. Só se pode criar uma seita quando está a favor de algo e contra outra coisa. Se os dois opostos estão contidos, como vais poder criar uma mente sectária? O tantra é a religião essencial; não é uma seita. Por isso há tantas técnicas.

A gente segue vindo a me perguntar: «Há muitas técnicas, e uma técnica contradiz à outra...» Sim, contradiz à outra porque não é para uma mente em particular. Nestas cento e doze técnicas foram incluídos todos os tipos, todos os tipos possíveis de humanidade. Por favor, não esteja pendente de todas as técnicas; do contrário te fará uma confusão. Simplesmente encontra a que vá bem, a que te atraia. Sentirá uma profunda afinidade, uma atração por ela; apaixonará-te por ela. Então te esqueça das cento e onze técnicas restantes. as esqueça. te rodeie a que funcione para ti. Entre estas cento e doze técnicas, só uma é para ti. Se provas muitas técnicas, fará-te uma confusão, porque para provar tantas técnicas necessitará uma mente muito grande que possa absorver a contradição. Isso não é possível agora mesmo. Pode que um dia seja possível. Pode chegar a ser tão completo, tão total, que possa avançar facilmente com muitas técnicas. Então não haverá nenhum problema. iPero então tampouco as necessitará! A necessidade é agora mesmo. Encontra sua técnica.

Eu posso te ajudar a descobrir que técnica será adequada para ti. E se te parece que outras técnicas são contraditórias com a técnica que se ajusta a ti, não pense nelas. São contraditórias, mas não são para ti. Ao menos, não são para ti agora. Pode que um dia seja possível que, quando não tiver o ego dentro, possa passar ao oposto sem nenhum problema. O ego cria o problema. Está estagnado em alguma parte, aferra-se a algo, não é líquido, não pode fluir. E Shiva está fluindo em todas as direções.

Assim recorda, não comece a pensar nestas técnicas, que esta técnica vai contra aquela. Shiva não está tratando de criar um sistema, não quer construir um sistema. Shiva está dando todas as técnicas sem nenhuma sistematização. Não podem ser sistematizadas, porque um sistema significa que o contraditório, o oposto, deve ser

negado, e aqui o oposto está incluído. É Apolo e Dionisos, é sério e ri; é imanente e transcendente, é mundano e sobrenatural, porque é tudo.

Agora deveríamos entrar nas técnicas.

102 Imagina o espírito dentro e fora.

Primeira técnica: *Imagina o espírito simultaneamente dentro e ao redor de ti até que todo o universo se espiritualize.*

Primeiro deve entender o que é a imaginação. A condena muito em nossos dias. No momento em que ouça a palavra «imagina», dirá que isto é imprestável, queremos algo real, não imaginário. Mas a imaginação é uma realidade, é uma capacidade, é uma potencialidade que há dentro de ti. Pode imaginar. Isso mostra que seu ser tem a capacidade da imaginação. Esta capacidade é uma realidade. Por meio desta imaginação pode te destruir ou pode te criar a ti mesmo. Depende de ti. A imaginação é muito poderosa. É poder potencial.

O que é a imaginação? É entrar em uma disposição tão profundamente que a disposição mesma se faz realidade. Por exemplo, pode que tenha ouvido falar de uma técnica que se usa no Tíbet. Chamam-na o ioga do calor. A noite é fria, está nevando, e o lama tibetano estará nu ao ar livre. Está gelando; você simplesmente começaria a morrer, congelaria-te. Mas o lama está praticando uma técnica concreta. Essa técnica é que está imaginando que seu corpo é um fogo ardente, e está imaginando que está suando; o calor é tão intenso que está suando. E começa realmente a suar embora esteja gelando, e inclusive o sangue deveria congelar-se. Começa a suar. O que está acontecendo? Este suor é real, o corpo realmente está quente; mas esta realidade é criada por meio da imaginação.

Prova alguma técnica simples para poder sentir como pode criá-la realidade por meio da imaginação. A não ser que o sinta, não pode trabalhar com esta técnica. Tome o pulso. Sente-se em uma habitação fechada e tome o pulso. E logo, durante cinco minutos, imagina que está correndo. Imagina que está correndo, tem calor, está respirando profundamente, está suando, e seu pulso está acelerando-se. depois de imaginar isto durante cinco minutos, volta a tomar o pulso. Verá a diferença: seu pulso será muito rápido. trabalhaste só com a imaginação; não estava correndo realmente.

No antigo Tíbet, os monges budistas estavam acostumados a fazer exercício só na imaginação. E essas técnicas podem ser muito úteis para o homem moderno, porque é difícil correr na rua, é difícil dar um passeio comprido, é difícil encontrar uma rua vazia. Simplesmente pode te tombar no chão de sua habitação e imaginar que durante uma hora está andando rápida e continuamente. Segue andando na imaginação. E agora, inclusive os médicos dizem que o efeito seria o mesmo que se estivesse caminhando realmente. Uma vez que te harmoniza com sua imaginação, o corpo começa a funcionar.

Já está fazendo muitas coisas sem saber que isso é sua imaginação trabalhando. Muitas vezes cria enfermidades só com a imaginação; imagina que agora essa enfermidade contagiosa está por todos lados. Tornaste-te receptivo; agora existem todas as possibilidades de que fique doente..., e essa enfermidade é real. Mas foi criada com a imaginação. A imaginação é uma força, uma energia, e a mente atua com ela. E quando a mente atua com ela, o corpo lhe segue.

Aconteceu uma vez em uma residência universitária nos Estados Unidos que quatro estudantes, estavam fazendo um experimento com a hipnose. A hipnose não é outra coisa que o poder da imaginação. Quando hipnotiza a uma pessoa, em realidade está entrando na imaginação profunda, e tudo o que sugira começará a acontecer. Assim

é que lhe sugeriram muitas coisas a um moço que tinha sido hipnotizado. Quatro meninos provaram a hipnose com um. Provaram muitas coisas, e o menino obedecia tudo o que lhe pediam imediatamente. Quando lhe disseram: «Salta», o menino começou a saltar. Quando lhe disseram: «Chora», o moço começou a chorar. Quando lhe disseram: «Estão caindo lágrimas de seus olhos», começaram a cair as lágrimas. Então, de brincadeira, disseram-lhe: «Agora te tombe. estão morto!» O menino se tombou e morreu.

Isto aconteceu em 1952. depois disso fizeram uma lei contra a hipnose nos Estados Unidos. Ninguém devia provar a hipnose a menos que tivesse que ver com algum trabalho de investigação, a menos que fora autorizado por algum departamento de psicologia de alguma universidade. Só então se pode experimentar. Do contrário, é perigoso, o moço simplesmente acreditou, imaginou que estava morto, e morreu.

Se a morte pode ocorrer mediante a imaginação, por que não a vida, por que não mais vida?

Esta técnica se apóia no poder da imaginação. *Imagina o espírito simultaneamente dentro e ao redor de ti até que todo o universo se espiritualize.*

Simplesmente sente-se em um lugar solitário no que ninguém te incomode; uma habitação vazia e apartada bastará. Ou se pode conseguir algum sítio fora, será melhor, porque quando está perto da natureza é mais imaginativo. Quando só há coisas feitas pelo homem a seu redor, é menos imaginativo. A natureza está sonhando, e te dá uma força sonhadora. Solo te volta mais imaginativo; por isso tem medo quando está sozinho. Não é que vão incomodar te os fantasmas, mas quando está sozinho, sua imaginação pode funcionar, e sua imaginação pode criar fantasmas ou algo que queira que faça. Quando fica sozinho, sua imaginação é mais potencial; quando há alguém mais, sua razão tem as rédeas, porque sem a razão não pode te relacionar com outros. Quando não há ninguém mais, a mente se relaxa e retorna a uma capa mais imaginativa do ser. Quando está sozinho, a imaginação começa a funcionar.

feito-se muitos experimentos com a privação sensorial. Se se pode privar a uma pessoa de todo estímulo sensorial -se te encerra em uma habitação tirada o som em que não entre nada de luz, sem nenhuma possibilidade de te relacionar com nenhum outro ser humano; sem imagens nas paredes sem nada na habitação com o que possa te relacionar-, depois de uma, duas ou três horas começará a te relacionar contigo mesmo. Voltará-te imaginativo. Começará a te falar com ti mesmo. Perguntará e te responderá. Começará um monólogo no que estará dividido. Então, de repente, começará a sentir muitas coisas que não pode compreender. Começará para ouvir sons, mas a habitação está tirada o som, não pode entrar nenhum som. Está-o imaginando. Pode que comece a cheirar perfumes, mas não há nenhum perfume. Está-o imaginando. depois de trinta e seis horas de privação sensorial, não pode distinguir entre o real e o imaginário; impossível. depois de trinta e seis horas de privação sensorial, a imaginação se volta realidade e a realidade se volta ilusória.

Por isso, na antigüidade os buscadores se foram às montanhas, a lugares solitários, nos que podiam perder a capacidade de distinguir entre o real e o irreal. Uma vez que se perde, sua imaginação cobra toda sua força. Agora pode usá-la e pode ser criativo com ela.

Para esta técnica, sente-se em um lugar isolado; se o entorno for natural, isso é bom; se não, uma habitação também servirá. Então fecha os olhos e imagina que sente uma força espiritual dentro e fora. Está fluindo dentro de ti um rio de consciencia e está indo por toda a habitação, transbordando. Dentro e fora, ao redor de ti, em todas partes, o espírito está presente, a energia está presente. E não imagine só na mente; começa a senti-lo dentro do corpo, seu corpo começará a vibrar. Se sentir que seu corpo começou

a vibrar, isso mostra que a imaginação começou a funcionar. Sente que pouco a pouco todo o universo é espiritualizado, tudo, as paredes da habitação, as árvores que lhe rodeiam, tudo se tornou não material, tornou-se espiritual. Já não existe a matéria.

Além disso, isso é a realidade. Os físicos dizem que a matéria é ilusória e a energia é real, e quando vê coisas sólidas, essa solidez é só uma aparência, não existe. Segundo os físicos aprofundam no mundo da matéria, a matéria desaparece. Só a energia, a energia imaterial, permanece indefinível.

Por meio da imaginação está chegando a um ponto no que, mediante seu esforço consciente, está destruindo as estruturas do intelecto, as pautas do intelecto. Sente que não há matéria, só energia, só espírito, dentro e fora. Logo sentirá que «dentro» e “fora” não desapareceram. Quando seu corpo se volta espiritual e sente que é energia, então não há distinção entre dentro e fora. Confine-os desapareceram.

Agora só há um fluxo, um oceano, vibrando. Além disso, isto é o real, está chegando ao real por meio da imaginação.

O que está fazendo a imaginação? A imaginação só está destruindo os velhos conceitos, a matéria, as velhas pautas da mente que seguem olhando as coisas de uma certa maneira. A imaginação os está destruindo. E então a realidade será revelada.

Imagina o espírito simultaneamente dentro e ao redor de ti até que todo o universo se espiritualize; até que sinta que todas as distinções desapareceram, todos os confine se não dissolvem e o universo se tornou um oceano de energia. Além disso, isso é a realidade. Mas quanto mais aprofunde com esta técnica, mais te assustará. Parecerá-te que te está voltando louco, porque sua prudência a constituem as distinções, sua prudência a constitui esta suposta realidade, e quando a realidade começa a desaparecer, sentirá que simultaneamente está desaparecendo sua prudência. Os Santos e os dementes entram em um mundo que está além do que chamamos realidade. Ambos entram, mas os dementes caem e os Santos vão mais à frente. A diferença é muito pequena, mas também muito grande. Se sem nenhum esforço por sua parte perde sua mente e a capacidade de distinguir o real do irreal, será um demente. Mas se destruir os conceitos com um esforço consciente, voltará-te no-mente, não demente.

Essa no-mente é a dimensão da religião. Está além da prudência. Mas é necessário o esforço consciente. Não deveria ser uma vítima, a não ser seguir sendo o amo e senhor. Quando é seu esforço o que está destruindo as pautas da mente, mira a realidade sem pautas.

A realidade sem pautas é a única realidade; a realidade com pautas é uma imposição. Por isso, os antropólogos dizem agora que toda sociedade, toda cultura, olhe a mesma realidade mas vê uma realidade diferente, porque suas pautas, seus conceitos, são diferentes. Há muitas culturas no mundo, culturas primitivas. Olham o mesmo mundo de uma maneira muito diferente; sua interpretação é totalmente diferente. A realidade é a mesma para nós e para eles, mas a pauta pela que se olhe é diferente. Por exemplo, os budistas dizem que não há substância no mundo, que o mundo é um processo. Não há nada substancial. Tudo está em movimento; ou pode que nem sequer essa seja a expressão correta. O movimento é o único. Quando dizemos que tudo está em movimento, está presente outra vez a velha falácia, é como se houvesse algo que se está movendo. Buda diz que não há nada que esteja movendo-se, só há movimento. Isso é tudo o que existe.

De modo que em um país budista como Tailândia ou Birmanian não têm nenhuma palavra equivalente a «é» em suas línguas. Quando se traduziu pela primeira vez a Bíblia ao tailandês, supôs um problema, porque na Bíblia se diz que «Deus é». Não pode dizer que «Deus é» em birmanes ou em tailandês; não se pode dizer. O que digam significará: «Deus está formando-se.» Tudo está movendo-se, nada é. Quando um

birmanes olhe o mundo, vê movimento. Quando olhamos nós, especialmente quando olhe a mente ocidental apoiada no pensamento grego, não há processo, só substância. Há coisas mortas, não movimentos. Inclusive quando olha um rio, vê o rio como «ser». O rio não existe, o rio é simplesmente um movimento, algo que está formando-se continuamente. E nunca chega um ponto no que pode dizer que já se formou; é um processo sem fim. Quando olhamos uma árvore, dizemos que a árvore «é». A língua birmanas não tem nada que dizer. Só podem dizer que a árvore está formando-se, a árvore está fluindo, a árvore está crescendo, a árvore está em curso. Se se cria ao menino com esta pauta na cabeça, então tudo é um processo; o mundo, a realidade, será totalmente diferente. É diferente para ti..., e a realidade é uma e a mesma. Mas que mente aplica para interpretá-la? Então troca.

Recorda uma coisa básica, a não ser que despreze a pauta de sua mente, a não ser que seja «despautado», a não ser que seu condicionamento seja descartado e seja desacondiçãoado, não saberá o que é a realidade, só conhecerá interpretações. Essas interpretações são a elaboração de sua própria mente.

A realidade sem pautas é a única realidade. E esta técnica é para te ajudar a tirar as pautas, a desacondiçãoar, a dissolver da mente as palavras que se acumularam nela. Não pode olhar devido a elas. Tudo o que te parece real, deixa que se dissolva.

Imagina energia, não substância -nada estático, a não ser processo, movimento, ritmo, dança-, e segue imaginando até que todo o universo se espiritualize. Se persistir, em um prazo de três meses de trabalhar intensamente durante uma hora ao dia, pode entrar nessa sensação. Em um prazo de três meses pode ter uma sensação diferente de toda a existência que te rodeia. Já não há matéria; só existência imaterial, oceânica, só ondas, vibrações. Quando acontece isto, sabe o que é Deus. Esse oceano de energia é Deus. Deus não é uma pessoa, Deus não está em alguma parte sentado em um trono no céu; não há ninguém sentado ali. Deus é a totalidade de tudo o que existe. A totalidade da energia criativa da existência é Deus. Mas temos uma pauta de pensamento.

Dizemos que Deus é o criador. Deus não é o criador; mas bem, Deus é a força criativa, a criação mesma.

foi metido à força em nossas mentes uma e outra vez que, em algum momento passado, Deus criou o mundo... e nesse momento acabou a criação. Os cristãos sustentam que Deus criou o mundo em seis dias e o sétimo dia descansou. É por isso que o sétimo dia, no domingo, é um dia de descanso. Deus se tomou um descanso esse dia. Em seis dias criou o mundo, para sempre jamais, e após não houve criação. Desde o sexto dia não houve criação. Este é um conceito muito morto.

O tantra diz que Deus é a criatividade mesma. A criação não é um sucesso histórico em algum momento passado, está acontecendo em todo momento; Deus está criando em todo momento. Mas, de novo, a linguagem cria um problema e dizemos: «Deus está criando.» Parece que Deus é alguém que está criando. Não, a criatividade mesma que segue acontecendo e acontecendo em cada momento é Deus. De modo que está na criação em todo momento. Este é um conceito muito vivo. Não é que Deus tenha criado algo em alguma parte e após não tenha havido nenhum diálogo entre o homem e Deus, não tenha havido realmente nenhuma conexão, nenhuma relação, ele criou e se acabou. O tantra diz que está sendo criado a cada momento; a cada instante está em uma funda relação com o divino, com a fonte da criatividade. Este é um conceito muito vivo.

Mediante esta técnica terá um vislumbre da força criativa, dentro e fora. E uma vez que possa sentir a força criativa e seu contato, seu impacto, será totalmente diferente, não voltará a ser o mesmo. Deus entrou em ti. Tornaste-te uma morada.

Segunda técnica: *Com toda sua consciencia no começo mesmo do desejo, do saber, sabe.*

O básico a respeito desta técnica é *toda sua consciencia*. Se pode pôr toda sua consciencia em algo, voltará-se uma força transformadora. A transformação acontece quando está inteiramente em algo..., em algo. Mas isso é difícil, porque em qualquer lugar que estamos, só estamos aí em parte, nunca inteiramente.

Está aqui me escutando. Esta mesma escuta pode voltar uma transformação. Se estiver aqui inteiramente, aqui e agora este mesmo momento, se escutar é sua totalidade, essa escuta se voltará uma meditação. Entrará em um âmbito diferente de êxtase, uma realidade separada. Mas não está inteiramente. Esse o problema com a mente humana, sempre é parcial. Uma parte está escutando; pode que outras partes estejam em algum outro sítio, ou pode que estejam dormidas, ou pode que estejam pensando no que se está dizendo, ou discutindo por dentro. Isso cria uma divisão e a divisão é um esbanjamento de energia. Assim é que, quando estiver fazendo algo, ponha todo seu ser nisso. Quando não está inibindo nada, quando nem sequer uma pequena parte está separada, quando deste um salto, total, inteiro, todo seu ser entrou nele, então qualquer ato se volta meditativo.

conta-se que um dia Rinzai estava trabalhando em seu jardim

-Rinzai era um professor Zen- e lhe aproximou alguém. O homem tinha vindo a fazer algumas perguntas filosóficas. Era um buscador filosófico. Não sabia que o homem que estava trabalhando no jardim era o próprio Rinzai. Pensou que devia ser um jardineiro, um servente, assim perguntou: «Onde está Rinzai?».

Rinzai disse: «Rinzai sempre está aqui.» É óbvio, o homem pensou que parecia que este jardineiro estava louco, porque disse que Rinzai sempre estava aqui. De modo que pensou que não estaria bem lhe voltar para perguntar algo a este homem, e se apartou para lhe perguntar a algum outro. Rinzai disse: «Não vá a nenhuma parte, porque não lhe encontrará em nenhuma parte. Sempre está aqui.» Mas o homem escapou deste louco.

Então perguntou a outros, e lhe disseram: «O primeiro homem com quem te encontrou é Rinzai.»

Assim voltou e disse: «me perdoe, sinto muito, pensei que estava louco. vim a indagar a respeito de algo. Quero saber o que é a verdade. O que devo fazer para sabê-lo?»

Rinzai disse: «Faz o que queira, mas faz-o totalmente.»

O importante não é o que faça; isso é irrelevante. O importante é que o faça totalmente.

«Por exemplo», disse Rinzai, «quando estou cavando este buraco na terra, minha totalidade está no ato de cavar. Não fica fora nada do Rinzai. A totalidade está na cavada. Em realidade, não fica ninguém que cave; só fica cavada. Se ficar o que cava, então está dividido.»

Está-me escutando. Se ficar o que escuta, então não é total. Se só houver a escuta e não ficar ninguém que escuta, então é total, aqui e agora. Então este mesmo momento se volta uma meditação.

Neste sutra, Shiva diz: *Com toda sua consciencia no começo mesmo do desejo, do saber, sabe.* Se surgir um desejo dentro de ti, o tantra não diz que lute com ele. Isso é fútil. Ninguém pode lutar com um desejo. É também uma tolice, porque sempre que começa a lutar com algo dentro de ti, está lutando contigo mesmo, volta-te

esquizofrênico, sua personalidade está dividida. E todas estas supostas religiões lhe dão dito: «Isto é mau. Não faça isto.» Se chegar o desejo, o que terá que fazer? Segue lutando com o desejo. O tantra diz que não lute com o desejo. Mas isso não significa que entregue a ele. O tantra te dá uma técnica muito sutil. Quando surgir o desejo, estate alerta justo ao princípio com sua totalidade. Olha-o com sua totalidade. te volte o olhar; não deixe atrás ao que olhe. Ponha toda sua consciencia neste desejo que surge. Este é um método muito sutil, mas maravilhoso. Seus efeitos são milagrosos.

Terá que compreender três coisas. Em primeiro lugar, quando o desejo já surgiu não pode fazer nada. Então seguirá todo seu curso, completará seu círculo, e não pode fazer nada. Justo ao princípio se pode fazer algo; terá que queimar a semente imediatamente. Uma vez que a semente germinou e a árvore começou a crescer, é difícil, quase impossível, fazer algo. Faça o que faça criará mais angústia, esbanjamento de energia, frustração, debilidade. Quando surgir o desejo, justo ao princípio, à pequena titilación de que está surgindo um desejo, leva toda sua consciencia, a totalidade de seu ser a olhá-lo. Não faça nada. Não é necessário nada mais. Com a totalidade do ser, o olhar é tão ardente que a semente se queima, sem nenhuma luta, sem nenhum conflito, sem nenhum antagonismo. Só um olhar profundo com a totalidade do ser, e o desejo que chega desaparece completamente.

E quando um desejo desaparece sem luta, deixa-te tão poderoso, com uma energia tão imensa, com uma consciencia tão tremenda, que não pode imaginá-la. Se lutas, será derrotado. Inclusive se não ser derrotado e vence ao desejo, isso também equivalerá ao mesmo. Não ficará energia. Sentirá-se frustrado vença ou seja vencido. Em ambos os casos, estará fraco ao final, porque o desejo estava usando sua energia para lutar e você estava usando a mesma energia para lutar. A energia vinha da mesma fonte, estavam tirando da mesma fonte, de modo que a fonte se debilitará independentemente de qual seja o resultado. Mas se o desejo desaparece justo ao princípio, sem nenhum conflito - recorda, isto é básico, sem nenhuma luta, com apenas um olhar, nem sequer um olhar antagônico, nem sequer com a intenção de destruir, sem hostilidade, só um olhar total-, na intensidade desse olhar total a semente se queima. E quando o desejo, o desejo que surge, desaparece, como a fumaça no céu, fica com uma energia tremenda. Essa energia mesma é a sorte. Dará-te uma beleza própria, uma graça.

Os supostos Santos que estão lutando com seus desejos sempre são feios. Quando digo feios me refiro a que sempre são mesquinhos, sempre estão lutando. Toda sua personalidade se volta desgracioso, e sempre são débeis, sempre lhes falta energia, porque toda sua energia se consome na luta interna. Buda é totalmente diferente, e a graça que chegou à personalidade da Buda é a graça dos desejos desaparecendo sem nenhuma conflito ou luta sem nenhuma violência interna.

Com toda sua consciencia no começo mesmo do desejo, do saber, sabe. Nesse mesmo momento, simplesmente sabe, olhe, vê. Não faça nada. Não é necessário nada mais. O único que se precisa é que a totalidade de seu ser esteja aí presente. É necessária sua presença total. Este é um dos segredos de alcançar a iluminação suprema sem nenhuma violência. E recorda, não pode entrar no reino de Deus com violência. Não, essas portas nunca se abrirão para ti, independentemente de quanto chame. Chama e segue chamando; pode que te rompa a cabeça, mas essas portas nunca se abrirão. Mas para os que no profundo de si são não violentos e não lutam com nada, essas portas estão sempre abertas; nunca estiveram fechadas.

Jesus disse: «Chama e as portas lhe serão abertas.» Eu te digo que nem sequer é necessário chamar. Olhe, as portas estão abertas. Sempre estiveram abertas. Nunca estiveram fechadas. Simplesmente olhe profundamente, inteiramente, totalmente, completamente.

104 Os limites da percepção.

Terceira técnica: *OH, Shakti, cada percepção particular é limitada, desaparecendo na onipotência.*

Tudo o que vemos é limitado, tudo o que sentimos é limitado, todas as percepções são limitadas. Mas se pode ser consciente, então cada coisa limitada está desaparecendo no ilimitado. Olhe o céu. Verá uma parte limitada dele, não porque o céu é limitado, mas sim porque seus olhos são limitados, seu enfoque é limitado. Mas se pode tomar consciência de que esta limitação se deve ao enfoque, deve-se ajojar, de que não é o céu o que é limitado, então verá os limites fundindo-se no ilimitado. Tudo o que vemos se volta limitado devido a nosso ser. De outro modo, a existência é ilimitada; de outro modo, tudo está fundindo-se em outra coisa. Tudo está perdendo seu limite; a cada momento as ondas estão desaparecendo no oceano; e nada tem fim e nada tem começo. Tudo é também todo o resto.

A limitação a impomos nós. É devido a nós, a que não podemos ver o infinito, que a dividimos. Temo-lo feito contudo. Faz uma perto em torno de sua casa e diz: «Esta terra me pertence e além da perto é a terra de outro.» Mas no fundo sua terra e a de seus vizinhos são uma. A perto existe devido a ti. A terra não está dividida; os vizinhos e você estão divididos... devido a sua mente.

As nações estão divididas devido a sua mente. Em alguma parte, Índia acaba e começa o Paquistão, mas faz só uns poucos anos a Índia estava onde agora está o Paquistão. Então a Índia continuava até os limites do Paquistão, até os limites atuais. Mas agora o Paquistão está dividido; há uma barreira. Mas a terra segue sendo a mesma.

ouvi uma história que aconteceu quando a Índia e Paquistão foram divididos. Havia um manicômio, um hospital psiquiátrico, justo na fronteira entre a Índia e Paquistão. Aos políticos não preocupava onde iria o manicômio, ao Paquistão ou a Índia, mas o diretor estava muito preocupado. Assim perguntou onde ia estar o manicômio, se ia estar na Índia ou no Paquistão.

Alguém lhe informou desde o Delhi que devia perguntar aos internos, aos loucos, e que votassem aonde queriam ir.

O diretor era o único que não estava louco, e tratou de explicá-lo. Reuniu a todos os loucos e lhes disse: «Agora depende de vós; podem ir aonde queiram. Se querem ir a Índia, podem ir a Índia. Se querem ir ao Paquistão, podem ir ao Paquistão.» Mas os loucos disseram: «Queremos ficamos aqui. Não queremos ir a nenhuma parte.»

Ele tentou e tentou explicá-lo. Disse: «Ficarão aqui; não lhes preocupem por isso. Ficarão aqui, mas onde querem ir?»

Aqueles loucos disseram: «A gente diz que estamos loucos, mas você parece mais louco. Diz que ficará aqui, e que ficaremos aqui, assim por que preocupar-se com ir a nenhuma parte?»

O diretor não tinha nem idéia de como explicar todo o assunto. Só havia uma maneira. Construiu um muro, e dividiu o manicômio em duas partes iguais. Uma parte se voltou a Índia; a outra parte se voltou o Paquistão. E se conta que alguns loucos do manicômio do Paquistão saltaram o muro, e os loucos da Índia também saltaram o muro, e ainda estão confusos sobre o que está acontecendo. «Estamos no mesmo sítio, e lhes fostes ao Paquistão e fomos a Índia, e ninguém foi a nenhuma parte!»

Esses loucos estão abocados a permanecer muito confusos; nunca poderão compreender, porque no Delhi e no Karachi há gente mais louca.

Seguimos dividindo. A vida, a existência, não está dividida. Todas as demarcações as tem feito o homem. São úteis se não te voltar louca com elas e se souber que são simplesmente artificiais, feitas pelo homem, utilitárias, não reais, não verdadeiras; que são só mitos, que podem ajudar mas não têm mais profundidade.

OH, Shakti, cada percepção particular é limitada, desaparecendo na onipotência. De modo que, quando vir um pouco limitado, recorda sempre que, mais à frente, o limite está desapareciendou, a limitação está desaparecendo. Olhe sempre mais e mais à frente.

Isto pode convertê-lo em uma meditação. Simplesmente sente-se sob uma árvore e olhe, e independentemente do que veja, verá lá, olhe mas lá, e não pares em nenhuma parte. Encontra onde se está fundindo esta árvore. Esta árvore, esta pequena árvore de seu jardim, tem toda a existência nele. Está fundindo-se a cada momento. Se o Sol não sair amanhã, esta árvore morrerá, porque a vida desta árvore está ligada à vida do Sol. A distância entre eles é muito grande; os raios demoram um tempo em chegar à Terra, demoram dez minutos. Dez minutos é muito tempo, porque a luz viaja a uma velocidade muito elevada, tremenda. A luz viaja a quase trezentos mil quilômetros por segundo, e a luz demora dez minutos em chegar do Sol a esta árvore. A distância é tremenda, enorme. Mas se o Sol deixa de existir, a árvore desaparecerá imediatamente. Existem juntos. A árvore está fundindo-se com o Sol a cada momento, e o Sol está fundindo-se com a árvore. A cada momento o Sol está fundindo-se com a árvore fazendo que viva... A outra coisa ainda lhe é desconhecida à ciência, mas a religião diz que também está acontecendo outra coisa..., porque a vida não pode existir sem resposta. Se o Sol lhe está dando vida à árvore, a árvore deve estar lhe devolvendo vida ao Sol, porque na vida sempre há uma resposta, e a energia se equilibra. A árvore deve estar lhe dando vida ao Sol. São um. Então a árvore desapareceu, a limitação desapareceu.

Em qualquer lugar que olhe, olhe mais à frente e não pares em nenhuma parte. Segue e segue e segue, até que perca sua mente, até que perca todas suas pautas limitadas. de repente estará iluminado. Toda a existência é uma. Essa unidade é a meta. E de repente a mente se cansa da pauta, a limitação, o limite..., e conforme insiste em ir mais à frente, conforme vai empurrando-a mais e mais à frente, a mente vai minguando, de repente cessa, e miras a existência como uma unidade imensa, tudo transformando-se no outro.

OH, Shakti cada percepção particular é limitada, desaparecendo na onipotência. Pode convertê-lo em uma meditação. Sente-se durante uma hora e trabalha com isso. Não crie limitações em nenhuma parte. Independentemente de qual seja a limitação, tenta encontrar o mais à frente, e segue e segue avançando. A mente se cansa logo, porque a mente não pode fazer frente ao ilimitado. Só pode relacionar-se com o limitado. Com o ilimitado não pode relacionar-se, aborrece-se, cansa-se, diz: «Já basta!, para!». Mas não pares, segue avançando. Chegará um momento em que a mente fique atrás e só se mova a consciencia. Nesse momento terá a iluminação da unidade, da não-dualidade. Essa é a meta. Esse é o topo mais alta da consciencia. E esse o maior êxtase possível para a mente humana, e a sorte mais profunda.

105 Cai na conta da unidade da existência.

Quarta técnica: *Verdadeiramente as formas estão fundidas. Fundidos estão o ser onipresente e sua própria forma. Cai na conta de que cada um é feito desta consciencia.*

Verdadeiramente as formas estão fundidas. Parecem separadas, mas toda forma está unida com outras formas. Existe...; em realidade, é mais correto dizer que coexiste com outras formas. Nossa realidade é uma coexistência. É realmente uma inter-realidade, uma inter-subjetividade.

Por exemplo, imagine solo na Terra. O que será? Toda a humanidade desapareceu; ficaste-te sozinho depois de uma terceira guerra mundial, solo no mundo, solo nesta grande Terra. Quem será?

O primeiro é que é impossível te conceber sozinho. É impossível, digo, te conceber sozinho. Tentará-o e o tentará e verá que há alguém aí -sua mulher, seus filhos, seus amigos-, porque não pode existir sozinho, nem sequer na imaginação. Existe com outros. Eles lhe dão existência. Contribuem. Você contribui com eles, e eles contribuem contigo.

Quem será? Será um homem bom ou um homem mau? Não se pode dizer nada, porque a bondade e a maldade existem em relação. Será bonito ou feio? Não se pode dizer nada. Será um homem ou uma mulher? Não se pode dizer nada, porque tudo o que é, é-o relacionado com alguém mais. Será sábio ou tolo? Pouco a pouco verá que toda forma desapareceu. E com estas outras formas desapareceram também todas as formas dentro de ti. Não é nem tolo nem sábio, nem bom nem mau, nem feio nem bonito, nem homem nem mulher. Então, o que será? Se segue eliminando todas as formas, logo te dará conta de que só permanece um nada. Vemos as formas como separadas, mas não o estão. Toda forma está conectada com outras. As formas existem em um padrão.

Este sutra diz, *Verdadeiramente as formas étán fundidas. Fundidos estão o ser onipresente e sua própria forma.* Inclusive sua forma e a forma de toda a existência estão fundidas. É um com ela. Não pode existir sem ela. E o outro também é verdade, embora seja difícil de conceber, o universo não pode existir sem ti. O universo não pode existir sem ti, de igual forma que você não pode existir sem o universo. estiveste existindo sempre em muitíssimas formas, e sempre existirá em muitíssimas formas. Mas existirá. É uma parte intrínseca deste universo. Não é alheio, não é um estranho nele, não é um estrangeiro.

É uma parte integrante, uma parte intrínseca. E o universo não pode permitir-se te perder, porque se te perde, perderá-se a si mesmo. As formas não estão separadas, estão inseparadas. São uma. Só a aparência dá demarcações e confine. Isto pode converter-se em uma realização se refletir sobre isso, se afundar nisso; converte-se em uma realização, não uma doutrina, não um pensamento, a não ser uma realização de que «sim, sou um com o universo e o universo é um comigo».

Isto é o que Jesus lhes estava dizendo aos judeus. Mas se sentiram ofendidos porque *Jesus* disse: «Eu e meu pai do céu somos um.» Os judeus se sentiram ofendidos. O que estava afirmando? Estava afirmando que ele e Deus são um? Isto era uma blasfêmia. Devia ser castigado. Mas simplesmente estava ensinando uma técnica, nada mais. Simplesmente estava ensinando a técnica de que as formas não estão separadas, de que você e a totalidade são um: «Eu e meu pai do céu somos um.» Mas isto não era uma pretensão, a não ser só uma técnica sugerida. E quando Jesus dizia: «Eu e meu pai somos um», não queria dizer que você e o pai e o divino estão separados. Quando, dizia «eu», estavam representados todos os «eus». Sempre que existe um «eu», esse «eu» e o divino som um. Mas pode entender-se mau, e tanto os judeus como os cristãos o entenderam mau. Inclusive os cristãos o entenderam mau; porque dizem que ele era o filho unigénito de Deus, o unigénito, de modo que ninguém mais pode afirmar que ele também é um filho de Deus.

Estive lendo um livro muito divertido. titula-se *Três Cristos*. Em um manicômio havia três homens, e os três afirmavam que eram Cristo -isto é um fato real, não uma

história-, assim é que um psicanalista estava lhes estudando aos três. Então lhe ocorreu que seria muito divertido lhes apresentar mutuamente para ver o que acontecia: como se apresentariam e qual seria sua reação. De modo que os reuniu e os deixou em uma habitação para que se apresentassem a si mesmos.

O primeiro disse: «Sou o filho unigênito, Jesucristo.»

O outro riu, e pensou para si que este homem devia estar louco! Disse: «Como pode ser isso? Eu sou Jesucristo. Você também forma parte dessa totalidade. Também há em *ti* um fragmento dessa consciencia. Mas Jesucristo, o filho único de Deus..., esse sou eu.»

O terceiro pensou que os dois eram tolos, que ambos se tornaram loucos. Disse: «Do que estão falando? me olhem. Aqui está o filho de Deus.»

Logo o psicanalista lhes perguntou por separado: «Qual é sua reação?».

Todos eles disseram: «Os outros dois estão loucos. Os outros dois se tornaram loucos.»

E isto não acontece só com os loucos. Se os perguntas aos cristãos o que pensam a respeito da Krishna -porque ele afirma que é Deus-, dirão que só há uma penetração do mais à frente, que é Jesucristo. E só uma vez na História penetrou Deus no mundo, e foi com o Jesucristo. Krishna é bom, é um grande homem, mas não é divino, não é Deus mesmo.

Se os perguntas aos hindus, rirão do Jesus. Está acontecendo a mesma loucura, e a realidade é que *todo mundo* é o filho unigênito de Deus..., todo mundo. O contrário não é possível. Vem da mesma fonte, já seja Jesus ou Krishna ou A, B, C, qualquer ou ninguém, vem da mesma fonte. E todo «eu», toma consciencia, está imediatamente relacionada com o divino. Jesus só estava dando uma técnica se entenderam mau.

Esta técnica é a mesma. *Verdadeiramente as formas estão fundidas. Fundidos estão o ser onipresente e sua própria forma. Cai na conta de que cada um é feito desta consciencia.* Não caia só na conta de que você é feito desta consciencia; cai também na conta de que tudo o que te rodeia é feito desta consciencia. Como é fácil cair na conta de que *você* é feito desta consciencia, pode te dar uma sensação muito egotista, pode ser uma profunda satisfação para o ego. Mas date conta de que o resto também o está; então se converte em humildade.

Quando tudo é divino, não pode ter uma mente egotista. Quando tudo é divino, tem que ser humilde. Então é impossível ser alguém, ou estar por cima; então toda a existência é divina, e em qualquer lugar que olhe, miras o divino.

Tanto o que olhe como o cuidadoso são divinos, porque as formas não estão separadas. debaixo de todas as formas está oculta uma ausência de forma.

Capítulo 76

A Vida é Energia Sexual

Perguntas

O tantra não parece ter muito que ver com o sexo.

Como se relacionam a ignorância e a iluminação?

por que está Krishnamurti contra as técnicas?

Os prós e os contra de criar sistemas.

Primeira pergunta:

Sempre ouvimos que o tantra tem que ver basicamente com a energia sexual e com técnicas do centro sexual, mas você diz que o tantra o inclui tudo. Se houver algo de verdade na primeira afirmação, a maioria das técnicas que há no Vigyam Bhairav Tantra não parecem ser tântricas. É isto verdade?

O primeiro é compreender a energia sexual. Tal como você a entende, é só uma parte, um fragmento da força vital, mas tal como a entende o tantra, é simplesmente um sinônimo da vida. Não é uma parte, não é fragmento, é a vida mesma. De modo que quando o tantra diz «energia sexual», quer dizer «energia vital». Isto também é assim no conceito freudiano da energia sexual. Freud também foi muito mal entendido no Ocidente. Às pessoas lhe pareceu que estava reduzindo a vida ao sexo, mas estava fazendo quão mesmo o tantra veio fazendo durante tanto tempo.

A vida é sexo. A palavra «sexo» não se reduz à reprodução; todo o jogo da energia vital é sexo. A reprodução é só uma parte desse jogo. Sempre que se unem duas energias -negativa e positiva- entrou o sexo.

É difícil de entender. Por exemplo, está-me escutando; se perguntas ao Freud, ou se perguntas aos professores tântricos, dirão que escutar é passivo, feminino, e falar é masculino. Falar é uma penetração, e você está receptivo a ela. Entre o que fala e o que escuta está acontecendo um ato sexual, porque o que fala está tratando de te penetrar e o que escuta está recebendo. A energia no que escuta se tornou feminina, e se o que escuta não se tornou feminino, não haverá nenhum fenômeno de escuta. É por isso que o que escuta tem que estar totalmente passivo. Não deveria pensar enquanto está escutando, porque pensar lhe fará ativo. Não deveria estar argumentando por dentro, porque argumentar lhe fará ativo. Enquanto esteja escutando, deveria estar simplesmente escutando, sem fazer nada mais. Só então pode penetrar a mensagem e iluminar-se. Mas então o que escuta se tornou feminino.

A comunicação só acontece quando um se tornou masculino e o outro se tornou feminino; do contrário não pode haver comunicação. Cada vez que se unem o negativo e o positivo, acontece o sexo. Pode que seja em um plano físico, a eletricidade positiva e negativa se unem e acontece o sexo. Sempre que se unem as polaridades, que se unem os opostos, é sexo. De modo que sexo é um término muito amplo, muito extenso; não tem que ver só com a reprodução. A reprodução é só um tipo de fenômeno que se inclui no sexo. O tantra diz que quando chegam dentro de ti a sorte e o êxtase supremos, seus próprios pólos positivo e negativo chegaram a unir-se; porque todo homem é homem e mulher, e toda mulher é homem e mulher. Não nasceste só da mulher ou do homem, mas sim da união dos opostos. Seu pai contribuiu, sua mãe contribuiu. É metade sua mãe e metade seu pai, e ambos coexistem dentro de ti. Quando se unem dentro, acontece o êxtase.

Buda sentado sob sua árvore *bodhi* está em um profundo orgasmo interno. As forças internas se uniram, fundiram-se a uma com a outra. Já não será necessário procurar uma mulher fora, porque aconteceu o encontro com a mulher interna. E Buda não está apegado, não tem apego à mulher externa, não porque esteja contra a mulher, mas sim porque o fenômeno supremo aconteceu dentro. Já não há necessidade. completou-se um círculo interno; agora está inteiro. Por isso há tanta graça no rosto da Buda. É a graça de estar completo. Já não falta nada, aconteceu uma profunda realização, já não há mais viagem. alcançou o destino supremo. As forças internas chegaram a uma união e já não há conflito. Mas é um fenômeno sexual.

A meditação é um fenômeno sexual; por isso se diz que o tantra se apóia no sexo, orienta-se ao sexo..., e todas estas cento e doze técnicas são sexuais.

Em realidade, nenhuma técnica meditativa pode ser não-sexual. Mas tem que compreender a amplitude do término «sexo». Se não a compreender, estará confuso, e haverá mal-entendidos.

De modo que quando o tantra diz «energia sexual» se refere ao *étan vital*, à energia vital mesma. São sinônimos. O que chamamos sexo é tão somente uma dimensão da energia vital. Há outras dimensões. E, verdadeiramente, deveria ser assim. Vê uma semente germinando, em alguma parte estão saindo flores em uma árvore, os pássaros estão cantando...; todo o fenômeno é sexual. É a vida manifestando-se de muitas formas. Quando o pássaro está cantando, é uma chamada sexual, uma incitação. Quando as flores estão atraindo às mariposas e às abelhas, é uma incitação, porque as abelhas e as mariposas levarão as sementes da reprodução. As estrelas se estão movendo no espaço... Ninguém se ocupou ainda disso, mas um dos conceitos tântricos mais antigos é que há planetas masculinos e planetas femininos; do contrário, não haveria movimento. Deve ser assim, porque é necessária a polaridade, é necessário o oposto para criar magnetismo, para criar atração. Os planetas devem ser masculinos e femininos.

Tudo deve estar dividido nestas duas polaridades. E a vida é um ritmo entre estes dois opostos. Repulsão e atração, aproximar-se e afastar-se...; estes são os ritmos.

O tantra usa a palavra «sexo» sempre que se unem os opostos é um fenômeno sexual. E todo o propósito da meditação é como fazer que se unam os opostos internos. De modo que estes cento e doze métodos são sexuais. Não podem ser outra coisa, não há nenhuma outra possibilidade. Mas trata de compreender a amplitude do término «sexo».

Segunda pergunta:

Disse que a existência é uma totalidade, que tudo está relacionado, que as coisas estão fundindo-se entre elas, que a árvore não pode existir sem o Sol e o Sol tampouco pode existir sem a árvore. Com respeito a isto, explica, por favor, como a ignorância e a iluminação estão relacionadas entre si.

Estão relacionadas. A iluminação e a ignorância são dois pólos opostos. A iluminação só pode existir porque existe a ignorância. Se a ignorância desaparecesse do mundo, a iluminação desapareceria simultaneamente. Mas, devido a nosso pensamento dualístico, pensamos sempre que os opostos são opostos. São complementares, não são realmente opostos. São complementares; porque a gente não pode existir sem o outro. De modo que não são inimigos; o nascimento e a morte não são inimigos, porque a morte não pode existir se não haver nascimento. O nascimento cria a base para que exista a morte.

Mas se não houvesse morte, o nascimento não poderia existir. A morte cria a base; de modo que sempre que alguém está morrendo, outro está nascendo. Em um ponto há morte; no ponto seguinte imediatamente há nascimento. Parecem opostos, funcionam em oposição no que concerne à superfície, mas no fundo são amigos ajudando-se mutuamente.

É fácil não entender bem o referente à ignorância e a iluminação, porque pensamos que quando um homem se ilumina, a ignorância desapareceu completamente. Este é o ponto de vista corrente com respeito à iluminação, que a ignorância desapareceu completamente. Não, isso não é correto. Mas bem, pelo contrário, quando

uma pessoa se ilumina, a iluminação e a ignorância desapareceram, porque se houver uma, terá que haver a outra; uma não pode existir sem a outra. Existem juntas ou desaparecem juntas. São aspectos de uma só coisa, os dois lados de uma moeda. Não pode fazer que desapareça um lado da moeda e que permaneça o outro.

De modo que quando uma pessoa se volta um buda, nesse momento desapareceram, em realidade, as duas, a ignorância e a iluminação. Só fica consciencia, só fica puro ser, e os opostos conflitivos, contrapostos, que se ajudavam, desapareceram. Por isso, quando pergunta a Buda o que acontece a um homem iluminado, muitas vezes permanece em silêncio. Diz: «Não pergunte isto, porque algo que diga não será verdade. Algo que diga será falsa. Se disser que se tornou silencioso, isso significa que deve existir nele o oposto ao silêncio; se não, como vai se sentir o silêncio? Se disser que se tornou ditoso, então deve haver também angústia. Como vais poder te sentir ditoso sem angústia?».

Buda diz: «Algo que diga será falsa.» De modo que permanece consistentemente em silêncio sobre o estado de uma pessoa iluminada, porque todos nossos términos são duais. Se disser «luz» e alguém insiste: «Define-a», como vais definir a? Terá que introduzir a escuridão; só então pode defini-la. Dirá que há luz onde não há escuridão..., ou algo pelo estilo.

Um dos maiores pensadores do mundo, Voltaire, estava acostumado a dizer que só pode te comunicar se primeiro definir seus términos. Mas isso é impossível. Se tiver que definir a luz, terá que introduzir a escuridão. E então, se se perguntar o que é a escuridão, terá que defini-la usando a luz, que está sem definir. Todas as definições são circulares. estava acostumado a se dizer: «O que é a mente?», e a definição era: «O que não é matéria.» E «O que é a matéria?», e a definição era: «O que não é mente.»

Ambos os términos estão sem definir e está utilizando uma artimanha contigo mesmo. Define um término com outro término que, a sua vez, necessita definição. Toda a linguagem é circular e é necessário o oposto.

De modo que Buda diz: «Nem sequer direi que a pessoa iluminada existe», porque a existência só é possível se também estiver presente a não-existência. Assim é que nem sequer dirá que existe depois da iluminação, porque a existência tem que ser definida com a não-existência. Então não se pode dizer nada, porque toda a linguagem consta de pólos opostos.

Por isso se diz nos Upanishads que se alguém disser que está iluminado, tenha muito claro que não o está, porque como pode sentir que está iluminado? Deve ter ficado um pouco de ignorância, porque é necessário um contraste.

Se escrever em uma piçarra com giz branco, quanto mais negra seja a piçarra, mais branca será a escritura. Não pode escrever em um encerado branco com giz branco. Se o fizer, não haverá escritura; é necessário o contraste. Se sentir que está iluminado, isso mostra que há uma piçarra aí mesmo; só assim poderia senti-lo. Se a piçarra tivesse desaparecido realmente, a escritura também teria desaparecido. Acontece simultaneamente. De modo que um buda não é nem ignorante nem sábio; simplesmente é. Não pode lhe pôr em nenhum pólo de nenhuma dualidade. Ambos os pólos desapareceram.

Quando desaparecem... como acontece? Quando ambos os pólos se unem, anulam-se mutuamente e desaparecem. Pode expressar o de outra forma dizendo que Buda é tanto a pessoa mais ignorante como a mais iluminada. A polaridade foi a seu ponto extremo, houve uma união, e a união anulou ambos. O negativo e o positivo se uniram. Já não há negativo nem positivo, porque se anulam mutuamente. O negativo anulou o positivo, e o positivo anulou o negativo; ambos desapareceram e fica um ser puro, um

ser inocente. Não pode dizer que é sábio, não pode dizer que é ignorante..., ou pode dizer que é ambas as coisas.

Iluminação significa o ponto do que dá um salto ao não-dual. antes desse ponto, há dualidade. Tudo está dividido.

Alguém perguntou a Buda: «Quem é?» Ele riu e disse: «É difícil dizê-lo.»

Mas o homem insistiu. Disse: «Algo se poderá dizer, porque existe. Algo significativo se poderá dizer, porque existe.»

Mas Buda disse: «Não se pode dizer nada. Existo; entretanto, inclusive dizer isso conduz ao falso.»

Então o homem o tentou por outro lado. Perguntou: «É um homem ou uma mulher?».

Buda disse: «É difícil dizê-lo. Antes era um homem, mas então todo meu ser estava atraído pelas mulheres. Quando era um homem, minha mente estava cheia de mulheres, e quando as mulheres desapareceram de minha mente, meu homem também desapareceu com elas. Agora não posso dizê-lo. Não se quem sou e é difícil de definir.»

Quando já não há dualidade, nada pode ser definido. De modo que se for consciente de que te tornaste sábio, isso significa que a necedad persiste. Se pensar que te tornaste ditoso, isso significa que ainda está no mundo, no âmbito da angústia. Se disser que sente um profundo bem-estar, saúde, isso significa que a enfermidade ainda é possível. O oposto te seguirá; se levar um, o outro te seguirá. Tem que deixar ambos. E isso acontece quando ambos se juntam.

De modo que a ciência básica de toda religião é como permitir que se unam seus opostos internos para que desapareçam e não fique nem rastro. Você desaparecerá com o desaparecimento do oposto. Você, tal como é, já não existirá, e surgirá algo totalmente novo e desconhecido, algo inimaginável. A esse algo lhe chama Brahma; pode chamá-lo Deus. Buda prefere o término *nirvana*. A palavra *nirvana* significa simplesmente cessação de tudo o que era, cessação total do passado. E não pode usar sua existência e seu conhecimento passados para definir isto novo. Isto novo é indefinível.

A ignorância e a iluminação também formam parte da dualidade. A nós, Buda nos parece iluminado porque estamos na ignorância. Para o próprio Buda, ele não é nenhuma das duas coisas. Lhe resulta impossível pensar em termos de dualidade.

Terceira pergunta:

Por favor, pode dizemos por que Krishnamurti está contra as técnicas, enquanto que Shiva está a favor de tantas técnicas?

Estar contra as técnicas é simplesmente uma técnica. Não só Krishnamurti está usando essa técnica, mas também foi usada muitas vezes antes. É uma das técnicas mais antigas; não tem nada de novo.

Faz dois mil anos a usou Bodhidharma. Ele introduziu na China o que agora se conhece como *Ch'an* ou budismo Zen. Era um monge hindu, um monge da Índia. Acreditava na não-técnica. O Zen se apóia na não-técnica. Os professores Zen dizem que se fizer algo, errará, porque quem o fará? Você? Você é a enfermidade, e de ti não pode nascer outra coisa. Quem fará o esforço? Sua mente, e sua mente tem que ser destruída; e não pode destruir a mente mesma com a ajuda da mente. Faça o que faça, sua mente se fortalecerá mais.

De modo que o Zen diz que não há nenhuma técnica, nenhum método, não há nenhuma Escritura e não pode haver nenhum gurú. Mas o belo é que o Zen criou os gurús mais sobressalentes, e os professores Zen têm escrito as melhores Escritura do

mundo. E por meio do Zen, milhares e milhares de pessoas alcançaram o *nirvana*; mas eles dizem que não há nenhuma técnica.

De maneira que terá que compreender que a notécnica é, em realidade, uma das técnicas fundamentais. A ênfase está no «não», para que sua mente seja negada. A mente pode ter duas disposições: sim e não. Estas são as duas possibilidades, as duas alternativas, de igual forma que o são em tudo. «Não» é o feminino, e «sim» é o masculino. De modo que pode usar o método do não, ou pode usar o método do sim. Se seguir o método do sim, então há muitos métodos; mas tem que dizer sim, e pode haver muitos sis. Se seguir o não, então não há muitos métodos, só um, porque não pode haver muitos noes.

Observa isto, há tantas religiões no mundo, tantos tipos de teístas. Existem ao menos trezentas religiões agora mesmo. De modo que o teísmo tem trezentos templos, Igrejas, Escrituras. Mas só há um tipo de ateísmo; não pode haver dois. Os ateus não têm seitas. Quando diz que não há Deus, terminou-se. Não pode diferenciar entre dois noes, não pode pôr nenhuma diferença. Mas quando diz: «Sim, Deus existe», então há uma possibilidade de diferença, porque meu sim criará meu próprio Deus, e seu sim criará seu próprio Deus. Pode que seu sim seja dito ao Jesus, pode que meu sim seja dito a Krishna; mas quando diz não, então todos os nos são similares. É por isso que na Terra não há seitas no ateísmo.

Os ateus são todos semelhantes. Não têm nenhuma Escritura, não têm nenhuma igreja. Quando não se tem nenhuma atitude positiva, não há nada sobre o que diferir; um simples «não» é suficiente. O mesmo aconteceu com respeito às técnicas, o “não” tem só uma técnica, o «sim» tem cento e doze, ou são possíveis inclusive muitas mais. Pode criar novas combinações.

Alguém há dito que o método que eu ensino, o método dinâmico de meditação, não está incluído nestes cento e doze métodos. Não está incluído porque é uma nova combinação, mas tudo o que há nele está nos cento e doze métodos. Algumas parte estão em uma técnica; outras partes estão alguma outra técnica. Estes cento e doze são os métodos básicos. Pode criar milhares a partir deles; não tem fim. Qualquer número de combinações é possível.

Mas os que dizem que não há nenhum método só podem ter um método. Não pode criar muito a partir do não. De modo que Bodhidharma, Lin Chi, Bokuju, Krishnamurti têm só um método. Em realidade, Krishnamurti segue a uma sucessão de professores Zen. Está falando Zen. Não há nada novo nisso. Mas o Zen sempre parece novo, e a razão disso é que o Zen não acredita em Escrituras, não acredita na tradição, não acredita nas técnicas.

De maneira que cada vez que volta a surgir o «não», é fresco e novo. O «sim» acredita na tradição, nas Escrituras, nos professores. Sempre que estiver o sim, terá uma larga tradição sem começo. Os que hão dito sim, Krishna ou Mahavira, seguem dizendo que não estão dizendo nada novo.

Mahavira diz: «Antes que eu, vinte e três *tirthankaras* ensinaram o mesmo.» E Krishna diz: «Antes que eu, este iluminado lhe deu esta mensagem a esse iluminado, esse iluminado lhe deu a mensagem a aquele, e foi chegando. Eu não estou dizendo nada novo.»

O «sim» sempre será velho, eterno. O «não» sempre parecerá novo, como se tivesse surto de repente. O “não” não pode ter raízes tradicionais. Está desarraigado. Essa é a razão pela que Krishnamurti parece novo. Não o é.

O que é esta técnica de negar a técnica? Pode ser usada. É uma das formas mais sutis de matar e destruir a mente. A mente trata de aferrar-se a algo que seja um apoio; a mente necessita que haja um suporte, não pode existir no vazio. De modo que cria

muitos tipos de suportes: Iglesias, Escrituras, a Bíblia, o Corán, o Gita. Então é feliz; tem algo ao que aferrar-se. Mas então, com este teimosia, a mente se mantém.

Esta técnica de não-técnica insiste em eliminar todos os suportes, de modo que recalcará que não há nenhuma Escritura. Nenhuma Bíblia pode ajudar, porque a Bíblia não é mais que palavras; nenhum Gita pode ajudar, porque tudo o que chegue ou seja por meio do Gita será emprestado, e a verdade não pode ser emprestada. Nenhuma tradição pode ajudar, porque a verdade tem que ser alcançada autenticamente, individualmente. Tem que chegar a ela; não pode te ser transferida. Nenhum professor lhe pode dar isso porque não é algo como uma propriedade. Não é transferível, não pode ser ensinada porque não é informação. Se te ensinar um professor, só pode aprender palavras, conceitos, doutrinas. Nenhum professor pode te fazer realizado. Essa realização tem que te acontecer a ti.

E tem que acontecer sem nenhuma ajuda. Se acontecer mediante alguma ajuda, então é dependente, e então não pode te conduzir à liberdade suprema, a *moksha*.

Estas são as partes desta não-técnica. Por meio destas críticas, negações e argumentos, os suportes são destruídos. Então fica sozinho, sem nenhum gurú, nenhuma Escritura, nenhuma tradição, nenhuma igreja, nenhum sitio ao que acudir, nenhum sitio ao que ir, nada do que ser dependente. Fica em um vazio. E, em realidade, se pode conceber este vazio e está disposto a estar nele, será transformado. Mas a mente é muito ardilosa. Se Krishnamurti te disser que estas são coisas -nenhum suporte, nenhum teimosia, nenhum professor, nenhuma Escritura, nenhuma técnica-, aferrará ao Krishnamurti. Há muitos que se aferram a ele. A mente tornou a criar um suporte, e então tudo foi em vão.

Muita gente vem para mim e me diz: «Nossas mentes estão angustiadas. Como alcançar a paz interior, como alcançar o silêncio interno?». E se lhes dou alguma técnica, dizem: «Mas as técnicas não podem ajudar, porque estivemos escutando ao Krishnamurti.»

Então lhes pergunto: «Então, por que viestes a mim? E o que querem dizer quando perguntam: "Como alcançar o silêncio?". Estão pedindo uma técnica e ides seguir escutando ao Krishnamurti. por que? Se não haver nenhum professor e se o real não pode acostumar-se, então por que seguem lhe escutando? Não pode lhes ensinar nada. Mas seguem lhe escutando e estão sendo ensinados. E agora começastes a lhes aferrar a esta não-técnica.

De modo que quando alguém lhes dê uma técnica, dirão: "Não, não acreditam em técnicas." E ainda não estão silenciosos. Assim, o que aconteceu? Onde perdestes o trem? Se realmente não necessitarem nenhuma técnica, se não terem nenhuma técnica, deveriam havê-lo alcançado. Mas não o alcançastes.»

Não se entendeu o ponto básico. O ponto básico é que, para que funcione esta técnica da notécnica, deve eliminar todos os apoios, não deve te aferrar a nada. E isso é muito árduo. É quase impossível. Por isso tanta gente esteve escutando ao Krishnamurti estes últimos quarenta anos mas não lhes aconteceu nada. É muito árduo e difícil, quase impossível, permanecer sem suportes, permanecer totalmente só e estar alerta para não permitir que a mente crie nenhum suporte. Como a mente é tão ardilosa, pode criar suportes sutis uma e outra vez. Pode que atire o Gita, mas então encherá esse espaço com os livros do Krishnamurti. Pode que te ria da Mahoma, pode que te ria da Mahavira, mas se alguém ri do Krishnamurti, zanga-te. De novo, com circunlóquios, criaste um suporte, está-te aferrando.

Não aferrar-se é o segredo deste método. Se pode fazê-lo, é bom; se não poder fazê-lo, então não engane. Então há métodos.

Usa-os! Então tenha claro que não pode estar, sozinho, assim aceitará a ajuda de alguém. É possível a ajuda. Também mediante a ajuda é possível a transformação.

Há os opostos: não e sim; estes são opostos. Pode ir desde qualquer, mas deve decidir a respeito de sua própria mente e como funciona. Se sentir que pode fazê-lo, faz-o...

Aconteceu uma vez, quando estava ficando em um povo, veio um homem e me disse: «Estou confuso. Minha família está tentando consertar um matrimônio para mim.» Era um homem muito jovem, recém saído da universidade. Disse: «Não quero estar metido em todo isso. Eu quero ser um sannyasin, quero renunciar a tudo. Qual é seu conselho?»

Disse-lhe: «Eu nunca fui perguntar lhe a ninguém, mas você vieste a me consultar. Que tenha vindo a me consultar mostra que necessita apoio, que necessita ajuda. Resultará-te difícil viver sem uma esposa. Isso também é um apoio.»

Não pode viver sem uma esposa, não pode viver sem seu marido; e entretanto, pensa que pode viver sem um gurú? Impossível! Sua mente necessita todo tipo de suportes. por que vai ao Krishnamurti? vais aprender, vai a que te ensine, vais tomar emprestados conhecimentos; se não, não há necessidade.

aconteceu muitas vezes que os amigos dizem: «Estaria bem que você e Krishnamurti vos reunierais.»

Eu lhes respondo: «ides perguntar lhe ao Krishnamurti, e se quiser que nos reunamos, irei. Mas o que vai acontecer? O que faremos? Do que falaremos? Podemos permanecer em silêncio. Que necessidade há?».

Mas eles dizem: «Seria bom que vos reunierais. Seria bom para nós. nós adoraremos escutar o que disserem.»

Assim que os conto uma história. Aconteceu uma vez que um místico muçulmano, Farid, estava viajando. Quando chegaram perto do povo do Kabir, que era outro místico, os seguidores do Farid disseram que seria bom que ambos se reunissem. E quando os discípulos do Kabir se inteiraram, eles também insistiram em que, quando passasse Farid, deviam lhe convidar a que entrasse. Assim Kabir disse: «Está bem.» Farid também disse: «Está bem. Iremos; entretanto, não digam nada, quando eu entre em casa do Kabir; permaneçam totalmente em silêncio.»

ficaram dois dias em casa do Kabir. Houve um silêncio total. sentaram-se em silencio durante dois dias, e logo Kabir foi confine do povo a se despedir do Farid..., e se separaram em silêncio. No momento em que se separaram, os seguidores de ambos começaram a fazer perguntas. os do Kabir lhe perguntaram: «O que aconteceu? Foi um aborrecimento. Estiveram sentados durante dois dias, não lhes disseram nenhuma palavra, e estávamos tão desejosos de lhes ouvir...»

Os seguidores do Farid também disseram: «O que aconteceu? Pareceu muito estranho. estivemos dois dias olhando e olhando e esperando e esperando continuamente que passasse algo neste encontro. Mas não passou nada.»

Farid disse: «O que querem dizer? Duas pessoas que sabem, não podem falar; duas pessoas que não sabem, podem falar muito, mas é inútil, inclusive daninho. A única possibilidade é uma pessoa que sabe falando com uma que não sabe.»

E Kabir disse: «que houvesse dito uma só palavra teria provado que não sabia.»

Segue pedindo conselho, segue procurando apoios. Cai na conta de que se não poder permanecer sem apoio, então é bom encontrar um apoio, um guia, deliberadamente. Se pensar que não há necessidade, que é suficiente em ti mesmo, então deixa de procurar o Krishnamurti ou a ninguém. Deixa de ir e permanece sozinho.

Também aconteceu a pessoas que estavam sozinhas, mas o fenômeno é muito excepcional. Às vezes acontece a uma pessoa entre um milhão...

E isso tampouco é sem alguma causa. Pode que essa pessoa tenha estado procurando durante muitas vidas; pode que tenha estado encontrando muitos apoios, muitos professores, muitos guias, e que agora tenha chegado a um ponto no que pode estar sozinho.

Só então acontece. Mas sempre que a uma pessoa acontece que só alcança o supremo, começa a dizer que também te pode acontecer a ti. É natural; como ao Krishnamurti aconteceu sozinho, está dizendo que também te pode acontecer a ti. Não te pode acontecer a ti! Anda em busca de apoio, e isso mostra que solo não pode fazê-lo. Assim não engane a ti mesmo! Pode que seu ego se sinta bem com que «não necessito nenhum apoio!». O ego sempre pensa em função de «eu sozinho sou suficiente», mas esse ego não ajudará. Isso se voltará a maior barreira possível.

A não-técnica é uma técnica, mas só para gente muito específica; para os que estiveram esforçando-se durante muitas vidas e agora chegaram a um ponto no que podem estar sozinhos, essa técnica é uma ajuda.

E se fosse esse tipo de pessoa, se muito bem que não estaria aqui. Assim não me preocupo com essa pessoa; não estará aqui. Não pode estar aqui. Não só aqui; não pode estar em nenhuma parte com um professor, escutando, procurando, indagando, praticando. Não a encontrará em nenhuma parte. Assim pode deixá-la; não precisamos falar dela.

Estas técnicas são para ti. De modo que assim é como concluirei. Krishnamurti está falando para a pessoa que não pode estar ali, e eu estou falando para pessoas que estão aqui. Tudo o que Krishnamurti está dizendo é absolutamente correto, mas às pessoas às que o está dizendo são absolutamente incorretas. A pessoa que pode estar sozinha, que pode chegar sem nenhum método, nenhum apoio, nenhuma Escritura, nenhum gurú, não vai escutar ao Krishnamurti, porque não há necessidade, não tem sentido. E os que vão escutar, eles não são desse tipo, estarão em profundas dificuldades..., e o estão. Necessitam apoio e sua mente segue pensando que não há necessidade de apoio. Necessitam um gurú e sua mente segue dizendo que o gurú é uma barreira. Necessitam técnicas e concluíram logicamente que as técnicas não podem ajudar. Têm um sério problema, mas o problema o criaram eles mesmos.

antes de começar a fazer algo, deve tratar de compreender que tipo de mente tem, porque, a fim de contas, o gurú não é significativo; a fim de contas, sua mente é significativa. A decisão final vai chegar por meio de sua mente; o destino tem que cumprir-se por meio de sua mente; assim compreende-a, sem nenhum ego que te confunda. Compreende se necessitar apoio, guia, técnicas, métodos com os que trabalhar. Se os necessitar, encontra-os. Se não os necessitar, não há dúvida, estate sozinho, sem te aferrar, balança sozinho, sem te aferrar. Acontecerá o mesmo com ambos os caminhos. «Sim» e «não» são dois opostos e tem que descobrir qual é seu caminho.

Última pergunta:

Disse que Shiva não é um criador de um sistema, e que não podem formar-se seitas em torno de seus ensinamentos. Mas pessoas como Buda, Mahavira, Jesus, Gurdjieff, parecem ser grandes criadores de sistemas. por que têm que sê-lo? Por favor, explica os prós e os contra de criar sistemas. É você o criador de um multisistema?

Há duas possibilidades, pode criar um sistema para ajudar às pessoas, criar multisistemas para ajudar às pessoas, ou pode tratar de destruir os sistemas para ajudar

às pessoas. De novo sim e não. De novo os pólos opostos. E pode ajudar às pessoas das duas maneiras.

Bodhidharma é um destruidor de sistemas, Krishnamurti é um destruidor de sistemas, toda a tradição do Zen é destruidora de sistemas. Mahavira, Mahoma, Jesus, Gurdjieff, são grandes criadores de sistemas. O problema é sempre que não podemos compreender estas duas coisas contraditórias simultaneamente juntas; pensamos que uma das duas pode ser boa, mas não as duas. Se os criadores de sistemas têm razão, então nossa mente diz que os destruidores de sistemas devem estar equivocados. Não, os dois têm razão.

Um sistema significa uma pauta a seguir, um mapa preciso a seguir para que não surja nenhuma dúvida, não surja nenhuma indecisão e possa seguir com fé absoluta. Recorda isto, um sistema se cria para criar fé, para criar confiança. Se tudo estiver claro, então haverá confiança mais facilmente. Se todas suas perguntas são respondidas matematicamente, então estará em um estado sem dúvida nenhuma e pode seguir adiante. De modo que, às vezes, Mahavira responde também suas perguntas absurdas. São perguntas fúteis, sem sentido, mas responderá. E responderá de maneira que te ajude a ter confiança, porque essa qualidade da confiança é necessária.

Quando alguém tenta entrar no desconhecido, é necessária uma profunda confiança; do contrário, será impossível entrar. Será tão perigoso que te assustará. Está escuro, o caminho não claro, tudo é um caos e cada passo te leva a mais e mais insegurança. Por isso é necessário criar sistemas, para que tudo esteja planejado, sabe tudo sobre o céu e o inferno e o *moksha* supremo, e desde onde avançará, por onde passará. Há um mapa de cada centímetro. Isso te dá uma segurança, uma sensação de que tudo está bem. A gente esteve aí antes que você e não está entrando em terra de ninguém, não está entrando no desconhecido. Um sistema faz que pareça conhecido. Isso é para te ajudar, para te dar apóio. E se tiver fé, então terá energia para avançar. Se estiver dúbio, perderá energia e o movimento será difícil.

Os criadores de sistemas trataram que responder todo tipo de perguntas e criaram um mapa nítido e limpo. Com esse mapa nas mãos, sente que tudo está bem; pode seguir. Mas eu te digo que todo sistema é artificial. Todo sistema é tão somente para te ajudar. Não é verdadeiro. Nenhum sistema pode ser verdadeiro. É um ardil. Mas ajuda, porque toda sua personalidade é tão falsa que inclusive os ardis falsos ajudam. Vive entre mentiras e não pode compreender a verdade. Um sistema significa menos mentiras, e logo inclusive menos mentiras, e logo, pouco a pouco, pouco a pouco, aproximará-te mais e mais à verdade. Quando a verdade te seja revelada, o sistema se voltará sem sentido, simplesmente cairá.

Quando Sariputta se iluminou, alcançou a meta suprema, olhou para trás desde esse ponto e viu que todo o sistema tinha desaparecido. Tudo o que lhe tinham ensinado já não estava ali. Assim que disse a Buda: «Todo o sistema que foi ensinado desapareceu.»

Buda lhe disse: «Guarda silêncio; não o diga a outros! desapareceu, tem que desaparecer porque nunca existiu, era uma ficção, mas te ajudou a chegar a este ponto. Não o diga aos que ainda não chegaram, porque se souberem que não há conhecimento de aonde vão, pararão-se. Não podem ir ao desconhecido indefesos, não podem ir sozinhos.»

Acontece muitas vezes. foi minha própria experiência que a gente vem para mim e diz: «Agora a meditação está indo muito profundo, mas temos medo.» Terá que chegar uma sensação final em que sinta um medo mortal, como se estivesse aproximando-a morte. Quando a meditação chega a seu cenit, é como a morte. Digo-lhes: «Não se preocupe, estou contigo.» Então se sentem bem. Isto não é verdade. Ninguém pode estar

aí; estará sozinho. Esse é um ponto de solidão total. Mas quando digo: «Eu estarei aí, não se preocupe, segue», sentem-se bem e avançam. Se disser: «Estará sozinho e ninguém estará aí», retrocederão. O abismo está aí e vão cair, devo lhes ajudar a cair. Assim digo que “estou aí, salta.” iY saltam! Depois do salto, darão-se conta de que não havia ninguém ali, mas agora, agora tudo terminou. Não podem tornar-se atrás. Isto é um ardil.

Todos os sistemas são ardis para ajudar, para ajudar a pessoas cheias de dúvidas, para ajudar a pessoas que não têm confiança, para ajudar a pessoas que não têm fé. Para ajudar às pessoas a entrar no desconhecido, sem medo, criam-se sistemas. Nesses sistemas todo é como um mito; por isso há tantos sistemas. Mahavira cria o seu próprio, esse sistema está criado conforme às necessidades de seus seguidores. De modo que cria um sistema. É um mito, mas muito útil, porque muitos avançaram com ele e alcançaram a verdade. E quando chegaram, souberam que o sistema era falso..., mas funcionou.

Buda define a verdade como o que funciona. Sua definição da verdade é o que funciona, se uma mentira pode funcionar, é verdade, e se uma verdade não pode funcionar, é falsa.

Há muitíssimos sistemas, e todo sistema ajuda. Mas todo sistema não pode ajudar a todo mundo. É por isso que as antigas religiões insistiram em que uma pessoa não deveria converter-se a uma nova religião, porque, embora a mente, com o tempo, pode ser condicionada em um sistema e pode ser trocada, no fundo nunca trocará, e um novo sistema nunca resultará útil para ti. Um hindu pode fazer-se cristão, um cristão pode fazer-se hindu, mas depois de cumprir os sete anos a mente está quase fixa, condicionada. De modo que se um hindu se faz cristão, no mais profundo seguirá sendo hindu, e o sistema cristão não lhe ajudará. E perdeu o contato com seu próprio sistema, que poderia lhe haver ajudado.

Os hindus e os judeus sempre estiveram contra converter. Não só contra converter, se alguém quer entrar em sua religião voluntariamente, oporão-se. Dirão: “Não, segue seu próprio caminho.” Porque um sistema é um grande fenômeno inconsciente, tem que estar no profundo do inconsciente; só então pode ajudar. Do contrário, não pode ajudar e é uma coisa artificial. É como uma língua. Nunca pode falar nenhuma língua como falas sua língua materna; é impossível. Não se pode fazer nada a respeito. Independentemente do eficiente que te volte em outra língua, seguirá sendo artificial. No fundo, sua língua materna seguirá influenciando. Seus sonhos serão em sua língua materna; o inconsciente funcionará com a língua original. pode-se impor algo sobre ela; entretanto, não pode ser substituída.

Os sistemas religiosos são como uma língua, são uma língua. Mas se forem muito fundo, ajudam, porque se sente crédulo. O sistema é irrelevante, mas a confiança é relevante. Sente-se crédulo, assim balanças com passo seguro, sabe aonde vai. E este conhecimento ajuda.

Mas também há destruidores de sistemas e eles também ajudam. Há um círculo rítmico, igual ao dia e a noite, volta o dia, volta a noite. Ajudam porque, às vezes, acontece que quando há tantos sistemas, a gente se faz uma confusão e, em vez de avançar com os mapas, os mapas se voltam tão pesados que não podem levá-los. Acontece sempre.

Por exemplo, uma tradição, uma tradição muito antiga, é útil porque te dará confiança porque é tão antiga. Mas como é tão antiga, também é pesada; tornou-se um peso morto. Assim, em vez de te ajudar a avançar, não pode avançar devido a ela. Tem que ser aliviado. Assim há destruidores de sistemas que eliminam o sistema da mente e lhe aliviam e lhe ajudam a avançar. Ambos ajudam, mas depende. Depende da época, depende da pessoa a que se está ajudando.

Nesta época, os sistemas se tornaram muito pesados e confusos. Por muitas razões, perdeu-se todo o propósito. Antes, cada sistema vivia em seu próprio mundo, um jaina nascia jaina, vivia jaina, morria jaina. Não estudava as Escrituras hindus; estava proibido. Não ia à mesquita ou à igreja, pois era um pecado. Vivia dentro dos muros de seu sistema. Nunca penetrava em sua mente nada alheio, de modo que não havia confusão.

Mas todo isso foi destruído, e todo mundo está familiarizado com todo o resto. Os hindus estão lendo o Corán e os muçulmanos estão lendo o Gita. Os cristãos estão indo ao Oriente, e Oriente está indo ao Ocidente. Tudo está confuso. A confiança que estava acostumado a resultar de um sistema já não existe. Tudo penetrou em sua mente e as coisas estão desordenadas. Já não está aí só Jesus; entrou Krishna e também entrou Mahoma. E se não contradito mutuamente dentro de ti. Agora nada é certo.

A Bíblia diz isto; o Gita diz exatamente o contrário. Mahoma diz isto; Mahavira é justo o oposto. contradizem-se. Já não está em nenhuma parte. Não encaixa em nenhuma parte; simplesmente está parado aí, confuso. Nenhum caminho é o teu. Em semelhante estado mental, a destruição dos sistemas pode ser útil. daqui o grande atrativo do Krishnamurti no Ocidente. Não tem tanto atrativo no Oriente porque Oriente ainda não está tão confuso como Ocidente, porque Oriente ainda não está tão educado sobre outros. Ocidente está obcecado sabendo a respeito de outros. Sabem muito. Agora nenhum sistema é real, sabem que tudo é uma ficção; e uma vez que sabe, não funcionará.

Krishnamurti lhes atrai porque diz que deixe todos os sistemas. Se pode deixar todos os sistemas, deixará de estar confuso; mas depende de ti. Pode que aconteça, como acontece quase sempre, que todos os sistemas seguirão aí, e, além disso, entrará este novo sistema de destruir todos os sistemas. De modo que se acrescenta uma nova enfermidade.

Jesus segue falando, Krishna segue falando, Mahavira segue falando..., e então entra Krishnamurti. Sua mente se volta a Torre de Babel, tantas línguas, e não pode entender o que está acontecendo. Sente-se louco.

Se pode acreditar em um sistema, até aqui muito bem; se não poder acreditar em nenhum sistema, então despreza-os todos. Então fique completamente limpo, aliviado. Mas não esteja no meio destas duas alternativas. E parece que todo mundo está no meio. Às vezes vai à direita, às vezes à esquerda, logo outra vez à direita e logo à esquerda, igual ao pêndulo de um relógio. Vai de um lado ao outro, de um lado ao outro. Pode que este movimento lhe da impressão de que está avançando. Não está avançando nada. Cada passo anula algum outro passo, porque quando vai à direita e logo à esquerda, segue te contradizendo a ti mesmo. Ao final simplesmente está confuso, perplexo, feito um caos.

te descarregue completamente; isso será útil. Ficará limpo, inocente, como um menino, e pode voar. Ou se esse entendimento te parece muito perigoso, se tiver medo de te descarregar completamente porque isso te levará a um espaço em branco, a um vazio, se essa descarga te parecer perigosa e está assustado, então escolhe um sistema. Mas há muitos que seguem te dizendo que tudo é o mesmo, o Corán diz o mesmo, a Bíblia diz o mesmo, o Gita diz o mesmo, sua mensagem é o mesmo. Essas pessoas são os grandes «confundidores». O Corán, a Bíblia, o Gita, não dizem o mesmo; são sistemas, sistemas definidos, diferentes. Não só diferentes, mas também, às vezes, contraditórios e opostos.

Por exemplo, Mahavira diz que a não-violência tem que ser a chave. Se for violento, inclusive ligeiramente violento, a porta da realidade suprema está fechada para ti. Isto é uma técnica. Voltar-se totalmente não-violento requer uma limpeza completa

de sua mente e de seu corpo, de ambos. Tem que ser completamente desencardido; só então te voltará no-violento. Este processo de voltar-se no-violento te desencardirá tão totalmente que o processo mesmo, voltará-se o fim.

A mensagem da Krishna é justo o contrário. Diz a Arjuna: «Não tenha medo de matar, porque a alma não pode ser morta. Pode matar o corpo, mas não pode matar a alma. Assim por que ter medo? E o corpo já está morto, de modo que o que está morto estará morto e o que está vivo seguirá vivo. Não precisa preocupar-se. É só um jogo.»

Ele também tem razão, porque se pode chegar a cair na conta disso -que a alma não pode ser destruída-, então toda a vida se volta um jogo, uma ficção, teatro. E se toda a vida se volta um teatro, inclusive a morte e o suicídio se voltam teatro para ti; não só no pensamento, mas também cai na conta do fato de que tudo é só um sonho. Também a morte fará que seja uma testemunha, e esse estado de ser uma testemunha se converterá em transcendência... Transcenderá o mundo. O mundo inteiro se volta um teatro, não há nada bom, nada mau, só um sonho. Não precisa preocupar-se por isso.

Mas estas duas coisas são totalmente diferentes. Conduzem ao mesmo ponto ao final, mas não deveria as mesclar. Se as mesclas, sofrerá. Os criadores de sistemas existiram para te ajudar, os destruidores de sistemas existiram para te ajudar. Mas parece que ninguém pôde ajudar. É de tal maneira, tão teimoso e tão ardisoso, que sempre encontra algum subterfúgio com o que escapar.

Buda e Krishna e Jesus... em cada século seguem ensinando certas coisas. Segue escutando, mas é muito preparado. Segue escutando, mas é muito ardisoso. Escutas e, não obstante, não escuta. E sempre encontra algo, algum buraco pelo que te pode escapar. Agora o truque da mente moderna é que se houver um sistema, se Gurdjieff está ensinando, então a gente irá a ele e dirá: «Krishnamurti diz que não terá que seguir nenhum sistema.» Essas mesmas pessoas irão ao Krishnamurti

-Krishnamurti ensina o não-sistema- e dirão: «Mas Gurdjieff diz que sem um sistema não se pode fazer nada.» De modo que enquanto estão junto ao Gurdjieff usam ao Krishnamurti como subterfúgio para escapar; enquanto estão junto ao Krishnamurti usam ao Gurdjieff como truque para escapar. Entretanto, não estão enganando a ninguém; simplesmente se estão destruindo a si mesmos.

Gurdjieff pode ajudar, Krishnamurti pode ajudar, mas não podem ajudar contra ti. Deve estar seguro a respeito de certas coisas. Uma, ou necessita ajuda ou não a necessita. Segunda, ou pode entrar no desconhecido sem medo ou não pode. E terceira, pode avançar um só centímetro sem nenhum método, sem nenhuma técnica, sem nenhum sistema, ou não? Tem que decidir está três coisas em seu interior. Analisa sua mente, abre-a, examina-a, e lhe dizer que tipo de mente tem. Se decidir que não pode fazê-lo sozinho, então necessita um sistema, um professor, uma Escritura, uma técnica. Se pensar que pode fazê-lo sozinho, não há necessidade de nada mais. Você é o professor, você é a Escritura, você é a técnica. Mas se honesto, e se sentir que é impossível decidir -não é tão fácil decidir-, se se sentir confuso. então primeiro prova um professor, uma técnica, um sistema. E ponha muito empenho, até o extremo, para que se algo vai acontecer, que aconteça. Se não ir acontecer nada, então chega a um ponto em que pode decidir que agora o deixará tudo, agora estará sozinho. Isso também será bom.

Mas minha sugestão é que comece sempre com um professor, com um sistema, uma técnica, porque isso será bom das duas formas. Se pode chegar com isso, é bom; se não poder chegar com isso, então todo o assunto se volta fútil e pode desprezá-lo, e então pode seguir sozinho.

Então não necessitará que Krishnamurti te diga que não é necessário nenhum professor, saberá. Então não necessitará que nenhum ensino Zen te diga que atire todas as Escrituras e as queime, já as terá queimado.

De modo que é bom começar com um professor, com um sistema, com uma técnica; mas se sincero. Quando digo que seja sincero quero dizer que deve fazer tudo o que possa com um professor, para que se algo pode acontecer, que aconteça. Se não poder acontecer nada, então pode tirar conclusão que este não é o caminho para ti e pode avançar sozinho.

Capítulo 77

te volte Cada Ser

Os Sutras

106 *Sente a consciencia de cada pessoa como sua própria consciencia. De modo que, deixando de lado o interesse pela gente mesmo, te volte cada ser.*

107 *Esta consciencia existe como cada ser, e não existe nada mais.*

108 *Esta consciencia é o espírito de guia de cada um. Se este.*

A existência em si é uma. O problema surge devido à autoconsciência humana. A consciência dá a todos a sensação de que estão separados, e a sensação de que está separado da existência cria todos os problemas. Basicamente, esta sensação é falsa, e tudo o que está apoiado em uma falsidade criará angústia, criará problemas, criará confusão. E independentemente do que faça, se está apoiado nesta falsa separação, sairá mau.

De modo que terá que confrontar o problema da angústia humana desde o começo. Como surge? A consciência te dá uma sensação de que é o centro de seu ser, e a consciência te faz consciente de que outros são «outros», de que é diferente deles. Esta diferença é só porque é consciente. Enquanto está dormido não há diferença, está fundido de novo com o universo. Por isso há tanta sorte em dormir. Pela manhã se sente refrescado, rejuvenescido, vivo de novo, fresco.

O que está acontecendo ao dormir profundamente? Está perdendo seu ego, está-te perdendo a ti mesmo, está entrando em uma unidade com o universo. Esse retorno à unidade refresca e te vivifica, e pela manhã se sente ditoso. Toda a angústia desaparece, toda a morte desaparece; porque a morte só é possível se está separado. Se não estar separado, a morte é impossível. Quem vai morrer se não estar separado? Quem pode sofrer se não estar separado? De maneira que todo o tantra, o ioga e outros métodos de meditação são só para te fazer consciente de que a separação é falsa e a «inseparación» é real. E se pode tomar consciência disso, será totalmente diferente, porque o centro terá desaparecido de ti e tomará seu lugar correto no universo. Será tão somente uma onda neste enorme oceano. Não estará separado, assim não terá medo. Não se sentirá inseguro. Não sentirá que se aproximam a angústia da morte e a aniquilação. Todo isso desaparece com o ego.

Os hindus acreditaram sempre que o *samadhi* é dormir conscientemente. Ao dormir, acontece automaticamente que você já não está. Está a existência, e você já não está; mas está profundamente inconsciente, assim não sabe o que está acontecendo. Se este mesmo fenômeno pode acontecer conscientemente, ilumina-te. Buda vai à mesma

fonte, à mesma fonte a que vai você todas as noites ao dormir profundamente, ao dormir sem sonhos. Mas Buda vai a essa fonte conscientemente, alerta, acordado. Sabe onde está indo, sabe o que está acontecendo e quando volta dessa fonte profunda, volta completamente diferente. O velho há desaparecido e um novo ser, uma nova energia, surgiu que isso.

Deste ser, o centro é o universo; e com esta transferência do centro, toda sua preocupação, toda sua angústia, todo seu inferno desaparece; simplesmente desaparece. Não é resolvido; simplesmente não existe. Não pode existir sem o ego. De modo que, como estar profundamente dormido conscientemente? Como entrar conscientemente no estado de dormir? Como permanecer alerta enquanto está perdendo o ego?

O ego é um subproduto, um subproduto de toda sua educação, um subproduto do curso natural da vida. Tem que existir. Não há outra forma.

Nenhum ser pode desenvolver-se sem envolver-se com o ego. Mas chega um ponto em que o ego pode ser abandonado e deve ser abandonado, e o ser deve transcendê-lo.

O ego é como a casca do ovo. É necessária, protege. Igual à casca de uma semente, o ego é necessário, protege. Mas o amparo pode voltar-se também perigosa se proteger muito. Se segue protegendo e não permite que germine a semente, então se converte em um obstáculo. Deve dissolver-se na terra para que a vida interna possa desenvolver-se. Deve morrer. A semente deve morrer. Todo homem nasce como uma semente. O ego é o revestimento externo; protege ao menino.

Se um menino nascer sem ego, sem a sensação de que «eu existo», não pode sobreviver. Não poderá proteger-se a si mesmo, não poderá lutar, não poderá existir em forma alguma. Necessita um centro forte. Inclusive se for falso, é necessário. Mas chega um momento em que esta ajuda se converte em um obstáculo. Protege-te do exterior, mas se volta tão forte que não permitirá que você, o ser interno, expanda-te, vá mais à frente, germine. De maneira que o ego é necessário..., e logo é necessário transcender o ego.

Se alguém morrer com o ego, morreu como uma semente. morreu sem alcançar realmente o destino que era possível, sem alcançar a existência conscientemente. Estas técnicas são para destruir esta semente.

106 Te volte cada ser.

Primeira técnica: Sente a consciencia de cada pessoa como sua própria consciencia. De modo que, deixando de lado o interesse pela gente mesmo, te volte cada ser.

Sente a consciencia de cada pessoa como sua própria consciencia. É assim em realidade, mas não se sente assim. Sente que seu consciencia é tua, e a consciencia de outros nunca a sente. ao mais, deduz que outros também são conscientes. Deduz-o porque pensa que, como você é consciente, outros seres como você devem ser conscientes. Isto é uma dedução lógica; não sente que são conscientes.

É igual a quando te dói a cabeça; sente sua dor, tem consciencia dele. Mas se dói a outro, deduz, não pode sentir a dor de cabeça do outro. Simplesmente deduz que o que está dizendo deve ser verdade e que deve ter dor como você. Mas não pode senti-lo.

A sensação só pode chegar se te volta consciente da consciencia de outros; do contrário, é uma dedução lógica. Crie, confia em que outros estão dizendo algo honestamente, e que o que dizem é digno de crédito porque você também tem tipos similares de experiências.

Há uma escola ilógica que diz que não se pode saber nada sobre outros; é impossível. ao mais, pode haver uma dedução, mas não se pode saber nada com segurança a respeito de outros. Como vai ou seja que outros têm dor como você, que outros têm ansiedades como você? Outros existem, mas não podemos penetrar neles; só podemos tocar sua superfície. Seu ser interno permanece desconhecido. Permanecemos fechados em nós mesmos.

O mundo que nos rodeia não é um mundo sentido, a não ser só deduzido..., logicamente, racionalmente. A mente diz que existe, mas não toca o coração. Por isso nos comportamos com outros como se fossem coisas, não pessoas. Nossa relação com as pessoas é também como com as coisas. Um marido se comporta com sua mulher como se esta fora uma coisa; possui-a. A mulher se comporta com o marido como com uma coisa. Se nos comportássemos com outros como se fossem pessoas, não tentaríamos possuí-los, porque só as coisas podem ser poseídas.

Uma pessoa significa liberdade. Uma pessoa não pode ser poseída. Se tráficos das possuir, matará-as, voltarão-se coisas. Nossa relação com outros não é realmente uma relação de eu a você; no fundo, é uma relação de eu a eu. O outro é só uma coisa para ser manipulada, para ser utilizada, explorada. Por isso o amor se volta cada vez mais impossível, porque amor significa considerar ao outro uma pessoa, um ser consciente, uma liberdade, um pouco tão valioso como você.

Se te comportar como se tudo fora uma coisa, então você é o centro e as coisas são para ser usadas. A relação se volta utilitária. As coisas não têm valor em si mesmos, o valor é que pode as usar, existem para ti. Pode te relacionar com sua casa, a casa existe para ti. É uma utilidade. O carro existe para ti, mas a esposa não existe para ti e o marido não existe para ti. O marido existe para si mesmo e a esposa existe para si mesmo. Uma pessoa existe para si mesmo; isso é o que significa ser uma pessoa. E se permitir que a pessoa seja uma pessoa e não a reduz a ser uma coisa, pouco a pouco começará a senti-la. Do contrário, não pode sentir. Sua relação seguirá sendo conceptual, intelectual, de memore a mente, de cabeça a cabeça..., mas não de coração a coração.

Esta técnica diz: *Sente a consciencia de cada pessoa como sua própria consciencia*. Isto será difícil, porque primeiro tem que sentir à pessoa como uma pessoa, como um ser consciente. Inclusive isso é difícil.

Jesus diz: «Ama a seu próximo como a ti mesmo.» Isto é o mesmo; mas primeiro o outro deve voltar uma pessoa para ti. Deve existir por direito próprio, não para ser explorado, manipulado, utilizado, não como um meio mas sim como um fim em si mesmo. Primeiro, o outro deve voltar uma pessoa; o outro deve voltar um você, tão valioso como você. Só então pode aplicar-se esta técnica. *Sente a consciencia de cada pessoa como sua própria consciencia*. Primeiro sente que o outro é consciente, e então pode acontecer isto; pode sentir que o outro tem a mesma consciencia que você. Em realidade, o outro desaparece, só flui uma consciencia entre você e ele. Voltam-lhes dois pólos de uma consciencia que flui, uma corrente.

Quando duas pessoas se amam profundamente acontece que não são dois. surgiu algo entre as duas e se tornaram dois pólos. Algo está fluindo entre as duas. Quando existir este fluxo, sentirão-lhes ditosos. Se o amor der sorte, só o faz devido a isto, que duas pessoas, por um só momento, perdem seus egos; o «outro» se perde e por um momento surge a unidade, e isso pode ser lhe transforme.

Esta técnica diz que pode fazer isto com toda pessoa. Apaixonado, pode fazê-la com uma pessoa, mas na meditação tem que fazê-lo com toda pessoa. Não importa quem esteja perto de ti; simplesmente te dissolva nele e sente que não são duas vistas, a não ser uma vida, fluindo. Isto é simplesmente trocar de *gestalt*. Uma vez que sabe, uma

vez que o tem feito, é muito fácil. Ao princípio parece impossível, porque estamos estancados em nossos próprios egos. É difícil perdê-lo, é difícil voltar um fluxo. Assim será bom se ao princípio o tenta com algo que não te assuste muito, ao que não lhe tenha medo.

Terá menos medo a uma árvore, assim será mais fácil. Sentado junto a uma árvore, sente a árvore e sente que te tornaste um com ele, que há um fluxo dentro de vós, uma comunicação, um diálogo, um encontro. Sentado junto a um rio, sente o fluxo, sente que você e o rio lhes tornastes um. Convexo sob o céu, sente que você e o céu lhes tornastes um. Ao princípio, será só imaginação, mas pouco a pouco sentirá que está tocando a realidade por meio da imaginação.

E então tenta-o com pessoas. Isto é difícil ao princípio porque há medo. Como estiveste reduzindo às pessoas a coisas, tem medo a que, se permitir que alguém seja tão íntimo, ele também reduza a ti a uma coisa. Esse é o medo. De modo que ninguém permite muita intimidade; sempre terá que manter uma distância e protegê-la. Muita cercania é perigosa, porque o outro pode te converter em uma coisa, pode tratar de te possuir. Esse é o medo. Está tentando converter a outros em coisas, e outros estão tentando te converter a ti. E ninguém quer ser uma coisa, ninguém quer converter-se em um meio, ninguém quer ser utilizado. É o fenômeno mais degradante ser reduzido a ser um meio para algo, não valioso em ti mesmo. Mas todo mundo o está tentando. devido a isto, há um profundo medo e será difícil começar esta técnica com pessoas.

Assim começa com um rio, com uma colina, com as estrelas, com o céu, com árvores. Uma vez que chegue a conhecer a sensação do que acontece quando te volta uma com a árvore, uma vez que chegue ou seja que ditoso é quando te volta um com o rio, como, sem perder nada, vontades toda a existência..., então pode tentá-lo com pessoas. E se houver tanta sorte com uma árvore, com um rio, não pode nem imaginar quanta mais dita haverá com uma pessoa, porque uma pessoa é um fenômeno mais elevado, um ser mais altamente evoluído. Com uma pessoa pode alcançar topos mais altas de experiência. Se pode te voltar enlevado inclusive com uma rocha, com uma pessoa pode sentir que te está acontecendo um êxtase divino.

Mas começa com algo que não te assuste muito, ou, se houver uma pessoa a que amas, um amigo, uma amada, um amante, a que não lhe tenha medo, com quem pode ser realmente íntimo e próximo sem nenhum medo, com quem pode te perder a ti mesmo sem te assustar no fundo de que possa te converter em uma coisa, se tiver alguém assim, então prova esta técnica. te perca a ti mesmo conscientemente nessa pessoa. Quando perde a ti mesmo conscientemente em alguém, esse alguém se perderá a si mesmo em ti; quando está aberto e flui no outro, o outro começa a fluir em ti e há uma união profunda, uma comunhão. Duas energias se fundem. Nesse estado não há ego, não há indivíduo..., a não ser simplesmente consciencia. E se isto é possível com um indivíduo, é possível com todo o universo. O que os Santos chamaram êxtase, *samadhi*, é só um fenômeno de amor profundo entre uma pessoa e todo o universo.

Sente a consciencia de cada pessoa como sua própria consciencia. De modo que, deixando de lado o interesse pela gente mesmo, te volte cada ser. Sempre estamos interessados por nós mesmos. Inclusive quando estamos apaixonados, estamos interessados em nós mesmos; por isso o amor se volta um sofrimentos. Pode voltar o céu, mas se volta um inferno porque inclusive os amantes estão interessados em si mesmos. O outro é amado porque te dá felicidade, o outro é amado porque se sente bem com ele, mas o outro ainda não é amado como se fora Valioso em si mesmo ou em si mesmo. O valor chega com sua desfrute. Desfruta, satisfaz-te de algum jeito; por isso o outro se tornou significativo. Isto também é usar ao outro.

Interesse pela gente mesmo significa exploração do outro. E a consciência religiosa só pode chegar a existir quando se perdeu o interesse pela gente mesmo, porque então deixa de ser um explorador. Sua relação com a existência deixa de ser uma relação de exploração e se volta uma relação de puro compartilhar, de pura sorte. Não está utilizando, não está sendo utilizado, volta-se uma pura celebração de ser.

Mas o interesse pela gente mesmo tem que ser descartado..., e está muito enraizado. Está tão enraizado que nem sequer é consciente dele. Em um dos Upanishads se diz que o marido ama a sua esposa, não pela esposa, mas sim por si mesmo; e a mãe ama ao menino, não pelo menino, mas sim por si mesmo. O interesse pela gente mesmo está tão enraizado que tudo o que faz, faz-o por ti mesmo. Isto significa que sempre está satisfazendo o ego, alimentando o ego, alimentando um centro falso que se converteu em uma barreira entre você e o universo.

Perde a preocupação por ti mesmo. Se embora seja às vezes, se embora seja por uns poucos momentos, pode perder a preocupação por ti mesmo e pode te interessar pelo outro, pelo ser do outro, entrará em uma realidade diferente, uma dimensão diferente. Por isso fica tanto ênfase no serviço, o amor, a compaixão, porque a compaixão, o amor, o serviço, significam interesse pelo ser do outro, não por ti mesmo.

Mas, olhe..., a mente humana é tão ardilosa que converteu o serviço, a compaixão e o amor em interesse pela gente mesmo. Um missionário cristão serve, e seu serviço é sincero. Em realidade, ninguém pode servir tão profunda e intensamente como um missionário cristão. Nenhum hindu pode fazer isso, nenhum muçulmano pode fazer isso, porque Jesus pôs muita ênfase no serviço. Um missionário cristão está servindo aos pobres, aos doentes, aos enfermos, mas, no fundo, está interessado em si mesmo, não neles. Este serviço é só um método para alcançar o céu. Não está interessado neles, não está realmente interessado neles absolutamente; está interessado em seu próprio ser. Mediante o serviço pode obter um ser maior, de modo que está servindo. Mas não entendeu o ponto básico, porque serviço significa interesse pelo outro, o outro é o centro e você te tornaste a periferia.

Prova-o de vez em quando. Converte a alguém no centro, então sua felicidade se volta sua felicidade, seu sofrimento se volta seu sofrimento. Tudo o que acontece, acontece a ele e flui em ti. Mas ele é o centro. Se uma vez, embora seja uma vez, pode sentir que o outro é o centro e você te tornaste simplesmente periferia dele, entraste em um tipo diferente de existência, uma dimensão diferente de existência, porque nesse momento sentirá uma profunda sorte, antes desconhecida, nunca antes experimentada. Com apenas pôr o interesse no outro, perderá todo o sofrimento. Nesse momento não haverá inferno para ti; entraste no paraíso.

por que acontece isto? Acontece porque o ego é a raiz de todo sofrimento. Se pode esquecer-lo, se pode dissolvê-lo, todo o sofrimento se dissolve com ele.

Sente a consciência de cada pessoa como sua própria consciência. De modo que, deixando de lado o interesse pela gente mesmo, te volte cada ser. te volte a árvore, te volte o rio, te volte a esposa, te volte o marido, te volte o filho, te volte a mãe, te volte o amigo... pode-se praticar em cada momento da vida. Mas ao princípio será difícil. Assim faz-o ao menos uma hora ao dia. Nessa hora, te volte tudo o que acontecer seu redor. Perguntará-te como pode acontecer. Não há outra maneira de saber como pode acontecer, tem que praticá-lo.

Sente-se com a árvore e sente que te tornaste a árvore. E quando chegar o vento e toda a árvore comece a agitar-se e a tremer, sente essa agitação e esse tremor em ti; quando sair o Sol e toda a árvore cobre vida, sente essa vitalidade em ti; quando chegar um chuvarada e toda a árvore esteja satisfeita e contente, quando uma prolongada sede, uma larga espera tenha desaparecido e a árvore esteja completamente satisfeita e

contente, sinta-se satisfeito e contente com a árvore. E então tomará consciência dos sutis estados de ânimo, dos matizes da árvore.

Viu essa árvore durante muitos anos, mas não conhece seus estados de ânimo. Às vezes está feliz, às vezes está infeliz. Às vezes está triste, sem vida, preocupado, frustrado; às vezes está muito ditoso, enlevado. Tem estados de ânimo. A árvore está viva e sente. E se te volta um com ele, então o sentirá. Então sentirá se a árvore é jovem ou velha; se a árvore estiver insatisfeita com sua vida ou satisfeito; se a árvore estiver apaixonado pela existência ou não está em contra, furioso, zangado; se a árvore for violenta ou há uma profunda compaixão nele. Igual a seu está trocando a cada momento, a árvore também está trocando. Se pode sentir uma profunda afinidade com ele, o que chamam empatia...

Empatia significa que te tornaste tão sensível a ele que, em realidade, tornaste-te um com ele. Os estados de ânimo da árvore se voltam seus estados de ânimo. E, então, se isto aprofundar mais e mais e mais, pode falar, pode ter comunicação com a árvore. Uma vez que conhece seus estados de ânimo, começa a compreender sua linguagem, e a árvore compartilhará sua mente contigo. Compartilhará suas agonias e seu êxtase.

E isto pode acontecer com todo o universo.

Durante ao menos uma hora ao dia, tenta estar em empatia com algo. Ao princípio te parecerá que está fazendo o parvo. Pensará: «Que tipo de estupidez estou fazendo?» Olhará a seu redor e sentirá que se alguém lhe olhe ou alguém vê ou alguém se inteira, pensará que te tornaste louco. Mas só ao princípio. Uma vez que entre neste mundo da empatia, parecerá-te que o mundo inteiro está louco. estão-se perdendo muitas coisas innescessariamente. A vida dá com abundância, e eles o estão perdendo. O estão perdendo porque estão fechados; não deixam que a vida entre neles. E a vida só pode entrar em ti se seu entrar na vida de muitíssimas maneiras, por muitos caminhos, através de multidimensiones. Estate em empatia durante ao menos uma hora ao dia.

Este era o significado da oração nos inícios de toda religião. O significado da oração era estar em afinidade com o universo, estar em profunda comunicação com o universo. Na oração está falando com Deus, Deus significa a totalidade. Pode que às vezes esteja zangado com Deus, às vezes agradecido, mas uma coisa é segura, está em comunicação. Deus não é só um conceito mental; tornou-se uma relação profunda, íntima. Isso é o que significa a oração.

Mas nossas orações se não podem porque não sabemos nos comunicar com os seres. E se não poder te comunicar com os seres, não pode te comunicar com o Ser, o Ser com S maiúscula; é impossível. Se não poder te comunicar com uma árvore, como vais poder te comunicar com toda a existência? E se te parece uma tolice lhe falar com uma árvore, sentirá-se mais parvo lhe falando com Deus.

Reserva uma hora ao dia para um estado de ânimo de oração. E não converta sua oração em algo verbal; sente-a. Em vez de falar com a cabeça, sente-a. vá tocar a árvore, abraça a árvore, beija a árvore; fecha os olhos e estate com a árvore como se estivesse com sua pessoa amada. Sente-o. E logo alcançará uma profunda compreensão do que significa deixar de lado a gente mesmo, pelo que significa voltar o outro.

Sente a consciência de cada pessoa como sua própria consciência.

De modo que, deixando de lado o interesse pela gente mesmo, te volte cada ser.

107 Sabe que só existe a consciência.

Segunda técnica: *Esta consciência existe como cada ser, e não existe nada mais.*

Os cientistas estavam acostumados a dizer que só existia a matéria, nada mais. Surgiram grandes sistemas de filosofia apoiados no conceito de que só existia a matéria. Mas inclusive os que acreditavam que existia a matéria tiveram que admitir que havia algo como a consciência. Então, o que é isso? Disseram que a consciência era só um epifenômeno, um produto secundário da matéria. Não era mais que matéria disfarçada, um pouco muito sutil, mas, não obstante, material. Mas este meio século viu acontecer um grande milagre.

Os cientistas trataram e trataram de descobrir o que era a matéria, mas quanto mais o tentaram, mais se deram conta de que não havia tal coisa como a matéria. A matéria foi analisada e tirou o chapéu que tinha desaparecido. Nietzsche havia dito cem anos antes: «Deus morreu.» Com Deus morto, não pode haver consciência, porque Deus significa a totalidade da consciência. Mas, em menos de cem anos, a matéria morreu; e morreu, não porque a gente religiosa cria que é assim, mas sim porque os cientistas chegaram à conclusão categórica de que a matéria é só uma aparência. Parece que é como é porque não podemos ver muito profundamente. Se podemos ver profundamente, desaparece, e então só fica energia.

Este fenômeno da energia, esta força energética imaterial, foi conhecida pelos místicos a muito tempo. Nos Veda, na Bíblia, no Corán, nos Upanishads..., em todo mundo, os místicos penetraram na existência e sempre concluíram que a matéria é só uma aparência; no profundo não há matéria a não ser só energia. Agora a ciência está de acordo com isto. E os místicos hão dito uma coisa mais com a que a ciência ainda não está de acordo, ipero com a que um dia terá que estar de acordo! Os místicos chegaram também a outra conclusão. Dizem que quando penetra profundamente na energia, a energia também desaparece e só fica consciência.

De modo que estas são as três capas. A matéria é a primeira capa, a superfície. Se penetrar na superfície, então a segunda capa se volta visível; pode perceber a segunda capa, que é energia. Então, se penetrar na energia, ilumina-se a terceira capa. A terceira capa é consciência. Ao princípio, a ciência dizia que os místicos simplesmente estavam sonhando, porque a ciência só via matéria e nada mais. Logo a ciência tentou penetrar, e tirou o chapéu a segunda capa dos místicos, a matéria é só aparente; no profundo só há energia. E a outra afirmação dos místicos é: penetra mais na energia, e a energia também desaparece; então só fica consciência. Essa consciência é Deus. Esse é o núcleo *mais profundo*.

Se penetrar no corpo, estão aí estas três capas. Na superfície, está seu corpo. O corpo parece material, mas no profundo há correntes de vida, *prana*, energia vital. Sem essa energia vital, seu corpo seria só um cadáver. Está vivo, com algo que flui nele. Esse algo que flui é energia. Mas mais profundo, ainda mais profundo, é consciente, pode ser uma testemunha. Pode ser uma testemunha tanto de seu corpo como de sua energia vital. Isso que é uma testemunha é sua consciência.

Toda existência tem três capas. A mais profunda é a consciência que é testemunha. No meio está a energia vital, e na superfície está a matéria, um corpo material.

Esta técnica diz: *Esta consciência existe como cada ser, e não existe nada mais. O que é? Quem é?* Se fechar os olhos e tenta descobrir quem é, ao final terá que chegar à conclusão de que é consciência. Pode que todo o resto te pertença, mas não é isso. O corpo te pertence, mas pode ser consciente do corpo, e o que é consciente do corpo se separa. O corpo se volta um objeto de conhecimento e você te volta o sujeito. Pode conhecer seu corpo. Não só pode conhecê-lo, mas também pode manipular seu corpo, pode ativá-lo ou pode fazê-lo inativo. Está separado. Pode fazer algo com seu corpo.

E não só não é seu corpo; tampouco é sua mente. Também pode tomar consciência de sua mente. Se houver pensamentos, pode vê-los, e pode fazer algo com eles, pode

fazê-los desaparecer completamente, pode ficar sem pensamentos, ou pode concentrar sua consciencia em um pensamento e não deixar que se mova daí. Pode te concentrar nele e fazer que permaneça aí, ou pode permitir um fluxo de pensamentos. Pode fazer algo com seus pensamentos. Inclusive pode dissolvê-los completamente até que não haja nenhum pensamento..., mas você ainda existe. Saberá que não há pensamentos, que surgiu um vazio; mas você seguirá aí, sendo testemunha desse vazio.

O único do que não pode te separar é de sua energia, que é uma testemunha. Isso significa que é isso. Não pode te separar dela. Pode te separar de todo o resto, pode saber que não é seu corpo, nem sua mente, mas não pode saber que não é o

testemunha, porque independentemente do que faça, será a testemunha. Não pode te separar da testemunha. Essa testemunha é consciencia. E a menos que chegue a um ponto do que a separação se volte impossível, não chegaste a ti mesmo.

Assim há métodos com os que o buscador segue eliminando. Segue eliminado..., primeiro o corpo, logo a mente, e então chega ao ponto em que não se pode eliminar nada. Nos Upanishads dizem: *Neti, neti*, «Isto não é, isso não é»; este é um método muito profundo. De modo que o buscador vai sabendo: «Isto não é, isto não é eu, isto não sou eu.» Segue e segue até que finalmente chega a um ponto em que não pode dizer: «Isto não sou eu.» Só fica um ser testemunha. Fica consciencia pura. Esta consciencia pura existe como cada ser.

Tudo o que existe é um fenômeno desta consciencia, uma onda, uma cristalização desta consciencia; e não existe nada mais. Mas isto terá que senti-lo. A análise pode ser útil, a compreensão intelectual pode ser útil, mas terá que *sentir* que não existe nada mais, só consciencia. Então te comporte como que só existe a consciencia.

ouvi falar do Lin Chi, um professor Zen. Um dia que estava sentado em sua cabana veio alguém a lhe ver. O homem que veio estava zangado. Pode que tivesse tido uma briga com sua mulher ou com seu chefe, ou algo similar, mas estava zangado. Abriu a porta de um golpe violento, atirou seus sapatos airadamente e logo se aproximou, muito respetuosamente, e se dobrou ante o Lin Chi. Lin Chi disse: «Primeiro vete a pedir perdão à porta e aos sapatos.»

O homem deveu olhar ao Lin Chi de maneira muito estranha. Havia mais pessoas sentadas ali, e se puseram-se a rir. Lin Chi disse: «iBasta!», E logo lhe disse ao homem: «Se não o fizer, então vete. Não terei nada que ver contigo.»

O homem disse: «Parecerá uma loucura pedir perdão aos sapatos e à porta.»

Lin Chi disse: «Não foi uma loucura quando expressou sua ira. Será uma loucura agora? Tudo tem uma consciencia. Assim vete, e a não ser que a porta te perdoe, não vou permitir te entrar.»

O homem se sentiu incômodo, mas teve que ir. Mais tarde, fez-se monge e se iluminou. Quando se iluminou, contou toda a anedota e disse: «Quando estive ante a porta, pedindo perdão, senti-me incômodo, como um parvo. Mas então pensei que se Lin Chi o dizia, devia haver algo nisso. Confiava no Lin Chi, assim pensei que, inclusive se for uma tolice, faz-o. Ao princípio, tudo o que lhe estava dizendo à porta era superficial, artificial; mas pouco a pouco comecei a me avivar. E Lin Chi estava esperando, e disse que olharia. Só podia entrar se a porta me perdoava; se não, tinha que ficar ali até que convencesse à porta e aos sapatos de que me perdoassem. Pouco a pouco, avivei-me. Esqueci-me de que havia muita gente olhando. Esqueci-me do Lin Chi; e então o interesse se voltou sincero e real. Comecei a sentir que a porta e os sapatos estavam trocando de humor. E no momento em que me dava conta de que a porta e os sapatos tinham trocado e se sentiam felizes, imediatamente Lin Chi disse que podia entrar. Tinham-me perdoado.»

Este incidente se converteu em um fenômeno lhe transformem em sua vida, porque pela primeira vez tomou consciência de que tudo é realmente uma cristalização de consciência. Se não poder vê-lo, é porque está cego. Se não poder ouvi-lo, é porque está surdo. Não lhes passa nada às coisas que lhe rodeiam; tudo é consciência condensada. O problema é teu, não está aberto e não é sensível.

Esta técnica diz: *Esta consciência existe como cada ser, e não existe nada mais.* Vive com esta noção. Se sensível a isto e, vá onde vá, vê com esta mente e este coração, que tudo é consciência e não existe nada mais. cedo ou tarde, o mundo trocará de rosto. cedo ou tarde, os objetos desaparecem e começam a aparecer pessoas em todas partes. cedo ou tarde, de repente o mundo inteiro se encherá de luz e saberá que estava vivendo em um mundo de coisas mortas devido a sua insensibilidade. De outra forma, tudo está vivo. Não só vivo; tudo é consciente.

No mais profundo, tudo não é outra coisa que consciência. Mas se o deixa como uma teoria, se crie nisso como teoria, então não acontecerá nada. Terá que fazê-lo um modo de vida, um estilo de vida, te comportar como que tudo é consciente. Ao princípio será um «como que» e se sentirá como um parvo, mas se pode perseverar em sua tolice, e se pode te atrever a ser um parvo, logo o mundo começará a revelar seus *mistérios*.

A ciência não é a única metodologia a usar para entrar nos mistérios da existência. Em realidade, é a metodologia mais áspera, a mais lenta.

Um místico pode entrar na existência em um só momento. A ciência demorará milhões de anos em penetrar tanto. Os Upanishads dizem que o mundo é *ilusório*, que a matéria é ilusória, mas só depois de cinco mil anos pode dizer a ciência que a matéria é ilusória. Os Upanishads dizem que no mais profundo a energia é consciente; a ciência demorará outros cinco mil anos. O misticismo é um salto; a ciência é um movimento muito lento. O intelecto não pode saltar; tem que argumentar, argumentar cada feito, demonstrar, refutar, experimentar. Mas o coração pode saltar imediatamente.

Recorda, para o intelecto é necessário um processo; logo chega a conclusão lógica, primeiro o processo, logo a conclusão. para o coração, a conclusão chega primeiro, logo o processo. É justo à inversa. Por isso os místicos não podem demonstrar nada. Têm as conclusões, mas não têm o processo.

Pode que não seja consciente, pode que não te tenha dado conta de que os místicos simplesmente falam de conclusões. Se os Upanishads, só encontrará conclusões. Quando se traduziram por primeira vez às línguas ocidentais, os *filósofos* ocidentais não podiam entender seu sentido porque não havia nenhum argumento. Os Upanishads dizem: «Existe Brahma»..., sem nenhum argumento. Como se chega a esta conclusão? Qual é a prova? Com apóie em que premissas declara que “existe Brahma”..? Os Upanishads não dizem nada; simplesmente chegam a uma conclusão. O coração chega a uma conclusão imediatamente. E quando se alcançou a conclusão, pode criar o processo. Esse é o significado da teologia.

Os místicos chegam à conclusão e os teólogos criam o processo. Jesus chegou à conclusão e os teólogos -são Agustín, santo Tiram do Aquino- criaram o processo. Isso é secundário. A conclusão foi alcançada; agora tem que encontrar as provas. A prova está na vida do místico. Não pode argumentar sobre isso. Ele mesmo é a prova..., se pode vê-la. Se não poder ver, então não há prova. Então a religião é absurda.

Não converta estas técnicas em teorias. Não o são. São saltos à experiência, saltos à conclusão.

108 Te volte seu próprio guia interno.

Terceira técnica: *Esta consciência é o espírito de guia de cada um. Se este.*

O primeiro é que tem a guia dentro de ti, mas não a usa. E não a usaste durante tanto tempo, durante tantas vistas, que pode que nem sequer seja consciente de que existe uma guia dentro de ti.

Estive lendo o livro da Castaneda. Seu professor, Dom Juan, atribui-lhe um belo experimento. É um dos experimentos mais antigos.

Em uma noite escura, em um atalho muito montanhoso, o professor da Castaneda disse: «Simplesmente acredita no guia interno e começa a correr.» Era perigoso. Era um atalho montanhoso, desconhecido, com árvores, arbustos, ravinas. podia-se cair em qualquer sítio. Inclusive à luz do dia tinha que estar alerta ao caminhar ali, e de noite tudo estava escuro. Não via nada, e seu professor lhe disse: «Não ande, corre!» Não podia acreditá-lo! Era simplesmente suicida. assustou-se; mas o professor correu. Saiu correndo como um animal selvagem, e voltou correndo. E Castaneda não entendia como o estava fazendo. Não só estava correndo nesta escuridão, mas também cada vez vinha correndo diretamente até ele, como se pudesse ver. Então, pouco a pouco, Castaneda se armou de valor. Se este ancião podia fazê-lo, por que não ele? Tentou-o, e pouco a pouco sentiu que lhe chegava uma luz interna. Então começou a correr.

Só *está* quando deixa de pensar. No momento em que deixa de pensar, acontece o interno.

Se não pensar, tudo *está* bem; é como se um guia interno estivesse operando. Sua razão te guiou mau, e a pior guia foi esta, não crie no guia interno.

Em primeiro lugar, tem que convencer a sua razão. Inclusive se seu guia interno diz: «Segue», tem que convencer a sua razão, e então perde oportunidades. Porque há momentos...; pode usá-los ou pode desperdiçá-los. O intelecto requer tempo, e enquanto lhe *está* pensando isso refletindo, refletindo, perde-te o momento. A vida não *está* te esperando. Terá que viver imediatamente. Terá que ser realmente um guerreiro, como dizem no Zen, porque quando *está* lutando no campo com sua espada, não pode pensar. Tem que te mover sem pensar.

Os professores Zen usaram a espada como uma técnica para a meditação, e no Japão dizem que se dois professores Zen, duas pessoas meditativas, *estão* lutando com essas espadas, a luta não pode concluir. Nenhum pode ser derrotado e nenhum vai vencer, porque nenhum dos dois *está* pensando. As espadas não *estão* em suas mãos, a não ser em mãos de seu guia interno, o guia interno que não pensa, e antes de que o outro ataque, o guia sabe e defende. Não pode pensar nisso porque não há tempo. O outro *está* apontando a seu coração. Em um instante, a espada penetrará no coração. Não há tempo para pensar nisso, no que fazer. Quando a ele lhe ocorra o pensamento «penetra no coração», simultaneamente te deve ocorrer a ti o pensamento «defende»; simultaneamente, sem nenhum intervalo:..., só então pode te defender. Do contrário, já não existirá.

De modo que ensinam a esgrima como uma meditação, e dizem: «Estate em todo momento com o guia interno; não pense. Permite que o guia interno faça tudo o que te aconteça. Não deixe que interfira a mente.» Isto é muito difícil, porque estamos muito adestrados com nossas mentes. Nossas escolas, nossos colégios, nossas universidades, toda a cultura, toda a pauta da civilização, ensina a nossas cabeças. perdemos o contato com o guia interno. Todo mundo nasce com esse guia interno, mas não lhe permite trabalhar, funcionar. *Está* quase paralisado, mas pode ser reavivado.

Este sutra é para esse guia interno. *Esta consciencia é o espírito de guia de cada um. Se este.* Não pense com a cabeça. Em realidade, não pense absolutamente. Simplesmente atua. Prova-o em algumas situações. Será difícil, porque o velho hábito será começar a pensar. Terá que estar alerta, não pensar, a não ser sentir internamente

que está chegando à mente. Pode que esteja confuso muitas vezes, porque não poderá saber se está vindo do guia interno ou da superfície da mente. Mas logo conhecerá a sensação, a diferença.

Quando algo vem do interno, sobe do umbigo. Pode sentir o fluxo, o calor, subindo do umbigo. Quando pensa sua mente, está só na superfície, na cabeça, e logo baixa. Se sua mente decidiu algo, então tem que forçá-lo a que baixe. Se decidir seu guia interno, então algo sobe borbulhando em ti. Vai do núcleo profundo de seu ser para a mente. A mente o recebe, mas não é da mente. Vem de mais à frente..., e essa é a razão pela que a mente está assustada disso. Para a razão não é digno de confiança porque vem de atrás, sem nenhuma razão, sem nenhuma prova. Simplesmente sobe borbulhando.

Prova-o em certas situações. Por exemplo, perdeste-te em um bosque. Prova-o. Não pense, simplesmente fecha os olhos, sente-se, se meditativo, e não pense, porque é inútil; como vais pensar? Não sabe. Mas pensar se tornou um hábito tal que segue pensando inclusive nos momentos em que não pode sair nada disso. Só se pode pensar a respeito de algo que já se conhece. Está perdido em um bosque, não tem nenhum mapa, não há ninguém a quem perguntar. No que está pensando? Mas segue pensando. Esse pensamento será só uma preocupação, não um pensamento.

E quanto mais se preocupa, menos competente pode ser o guia interno.

Não se preocupe. Sente-se sob uma árvore, e deixa que os pensamentos cessem e se assentem. Espera, não pense. Não crie o problema, simplesmente espera. E quando sentir que chegou um momento de não pensamento, te levante e começa a avançar. Em qualquer lugar que vá seu corpo, deixa que vá. Simplesmente se uma testemunha. Não interfira. O caminho perdido pode ser encontrado muito facilmente. Mas a única condição é, não deixe que interfira a mente.

Isto aconteceu muitas vezes sem que te tenha dado conta disso. Os grandes cientistas dizem que sempre que se fez um grande descobrimento, nunca foi feito pela mente; sempre foi feito pelo guia interno.

Madame Curie estava tentando e tentando resolver um problema matemático. Fez tudo o que pôde, todo o possível; então se fartou. Tinha estado trabalhando durante dias, semanas seguidas, e não tinha conseguido nada. sentia-se furiosa. Nenhum caminho levava a solução. Então, uma noite, exausta, ficou dormida. E de noite, em um sonho, brotou a conclusão. Estava tão preocupada com a conclusão que o sonho se rompeu; despertou. Imediatamente, escreveu a conclusão; porque no sonho não havia nenhum processo, só uma conclusão. Escreveu-a em um caderno e se voltou a dormir. Pela manhã estava desconcertada; a conclusão era correta, mas não sabia como tinha sido alcançada. Não havia nenhum processo, nenhum método. Então tentou encontrar o processo; agora era mais fácil, porque já tinha a conclusão, e é fácil ir para trás da conclusão. Ganhou o Prêmio Nobel como resultado deste sonho..., mas sempre se perguntou como tinha acontecido.

Quando sua mente se esgota e não pode fazer mais, simplesmente se retira. Nesse momento de retiro, o guia interno pode dar indícios, pistas, crave. O homem que ganhou o Prêmio Nobel pela estrutura interna da célula humana, viu-a em um sonho. Viu toda a estrutura da célula humana, a célula interna, em um sonho, e logo, pela manhã, desenhou-a. Ele mesmo não podia acreditar que pudesse ser assim, assim é que teve que trabalhar durante anos. depois de anos de trabalho, pôde concluir que o sonho era certo.

Com o Madame Curie aconteceu que, quando chegou a conhecer este processo interno do guia interno, decidiu tentá-lo. Em certa ocasião havia um problema que queria resolver, assim pensou: «por que me preocupar com isso, e por que tentá-lo? Vete a dormir.» Dormiu bem, mas não houve nenhuma solução. De modo que se sentiu

perplexa. Tentou-o muitas vezes. Quando havia um problema, imediatamente ia se dormir. Mas não se produziu nenhuma solução. Primeiro terá que tentá-lo completamente com o intelecto; só então pode brotar a solução. A cabeça tem que estar completamente exausta; do contrário segue funcionando inclusive em um sonho.

De maneira que agora os cientistas dizem que todos os grandes descobrimentos são intuitivos, não intelectuais. Isto é o que quer dizer com o guia interno.

Esta consciencia é o espírito de guia de cada um. Se este. Perde a cabeça e cai neste guia interno. Está aí. As Escrituras antigas dizem que o professor ou o gurú -o gurú externo- só pode ser útil para encontrar o gurú interno. Isso é tudo. Uma vez que o gurú externo te ajudou a encontrar o gurú interno, a função do gurú externo terminou.

Não pode chegar à verdade por meio de um professor; por meio de um professor só pode chegar ao professor interno; e então este professor interno te levará a verdade. O professor externo é só um representante, um substituto. Ele tem seu guia interno e pode sentir também seu guia interno, porque ambos existem na mesma longitude de funda, ambos existem na mesma sintonia e a mesma dimensão. Se tiver encontrado meu guia interno, posso te olhar e sentir seu guia interno. E se realmente sou um guia para ti, toda meu guia será te levar a seu guia interno.

Uma vez que está em contato com o guia interno, eu já não sou necessário. Agora pode avançar sozinho. De modo que o único que pode fazer um gurú é te baixar da cabeça ao umbigo, da força razonadora à intuitiva, da mente argumentaçã a seu guia crédulo. E isto não é assim só com os seres humanos, mas também com os animais, com os pássaros, com as árvores, contudo. O guia interno existe, e se têm descoberto muitos novos fenômenos que são mistérios.

Há numerosos casos. Por exemplo, o peixe mãe morre imediatamente depois de pôr os ovos. Então o pai ajuda a fecundar os ovos, e logo morre. Os ovos permanecem sozinhos sem mãe nem pai. Maturam. Então nascem novos peixes. Estes peixes não sabem nada sobre seu pai, sua mãe, seus pais; não sabem de onde vieram. Mas embora estes peixes específicos vivem em uma parte específica do mar, irão à parte da que vieram o pai e a mãe para pôr os ovos. Irã à origem. Isto esteve acontecendo uma e outra vez, e quando quiserem pôr ovos virão a este banco, porão os ovos, e morrerão. De modo que não há nenhuma comunicação entre os pais e seus filhos, mas os filhos sabem de alguma forma onde têm que ir, aonde têm que mudar-se..., e nunca se equivocam. E não pode lhes desorientar. tentou-se, mas não lhes pode desorientar. Chegarão à origem. Está operando algum guia interno.

Na antiga União Soviética experimentaram com gatos, com ratos, e com muitos animais pequenos. Uma gata, uma gata mãe, foi separada de seus filhos e levaram a estes às profundidades do mar; não havia forma de que ela soubesse o que estava acontecendo a seus filhos. Puseram-lhe todo tipo de instrumentos científicos para medir o que acontecia sua mente e em seu coração, e então mataram a um dos filhos, nas profundidades do mar. A mãe se deu conta imediatamente. Seu pulso trocou. ficou perplexa e preocupada; seu ritmo cardíaco se acelerou... assim que mataram a seu filho. E o instrumental cientista indicou que estava sentindo uma dor intensa. Logo, ao cabo de um momento, tudo voltou a ser normal. Então mataram a outro de seus filhos, de novo a mudança. E o mesmo com o terceiro filho. Aconteceu cada vez, exatamente ao mesmo tempo, sem nenhum intervalo. O que estava acontecendo?

Agora aqueles cientistas dizem que a mãe tem uma guia interna, um centro interno que sente e está unido a seus filhos, independentemente onde estejam. E sente imediatamente uma relação telepática. A mãe humana não sentirá tanto. Isto é estranho. Deveria ser justo ao reverso, a mãe humana deveria sentir mais porque está mais

evoluída. Mas não o sentirá porque a cabeça se feito cargo de tudo e os centros internos estão todos paralisados.

Esta consciencia é o espírito de guia de cada um. Se este. Sempre que estar desconcertado em uma situação e não possa ver como sair dela, não pense; simplesmente estate em um estado profundo sem pensamentos e deixa que o guia interno te guie. Ao princípio se sentirá assustado, inseguro, mas logo, quando todas as vezes chegar à conclusão correta, quando todas as vezes chegar à porta correta, cobrará ânimo e te encherá de confiança.

Se acontecer esta confiança, eu a chamo fé. Isto é realmente a fé religiosa: a confiança no guia interno. Raciocinar forma parte do ego. É você acreditando em ti mesmo. No momento em que vai ao profundo de ti, foste à alma mesma do universo. Seu guia interno forma parte da guia divina. Quando lhe segue, segue ao divino; quando segue a ti mesmo, está complicando as coisas, e não sabe o que está fazendo. Pode que pense que é muito sábio. Não o é.

A sabedoria vem do coração, não do intelecto. A sabedoria vem da profundidade mais íntima de seu ser, não da cabeça. te corte a cabeça, estate sem cabeça... e segue ao ser, leve-te aonde te leve. Inclusive se te leva a perigo, entra no perigo, porque esse será o caminho para ti e seu crescimento. Mediante esse perigo crescerá e maturará.

Inclusive se o guia interno te leva a morte, entra nela, porque esse vai ser o caminho para ti. lhe siga, confia nele, e balance com ele.

Capítulo 78

O Guia Interno

Perguntas

Algumas destas técnicas parecem muito avançadas.

Como reconhecer o guia interno?

Não se voltará intelectualmente fraco a pessoa intuitiva?

Primeira pergunta:

Algumas das técnicas nos cento e doze métodos parecem ser resultados finais e não técnicas, como as que dizem «te voltem consciencia universal» ou «se isto», etc. Parece que necessitamos técnicas para chegar a estas técnicas. criaram-se técnicas como essas para pessoas muito avançadas que podiam voltar-se cósmicas com uma mera sugestão?

Semelhantes técnicas não foram criadas para pessoas muito avançadas, a não ser para pessoas muito inocentes, singelas, inocentes, confiadas. Então uma sugestão é suficiente. Você tem que ter algo que fazer porque não pode confiar. Não tem fé. A menos que faça algo, não pode te acontecer nada, porque crie na ação. Se te acontecer algo de repente, sem nenhuma ação por sua parte, assustará-te e não acreditará. Inclusive pode que o ignore; pode que nem sequer tome nota em sua mente de que aconteceu. A não ser que *faça*, não pode sentir que te está acontecendo algo, assim é o ego.

Mas para uma pessoa inocente, para uma mente inocente, aberta, uma sugestão é suficiente. por que? Porque, em realidade, o ser mais íntimo não é algo que terá que

obter no futuro, está aqui e agora, já é a realidade. Tudo o que terá que conseguir está aqui, presente em ti neste mesmo momento. Se pode confiar sem nenhum esforço, pode ser revelado. Não é uma questão de tempo, de que tenha que encontrá-lo. É *você*. Pode chamá-lo Deus, pode chamá-lo *nirvana* ou o que queira, já é *você*. De modo que, inclusive uma sugestão, se se crie totalmente, lhe pode revelar isso. Por isso se dá tanta importância a *shraddha*, a confiança, a fé. Se uma pessoa pode acreditar no professor, só uma alusão, uma sugestão, uma indicação..., e em um instante todo será revelado.

Quão básico terá que compreender é isto: há coisas que não pode obter agora mesmo porque fará falta tempo para as produzir. Não as tem. Se te der uma semente, não pode voltar uma árvore imediatamente. Fará falta tempo, e terá que esperar e trabalhar. A semente não pode voltar a árvore imediatamente. Mas você já é realmente a árvore. Não é uma semente da que tenha que te ocupar, a não ser uma árvore oculta na escuridão, uma árvore que está encoberto, uma árvore ao que não está emprestando atenção; isso é tudo. Sua falta de atenção é o que o encobre. Não está olhando-o; isso é tudo. Está olhando a outra parte, e por isso lhe está perdendo isso. Em um momento de confiança, o professor pode te dizer, só como sugestão, que está aí. E se pode acreditar, se pode olhar nessa dimensão com confiança, será-te revelado.

Estas técnicas não são para pessoas avançadas; são para pessoas singelas, inocentes. As pessoas avançadas são, em certo modo, difíceis. Não são inocentes; estiveram trabalhando, obtiveram algo, e têm um ego sutil detrás disso. Sabem algo, assim não são inocentes, não podem acreditar. Terá que debater e as convencer; e, mesmo assim, terão que esforçar-se. Com «mente inocente» refiro a uma mente que não está debatendo. É como um menino pequeno. O menino vai da mão de seu pai, não tem medo. O pai lhe está levando, deve estar lhe levando na direção correta. O pai sabe, assim que o menino não precisa preocupar-se. Não está pensando no futuro, não lhe preocupa o que vai acontecer. Está desfrutando da viagem mesmo; o objetivo não é o problema absolutamente. Para o pai pode que seja um problema. Pode que tenha medo. Pode que esteja perguntando-se se se perderam ou não, se forem por bom caminho ou não. Mas para o menino não é um problema. Sabe que o pai sabe. Isso é tudo. E aonde lhe leve o pai, lhe seguirá..., e é feliz neste mesmo momento.

Um discípulo crédulo, uma mente inocente como um menino..., e o professor é mais que um pai. Uma vez que o discípulo se entrega, confia. Então, em qualquer momento, quando o professor sintia que o discípulo está em harmonia, está compenetrado, simplesmente lhe dará uma indicação.

ouvi falar de um professor Zen, Bokuju... esforçou-se duramente para conseguir a iluminação, mas não aconteceu nada. Em realidade, com um duro esforço às vezes não acontecerá nada, porque o duro esforço se deve ao ego. E com o duro esforço o ego se volta mais duro. Bokuju fez tudo o que se podia fazer, mas o objetivo não estava mais perto. Mas bem, pelo contrário, estava mais longe; mais longe que quando tinha começado a viagem. Estava perplexo, confuso, assim foi ver seu professor. O professor disse: «Durante uns poucos anos, simplesmente cessa *todo* esforço, todo objetivo, todo rumo. Esquece-o, e vive momento a momento junto a mim. Não faça nada. Simplesmente come, dorme, caminha, e permanece junto a mim.

E não faça nenhuma pergunta... Simplesmente me veja, vê minha presença. E não faça nenhum esforço, porque não há nada que obter. Esquece a mente que quer obter algo, porque essa mente sempre está no futuro; por isso segue perdendo o presente. Esquece que tem que obter algo.»

Bokuju acreditava em seu professor. Começou a viver com ele. Durante uns dias, uns meses, vinham-lhe idéias, chegavam-lhe pensamentos, e às vezes se sentia inquieto e pensava: «Estou perdendo o tempo. Não estou fazendo nada. Como vai acontecer sem

fazer nada? Se não pôde acontecer com um esforço tão duro, como vai ser fácil de obter sem fazer nada?». Não obstante, acreditava no professor. Pouco a pouco, a mente começou a ir mais devagar, e começou a sentir que em presença de seu professor fluía uma sutil calma, fluía um silêncio do professor a ele. Começou a sentir uma fusão. Passaram os anos. esqueceu-se completamente de que existia. O professor se voltou o centro e ele começou a viver como uma sombra.

Então é possível o milagre, que isto aconteça é o milagre. Um dia, de repente, o professor lhe chamou: «Bokuju, está aqui?». Só isto: «Bokuju, está aqui?». E ele disse: «Sim, professor.» E se diz que se iluminou.

Não houve nada parecido a uma técnica, nem sequer uma sugestão; tão somente: «Bokuju, está aqui?». Tinha sido chamada a presença total: Está aqui, sem ir a nenhuma parte, sem ir a outro sítio? Está presente aqui com total intensidade? E Bokuju disse: «Sim, professor.» Nesse «sim» se voltou totalmente presente.

diz-se que o professor pôs-se a rir e Bokuju pôs-se a rir, e o professor disse: «Agora pode ir. Agora vete daqui e ajuda às pessoas com *sua* presença.»

Bokuju nunca ensinou nenhum método. Simplesmente pedia isto: «Estate perto. Permanece presente.» E quando um discípulo estava em harmonia, dizia o nome do discípulo e perguntava: «Está aqui?» Esta era toda a técnica.

Mas esta técnica requererá um assentamento de sua mente, uma profunda inocência. Há muitas técnicas que são singelas, o mais singelas possível; tão somente dizer: «Se isto», uma mera indicação. Mas isso deve ser dito pelo professor em um momento determinado. «Se isto» não se pode dizer sempre. Deve haver-se dito em uma determinada sintonização, quando o discípulo era totalmente um com o professor, ou totalmente um com o universo, fundido. Então o professor diz: «Se isto», e o enfoque trocará de repente, e a última parte do ego se dissolverá.

Estes métodos funcionaram no passado, mas agora é difícil, muito difícil, porque são tão calculadores, são tão preparados... E ser preparado vai ser inocente. É tão calculador; sabe muita aritmética. Este cálculo segue e segue na mente; tudo o que faz, sempre é calculado, planejado. Nunca é inocente, nunca é aberto, receptivo; crie muito em ti mesmo. Por isso segue errando. Estes métodos não serão úteis para ti a menos que te prepare. Essa preparação pode ser muito larga, e é muito impaciente.

Esta época é basicamente a época mais impaciente que aconteceu nunca nesta Terra. Todo mundo é impaciente, todo mundo está pendente do tempo, e todo mundo quer fazê-lo tudo imediatamente. Mas com semelhante consciencia do tempo, é impossível. A gente vem para mim e diz que veio só a passar um dia. Ao dia seguinte se vão ao Sai Baba, e depois de estar com ele se irão ao Rishikesh, e logo irão a alguma outra parte. Logo retornam frustrados e pensam que a Índia não tem nada que oferecer. Não é questão de se a Índia pode dar algo ou não; a questão é sempre se você pode recebê-lo ou não. Tem tanta pressa e quer algo imediatamente. Ao igual a no café instantâneo, pensa na meditação foto instantânea, o *nirvana* instantâneo. Não é possível. O *nirvana* não pode ser empacotado, não pode ser instantâneo. Não é que seja impossível fazê-lo instantâneo, pode sê-lo; mas só pode ser instantâneo com a mente que não anda em busca do instantâneo. Esse é o problema. Pode ser instantâneo. Pode acontecer imediatamente, neste momento. Não é necessário sequer um momento. Mas só a alguém que está completamente depravado com respeito ao tempo pode lhe acontecer instantaneamente.

Isto parece paradoxal, mas é assim. Se pode esperar eternamente, não precisará esperar absolutamente. Mas se não poder esperar nem um só momento, terá que esperar eternamente. Terá que esperar, porque a mente que diz: «iQue aconteça imediatamente!», é uma mente que já se foi do momento. Está correndo, não está em

nenhuma parte, está daqui para lá. Uma mente que está daqui para lá, em movimento, não pode ser inocente.

Pode que não seja consciente disso, mas as pessoas inocentes nunca têm consciencia do tempo. O tempo se prolonga pausadamente. Não há pressa por ir a nenhuma parte; não estão correndo. Estão desfrutando de momento a momento. Estão mascando cada momento. E cada momento tem seu próprio êxtase que entregar. Mas tem tanta pressa que não pode entregá-lo. Enquanto você está aqui, suas mãos estão no futuro, sua mente está no futuro, perderá-te este momento. E isto sempre será assim; sempre te perderá o agora. E *agora* é o único tempo! O futuro é falso, o passado é só uma lembrança. O passado já não existe, o futuro está ainda por chegar..., e o único que acontece é o agora. Agora é o único tempo.

De modo que se estiver disposto a ir um pouco mais devagar, a ser menos calculador, a jogar como os meninos, aqui e agora, então estas técnicas singelas podem fazer milagres. Mas este século é muito consciente do tempo. Por isso perguntas: *Parece que necessitamos técnicas para chegar a estas técnicas.* Não. Estas são técnicas; não resultados finais. Parecem resultados finais porque não pode conceber como podem funcionar. Podem funcionar em uma mente específica; não podem funcionar em outros tipos de mente. E, em realidade, os que sabem dizem que ao final todas as técnicas lhe levarão a inocência em que acontece o fenômeno. Quando acontecer o fenômeno, será porque as técnicas lhe terão levado a essa inocência..., se houver inocência.

Mas agora é difícil, porque em nenhuma parte se incentiva a inocência; em todas partes estamos incentivando a astúcia. As universidades não são para te fazer inocente, a não ser para te fazer listo, artiloso, calculador. quanto mais preparado seja, melhor será na luta da vida. Pode conseguir muita riqueza, prestígio, poder, se for calculador. Se for inocente, resultará ser estúpido; se for inocente, não chegará a nenhuma parte neste mundo competitivo. Este é o problema, neste mundo competitivo pode que não chegue a nenhuma parte, mas no mundo não competitivo do *nirvana*, se for inocente, chegará a alguma parte. Se for calculador, não chegará a nenhuma parte no mundo do *nirvana*, mas chegará a alguma parte neste mundo. E escolhemos este mundo como nosso objetivo.

As antigas universidades eram completamente diferentes, sua orientação era totalmente diferente. Nalanda ou Takshsila não instruíam sobre a astúcia, não instruíam a esperteza. Instruíam a inocência. Sua orientação era diferente a de Oxford, ou Kashi, ou Cambridge; sua orientação era totalmente diferente. Estavam criando um tipo diferente de mente. De modo que acontecia quase sempre que, ao final, uma pessoa que estudava na Takshsila ou Nalanda se voltava um *bhikkhu*, um sannyasin. Para quando se licenciava na universidade, renunciava a este mundo. Essas universidades eram antimundo; preparavam para alguma outra dimensão. Preparavam-lhe para outra coisa que não pode medir-se em términos deste mundo. Estas técnicas eram para esses tipos de gente. Ou eram inocentes por natureza ou se estavam adestrando para ser inocentes.

Quando Jesus disse a seus seguidores: «Se alguém te golpear em uma bochecha, lhe ofereça a outra», o que estava tentando fazer? Está tentando te fazer inocente. Só um parvo faria isso. Quando alguém te golpeia em uma bochecha, uma mente calculadora dirá: «lhe pegue forte, imediatamente.» E uma mente realmente calculadora dirá: «antes de que te ele pegue, lhe pegue você. Porque o ataque é a melhor defesa.» lhe pergunte ao Maquiavelo; ele é a mente mais artilosa. Ele diz: «antes de que alguém te ataque, lhe ataque você, porque o ataque é a melhor defesa. Uma vez que alguém te atacou, já é débil; já te ganhou terreno. Já não estão em igualdade de condições. Leva-te a dianteira. Assim não permita que o inimigo te leve a dianteira. Ataca antes de que alguém ataque a ti.»

Esta é uma mente calculadora, esta é uma mente lista. Todos os príncipes e todos os reis da Europa medieval liam ao Maquiavelo, mas este era uma pessoa tão lista que nenhum rei quis lhe dar emprego. Liam-lhe -seu livro era a Bíblia da política do poder, todo príncipe lia seu livro *O Príncipe* e o seguia-, mas nenhum rei estava disposto a lhe dar emprego, porque era um homem muito preparado. Era melhor lhe manter afastado; era perigoso, sabia muito. Dizia: «A virtude não é boa, mas simular que se é virtuoso sim o é. Não seja virtuoso, mas simula sempre que é virtuoso. Isso é o realmente bom, porque então ganha pelos dois lados, ganha com o vício e também com a virtude.» Esta é a mente calculadora. Segue fingindo que é virtuoso e elogia sempre a virtude. Mas nunca seja realmente virtuoso. Elogia sempre a virtude para que outros saibam que é uma pessoa virtuosa. Condenação sempre o vício..., mas não tenha medo de usá-lo.

Jesus diz: «Quando alguém te golpeie em uma bochecha, lhe ofereça a outra. Se alguém te agarrar o casaco, tira-lhe isso, lhe dê também sua camisa. E se alguém te obriga a levar sua carga um quilômetro, dava-lhe que está disposto a levá-la dois quilômetros.» Isto é uma tolice evidente, mas muito significativa. Se pode fazer isto, estas técnicas serão para ti. Jesus está preparando a seus discípulos para a iluminação repentina. Pensa nisso. Se pode ser tão inocente, tão crédulo que se o outro te está pegando, deve estar te pegando por seu bem... assim lhe ofereça também a outra bochecha, e lhe deixe que te golpeie nela. Terá que acreditar, confiar, na bondade do outro; ninguém é seu inimigo. Quando Jesus diz: “Ama a seus inimigos”, este é o significado. Ninguém é seu inimigo; não veja inimigos em nenhuma parte. Isso não significa que não haverá inimigos e que não haverá gente que se aproveitará de ti. Haverá-os. Explorarão-lhe. Mas se explorado..., e não seja ardiloso. Olhe essa dimensão: explorado-se mas não seja ardiloso. explorado-se mas não seja desconfiado, não seja cético, não perca a fé. Isso é mais valioso que tudo o que outros lhe possam tirar. Nenhuma outra coisa é tão valiosa.

Mas como funcionam nossas mentes? Se um homem te enganar, toda a humanidade é má. Se um homem for desonesto, ou pensa que é desonesto, então não crie absolutamente na humanidade. Então toda a humanidade se tornou desonesta. Se um judeu for um avaro, então toda a raça judia é avara. Se um muçulmano for intolerante, então todos os muçulmanos o são. Só a gente é suficiente para que percamos a fé em todos. Jesus diz: «Inclusive se todos são desonestos, não deveria perder a fé, porque a fé é mais valiosa que o que essa gente desonesta possa te tirar com sua desonestidade.» De modo que, em realidade, se perder a fé está perdendo algo; se não, não se perde nada.

Para gente tão inocente, estas técnicas são suficiente; não pedirão nada mais. As diz, e lhes acontece. Muitos se iluminaram com apenas ouvir o professor..., mas no passado, não nesta época.

ouvi uma história a respeito do Rinzai. Era um *bhikkhu* pobre, um sannyasin pobre, um mendigo. Enquanto dormia em sua cabana, entrou um ladrão. Não havia nada na cabana exceto uma manta que ele estava usando. Estava dormindo no chão, talher com sua manta. Então se sentiu incômodo e começou a pensar: «Que homem tão desventurado! veio até aqui do povo para encontrar algo, e não há nada em minha cabana! Que infortúnio! Como posso lhe ajudar? O único é esta manta.» E estava debaixo dela, assim que se deslizou fora dela, deixou-a ali e se foi silenciosamente a uma esquina escura. O ladrão agarrou a manta e se foi. Era uma noite muito fria, mas Rinzai estava contente de que o ladrão não se foi com as mãos vazias.

Então se sentou à janela de sua cabana. A noite era fresca, e se via a lua enche. Escreveu um pequeno *haiku*, um pequeno poema. No *haiku* dizia: «Se tivesse podido lhe dar esta Lua ao ladrão, a teria dado.» Esta mente! O que perdeu? Só uma manta. O

que ganhou? O mundo inteiro; tudo o que pode ganhar. ganhou inocência, confiança, amor.

Para este homem não é necessária nenhuma técnica. Seu professor diria: «Olhe. Se consciente. Estate alerta.» E isso bastaria.

Segunda pergunta:

*Como diferenciar entre os ditados da mente inconsciente e os do guia interno?
Como pode um reconhecer que o guia interno entrou em função?*

O primeiro: devido ao Freud, surgiu muita confusão em torno da palavra «inconsciente». Freud a entendeu completamente mal, interpretou-a mau. E se tornou a base do conhecimento moderno da mente. Para o Freud, o inconsciente significava tão solo o consciente reprimido, a parte reprimida do consciente. De modo que tudo o que é mau e daninho, imoral, foi reprimido. Como a sociedade não o pode permitir, tem que ser reprimido dentro. Para o Freud, essa parte reprimida é o inconsciente; mas não para os místicos.

Freud não é um místico; não entrou em seu próprio inconsciente. Simplesmente esteve observando casos de pacientes, gente doente, gente anormal, louca, demente, patológica. esteve estudando a mente patológica, e mediante o estudo da mente patológica –e isso, também, desde fora- concluiu que justo debaixo do consciente há uma mente inconsciente. Essa mente inconsciente contém tudo o que foi reprimido da infância, tudo o que a sociedade condenou. A mente o reprimiu; tão somente para esquecer-se de que existe.

Mas existe..., e segue funcionando. E é muito poderoso, segue trocando o consciente, segue fazendo truques com o consciente. O consciente é realmente impotente ante isso, porque tudo o que está reprimido o está só porque é tão capitalista que a sociedade não pode confrontá-lo. De maneira que a sociedade esteve reprimindo-o e a sociedade não sabe o que outra coisa fazer com isso. Por exemplo, o sexo. É tão capitalista que, se não o reprimir, não saberá o que fazer com isso. Conduzirá a caminhos perigosos. E é uma energia tão capitalista que toda a sociedade se voltará caótica se for completamente permitida. Não poderia existir o matrimônio, não poderia existir o amor; tudo seria um caos se lhe permitisse a liberdade total, porque então o homem se comportaria como um animal. Se não houvesse matrimônio, família, toda a sociedade se destruiria. A sociedade depende, da unidade da família; a família depende do matrimônio; o matrimônio depende da repressão do sexo. Tudo o que é natural, vigoroso, foi inibido, declarado tabu..., tão drasticamente que se sente culpado disso e segue lutando com isso. A sociedade não só criou policiais fora; criou policiais internos, seu consciencia: uma regulação dobro para que não te desencaminhe, para que não possa ser natural, para que tenha que ser antinatural.

Agora os psicólogos modernos dizem que a loucura forma parte da civilização, a civilização não pode existir sem loucura. Mas os loucos estão sofrendo, porque lhes impusestes uma ordem tal que seus instintos naturais estão esmagados. foram impossibilitados. Pode que seus loucos sejam mais fortes que vós; por isso seus instintos se hão amotinado e deram ao traste com seu consciencia, com sua mente, contudo. Um conceito melhor de humanidade, uma melhor organização, uma melhor disciplina com mais conhecimento e sabedoria, pode usá-los. Pode que resultem ser gênios; pode que resultem ser gente de talento. São-o. Mas têm tanta força dentro deles que não podem reprimir-se. E a sociedade não lhes permitirá que se movam porque são

selvagens. Freud chegou à conclusão de que a civilização necessita o inconsciente, a parte reprimida.

Mas, em realidade, para o tantra e o ioga este inconsciente não é o inconsciente; está só entre o consciente e o inconsciente, uma pequena fronteira. É subconsciente. O consciente empurrou algo para baixo, mas o consciente está ao tanto. Não é realmente inconsciente; está a par disso. Pode que não queira reconhecê-lo, pode que não queira lhe emprestar atenção, porque tem medo de que se lhe emprestar atenção, surgirá. Compeliste-o à escuridão, mas é consciente disso. O inconsciente freudiano não é realmente inconsciente, a não ser só subconsciente. Não é uma noite escura, está à luz, pode vê-lo.

O tantra fala do inconsciente real que não está reprimido por ti, mas sim é seu ser mais profundo. E sua consciente é só uma parte dele que saiu à luz, uma décima parte que saiu à luz, que se tornou consciente. Nove partes, nove décimos parte, estão ocultas debaixo. Esse inconsciente é realmente sua fonte de energia vital, de ser. Sua mente consciente é uma décima parte de toda a mente, e esta mente consciente criou seu próprio centro. Esse centro é o ego. Este centro é falso, porque não pertence a toda a mente, não é o centro de toda a mente. É só um centro da parte consciente, um fragmento. O fragmento criou seu próprio centro e esse centro segue pretendendo ser o centro de todo o ser. Não, sua mente total tem um centro, esse centro é chamado o guia. Esse centro está no inconsciente e só se revelará quando cinco fragmentos, ou a metade da mente, saíam à luz. Então o centro que é o guia se revelará. Está oculto no inconsciente.

De modo que não precisa ter medo ao inconsciente; é ao inconsciente freudiano ao que lhe tem medo. É algo ao que lhe tem medo. Mas este inconsciente freudiano pode ser expulso na catarse. Por isso ponho tanta insistência na catarse. Este inconsciente freudiano pode ser expulso na catarse, tudo o que queria fazer e não tem feito faz-o meditativamente. Não o faça a alguém, porque isso cria uma cadeia de sucessos, e não a controlará. Faz-o em um vazio. Se está zangado, faz-o em um espaço vazio. Se sentir sexualidade, lánzase-la ao céu. Se sentir algo, deixa que saia de dentro para fora. Exprésala. Uma catarse meditativa te liberará do inconsciente freudiano. Se se seguir a técnica que eu ensino, o inconsciente freudiano simplesmente desaparecerá. E só quando desaparece este inconsciente freudiano pode penetrar no inconsciente real. Está justo no meio, entre o consciente e o inconsciente. Segue atirando tudo seu lixo a uma habitação e a fecha; vai acumulando uma chatarrería, o inconsciente freudiano é uma chatarrería. Não coloque nada nela; digo-te eu, tira-o tudo. Quando entra algo, volta-se patológico, pode-te voltar louco. Quando sair, sentirá-se fresco, jovem, aliviado.

Para esta época, a catarse é indispensável. Ninguém pode chegar ao guia interno sem catarse. E uma vez que está em uma catarse profunda não precisa ter medo. Então o inconsciente real começará a revelar-se a si mesmo, então penetrará em seu consciente, e então tomará consciencia pela primeira vez de seu enorme território. Não é um fragmento tão pequeno; tem um ser muito imenso, e este ser imenso tem um centro. Esse centro é o guia interno.

Como diferenciar entre o inconsciente e o guia interno? Como diferenciar entre o inconsciente freudiano e o guia interno? Será difícil se não passar pela catarse. Mas pode notar uma diferença pouco a pouco, porque o inconsciente freudiano é uma coisa reprimida. Se aparecer algo em ti com uma força violenta, tenha muito claro que esta força violenta está vindo porque primeiro a reprimiste. Se algo simplesmente aparecer em ti sem nenhuma violência, brota silenciosamente, sem dificuldade, sem nenhum ruído, inclusive sem som, então sabe que isto é o inconsciente real. Está te chegando

algo do guia. Mas só saberá com clareza quando passar pela catarse. Então saberá o que está acontecendo.

Quando algo venha do inconsciente freudiano se sentirá perturbado, fará-te sentir-se inquieto, incômodo; e quando algo venha do guia, terá uma serenidade tal, sentirá-se tão feliz, tão a gosto, tão em casa, que não o pode nem imaginar. Simplesmente sentirá que isto é exatamente o apropriado. Todo seu ser está em harmonia com isso; não há nenhuma resistência. Sabe que isto os o correto, isto é o bom, isto é a verdade... e ninguém pode te convencer do contrário. Com o inconsciente freudiano nunca pode te sentir sereno, nunca pode estar tranqüilo e em calma; estará perturbado. É uma espécie de enfermidade que surgiu, e haverá uma luta com ela. De modo que é melhor que aconteça a catarse profunda; então o inconsciente freudiano se voltará silencioso, pouco a pouco.

E igual a sobem borbulhas do leito de um rio, sobem à superfície mesma da água, sentirá que sobem borbulhas do leito de seu ser. Chegarão a sua mente consciente. Mas a própria chegada te dará uma funda tranqüilidade, uma sensação de que nada pode ser melhor que isto. Mas antes de que aconteça isto tem que te descarregar do inconsciente freudiano. E isso só pode acontecer se estiver em um estado de te deixar ser, porque o ser mais íntimo é tão no-violento que não se imporá.

O inconsciente freudiano querará impor-se; está tentando impor-se em todo momento e você está empurrando-o para trás. Esta é a diferença. Quer impor-se, quer ativar-se, quer te levar a alguma parte, quer te manipular..., e você está resistindo, lutando com ele.

O inconsciente real, o guia, não trata de impor-se. Se o permite, se lhe convidar, devotamente, virá a ti como um hóspede convidado. Tem que estar em um estado de te deixar ser. Só então virá. Quando sentir que está preparado, quando sentir que não será recusado, rechaçado, quando sentir que, será bem-vindo, então virá a ti.

De modo que tem que fazer duas coisas, catarse para o inconsciente freudiano, e pratica de deixar-se ser e de entrega para o guia real, o inconsciente real. Quando tiver feito estas duas coisas, saberá a diferença.

Em realidade, não te pode ensinar a diferença, saberá. Quando acontecer, saberá. Como sabe a diferença entre quando há dor no corpo e quando todo o corpo sente bem-estar? Quando todo o corpo está cheio de bem-estar e quando tem dor de cabeça, como sente qual é a diferença? Simplesmente sabe. Não pode defini-la; simplesmente sabe; sabe o que é uma dor de cabeça e sabe o que é o bem-estar.

O guia real sempre te dará uma sensação de bem-estar; e o inconsciente freudiano sempre te dará uma sensação de dor de cabeça. É uma agitação, é um conflito interno, é angústia, é dor reprimida. De modo que sempre que chegar se sentirá dolorido por toda parte.

devido a este inconsciente freudiano, tornaram-se dolorosas muitas coisas que não são naturalmente dolorosas; por exemplo, o sexo. devido a que a sociedade reprimiu o sexo, tornou-se doloroso. Uma das coisas mais ditosas da vida natural é o sexo. Mas se tornou doloroso. Se entrar no sexo, sentirá-se frustrado, sentirá-se culpado, ao final se sentirá debilitado, e decidirá não voltar a ter relações sexuais. Isto não se deve ao sexo natural, isto se deve ao inconsciente. O sexo se tornou doloroso. foi tão reprimido que se tornou feio e doloroso. De outra forma, é um dos maiores êxtase naturais. Se a um menino nunca lhe ensina que o sexo é mau e um pecado, desfrutará-o, sentirá cada vez um profundo bem-estar fluindo por todo seu corpo.

Os homens sentem mais bem-estar que as mulheres..., porque as mulheres estão mais reprimidas. Ninguém requer que um menino seja virgem, mas todo mundo requer, inclusive o menino mesmo, que a garota com a que vai se casar o seja. Inclusive os

donjuanes requerem que a garota seja virgem. O inconsciente das mulheres foi reprimido mais que o dos homens; por isso só umas poucas mulheres alcançam o orgasmo. Mas como, também, no Ocidente, no Oriente não mais de cinco por cento das mulheres, como muito, obtém desfrute algum no sexo. O noventa e cinco por cento simplesmente estão fartas disso. Por isso, quando os *sadhus* e os monges ensinam que o sexo é pecado, as mulheres sempre estão de acordo. congregam-se em multidões em torno dos monges porque o que dizem lhes atrai, é certo. Porque estão tão reprimidas que nunca conheceram nenhuma sorte com isso.

Na Índia, enquanto se faz o amor, as mulheres não devem mover-se, não devem ser ativas, têm que ficar imóveis como cadáveres. Se forem ativas, seu homem começará a ficar suspicaz, estão desfrutando do *sexo*, e isto não é sinal de que é uma mulher boa. Uma mulher boa é uma que não desfruta. No Oriente dirão que se quer te casar, te case com uma mulher boa, e se quer desfrutar, tenha amizade com uma mulher má, porque só as mulheres más podem desfrutar. Isto é nefasto. A mulher não deve mover-se, não deve ser ativa, deveria estar como morta. Como vai alcançar o orgasmo quando a energia não está movendo-se?

E se não poder desfrutar, ficará em contra do marido e pensará que o marido é mau. Todos os dias vêm a minhas mulheres índias a me dizer que estão fartas do sexo e que seus maridos as estão obrigando uma e outra vez a fazer o ato sexual.

Não gostam; dá-lhes asco. E por que os maridos não estão tão enojados? por que estão enojadas as mulheres? A razão é que elas têm um maior inconsciente reprimido com respeito ao sexo que os homens.

O sexo se tornou doloroso. Se o reprimiste, é uma dor de cabeça. Algo se pode voltar uma dor de cabeça simplesmente reprime-a; esse é o truque. Voltará-se um sofrimento. E algo pode voltar uma sorte, simplesmente exprésala, não a reprima.

Este inconsciente freudiano é quão único conhece agora mesmo. Não conhece o verdadeiro inconsciente, o inconsciente tântrico; por isso tem medo. E com medo não pode deixar ir. Com medo não pode perder o controle. Sabe que se perder o controle, imediatamente os instintos reprimidos agarrarão as rédeas. Imediatamente, tudo o que reprimiste chegará à mente e insistirá em ser manifestado em ações. Por isso tem medo. Primeiro é necessária a catarse para que se vá o medo. E então pode deixar ir. E se te deixa ir, uma força muito silenciosa começará a fluir a sua mente consciente e sentirá um bem-estar, sentirá que está em casa, sentirá que tudo está bem, sentirá que está loja de comestíveis de bênçãos.

Como pode um reconhecer que o guia interno entrou em função? Este será o primeiro sinal, começará a te sentir bem, bem com respeito a ti mesmo. Recorda, sempre se sente mau respeito a ti mesmo. Quase nunca me encontro com uma pessoa que se sente bem com respeito a si mesmo. Todo mundo está condenando-se a si mesmo, todo mundo pensa que é mau. E quando pensa que é mau, como supõe que outro vai amar te? E quando ninguém te ama, sente-se frustrado. Mas você mesmo não te ama. Nunca há meio doido sua mão com carinho, nunca há sentido seu corpo carinhosamente, nunca lhe deste as graças a Deus por te haver dado um corpo tão formoso, um organismo tão formoso. Não, sente-se enojado.

E todas as religiões, denominada-las religiões, ensinaram-lhe a te sentir enojado, este corpo é um fardo de pecados. Está carregando com um fardo.

Quando te liberar do inconsciente, de repente sentirá que é aceito, que não é mau. Nada é mau. Toda a vida se volta uma bênção no fundo. Sente-se loja de comestíveis de bênçãos. E no momento em que se sente loja de comestíveis de bênçãos, todos os que lhe rodeiam se enchem de bênçãos; pode lhes benzer, pode-te sentir feliz. Como se sente condenado, sente-se mais respeito a ti mesmo e pensa o mesmo a respeito de outros.

Como vais poder amar o corpo de outra pessoa se condenações seu próprio corpo? Se estiver contra seu próprio corpo, como vais poder amar outro corpo? Condenará; no fundo, condenará. Em realidade, as religiões lhes prepararam para ser só fantasmas. Não querem que estejam com o corpo; querem que sejam espíritos imateriais. Tudo foi tão objeto de condenação..., e o dá por sentado.

Vi nas Escrituras, em muitas Escrituras, que está escrito que seu corpo não é mais que sangue, graxa, escarro..., só para condená-lo. Não se o que queriam estas pessoas que estavam escrevendo estas Escrituras. Queriam que houvesse oro nele?, prata?, diamantes?, ou o que? por que se condena o sangue? por que é malote o sangue? O sangue é vida! Mas a condenaram e aceitamos a condenação. Devem estar loucos, dementes.

Os jainas dizem sempre que seus *tirthankaras* nunca urinavam, não defecavam. Umás coisas tão más... Mas por que é malote a urina? O que quer urinar em vez de urina? E o que tem que mau nela? Mas é algo tão mau... E os psicólogos dizem que, como o centro sexual e o órgão de urinar são o mesmo no homem, condenou-se o sexo. E na mulher o centro sexual está justo no meio; em um lado a defecación e no outro lado a micção. O sexo não pode ser bom se estiver entre duas coisas tão más. A condenação do sexo se produziu porque condenamos a defecación. Mas por que? por que condená-la? O que é mau? Mas aceitamos a condenação, e quando a aceitamos, então há problemas.

Todo seu corpo é condenado por pessoas neuróticas. Pode que tenham contribuído com Escrituras, mas isso não troca nada. Pode que tenham sido grandes líderes...; os neuróticos quase sempre o são. São grandes líderes porque são tão fanáticos que podem conseguir um grupo de seguidores imediatamente. E sempre há gente que adora o fanatismo. Qualquer que diga algo com força terá gente caindo a seus pés dizendo que é o líder apropriado. E pode que seja só um neurótico, que esteja louco. Estes neuróticos lhe condenaram e você os aceitaste, estiveste condicionado por eles.

Quando o inconsciente flua em ti, chegará um sutil bem-estar. Sentirá-se bem, tudo é bom, e tudo é divino. Seu corpo procede do divino, seu sangue também, sua urina também. Tudo é divino. Quando o inconsciente flui em ti, tudo é divino, tudo se volta espiritual. Nada é mau, nada é condenado. Isto será o que sintas; e então voará. Voltará-te tão ligeiro que não poderá andar. Então nada é uma carga sobre sua cabeça. Então pode desfrutar das coisas pequenas de uma maneira muito grande. Então toda coisa corriqueira se volta uma beleza. Mas essa beleza a contribuí você, tudo o que toucas se volta de ouro porque está cheio de dita no profundo de ti.

Isto será o primeiro que te acontecerá, uma benevolência para ti mesmo. E quando o inconsciente comece a fluir em seu consciente, o segundo será que te voltará menos orientado para o mundo, menos intelectual, mais total. Então, se for feliz não dirá simplesmente que é feliz, dançará. Dizer simplesmente: «Sou feliz», é insípido, sem sentido. Vejo gente que diz: «Sou feliz», mas olhe seus rostos! Conheço gente que diz: «Amo-te», mas seu corpo não está expressando nada. As palavras estão mortas, mas substituímos a vida por elas. Quando o inconsciente flua em ti, esta será a diferença, viverá com seu ser total. Quando se sentir feliz, dançará. Então não simplesmente dirá: «Sou feliz»; *será* feliz. Essa é a diferença. Não dirá: «Sou feliz»; não é necessário dizê-lo porque será feliz. Então não haverá necessidade de lhe dizer a alguém: «Amo-te»; *será* amor. Todo seu ser mostrará o sentimento, vibrará de amor. Qualquer que passe perto sentirá que amas; qualquer que simplesmente seja meio doido por sua mão sentirá que uma energia sutil entrou nele. Há uma calidez em sua presença, uma felicidade.

Isto será o segundo. Primeiro, sentirá uma benevolência para ti mesmo e para tudo; e, segundo, voltará-te total. Quando o guia tome, será total.

Terceira pergunta:

Quando essa intuição começa a funcionar, é a entrega a única técnica para essa intuição, ou o guia interno? Trunfa sempre uma pessoa que vive mediante a intuição? Como valora o êxito e o fracasso? Não é certo que a pessoa que vive intuitivamente se voltará intelectualmente débil?

Entrega-a é a única técnica para que o guia interno se ative.

Trunfa sempre uma pessoa que vive mediante a intuição? Não, mas sempre é feliz, triunfe ou não. E uma pessoa que não vive intuitivamente sempre é desventurada, triunfe ou não. O êxito não é o critério porque o êxito depende de muitas coisas. A felicidade é o critério, porque a felicidade só depende de ti. Pode que não triunfe, porque há outros competidores. Inclusive se está trabalhando intuitivamente, pode que outros estejam trabalhando mais astutamente, mais sagazmente, mais calculadoramente, mais violentamente, mais imoralmente. De modo que o êxito depende de muitas outras coisas; o êxito é um fenômeno social. Pode que não triunfe.

Quem pode dizer que Jesus triunfasse? A crucificação não é um triunfo, a não ser o maior fracasso. Um homem crucificado quando só tem trinta e três anos... Que tipo de êxito é este? Ninguém lhe conhecia. Só uns poucos aldeãos, pessoas incultas, eram seus discípulos. Não tinha posição, nem prestígio, nem poder. Que tipo de êxito é este? Não pode dizer-se que a crucificação seja um triunfo. Mas era feliz, era totalmente ditoso..., inclusive quando estava sendo crucificado. E os que lhe estavam crucificando seguiriam vivos durante muitos anos, mas seguiriam sendo desventurados. Assim, em realidade, quem estava padecendo a crucificação? Essa é a questão. Estavam padecendo a crucificação os que crucificavam ao Jesus? Ou Jesus, que estava sendo crucificado? Ele era feliz. Como vais crucificar a felicidade? Ele estava enlevado. Como vais crucificar o êxtase? Pode matar o corpo, mas não pode matar a alma. Os que lhe crucificaram viveram, mas sua vida não foi mais que uma larga, lenta crucificação, sofrimento e sofrimento.

Assim que o primeiro é que não digo que, se seguir ao guia interno, triunfará sempre, no sentido em que o mundo reconhece o êxito; mas no sentido em que um Buda ou um Jesus reconhece o êxito, sim triunfará. Mas esse êxito se mede por sua felicidade, sua sorte; o que aconteça é irrelevante, será feliz. Dá no mesmo que o mundo diga que fracassaste ou que o mundo te faça uma estrela, um triunfador. Será feliz em qualquer caso; será ditoso. Para mim, a sorte é êxito. Se pode compreender que a sorte é êxito, então te digo que sempre triunfará.

Mas para ti a sorte não é êxito; o êxito é outra coisa. Pode que inclusive seja uma desdita. Inclusive se souber que vai ser uma desdita, deseja o êxito. lhes pergunte aos líderes políticos. São desventurados. Nunca vi nenhum líder político que seja feliz. São desventurados; e, entretanto, estão tratando de conseguir postos mais altos, tratando de seguir subindo degraus. E os que já estão por cima deles são desventurados, e sabem. Mas estamos dispostos a ser desventurados se nos chegar o êxito. De maneira que o que é o êxito para nós? O êxito é a satisfação egotista, não a sorte. Só assim dirá a gente que triunfaste. Pode que o tenha perdido tudo, pode que tenha perdido sua alma; pode que tenha perdido toda essa inocência que dá sorte; pode que tenha perdido toda essa paz, esse silêncio que te aproxima mais ao divino; pode que o tenha perdido tudo e que haja te tornado só um louco..., mas o mundo dirá que tem êxito.

Para o mundo, a gratificação do ego é o êxito; para mim, não o é. Para mim, ser ditoso é o êxito; seja conhecido ou não. É irrelevante que alguém te conheça ou não, que

vivas totalmente desconhecido, sem renome, que passe despercebido. Mas se for ditoso, triunfaste.

Assim recorda esta distinção, porque há muitas pessoas que queriam ser intuitivas, que queriam encontrar o guia interno, tão somente para triunfar no mundo. Para elas, o guia interno será uma frustração. Em primeiro lugar, não podem encontrá-lo. Em segundo lugar, inclusive se o encontram, serão desventuradas, porque o que tentam conseguir é o reconhecimento do mundo, a satisfação do ego..., não a sorte.

Se claro em sua mente, não te oriente ao êxito. O êxito é o maior fracasso do mundo. Assim não tente triunfar; do contrário será um fracassado. Pensa em ser ditoso. Pensa em todo momento em ser mais e mais ditoso. Então pode que o mundo inteiro diga que é um fracassado, mas não será um fracassado. Terá-o obtido.

Buda foi um fracassado aos olhos de seus amigos, sua família, sua mulher, seu pai, seus professores, a sociedade; foi um fracassado. tornou-se um mendigo. Que tipo de êxito é este? Poderia ter sido um grande imperador, tinha as qualidades, tinha a personalidade, tinha a mente. Poderia ter sido um grande imperador, mas se voltou um mendigo. Foi um fracassado, obviamente. Mas eu te digo que não foi um fracassado. Se tivesse chegado a ser imperador, então teria sido um fracassado, porque se tivesse perdido a vida autêntica. O que alcançou sob a árvore *bodhi* foi o real, e o que perdeu era irreal.

Com o real triunfará na vida interna; com o irreal.. não se. Se quer triunfar no irreal, então segue o caminho dos que operam com astúcia, esperteza, competitividade, inveja, violência. Segue seu caminho; o guia interno não é para ti. Se quer obter algo no mundo, então não escute ao guia interno.

Mas ao final sentirá que, embora tenha ganho o mundo inteiro, perdeste a ti mesmo. Jesus diz: «E o que consegue um homem se vontade o mundo inteiro e perde sua alma?». A quem chamará triunfador, ao Alejandro Magno ou ao Jesus o Crucificado? De modo que se -e este «se» terá que entendê-lo bem- está interessado no mundo, então o guia interno não é um guia para ti. Se está interessado na dimensão interna do ser, então o guia interno, e só o guia interno, pode ajudar.

Capítulo 79

A Filosofia do Vazio

Os Sutras

109 *Supón que sua forma passiva é uma habitação vazia com paredes de pele: vazia.*

110 *Criatura encantadora, joga. O universo é um carapaça vazio no que sua mente pula imensamente.*

111 *Criatura de doce coração, medita sobre saber e não saber, existir e não existir. Então deixa de lado ambas as coisas para poder ser.*

112 *Entra no espaço, sem suporte, eterno, em calma.*

Estas técnicas se ocupam do vazio; são as mais delicadas, as mais sutis. Inclusive conceber o vazio parece impossível. Buda usou todas estas técnicas para seus discípulos e *bikkhus*.

E devido a estas quatro técnicas foi completamente incompreendido. O budismo foi completamente extirpado da Índia devido a estas quatro técnicas.

Buda dizia que Deus não existe. Se existir Deus, não pode estar totalmente vazio. Pode que você não exista, mas existirá Deus, existirá o divino. E sua mente pode te enganar. Porque pode que seu Deus seja só sua mente fazendo armadilhas. Buda dizia que não existe a alma, porque se existir alguma alma, *atma*, pode esconder seu ego detrás dela.

Seu ego será difícil de abandonar se sentir que há algum *eu* dentro de ti. Então não pode estar totalmente vazio, porque você estará aí.

Para preparar o terreno para estas técnicas do vazio, Buda o negou tudo. Não era ateu, mas parecia que era ateu porque dizia que não há nenhum Deus, dizia que não existe a alma, dizia que não há nada substancial na existência: a existência está vazia.

Mas isso era só para preparar o terreno para estas técnicas. Uma vez que entra em seu vazio, entraste em tudo -pode que a chame o divino, pode que o chame Deus, ou *atma*, a alma, o que queira-, mas só pode entrar na verdade quando está totalmente vazio. Não deve ficar nada de ti.

Os hindus pensaram que Buda estava destruindo a religião, que estava ensinando irreligiosidade. E nem sequer a gente que lhe ouvia podia ser guiada porque sempre que vai a alguma parte, vais procurar algo, nunca vais procurar o vazio. Assim é que os que foram ver lhe estavam procurando algo: o *nirvana*, *moksha*, o outro mundo, o céu, a verdade, estavam procurando algo. Tinham vindo para agradar seu desejo final, encontrar a verdade. Esse é o último desejo. E a menos que esteja completamente sem desejos, não pode conhecer a verdade; a condição mesma para saber é estar totalmente sem desejos.

De modo que uma coisa é certa: não pode desejar a verdade. Se a desejas, o desejo mesmo se converterá na barreira. Houve professores antes da Buda, que ensinavam: «Não deseje, permanece sem desejos.» Mas falavam de Deus, do reino de Deus, o céu, o *paraíso*, *moksha*, a liberdade e a liberação supremas..., e diziam: «Não tenha desejos.» Buda sentiu que não pode permanecer sem desejos se houver algo que obter. Pode que simule que não tem desejos, pêra esta pretensão de não ter desejos vem também de algum desejo que satisfazer. É falsa. Os professores dizem que não pode alcançar a sorte suprema com desejo, e como você quer alcançar a sorte suprema..., começa a não ter desejos, tenta não ter desejos, para poder alcançar a sorte suprema. Mas segue desejando. Está tentando não ter desejos devido ao desejo. De modo que Buda disse que não há nenhum Deus que alcançar. Inclusive se desejas, não há ninguém que alcançar...; assim não deseje. Não há *moksha* em nenhuma parte, não há nenhum objetivo.

A vida não tem significado nem objetivo.

Sua ênfase é bela e admirável: ninguém o há in tentado dessa maneira. Destruí todos os objetivos para te ajudar a não ter desejos. Se houver objetivos, como não vais ter desejos? E se tiver desejos, não alcançará o objetivo: esta é a paradoxo. Ele destruiu todos os objetivos; não é que os objetivos não existam; existem e podem ser alcançados, mas se quer alcançá-los, se desejas alcançá-los, volta-se impossível. A condição básica mesma é que não deve ter desejos; então te acontece o supremo. De modo que Buda diz que não há nada que desejar; os desejos são inúteis. Abandona todos os desejos, e quando não houver nenhum desejo, estará vazio.

Imagina: se não haver nenhum desejo dentro de ti, quem será? Não é mais que um molho de desejos. Se todos os desejos se forem, simplesmente desaparece. Não é que não vás existir... Existirá, mas como um vazio. Existirá como uma habitação vazia: não há ninguém, só um *shunya*, uma nada. Buda chamou a esta nada *anatma*, *anatta*,

ausência de alma. Não sentirá nenhum centro, que «eu sou»; haverá simplesmente que ser, sem nenhum «eu», porque «eu» não é outra coisa que desejos acumulados, desejos condensados, desejos cristalizados: muitíssimos desejos se tornaram seu «eu».

É como na física. Os físicos dizem que se analisar a matéria, a matéria não é mais que átomos. Não há nada que una os átomos, cada átomo está rodeado de espaço vazio. Se tiver uma pedra na mão, não há pedra, só átomos; de energia, e entre dois átomos, espaço infinito. Inclusive uma pedra é espaçosa, porosa. Dizem que logo poderemos extrair esse espaço de algo.

H. G. Wells tem escrito uma história... No século XXI, um passageiro começa a chamar culis em uma grande estação. Outros passageiros que estão viajando no mesmo vagão que este passageiro não compreendem o que faz, porque não tem bagagem; só um pacote de cigarros e uma pequena caixa de fósforos. Essa é toda sua bagagem, e segue chamando culis. congrega-se um grande grupo, e um passageiro pergunta: «por que? por que está chamando? Não tem nada. Pode levar esta caixa de fósforos e este pacote de cigarros você mesmo. O que vai fazer com estas duas dúzias de culis?»

O passageiro ri e diz: «Tente; tente agarrar essa caixa de fósforos. Essa caixa de fósforos não é corrente. Há uma locomotiva condensada nela.»

Logo será possível. O espaço pode ser extraído e logo pode voltar a ser introduzido, e a locomotiva voltará a adquirir sua forma. Então se podem levar coisas grandes sem muito problema. O peso permanecerá igual, mas a forma, a configuração, voltará-se cada vez menor. Uma caixa de fósforos pode conter uma locomotiva, mas o peso permanecerá igual, porque o peso está contido nos átomos, não no espaço. Dizem que toda a Terra pode ser condensada na forma, a configuração de uma maçã, mas o peso seguirá sendo o mesmo. E se separar todos estes átomos, se sacas um átomo, e logo outro, e logo outro, se sacas todos os átomos, não ficará nada; de maneira que a matéria é só uma aparência.

Buda analisou a mente humana de uma maneira mais singela; é um dos cientistas mais grandiosos possíveis. Diz que seu ego não é mais que desejos, desejos atômicos. Há milhões de desejos; formam-lhe. Se segue extraindo desejos um por um, chegará um momento em que não fique nenhum desejo; desapareceste..., só fica espaço, espaço vazio. E isto, diz Buda, é o *nirvana*. Isto é a cessação completa de seu ser; já não está. E Buda diz que isto é o silêncio: a não ser que te tenha ido completamente, o silêncio não pode descender a ti.

Buda diz que não pode estar silencioso porque você é o problema; não pode estar em paz porque você é a enfermidade; nunca pode ser ditoso porque você é a única barreira. A sorte pode chegar em qualquer momento, mas você é a barreira. Quando você não esteja, haverá sorte; quando você não esteja, haverá paz; quando você não esteja, haverá silêncio; quando você não esteja, haverá êxtase. Quando seu ser interno está totalmente vazio, este vazio mesmo é sorte. Por isso, os ensinamentos da Buda são chamadas *shunyavad*, a filosofia do vazio, ou a filosofia do zero.

Estas quatro técnicas são para alcançar este estado de ser, ou pode chamá-lo estado de não-ser: é o mesmo. Pode lhe dar um término positivo, como os hindus e os jainas, que o chamaram alma, ou pode lhe dar um término mais apropriado mas negativo, como Buda, que o chamou *anatta*, noyo ou não-alma. Depende de ti. Mas, chame-o como o chama, não há ninguém a quem nomear e chamar; só há espaço infinito. Por isso digo que estas são as técnicas supremas, as mais delicadas, as mais difíceis..., mas as mais prodigiosas. E se pode trabalhar com qualquer destas quatro técnicas, alcançará o inalcançável.

109 Sente que seu corpo está vazio.

Primeira técnica: *Supón que sua forma passiva é uma habitação vazia com paredes de pele: vazia.*

Supón que sua forma passiva é uma habitação vazia com paredes de pele... , mas dentro, todo vazio. Esta é uma das técnicas mais belas. Sente-se em uma postura meditativa, depravado, sozinho, com a coluna reta e todo o corpo depravado: como se todo o corpo pendurasse da coluna vertebral. Então fecha os olhos. Durante uns poucos momentos, segue sentindo-se depravado, mais depravado, te voltando cada vez mais e mais acalmado. Faz isto durante alguns momentos, para te harmonizar. E então, de repente, começa a sentir que seu corpo é só paredes de pele e não há nada dentro, não há ninguém dentro, a casa está vazia. Às vezes sentirá que passam pensamentos, nuvens de pensamentos, mas não pense que lhe pertencem. Não está. Pensa que estão vagando por um céu vazio: não pertencem a ninguém, não têm raízes.

É assim realmente: os pensamentos são só como nuvens movendo-se no céu. Não têm raízes e não lhe pertencem ao céu; simplesmente vagam pelo céu. Vêm e vão e o céu permanece sem ser afetado, sem ser influenciado. Sente que seu corpo é só paredes de pele e não há ninguém dentro. Os pensamentos continuarão ainda; devido ao velho hábito, ao velho impulso, a velha cooperação, os pensamentos seguirão vindo. Mas pensa simplesmente que são nuvens sem raízes movendo-se no espaço: não pertencem a ti, não pertencem a ninguém. Não há ninguém a quem lhe possam pertencer: está vazio. Será difícil, mas devido aos velhos hábitos, nada mais. A sua mente gostaria de agarrar algum pensamento, identificar-se com ele, ir-se com ele, desfrutá-lo, abandonar-se a ele. *Resiste!* Dava que não há ninguém para abandonar-se, não há ninguém para lutar, não há ninguém para fazer algo com este pensamento.

Em uns dias, em umas semanas, os pensamentos irão mais devagar: haverá cada vez menos. As nuvens começarão a desaparecer, ou, inclusive se chegarem, haverá grandes intervalos de céu espaçoso nos que não haverá nenhum pensamento. Passará um pensamento, e não voltará a haver outro durante um período. Então virá outro e voltará a haver um intervalo. Nesses intervalos saberá pela primeira vez o que é o vazio. E o vislumbre mesmo te encherá de uma sorte tão profunda que nem a pode imaginar.

Em realidade, é difícil dizer algo sobre isso, porque tudo o que se diga com linguagem se referirá a ti, e você não estará. Se disser que te encherá de felicidade, será uma tolice. Não estará, assim que como posso dizer que te encherá de felicidade? Haverá felicidade. dentro de suas quatro paredes de pele, haverá felicidade, vibrando..., mas você não estará. Um profundo silêncio descenderá a ti, porque se não estar, ninguém pode criar uma perturbação. Segue pensando sempre que outro te está perturbando: o ruído do tráfico na estrada, os meninos jogando a seu redor, sua mulher trabalhando na cozinha...; alguém te está perturbando. Ninguém te está perturbando; você é a causa da perturbação. Como está aí, algo pode te perturbar. Se não estar, então as perturbações virão e passarão pelo vazio sem tocá-lo. Está muito suscetível, uma ferida; algo te fere imediatamente.

ouvi uma história científica... Aconteceu que depois da terceira guerra mundial todos estavam mortos; não ficava ninguém na Terra, só havia árvores e colinas. Uma grande árvore pensou em criar um grande ruído, como estava acostumado a fazer no passado. Caiu de uma grande rocha, fez todo o possível, mas não houve nenhum ruído: porque para que haja ruído são necessários seus ouvidos, para que haja som são necessários seus ouvidos. Se você não estiver, não se pode criar som. É impossível. Estou falando aqui; estou criando som porque está aqui. Se não haver ninguém aqui, posso seguir falando, mas não se criará nenhum som. Mas posso criá-lo eu mesmo

porque eu mesmo posso ouvi-lo. Se não haver ninguém para ouvir, não se pode criar som, porque o som é uma reação de seus ouvidos.

Se não haver ninguém na Terra, o Sol sairá, mas não pode criar luz. Parece absurdo. Não podemos concebê-lo porque pensamos sempre que sairá o Sol e haverá luz. São necessários seus olhos. Sem seus olhos, o Sol não pode criar luz. Pode que siga saindo, mas será em vão, porque os raios passarão no vazio. Não haverá ninguém que possa reagir e que possa dizer que isto é luz. A luz é um fenômeno de seus olhos; reage. O som é um fenômeno de seus ouvidos; reage. O que pensa...? Há uma rosa no jardim, mas se não passar ninguém, haverá perfume? Uma rosa só não pode criar perfume; impossível. São necessários você e seu nariz: alguém que reaja e interprete que isto é perfume, isto é perfume de rosa. Não importa como o tente uma rosa; sem um nariz não será uma rosa absolutamente.

A perturbação da rua não está aí realmente; está dentro de seu ego. Seu ego reage e diz que isto é uma perturbação. É sua interpretação. Às vezes, em um estado de ânimo diferente, pode que o desfrute, em cujo caso não será uma perturbação. Pode que o desfrute em um estado de ânimo diferente, e então dirá: «Isto é belo. iQué música!».

Mas em um momento triste inclusive a música se voltará uma perturbação. Mas se você não está, só há espaço, vazio; não pode haver nem perturbação nem música. As coisas simplesmente passarão por ti inadvertidas, porque sem ser ferido, não há nenhuma ferida que reaja, não há ninguém que responda; nem sequer se criará um ego. Isto é o que Buda chama *nirvana*.

E esta técnica pode te ajudar.

Supón que sua forma passiva é uma habitação vazia com paredes de pele: vazia. Sente-se em um estado passivo, inativo, sem fazer nada..., porque quando faz algo, entra o que faz. Em realidade, não há ninguém que faça. Tão somente devido à ação imagina que há alguém. Buda só é difícil devido a isto. Só devido às formas lingüísticas surgiram problemas.

Dizemos que um homem está caminhando. Se analisar esta frase, significa que há alguém que está caminhando. Mas Buda diz que só há um processo de caminhar; não há ninguém que esteja caminhando. Está te renda. Devido à linguagem, parece que há alguém que está renda-se. Buda diz que há risada, mas não há ninguém dentro que esteja renda-se. Quando te rir, recorda isto, e descobre quem ri. Nunca encontrará a ninguém: há simplesmente risada. Não há ninguém detrás dela fazendo-a. Quando está triste, não há ninguém que esteja triste; simplesmente há tristeza... Observa isto. Simplesmente tristeza. É um processo: simplesmente risada, simplesmente felicidade, simplesmente desdita. Não há ninguém detrás disso.

Só devido à linguagem seguimos pensando em términos de dois. Se houver movimento, dizemos que deve haver alguém que se moveu: que se move. Não podemos conceber o movimento sozinho. Mas viu alguma vez ao que move? Faz visto alguma vez ao que ri? Buda diz que há vida, o processo da vida, mas não há ninguém dentro que esteja vivo. E logo há morte, mas ninguém morrendo. Para a Buda, não é uma dualidade: a linguagem cria uma dualidade. Estou falando. Parece que sou alguém que está falando; mas Buda diz que só há fala, não há ninguém que esteja falando. É um processo; não pertence a ninguém.

Mas para nós isto é difícil, porque nossa mente está profundamente enraizada no dualismo. Sempre que pensamos em alguma atividade, concebemos a alguém que atua dentro dela, alguém que a faz. Por isso é boa na meditação uma forma passiva, inativa, porque então pode cair no vazio mais facilmente. Buda diz: «Não medite; estate em meditação.» A diferença é enorme. Repetirei-o. Buda diz: «Não medite; estate em

meditação», porque se meditar, entrou o que faz; seguirá pensando que você está meditando. Então a meditação se tornou um ato.

Buda diz: «Estate em meditação.» Isso significa que esteja totalmente passivo, que não faça nada, e que não pense que há alguém que faz. Por isso, às vezes, quando o que faz se perde na ação, sente uma explosão repentina de felicidade. Chega porque te tornaste um. Com um bailarino chega um momento em que a dança toma as rédeas e o bailarino desaparece. Então acontece uma bênção repentina, uma beatitude repentina, um êxtase repentino. Se cheia de uma sorte desconhecida. O que aconteceu? Só permaneceu a ação e o executor já não estava.

Na linha de combate de uma guerra, os soldados às vezes alcançam uma sorte muito profunda.

É difícil de conceber, porque estão muito perto da morte; podem morrer em qualquer momento.

Ao princípio lhes assusta, tremem de medo. Mas não pode seguir tremendo e temendo todos os dias, continuamente. Alguém se acostuma, a gente aceita a morte; então o medo desaparece. E quando a morte está tão perto e com qualquer movimento errôneo pode que morra imediatamente, que faz é esquecido, e só fica a obrigação, só fica a ação. E terá que estar tão profundamente na ação que um não possa seguir recordando que «eu sou.» Esse «eu sou» criará problemas; errará. Não estará totalmente na atividade. E está em jogo a vida, assim não pode te permitir a dualidade. A ação se volta total. Quando a ação é total, de repente é feliz como não o foste nunca antes.

Os guerreiros conheceram correntes muito profundas de alegria que a vida ordinária não pode te dar. Pode que essa seja a razão pela que a guerra é tão atrativa. E pode que essa seja a razão pela que os *kshatriyas*, os guerreiros, alcançaram mais o *moksha* que os brahmines, porque os brahmines estão sempre pensando e pensando...: muita atividade mental. Os vinte e quatro *tirthankaras* jainas, Ramo, Krishna, Buda, eram todos eles *kshatriyas*, guerreiros. chegaram ao topo mais alta.

Nenhum homem de negócios ouviu sequer falar de chegar a esse topo. Vive com tanta segurança que pode permitir-se ser dual. Independentemente do que esteja fazendo, nunca é total. O ganho não pode ser uma atividade total. Pode desfrutá-la, mas nunca é um problema de vida ou morte. Pode jogar com ela, mas não se arrisca nada. É um jogo. Um negócio é jogar a um jogo, o jogo do dinheiro. O jogo não é muito perigoso, de modo que os homens de negócios quase sempre permanecem medíocres. Inclusive pode que um jogador de apostas alcance topos de sorte mais altas que um homem de negócios, porque um jogador de apostas entra no perigo. Arrisca tudo o que tem..., e nesse momento de risco total, que faz desaparece.

Pode que essa seja a razão pela que apostar é tão atrativa, a guerra é tão atrativa. Tal como eu o entendo, detrás de tudo o que é atrativo deve haver algum êxtase rondando por alguma parte, algum indício do desconhecido por alguma parte, algum vislumbre do profundo mistério da vida oculto aí, em alguma parte. Do contrário, nada pode ser atrativo.

Passividade... Qualquer postura que adote na meditação deveria ser passiva. Na Índia desenvolvemos o *asana* mais passivo, a postura mais passiva: o *siddhasana*. E sua beleza é que nesta postura do *siddhasana*, como se sinto Buda, o corpo está no mais profundo dos estados passivos. Inclusive quando está deitado não está tão passivo; inclusive enquanto dorme, sua postura não é tão passiva, é ativa. por que é tão passivo o *siddhasana*? Por muitas razões. Nesta postura, o corpo está travado, fechado. O corpo tem um circuito elétrico: quando o circuito está fechado, a eletricidade dá voltas e voltas dentro do corpo; não escapa. Agora é um fenômeno cientificamente demonstrado que em certas posturas seu corpo perde energia. Quando o corpo está perdendo energia, tem

que criar energia continuamente. Está ativo. A dínamo do corpo tem que trabalhar continuamente porque está soltando energia. Quando a energia está escapando do corpo externo, o corpo interno tem que estar ativo para repô-la. De modo que o estado mais passivo se produzirá quando não se estiver perdendo nada de energia.

Agora, nos países ocidentais, especialmente na Inglaterra, tratam a pacientes fazendo um circuito com sua eletricidade corporal. Estas técnicas se estão usando em muitos hospitais e som muito úteis. Uma pessoa se tomba no chão sobre uma rede de cabos. A rede de cabos é para fazer um circuito com sua eletricidade corporal. Meia hora é suficiente, e se sentirá tão depravado, tão cheio de energia, tão forte, que não poderá acreditar que quando chegou estava tão débil.

Em todas as culturas antigas, a gente estava acostumada dormir com uma orientação específica de noite para não perder energia: porque a Terra tem uma força magnética. Para usar essa força magnética, tem que te deitar com uma orientação determinada: então a força da Terra te magnetizará durante toda a noite. Se está convexo em sentido oposto a ela, a força está lutando contigo e sua energia será dizimada. Muita gente se sente muito deprimida, muito debilitada pela manhã. Isto não deveria ser assim, porque dormir deve te rejuvenescer, te dar mais energia. Mas há muitas pessoas que têm muita energia quando vão à cama, mas pela manhã estão esgotadas. Pode haver muitas razões para isso, mas pode que esta seja uma: deitam-se na direção errônea. Se estão jazendo contra a força magnética da Terra, sentirão-se desvanecidos.

De modo que agora os cientistas dizem que o corpo tem um circuito elétrico que pode ser fechado, e estudaram a muitos iogues sentados em *siddhasana*. Nesse estado, o corpo está perdendo o mínimo de energia; está-se conservando a energia. Quando se está conservando a energia, as baterias internas não precisam funcionar, não há necessidade de nenhuma atividade. De modo que o corpo está passivo. Nesta passividade pode te voltar mais vazio que se estiver ativo.

Nesta postura de *siddhasana*, sua coluna vertebral está reta e todo o corpo está também reto. Agora se têm feito muitos estudos. Quando seu corpo está reto, totalmente reto, influi-te menos a gravitação da Terra. Por isso, se se sinta em uma postura que é inconveniente, que te parece inconveniente, a inconveniência se deve a que seu corpo está mais afetado pela gravitação. Se está sentado erguido, então a gravitação tem menos efeito, porque só pode atirar de sua coluna, nada mais. Por isso é difícil dormir de pé. É quase impossível dormir estando em *shirshasana*, estando cabeça abaixo.

Para dormir tem que te deitar. por que? Porque, então, a Terra tem o máximo de influência em ti, e essa máxima influencia fica inconsciente. Para dormir, tem que estar deitado, para que a gravitação afete a todo seu corpo e atraia a todas suas células. Então fica inconsciente. Os animais são mais inconscientes que o homem porque não podem estar erguidos. Os evolucionistas dizem que o homem pôde evoluir porque pôde estar erguido, sobre dois pés; a força da gravidade é menor. devido a isso, pôde voltar-se um pouco mais consciente.

Em *siddhasana*, a força da gravidade alcança seu ponto mínimo. O corpo está inativo e passivo, fechado por dentro; tornou-se um mundo em si mesmo. Não está saindo nada, não está entrando nada. Os olhos estão fechados, as mãos e os pés estão travados: a energia se move em círculo. E sempre que a energia se move em círculo, cria um ritmo interno, uma música interna. quanto mais ouve essa música, mais depravado está.

Supón que sua forma passiva é uma habitação vazia, como uma habitação vazia, com paredes de pele: vazia. Segue caindo nesse vazio. Chegará um momento em que

sinta que tudo desapareceu; não há ninguém, nenhum, a casa está vazia, o senhor da casa desapareceu, esfumou-se.

Nesse lapso, nesse intervalo, quando não estiver presente dentro, estará presente o divino. Quando você não está, está Deus. Quando não está você, está a sorte. Assim tenta desaparecer. Tenta desaparecer de dentro.

110 Joga na atividade.

Segunda técnica: *Criatura encantadora, joga. O universo é um carapaça vazio no que sua mente pula imensamente.*

Esta segunda técnica se apóia na dimensão do jogo. Isso terá que compreendê-lo. Se estiver inativo, é bom cair no vazio profundo, no abismo interno. Mas não pode estar vazio todo o dia, e não pode estar passivo todo o dia. Terá que fazer algo. A atividade é um requisito básico; de outra forma não pode estar vivo. Vida significa atividade. De modo que pode estar inativo umas poucas horas, mas o resto das vinte e quatro horas terá que estar ativo. E a meditação deveria ser algo que se volta seu estilo de vida; não deveria ser um fragmento. Do contrário, obterá-a e a perderá. Se estiver inativo uma hora, então durante vinte e três horas estará ativo. As forças ativas serão mais, e destruirão tudo o que obtenha em sua inatividade. As forças ativas o destruirão. E ao dia seguinte voltará a fazer o mesmo: durante vinte e quatro horas acumulará ao que faz, e em uma hora terá que deixá-lo. Será difícil. De modo que sua mente deve trocar de atitude respeito ao trabalho e a atividade. daqui a segunda técnica.

O trabalho deveria ser considerado um jogo, não um trabalho. O trabalho deveria ser considerado um jogo, uma recreação. Não deveria tomar o a sério; deveria ser como os meninos jogando. Não tem significado; não há nada que obter; desfruta-se da atividade mesma. Pode sentir a distinção se jogar às vezes. Quando trabalha, é diferente: está sério, arrasado, responsabilizado, preocupado, ansioso, porque o resultado, o resultado final, é o motivo. O trabalho mesmo não vale a pena desfrutar-se. O que importa está no futuro, no resultado. No jogo não há realmente nenhum resultado. O processo mesmo está cheio de sorte. E não está preocupado, não é algo sério. Inclusive se parecer sério, é tudo fingido. No jogo desfruta do processo mesmo; no trabalho o processo não está sendo desfrutado: o importante é o objetivo, o fim. O processo terá que agüentá-lo de algum jeito. Terá que fazê-lo porque terá que conseguir o fim. Se pudesse conseguir o fim sem isto, abandonaria a atividade e te lançaria ao fim.

Mas no jogo não faria isso. Se pudesse obter o fim sem jogar, então o fim seria fútil. Só tem sentido mediante o processo. Por exemplo, duas equipes de futebol estão no terreno de jogo. Podem decidir, jogando-o a cara e cruz, quem ganhará, e quem será derrotado. Para que pôr tanto empenho, esforçar-se innecesariamente? O assunto se pode decidir muito facilmente jogando uma moeda a cara ou cruz. Chegará o fim. Uma equipe pode ganhar, outro pode perder. por que trabalhar por isso? Mas então não terá sentido, não terá significado. O fim não é significativo, o processo mesmo é o significativo. Inclusive se nenhum vontade e nenhum perde, o jogo merece a pena. desfruta-se da atividade mesma.

Esta dimensão, do jogo tem que ser aplicada a toda sua vida à margem do que esteja fazendo estate nessa atividade tão totalmente que o fim seja irrelevante. Pode que chegue, tem que chegar, mas não está em sua mente. Está jogando, está desfrutando.

A isso é ao que se refere Krishna quando diz a Arjuna que deixe o futuro em mãos do divino. O resultado de sua atividade está em mãos do divino; você simplesmente faz. Este simples fazer se volta um jogo. Isso é o que Arjuna encontra

difícil de compreender; porque diz que, se for só um jogo, então porquê matar, por que lutar? Compreende o que é o trabalho, mas não pode compreender o que é o jogo. E toda a vida da Krishna é só um jogo. Não se pode encontrar um homem menos sério em nenhuma parte. Toda sua vida é só um jogo, uma recreação, uma peça de teatro. Está desfrutando-o tudo, mas não toma a sério. Está desfrutando-o intensamente, mas não está preocupado pelo resultado. O que acontece é irrelevante.

A Arjuna resulta difícil compreender a Krishna, porque calcula, pensa em função do resultado final. Diz ao princípio do Gita: «Todo este assunto parece absurdo. Em ambos os bandos, meus amigos e meus parentes estão alinhando-se para lutar. Ganhe quem ganha, será uma perda, porque minha família, meus parentes, meus amigos, serão destruídos. Inclusive se vencer, não valerá nada, porque a quem vou mostrar a minha vitória? As vitórias são significativas quando os amigos, os parentes, a família, desfrutam-nas. Mas não haverá ninguém; a vitória será só sobre cadáveres. Quem a valorará? Quem dirá: "Arjuna, realizaste uma grande façanha"? Assim, vença ou seja derrotado, parece absurdo. Todo o assunto é uma tolice.» Quer renunciar. É extremamente sério. E qualquer que calcule será tão extremamente sério.

O trasfondo do Gita é único. A guerra é o assunto mais sério. Não pode jogar com ela, porque viu em jogo, há milhões de vistas em jogo: não pode jogar. E Krishna insiste em que inclusive aí tem que jogar. Não pensa no que acontecerá ao final; simplesmente está aqui e agora. Simplesmente é um guerreiro jogando. Não se preocupe pelo resultado, porque o resultado está em mãos do divino. E nem sequer se trata de se o resultado estiver em mãos de divino ou não.

Pelo que se trata é de que não deveria estar em suas mãos. Não deveria carregar com isso. Se cargas com isso, sua vida não pode voltar-se meditativa.

Esta segunda técnica diz: *Criatura encantadora, joga*. Deixa que toda sua vida seja só um jogo. *O universo é um carapaça vazio no que sua mente pula imensamente*. Sua mente segue jogando imensamente. Tudo é como um sonho em uma habitação vazia. Enquanto se medita, terá que olhar à mente pulando, como meninos jogando, saltando devido à energia transbordante; isso é tudo. Pensamentos saltando, pulando, só um jogo: não lhe tome a sério. Inclusive se houver um mau pensamento, não se sinta culpado. Ou se houver um grande pensamento, um pensamento muito bom -que quer servir à humanidade e transformar o mundo inteiro, e quer fazer que seja o céu na Terra-, não adquira muito ego com ele, não considere que te tornaste grande. Isto é só uma mente brincalhona. Às vezes baixa, às vezes sobe. É só energia transbordante, adotando muitas formas e configurações. A mente é só um manancial transbordante; nada mais.

Joga; diz Shiva: *Criatura encantadora; joga*. A atitude de que joga indica que está desfrutando da atividade; é boa em si mesmo. Não há nenhum afã de lucro; não é calculador. Mas olhe a um homem de negócios: independentemente do que esteja fazendo, está calculando o ganho, o que vai obter com isso. Chega um cliente. O cliente não é uma pessoa a não ser só, um meio. Que ganho se pode obter dele? Como pode ser explorado? No fundo de si está calculando o que terá que dizer, o que terá que fazer. Tudo se calcula só para manipular, só para explorar. Não lhe interessa esta pessoa não lhe interessa o trato nem nada: só lhe interessa o futuro o ganho.

Olhe, Oriente ainda, nos povos, um homem de negócios, não é só alguém que obtém lucros, e o cliente não vem só a comprar algo. Desfrutam-no. Recordo a meu velho avô. Era comerciante de malhas e eu e toda minha família estávamos perplexos: porque, desfrutava-o tanto. Durante horas seguidas, era um jogo com os clientes. Se algo valia dez rupias, pedia cinquenta rupias por isso..., e sabia que isto era absurdo, e seus clientes também sabiam. Sabiam que devia valer umas dez rupias, e começavam com dois rupias. Então tinha lugar um prolongado regateio: durante horas. Meu pai e

meus tios se zangavam. «O que acontece? por que não diz simplesmente qual é o preço?» Mas ele tinha seus próprios clientes. Quando vinham, perguntavam: «Onde está Papai, onde está o avô? Porque com ele é um jogo, uma diversão. O que importa se perdermos uma ou duas rupias, se for mais ou menos!»

Desfrutavam-no. A própria atividade merecia a pena em si mesmo. Duas pessoas estavam comunicando-se com ela. Duas pessoas estavam jogando a um jogo e as duas sabiam que era um jogo..., porque, é obvio, era possível ter um preço fixo.

No Ocidente agora têm preços fixos, porque a gente é mais calculadora e tem mais afã de lucro. Não podem conceber perder o tempo: por que perder o tempo? O assunto se pode resolver em uns minutos. Não há necessidade. Simplesmente pode escrever o preço exato. por que lutar durante horas? Mas então há desaparecido o jogo e todo o assunto se volta uma rotina. Inclusive as máquinas podem fazê-lo. O comerciante não é necessário; o cliente não é necessário.

ouvi falar de um psicanalista; que era um homem tão ocupado e que tinha tantos pacientes que lhe resultava difícil ter contato pessoal com todos. Assim é que deixava mensagens em uma grabadora para um paciente determinado e a grabadora dizia o que o psicanalista queria lhe dizer ao paciente.

Uma vez se deu o caso de que era a hora estipulada para um paciente que era muito rico. O psicanalista estava entrando em um hotel. de repente, viu o paciente sentado ali, assim que lhe perguntou: «O que está fazendo aqui? É sua hora comigo:» O paciente disse: «Estou tão ocupado que gravei minhas palavras em minha própria grabadora. As duas grabadoras estão a falando-se uma à outra. O que você tem que me dizer, está-o gravando meu grabadora, e o que eu tenho que lhe dizer, seu grabadora o está gravando da minha. Isto economiza tempo e os dois estamos livres.» Se for muito calculador, então as pessoas desaparecem, e cada vez há mais mecanização.

O regateio continua inclusive agora nos povos da Índia. É um jogo e merece a pena desfrutar-se. Está jogando. É uma luta entre duas inteligências, e duas pessoas entram em contato íntimo. Mas não economiza tempo. Os jogos nunca podem economizar tempo. E nos jogos nunca se preocupa pelo tempo. Está despreocupado, e não importa o que esteja passando; desfruta-o de justo nesse momento.

Ser brincalhão é uma das bases mais profundas de todos os processos meditativos. Mas somos sérios; estamos adestrados para isso. De modo que, inclusive quando meditamos, estamos procurando o fim, o resultado. E, aconteça o que aconteça, estará insatisfeito.

A gente vem para mim e me diz: «Sim, a meditação está crescendo, progredindo. Sinto-me mais feliz, um pouco mais silencioso, a gosto, mas não está acontecendo nada mais.» O que nada mais? Se que a gente que é assim está abocada a vir a me dizer algum dia: «Sim, estou sentindo o *nirvana*, mas não está acontecendo nada mais. Sinto-me ditoso, mas não está acontecendo nada mais.» O que nada mais? Está procurando alguma ganho, e a não ser que chegue a suas mãos alguma ganho muito visível, algo que possa depositar em um banco, não pode estar satisfeito. O silêncio e a felicidade são tão vagos...; não pode possuí-los, não pode acostumar-lhe a ninguém.

Acontece diariamente que a gente vem a me dizer que está triste. Estão esperando algo que não se deveria esperar nem sequer nos negócios..., e estão esperando-o na meditação. A mente dos negócios entra na meditação com todo o adestramento dos negócios: que ganho se pode obter com isso?

O homem de negócios não joga, e se não jogar, não pode ser meditativo. Joga cada vez mais. Perde o tempo jogando. Jogar com meninos servirá. Inclusive se não haver ninguém, pode saltar e dançar sozinho na habitação e jogar. Desfruta. Mas sua mente seguirá insistindo: «O que está fazendo, perdendo o tempo? Pode ganhar algo neste

tempo. Pode fazer algo, e está saltando, cantando e dançando. O que está fazendo? Tornaste-te louco?».

Prova-o. Rouba o tempo que possa a seu negócio e joga. Faz o que seja -pode pintar, pode tocar o sitar, algo que você goste-, mas joga. Não procure o ganho com isso, não veja nenhum futuro nisso; só o presente. E então..., então pode jogar também por dentro. Então pode saltar a seus pensamentos, jogar com eles, lançá-los aqui e lá, dançar com eles, mas não tomar os a sério.

Muitas pessoas estão inconscientes no que respeita a suas mentes. São inconscientes de tudo o que acontece em sua mente; vão à deriva sem saber aonde lhes leva a mente. Se pode ser consciente de qualquer rota da mente, ficará perplexo do que está acontecendo. A mente avança por meio de associações. Um cão ladra na rua. O latido chega a sua cabeça..., e já começaste. Pode que vá até o fim do mundo por meio deste latido do cão. Pode que recorde a algum amigo que tinha um cão. Logo deixa esse cão e te chega à mente esse amigo, e tinha uma mulher muito bonita, e sua mulher era muito bonita..., e já está em movimento. Pode ir até o fim deste mundo e nunca recordará que um cão te gastou uma brincadeira; simplesmente ladrou e te pôs em rota, e começou a ir.

Sentirá-se muito incômodo com o que os cientistas dizem a respeito disto. Dizem que essa rota está fixada em sua mente. Se o mesmo cão voltar a ladrar na mesma situação, voltará a seguir essa rota: o amigo, o cão, a esposa, a esposa bonita... Voltará a seguir o mesmo caminho.

Agora têm feito muitos experimentos com eletrodos no cérebro humano. Tocam um ponto específico do cérebro e então surge uma lembrança específica. de repente vê que tem cinco anos, está jogando em um jardim, correndo depois de uma mariposa. Aparece toda a seqüência: sente-se bem, tudo é agradável, o ar, o jardim, o aroma; tudo cobra vida. Não é simplesmente uma lembrança; revive-o. Então tiram o eletrodo e a lembrança cessa. Se o eletrodo voltar a tocar o mesmo ponto, começa de novo a mesma lembrança: volta a ter cinco anos, no mesmo jardim, a mesma seqüência de sucessos. Quando se retira o eletrodo, a lembrança desaparece, mas volta a pôr o eletrodo no mesmo ponto e a lembrança volta a surgir.

É como se estivesse recordando algo mecanicamente. E sempre começa de um certo princípio e termina em um fim específico, e então começa desde o começo... Ao igual a quando grava algo em uma grabadora, seu cérebro tem milhões de lembranças, milhões de células grabadoras, e tudo é mecânico.

Estes experimentos com o cérebro humano são muito estranhos e muito reveladores. As lembranças podem ser revividos uma e outra vez, uma e outra vez. Um experimentador provou trezentas vezes e a lembrança foi o mesmo: estava gravado. A pessoa com a que se fez o experimento se deu conta, e lhe pareceu que era muito estranho, porque não tinha nenhum controle, não podia fazer nada. Quando o eletrodo tocava esse lugar, começava a lembrança e tinha que vê-lo. Ao longo das trezentas vezes, pouco a pouco se voltou uma testemunha. Começou a ver a lembrança, mas então tomou consciencia de que ele era diferente e esta lembrança era diferente dele. Este experimento pode ser útil, muito útil para os meditadores, porque quando sabe que sua mente não é mais que uma grabadora mecânica em torno de ti, separa-te dela.

Esta mente se pode tocar. Agora os cientistas dizem que, cedo ou tarde, cortaremos todos os centros que produzem angústia, ansiedade, porque se toca o mesmo uma e outra vez e terá que revivê-lo.

Fiz muitos experimentos com muitos discípulos. Faz o mesmo e eles se movem no mesmo círculo vicioso, uma e outra vez; uma e outra vez..., a menos que tomem consciencia de que isto é mecânico.

É consciente de que se lhe disser o mesmo a sua mulher –cada semana, o mesmo-, ela reagirá. depois de sete dias, quando o tiver esquecido, lhe diga o mesmo: ela reagirá. Então grava-o... A reação será a mesma. Você sabe, sua mulher sabe: uma pauta se volta fixa..., e continua. Inclusive um cão pode pôr em marcha sua pauta simplesmente ladrando. toca-se algo; entrou um eletrodo. começaste uma viagem.

Se jogar na vida, então pode jogar também dentro com a mente. Então se como se estivesse olhando algo na tela de um televisor: não está envolto, é só um espectador, um observador. Olhe, e desfruta-o. Não diga que é bom, não diga que é mau, não condene, não valere, porque essas são coisas sérias. Se aparecer uma mulher nua em sua tela, não diga que isto é mau, que algum diabo está te fazendo alguma sacanagem. Não há nenhum diabo para fazer um truque contigo. Olha-o como se só estivesse na tela, uma tela de cinema. E sei brincalhão com isso: lhe diga à dama, «espera!» Não tente jogá-la fora, porque quanto mais a impulsos fora, mais entrará: as damas são difíceis. E não a siga. Se a seguir, então estará em dificuldades. Não siga, não lute: esta é a regra. Só olhe e joga. Simplesmente dava «olá» ou «bom dia». Simplesmente olhe e não te altere absolutamente. Deixa que a dama espere. Irá-se por si mesmo, como veio: move-se por sua conta. Não está relacionada contigo; é só algo na memória. Afetada por alguma situação, apareceu; é só uma imagem. Se brincalhão com ela. Se pode ser brincalhão com sua mente; cessará muito em breve, porque a mente só pode estar aí se for sério. A seriedade é o enlace, a ponte.

Criatura encantadora, joga. O universo é um carapaça vazio no que sua mente pula imensamente.

111 além de saber e não saber.

Terceira técnica: *Criatura de doce coração, medita sobre saber e não saber, existir e não existir. Então deixa de lado ambas as coisas para poder ser.*

...Medita sobre saber e não saber, existir e não existir. Medita sobre o aspecto positivo da vida e logo sobre o negativo; logo deixa ambos de lado porque não é nenhum dos dois. Então deixa de lado ambas as coisas para poder ser.

Considera o desta maneira. Medita sobre um nascimento: nasceu um menino, nasceste você. Logo acréscimo, faz-te jovem; medita sobre este crescimento. Logo te faz velho, logo morre. Desde o começo mesmo... imagina o momento em que seu pai e sua mãe lhe conceberam, e entrou no útero de sua mãe, a primeira célula. Daí olhe até o final quando seu corpo está ardendo na pira funerária e todos seus parentes estão a seu redor. Então deixa a ambos de lado: ao que nasceu e ao que morreu. Deixa a ambos de lado e olhe dentro de ti. Aí está: o que nunca nasceu e nunca vai morrer.

... Saber e não saber, existir e não existir. Então deixa de lado ambas as coisas para poder ser. Pode fazê-la com qualquer polaridade de positivo-negativo. Está sentado aqui. Você Miro, conheço-te. Quando fecho os olhos, já não está aí, não te conheço. Então deixa de lado o conhecimento de que conheci e o conhecimento de que não conheço: estará vazio, porque quando puser de lado o conhecimento e o não-conhecimento, estará vazio.

Há dois tipos de pessoas: umas estão cheias de conhecimentos e outras estão cheias de ignorância. Há pessoas que dizem: «Sabemos.» Seu ego está ligado a seus conhecimentos. E há pessoas que dizem: «Somos ignorantes.» Estão cheias de sua ignorância. Dizem: «Somos ignorantes. Não sabemos.» A gente está identificado com o

conhecimento, o outro está identificado com a ignorância; mas ambos possuem algo, ambos valoram algo. Deixa de lado as duas coisas, saber e não saber, para que não seja nenhuma das duas coisas: nem ignorante, nem conhecedor. Deixa de lado o positivo e o negativo. Quem é então? de repente, o «quem» te será revelado. Tomará consciência do que está mais à frente, pelo que transcende. Deixando de lado o positivo e o negativo, estará vazio. Não será nada, nem sábio, nem ignorante. Deixa de lado o ódio e o amor, deixa de lado a amizade e a inimizade. Quando ambas as polaridades são deixadas de lado, está vazio.

Mas este é um truque da mente: pode deixar uma de lado, mas nunca as duas de uma vez. Pode deixar uma de lado: pode deixar de lado a ignorância: então aferra aos conhecimentos. Pode deixar de lado a dor, mas então te aferra ao prazer. Pode deixar de lado aos inimigos, mas então aferra aos amigos. E há algumas pessoas que fazem justo o contrário: deixarão de lado aos amigos e se aferrarão aos inimigos, deixarão de lado o amor e se aferrarão ao ódio, deixarão de lado a riqueza e se aferrarão à pobreza, e deixam de lado o conhecimento, as Escrituras, e se aferram à ignorância. Estas pessoas são grandes renunciantes. Tudo ao que você te aferra, elas o deixam de lado e se aferram ao contrário; mas se aferram de todos os modos.

Aferrar-se é o problema, porque se te aferra, não pode estar vazio. Não te afeerre; este é a mensagem desta técnica. Não afeerre a nada, positivo ou negativo, porque não lhe aferrando encontrará a ti mesmo. Está aqui, mas devido a que te aferra, está oculto. Ao não te aferrar, ficará ao descoberto, sairá à luz. Explorará.

112 Entra no espaço interno.

Quarta técnica: *Entra no espaço, sem suporte, eterno, em calma.*

Nesta técnica se deram três qualidades do espaço. Sem suporte: não pode haver nenhum suporte no espaço. Eterno: não pode ter fim. Em calma: será silencioso, sem som.

Mas a mente sempre pede suportes. A gente vem para mim, e se lhes digo: «Sente-se em silêncio, com os olhos fechados, e não faça nada», dizem: «me dê algum *avalamban*, algum suporte. me dê algum *mantra* como suporte, porque não posso me sentar.»

Simplemente sentar-se é difícil. Se lhes der um *mantra*, está bem. Então podem seguir repetindo o *mantra*. Então é fácil. Com um suporte nunca está vazio; por isso é fácil. Deve passar algo, deve estar fazendo algo. Fazendo, que faz permanece; fazendo, está cheio. Pode que esteja cheio de *omkar*, *aum*, Ramo, Jesus, Ave Maria, algo; pode que esteja cheio de algo, mas está cheio; então está bem. A mente resiste ao vazio. Quer sempre estar cheia de outra coisa, porque se está enche, pode existir. Se não estar enche, desaparecerá. No vazio, alcançará o estado de no-mente. Por isso a mente pede suportes.

Se quer entrar no espaço interno, não peça suportes. Despreza todos os suportes, *mantras*, deuses, Escrituras, tudo o que lhe de um suporte. Se sentir que está sendo sustentado, despreza-o, e entra em ti... sem suportes. Será atemorizador, sentirá-se assustado. Está entrando onde pode te perder completamente. Pode que não seja capaz de voltar, porque todos os suportes terão desaparecido. perdeste que vista a borda e ninguém sabe aonde te levará o rio. Seu suporte desapareceu. Pode que caia em um abismo infinito. Por isso, possui-te o medo, e pede algum suporte. Inclusive se for um suporte falso, desfruta-o. Inclusive um suporte falso é útil, porque à mente o dá no mesmo que um suporte seja real ou falso: deve ser um suporte; isso é o que importa. Não está sozinho; há algo e te está sustentando.

Aconteceu uma vez que veio para mim um homem... Estava vivendo em uma casa em que sentia que havia espíritos e fantasmas, e estava muito preocupado. Por culpa das preocupações, começou a ver mais alucinações. Por culpa das preocupações, ficou doente, débil. Sua mulher lhe disse: «Se segue vivendo nesta casa, eu vou.» Seus filhos foram enviados a casa de uns parentes.

O homem veio para mim e me disse: «Agora é muito difícil. Vejo-os claramente. Caminham de noite. Toda a casa está cheia de espíritos. me ajude.»

Assim que lhe dava minha fotografia e lhe disse: «Agarra-a. Agora eu me ocuparei desses espíritos. Você simplesmente dorme tranqüilamente; não precisa preocupar-se. De verdade, eu me ocuparei deles, eu me encarregarei deles. Agora é meu assunto. E não interfira. Já não precisa preocupar-se.»

O homem voltou para dia seguinte. Disse: «dormi, foi estupendo! Fez um milagre!». E o único que tinha feito foi lhe dar um suporte. Com esse suporte, a mente se encheu. Já não estava vazia; havia alguém.

Na vida ordinária te apóia em muitos suportes falsos, mas ajudam. E a não ser que te volte o suficientemente forte, necessitará-os. Por isso digo que esta é a técnica suprema: nenhum suporte.

Buda estava morrendo, e Ananda lhe perguntou: «O que faremos agora que nos está deixando? Como o alcançaremos? Como prosseguiremos agora? Quando o professor se foi, vagaremos na escuridão durante muitíssimas vidas. Não há ninguém que nos leve, que nos guie; a luz se está apagando.»

Assim Buda disse: «Será bom para ti.. Quando eu já não esteja, te volte sua própria luz. Balança sozinha, não peça nenhum suporte, porque o suporte é a última barreira.»

E aconteceu. Ananda não se iluminou. Esteve com a Buda durante quarenta anos, foi como a sombra da Buda, indo com ele, vivendo com ele; foi o que teve o contato mais prolongado com ele. Durante quarenta anos, a compaixão da Buda esteve caindo sobre ele, chovendo sobre ele: durante quarenta anos. Mas não aconteceu nada; Ananda permaneceu tão ignorante como sempre. E o dia depois de que muriese Buda, Ananda se iluminou: o dia seguinte, o mesmo dia seguinte. O suporte mesmo tinha sido a barreira. Quando já não estava Buda, Ananda não pôde encontrar nenhum suporte. É difícil. Se viver com um buda, e o buda se vai, então ninguém pode ser um suporte para ti. Agora não haverá ninguém a quem merece a pena aferrar-se. Alguém que esteve aferrando-se a um buda, não pode aferrar-se a ninguém mais neste mundo. Todo este mundo estará vazio. Uma vez que conheceste a um buda e seu amor e compaixão, então nenhum amor, nenhuma compaixão lhe pode comparar. Uma vez que conheceste isso, nada mais merece a pena conhecer-se. Assim é que Ananda estava sozinho pela primeira vez em quarenta anos. Não havia maneira de encontrar um suporte. Tinha conhecido o suporte mais alto; agora os suportes mais baixos não serviriam. Ao dia seguinte, iluminou-se. Deveu entrar no espaço interno... *sem suporte, eterno, em calma.*

Assim recorda: não trate de encontrar nenhum suporte. Estate sem suportes. Se está tentado fazer esta técnica, então estate sem suportes.

Isso é o que está ensinando Krishnamurti: «Estate sem suportes. Não afeire a um professor. Não afeire a uma Escritura. Não afeire a nada.»

Isto é o que todo professor esteve fazendo. Todo o esforço de um professor é, primeiro, te atrair para ele, para que comece a te aferrar a ele. Quando começa a te aferrar a ele, quando te volta próximo e íntimo com ele, ele sabe que terá que cortar o teimosia. E já não pode te aferrar a ninguém mais; isso se terminou. E não pode ir a outra pessoa; isso é impossível. Então curta o teimosia e, de repente, fica sem suportes.

Ao princípio será muito desventurado. Chorar e soluçará e gritará e sentirá com todo seu ser que está perdido. Cairá no mais fundo do sofrimento. Mas daí a gente sobe sozinho, sem suportes.

Entra no espaço, sem suporte, eterno, em calma. Esse espaço não tem princípio nem fim. E esse espaço é absolutamente silencioso. Não há nada, nem sequer um som vibrando, nenhuma onda. Tudo está em calma.

Esse ponto está dentro de ti. Pode entrar nele em qualquer momento. Se tiver a valentia de estar sem suportes, pode entrar nele neste mesmo momento. A porta está aberta. O convite é para todos, para todos e cada um. Mas se necessita valentia; valentia para estar sozinho, valentia para estar vazio, valentia para dissolver-se e fundir-se, valentia para morrer. E se pode morrer em seu espaço interno, alcançará a vida que nunca morre, alcançará *amrit*, a imortalidade.

Capítulo 80

Tudo e Nada Significam o Mesmo

Perguntas

Se não haver ninguém dentro de nós por que chamá-lo o ser?

Como pode um iluminado tomar decisões?

por que vivem os místicos em lugares tranquilos?

Como sabe que a consciência é eterna?

O que fará minha iluminação pelo resto do mundo?

Primeira pergunta:

Disse que em realidade não há ninguém. dentro de nós; há só um vazio uma vacuidade! mas então por que o chama miúdo, o ser, o centro?

Ser ou não ser, tudo ou nada: parecem, contraditórios, mas significam o mesmo. Tudo e nada significam o mesmo. Nos dicionários são opostos. Mas na vida não o são. Ninguém o compreende. Considera o desta maneira: se disser que amo a todos, ou se disser que não amo a nenhum, significa o mesmo. Se amo a alguém..., só então há uma diferença. Se amo a todos, significa o mesmo que não amar a ninguém. Então não há diferença. A diferença é sempre de grau, relativa.

E estes são dois extremos, não têm grau; o total e o zero não têm grau. De maneira que pode chamar o total um zero, ou pode chamar um zero o total. Por isso, algumas pessoas iluminadas chamaram ao espaço interno vazio, *shunya*, o vazio, um nada, o não-ser, *anatma*..., e outras o chamaram o ser interno, o ser absoluto, *Brahma*, *atma*, o

ser supremo. Estas são as duas formas de descrevê-lo. Alguém é positiva a outra é negativa.

Tem que inclui-lo tudo ou exclui-lo tudo; não pode descrevê-lo com nenhum término que seja relativo. É necessário um término absoluto. Os dois pólos contraditórios são termos absolutos.

Mas houve algumas pessoas iluminadas que permaneceram totalmente em silêncio. Não o chamaram nada, porque o chame como o chama –já o chame ser ou não ser-, no momento em que lhe dá um nome, um término, uma palavra, erraste, porque inclui ambos.

Por exemplo, se disser “Deus está vivo” ou “Deus é vida”, não tem sentido, porque então quem será a morte? Deus o inclui tudo. Deve haver morte nele tão completamente como a vida; do contrário a quem lhe pertence a morte? E se a morte pertence a outro e a vida pertence a Deus..., então há dois Deuses, e então haverá muitos problemas que não podem ser resolvidos. Deus deve ser tanto a vida como a morte. Deus deve ser tanto o criador como o destruidor. Se disser que Deus é o criador, então quem é o destruidor? Se disser que Deus é bom, então quem será mau?

devido a esta dificuldade, os cristãos, os zoroástricos, e muitas outras religiões criaram a um Diabo junto a Deus, porque a quem lhe pertencerá o mal? criaram um Diabo. Mas não se soluciona nada; tão somente se empurra ao problema um pouco para trás, porque então se pode perguntar pertinentemente: «Quem criou ao Diabo?». Se Deus mesmo criar ao Diabo, então ele é o responsável. E se o Diabo é algo que é independente, não relacionado com Deus, então ele mesmo se volta um Deus, um poder supremo. E se Deus não criou ao Diabo, como pode Deus destruí-lo? É impossível. Os teólogos seguem dando alguma resposta a uma pergunta, mas essa resposta volta a criar mais perguntas.

Deus criou ao Adão, e logo Adão se fez mau. Foi expulso. Desobedeceu a Deus e foi expulso do mundo celestial. perguntou-se uma e outra vez, e pertinentemente, por que se fez mau Adão? Deus deveu criar a possibilidade nele, a possibilidade de ser mau, de ir-se pelo mau caminho, de desobedecer. Se não havia nenhuma possibilidade, nenhuma tendência inerente, então como pôde Adão voltar-se mau? Deus deveu ter criado a tendência.

E se existia a tendência ao mal, outra coisa também é segura: a tendência de sobrepor-se a ela não era tão forte, a tendência a combatê-la não era tão forte. A tendência ao mal era mais forte. Quem criou esta força? Ninguém a não ser Deus pode ser o responsável. Então todo o assunto parece uma patranha. Deus cria ao Adão; cria nele uma tendência ao mal, uma forte tendência ao mal que não pode controlar; então se decanta pelo mau caminho; e é castigado. Deus deveria ser castigado não Adão!, ou tem que aceitar que existe alguma outra força mais capitalista que Deus, porque o Diabo pode tentar ao Adão e Deus não pode lhe proteger. O diabo pode provocar e seduzir, e Deus não pode proteger. O Diabo parece ser um Deus mais poderoso.

Há uma igreja, nascida recentemente na América, chamada a Igreja de Satanás, a Igreja do Diabo. Têm um Supremo Sacerdote, igual à Batata do Vaticano, e dizem que a História prova que o verdadeiro Deus é o Diabo. E parecem lógicos. Dizem: «Seu Deus, o Deus do bem, sempre foi derrotado, e o Diabo sempre saiu vitorioso. Toda a História o demonstra. Assim por que adorar a um Deus débil que não pode te proteger? É melhor seguir a um Deus forte que pode te seduzir, mas que também pode te proteger, porque é mais forte.» A Igreja do Diabo é agora uma igreja em expansão. E parecem lógicos; isto é o que demonstra a História.

Esta dualidade -para salvar a Deus do pólo negativo- cria problemas. Na Índia não criamos o outro pólo. Dizemos que Deus é o criador e o destruidor, o bom e o mau. Isto

é difícil de conceber, porque, no momento em que dizemos «Deus», não podemos lhe conceber sendo mau. Mas na Índia tentamos penetrar no mistério mais profundo da existência; isto é, a unidade. De algum modo, bom e mau, vida e morte, negativo e positivo, juntam-se em alguma parte, e esse ponto de união é a existência, a unidade. Como chamará a esse ponto de união? Tem que usar um término positivo ou um negativo, porque não temos nenhum outro.

Se usar términos positivos, então o chama Ser com S maiúscula (Deus, Absoluto, *Brahma*), ou se quer usar um término negativo, chama-o *nirvana*, nada, *shunya*, não-ser, *anatma*. Ambos indicam o mesmo. É ambos, e seu ser interno também é ambos. Por isso, às vezes o chamo ser e às vezes o chamo não-ser. É ambos. Depende de ti. Se te atrair o positivo, então chama-o ser. Se te atrair o negativo, então chama-o não-ser. Depende de ti. Chama-o-o que te pareça bem, o que sintas que te dará maturidade, crescimento, evolução.

Há dois tipos de pessoas: a gente não pode sentir nenhuma afinidade com a negatividade, e o outro não pode sentir nenhuma afinidade com o positivo.

Buda é do tipo negativo. Não pode sentir afinidade com o positivo, sente afinidade com o negativo; usa todos os términos negativos. Shankara não sente afinidade com o negativo; fala da realidade suprema em términos positivos. Ambos dizem o mesmo. Buda a chama *shunya*, e Shankara a chama *Brahma*. Buda a chama o vazio, um nada, e Shankara a chama o absoluto, o tudo. Mas estão dizendo exatamente o mesmo.

Ramanuja, um dos comentaristas mais sobressalentes da Shankara, diz que Shankara é simplesmente um budista encoberto. Não é um hindu; só parece sê-lo porque usa términos positivos. Essa é a única diferença que há. Onde Buda diz nada, ele diz *Brahma*; todo o resto é o mesmo. Ramanuja diz que Shankara é o maior destruidor do hinduísmo, porque introduziu o budismo pela porta de atrás usando um truque: onde se usa um término negativo, ele usa um término positivo; isso é tudo. Ramanuja o chama um *prachanna-buddha*, um criptobudista. E tem razão em certo modo, porque não há diferença. A mensagem é o mesmo.

De modo que depende de ti. Se sentir afinidade com o silêncio, um nada, então chama Vazio ao grande ser. Se não sentir afinidade, se sentir medo, então chama a esse vazio O Grande Ser. Mas então suas técnicas serão diferentes. Se te assustar o vazio, a solidão, um nada, então as quatro técnicas das que falei ontem à noite não serão muito úteis para ti. as esqueça. Há outros métodos dos que falei. Usa técnicas positivas.

Mas se estiver preparado e tem a valentia para estar sem suportes, para entrar no vazio, sozinho, disposto a cessar completamente, então estas quatro técnicas lhe ajudarão tremendamente. Depende de ti.

Segunda pergunta:

Se houver um vazio absoluto dentro de um iluminado, como é que parece que está tomando decisões, diferenciando, lhe gostando disto ou não lhe gostando disso, dizendo sim ou não?

Isto parecerá certamente um paradoxo. Se um iluminado é simplesmente vazio, então para nós se volta um paradoxo. Então por que diz que sim ou que não? por que escolhe? por que gosta de algumas coisas e não gosta de outras? por que fala? por que anda? por que vive, no sentido mais amplo da palavra?

Para nós, isto é um problema; para o iluminado não é um problema. Tudo se faz do vazio. O iluminado não está escolhendo. nos parece eleição: mas o iluminado simplesmente se move em uma direção. Essa direção vem do vazio mesmo.

É desta maneira. Está andando. de repente aparece um carro frente a ti e sente que vai haver um acidente. Não decide o que fazer. Decide-o? Como vais decidir o? Não há tempo. Uma decisão tomará tempo. Terá que refletir e pensar, sopesar os prós e os contra, decidir se saltar de tal ou qual maneira. Não decide; simplesmente, salta. De onde vem esse salto? Entre o salto e você não há nenhum processo de pensamento. de repente te dá conta de que o carro está diante de ti e salta. O salto acontece primeiro. Logo pode pensar. Nesse momento salta devido à obrigação; todo seu ser salta sem nenhuma decisão.

Recorda: a decisão sempre é da parte; não pode ser de tudo. Decisão implica a existência de um conflito. Uma parte de seu ser estava dizendo: «faz isto»; outra parte estava dizendo: «não o faça». Por isso foi necessária a decisão. Teve que decidir, argumentar, e uma parte foi apartada a um lado. Isso é o que significa uma decisão. Quando está presente sua totalidade, não há necessidade de decidir, não há alternativa. E um iluminado é total dentro de si mesmo, vazio total. De modo que tudo o que sai, sai de sua totalidade, não de nenhuma decisão. Se disser «sim», não é uma eleição: não havia nenhum «não» que escolher, não havia nenhuma alternativa. «Sim» é a resposta de seu ser total. Se disser «não», então «não» é a resposta de seu ser total. Por isso, um iluminado não pode arrepender-se nunca. Você sempre te arrependerá. Não importa o que faça, dá no mesmo: faça o que faça, arrependerá-te. Se te quer casar com uma mulher, se decidir que sim, arrependerá-te; se decidir que não, arrependerá-te. Como algo que decide é uma decisão parcial; a outra parte sempre está em contra. Se decidir: «Sim, casarei-me com esta mulher», uma parte de seu ser está dizendo: «Não o faça; arrependerá-te.» Não é total.

Quando surgirem as dificuldades... Têm que surgir, porque quando duas pessoas diferentes começam a viver juntas, terão que surgir dificuldades. Haverá conflitos, haverá uma luta por dominar, haverá política de força. Então a outra parte dirá: «Mra! O que te havia dito? Estive insistindo em que não devia fazê-lo, e o tem feito.» Mas isso não significa que, se tivesse seguido à outra parte, não teria havido arrependimento. Não! Teria havido arrependimento, porque então te teria casado com alguma outra mulher, e se teria produzido o conflito e a luta. Então a outra parte haveria dito: «Estive-te dizendo que te casasse com a primeira mulher. perdeste uma oportunidade. perdeste um céu, e te casaste com um inferno.»

Em qualquer caso, arrependerá-te, porque sua decisão não pode ser total. Vai sempre contra uma parte, e essa parte se vingará. De modo que, ditas o que ditas, se for bem te arrependerá, se for mal te arrependerá. Se for bem, então sua mente, a outra parte, seguirá dizendo que desperdiçaste uma oportunidade. Se for mau, então se sentirá culpado. Um ser iluminado nunca se arrepende. Em realidade, nunca olhe para trás. Não há nada ao que olhar para trás. O que parece, está feito com sua totalidade.

De modo que o primeiro que terá que compreender é que nunca escolhe. A eleição expõe a seu vazio; ele nunca decide. Isso não significa que seja indeciso. É absolutamente decidido, mas nunca decide. Tenta me compreender. A decisão acontece em seu vazio. Assim é como atua todo seu ser; isso é tudo. Se está caminhando e uma serpente se cruza em seu caminho salta de repente; isso é tudo. Não decide. Não consulta a um professor e a um guia. Não vais consultar livros na biblioteca a respeito do que terá que fazer quando uma serpente se cruza em seu caminho: como fazê-lo, qual é a técnica. Simplesmente salta. E, recorda, esse salto vem de seu ser total; não foi uma decisão. Seu ser total atuou assim; isso é tudo. Não há nada mais.

te parece que um iluminado está escolhendo, decidindo, diferenciando, porque você está fazendo-o em todo momento, e não pode entender algo que não conheceste absolutamente. Um iluminado simplesmente está fazendo coisas sem nenhuma decisão,

sem nenhum esforço, sem nenhuma eleição: não tem eleição. Mas isso não significa que, se lhe der comida e pedras, decante-se por comer as pedras. Comerá a comida. te parecerá que decidiu não comer as pedras, mas não decidiu. Isso é simplesmente absurdo, não lhe ocorre; come a comida. Isto não é uma decisão; só um idiota decidiria se comer as pedras ou a comida. As mentes estúpidas decidem; as mentes iluminadas simplesmente atuam. E quanto mais medíocre seja a mente, mais esforço terá que fazer para tomar uma decisão.

Isso é o que significa a preocupação. O que é a preocupação? Há duas alternativas e não há forma de decidir entre elas..., e a mente segue, um momento a este lado, outro momento a aquele. Isto é a preocupação. Preocupação significa que tem que decidir e está tratando de decidir, mas não pode decidir. Assim é que está preocupando-se, desconcertado, te movendo em círculos viciosos. Um iluminado nunca está preocupado. É total. Tenta compreender isto. Não está dividido, não está partido, não há dois seres nele. Mas em ti há uma multidão: não só dois; há muitas, muitas pessoas vivendo em ti, muitas vozes, uma multidão. Um iluminado é uma profunda unidade, é um universo. Você é um «multiverso». Esta palavra «universo» é bela. Significa um: *uni*. Você é um «multiverso»; há muitos mundos em ti.

O segundo que terá que compreender é que, independentemente do que faça, antes de fazê-lo há pensamento, idéias. À margem do que esteja fazendo uma pessoa iluminada, não há pensamento, não há idéias. Está-o fazendo.

Recorda: o pensamento é necessário porque não tem olhos para ver. O pensamento é um substituto. É igual a um cego andando a provas com um fortificação por um caminho. Um cego pode perguntar às pessoas que têm olhos como medem, que tipo de fortificações usam para medir o caminho. E elas simplesmente rirão; dirão que não necessitam nenhum fortificação, que têm olhos. Simplesmente vêem onde está a porta; não precisam medi-la. E nunca pensam a respeito de onde está a porta. Vêem e passam por ela. Mas um cego não pode acreditar que simplesmente possa passar por uma porta. Primeiro terá que pensar onde está a porta. Primeiro terá que inquirir; se houver alguém, terá que lhe perguntar onde está a porta. E inclusive se te indica a direção, terá que medida com sua fortificação..., e inclusive então pode que haja muitos escolhos. Mas quando tem olhos, se quer sair, simplesmente olha... Não pensa onde está a porta, não decide. Simplesmente olha; a porta está aí, passa por ela. Nunca pensa que isto é uma porta; simplesmente, usa-a e atua.

A situação é a mesma com as mentes não iluminadas e as mentes iluminadas. Uma mente iluminada simplesmente olhe. Tudo está claro. Tem claridade; todo seu ser é luz. Olhe a seu redor e simplesmente se move, atua; nunca pensa. Você tem que pensar porque não tem olhos. Só os cegos pensam; têm que pensar porque não têm olhos: necessitam algo que substitua aos olhos, e o pensamento o provê.

Nunca digo que Buda ou Mahavira ou Jesus são grandes pensadores. Isso seria uma tolice. Não são pensadores absolutamente; são conhecedores, não pensadores. Têm olhos, podem ver, e ao ver, atuam. Tudo o que sai de um buda sai do vazio, não de uma mente cheia de pensamentos. saiu que um céu vazio. É a resposta do vazio.

Mas para nós é difícil, porque nos chega dessa maneira. Temos que pensar nisso. Se alguém fizer uma pergunta, tem que pensar sobre ela. E, inclusive assim, nunca pode estar seguro de que o que está dizendo é a resposta. Um buda responde; não pensa. Pergunta-lhe, e o vazio simplesmente responde. Essa resposta não é uma coisa pensada, a não ser uma resposta total. Seu ser se comporta dessa maneira. É por isso que não pode lhe pedir a um buda que seja consistente. Não pode. O pensamento pode ser consistente, um pensador será consistente; mas uma pessoa iluminada não pode ser consistente, porque a situação troca a cada momento, e a cada momento saem coisas de

seu vazio. Não pode as forçar. Não pode pensar. Não recorda realmente o que disse ontem. Cada pergunta cria uma nova resposta, e cada pergunta cria uma nova resposta. Depende de quem pergunte.

Buda entra em um povo. Um homem pergunta: «Existe Deus?» Buda diz: «Não.»

Pela tarde, outro homem pergunta: «Existe Deus?» Buda diz: “Sim.”

Depois, ao anoitecer, um terceiro pergunta:

«Existe Deus?» Buda permanece em silêncio. Em um só dia: pela manhã, não; pela tarde, sim; ao anoitecer, silêncio, nem sim nem não.

O discípulo da Buda, Ananda, ficou perplexo. Tinha ouvido as três respostas. De noite, quando todos se foram, perguntou a Buda: «Posso te fazer uma pergunta? Em um só dia, respondeste a uma pergunta de três maneiras; e não só diferentes, mas também contraditórias. Minha mente está desconcertada. Não posso dormir se não me responde. O que quer dizer? Pela manhã diz que sim, pela tarde que não, ao anoitecer permanece em silêncio. E a pergunta era a mesma.»

Buda disse: «Mas os que perguntavam eram diferentes. E como vão fazer a mesma pergunta pessoas diferentes?». Isto é realmente formoso, muito profundo. Disse: «Como vão fazer a mesma pergunta pessoas diferentes? Uma pergunta sai de um ser, é algo que cresce nele. Se o ser for diferente, como vai ser a mesma a pergunta? Pela manhã, quando disse que sim, o homem que estava perguntando era ateu. Tinha vindo a obter minha confirmação de que Deus não existe. E eu não podia confirmar seu ateísmo, porque estava sofrendo por causa dele. E como não podia contribuir a seu sofrimento e queria lhe ajudar, pinjente: «Sim, Deus existe.» Assim é como tratei de destruir seu suposto ateísmo. Pela tarde, quando veio a outra pessoa, era um teísta. E estava sofrendo por seu teísmo. A ele não podia lhe dizer que sim, porque isso teria sido uma confirmação: o que tinha vindo a procurar.

Então partiria dizendo: «Sim, o que eu dizia era certo. Inclusive Buda o diz.» E o homem estava equivocado. Não podia ajudar em seu engano a um homem equivocado, de modo que tive que dizer que não para destruir tudo o que é esse homem, para destruir sua mente.

«E o homem que veio ao anoitecer não era nenhuma das duas coisas. Era um homem singelo, inocente, e não estava pedindo nenhuma confirmação. Não tinha nenhuma ideologia; era uma pessoa realmente religiosa. De modo que tive que permanecer em silêncio. Disse-lhe: "Permanece em silêncio respeito a esta pergunta. Não pense nela." Se lhe houvesse dito que sim, teria sido errôneo, porque não tinha vindo a encontrar uma teologia. Se lhe houvesse dito que não, teria sido errôneo, porque não terei que lhe corroborar nenhum ateísmo. O não estava interessado em pensamentos, em idéias, em teorias, doutrinas, não; era um homem realmente religioso. Como ia pronunciar nenhuma palavra ante ele? Tive que permanecer em silêncio. Ele compreendeu meu silêncio. Quando se foi, sua religiosidade se fez mais profunda.»

Buda disse: «Três pessoas não podem fazer a mesma pergunta. Podem formular a de maneira similar; isso é outra coisa. Todas as perguntas eram: "Existe Deus?". Sua formulação era a mesma, mas o ser de que vinha a pergunta era totalmente diferente. Queriam dizer coisas diferentes com ela: seus valores eram diferentes, suas associações com as palavras eram diferentes.»

Lembrança que aconteceu uma vez que Amacie Nasruddin voltou para casa uma noite. Tinha estado todo o dia pendente de um jogo de futebol. Era um torcedor. Quando entrou em sua casa ao anoitecer, sua mulher estava lendo um periódico, e disse: «Olhe, Nasruddin, há algo para ti. Diz aqui que um homem entregou a sua mulher em troca de um abono para os jogos de futebol. Você também é um torcedor, um torcedor

louco, mas não posso conceber que fizesse o mesmo, ou sim? Trocaria-me por só um abono para os jogos de futebol?».

Nasruddin o pensou e logo disse: «É obvio que não; porque é ridículo e criminal. A temporada está meio acabamenta.»

Toda mente tem sua própria orientação. Pode que usem as mesmas palavras, mas, como são diferentes, duas mesmas palavras não podem ser iguais.

Então Buda disse outra coisa, que é inclusive mais significativa. Disse: «Ananda, por que está perturbado? O assunto não ia contigo; não deveria ter escutado, porque nenhuma das resposta foi dada a ti. Deveria permanecer indiferente; do contrário, voltará-te louco. Não venha comigo, porque me envolverei com muitíssimos tipos de pessoas. E se escutas tudo o que não diz a ti, ficará confuso e louco. me abandone; ou, se não, recorda escutar só quando falar a ti. As demais vezes, não escute. O que diga não é teu assunto. Não foi dito a ti, e não era sua pergunta absolutamente, assim por que deveria preocupar-se? Não tinha nada que ver com isso. Alguém perguntou, alguém respondeu. por que está preocupado innescessariamente por isso? Se tiver a mesma pergunta, faz-a, e então responderei. Mas recorda: não respondo às perguntas, a não ser a quem as faz. Respondo. Miro ao homem, vejo seu trasfondo, o homem se volta transparente..., e esta é minha resposta. Pergunta-a é irrelevante; que pergunta é relevante.»

Não pode lhe pedir coerência a uma pessoa iluminada. Só as pessoas não iluminadas, ignorantes, podem ser coerentes, porque não têm que olhar. Simplesmente seguem alguma ideia. Levam idéias mortas, coherentemente. Levarão algo toda sua vida, e permanecerão coerentes com isso. Não estão vivas; estão mortas.

A vitalidade não pode ser coerente. Isso não significa que seja errônea: a vitalidade é coerente, mas muito profundamente, não na superfície. Buda é coerente nas três respostas, mas sua coerência está em seu esforço por ajudar. Quis ajudar ao primeiro homem, quis ajudar ao segundo homem, quis ajudar ao terceiro homem. Houve compaixão para os três. Quis lhes ajudar: essa é sua coerência. Mas é uma corrente profunda. Suas palavras são diferentes, suas respostas são diferentes, mas sua compaixão é a mesma.

De modo que, quando uma pessoa iluminada fala, responde, essa resposta é uma resposta total de seu vazio, de seu ser. Te ecoa, reflete-te, é um espelho. Não tem rosto próprio. Seu rosto se reflete em seu coração. De modo que se um idiota deve conhecer a Buda, encontrará-se com um idiota: Buda é só um espelho. E esse homem se irá e propagará o rumor de que Buda é um idiota. viu-se a si mesmo na Buda. Se vier alguém sensível, pormenorizado, amadurecido, adulto, verá outra coisa na Buda; verá seu próprio rosto. Não há outra maneira; segue vendo espelhos nas pessoas que estão totalmente vazias. Então, tudo o que leva é sua interpretação.

diz-se nas Escrituras antigas que quando chegar a uma pessoa iluminada, permanece totalmente em silêncio. Não pense; do contrário perderá a oportunidade de te reunir com ele. Simplesmente permanece em silêncio, não pense; lhe absorva, não trate de lhe compreender com sua cabeça. lhe absorva, lhe beba, deixa que todo seu ser esteja aberto a ele. lhe deixe que entre em ti, mas não pense nele; porque se pensar, sua mente será refletida. Deixa que todo seu ser se banhe em sua presença. Só então terá um vislumbre de com que tipo de ser, com que tipo de fenômeno entraste em contato.

Muitos vieram a Buda. Vieram e se foram. Levavam suas próprias opiniões; e se foram e as propagaram. Muito poucos, verdadeiramente poucos, compreenderam; e assim é como deveria ser, porque só pode compreender conforme a ti. Só se estiver preparado para te fundir e trocar e ser transformado pode compreender o que é uma pessoa iluminada, um ser iluminado.

Terceira pergunta:

Disse que o ruído e a perturbação não estão fora no mundo, mas sim existem devido a nossas próprias mentes e ego. Mas por que os Santos e os místicos vivem sempre em lugares sem ruído e com pouca gente?

Porque ainda não são Santos e místicos. Ainda estão esforçando-se, ainda estão trabalhando. São buscadores, não *siddhas*; não chegaram. O ruído lhes perturbará, a multidão lhes perturbará. A multidão lhes voltará a pôr a seu próprio nível. Ainda são débeis; necessitam amparo. Ainda não se sentem seguros. Não podem enfrentar-se à tentação; têm que proteger-se na solidão isolada, onde possam crescer e fazer-se fortes. Quando forem fortes, não haverá problemas. Mahavira se foi à selva. Durante doze anos esteve sozinho, em silêncio, sem falar, sem entrar em povos ou cidades; então se iluminou. E então voltou para mundo. Buda permaneceu em silêncio total durante seis anos. Logo voltou para mundo. Jesus ou Mahoma, ou qualquer..., quando estão crescendo, necessitam condições protegidas. Quando cresceram, então não há problema.

De modo que se encontrar um místico que tem medo de entrar em uma multidão, então tenha muito claro que ainda é um menino, crescendo. De outra forma, por que ia ter medo um místico de entrar nas multidões? A multidão não pode lhe fazer nada, nem o ruído, nem o mundo, nem os objetos do mundo. Com toda esta loucura a seu redor, não lhe pode fazer nada. Não lhe pode tocar. Pode atuar e pode viver: pode viver em qualquer parte onde se do caso que esteja seu vazio.

Mas ao princípio é bom estar sozinho, estar em um entorno harmonioso, natural. Assim recorda: não pense que, como vive no ruidoso Bombay, é um místico, ou crescestes e te tem feito um *siddha*. Se quer crescer, às vezes, durante alguns períodos concretos, terá que ir à solidão -longe da multidão, longe das preocupações do mundo, as relações do mundo, os objetos do mundo- a um lugar no que possa estar sozinho e não ser perturbado por outros. Tal como é agora, pode ser perturbado, mas uma vez que tenha fortaleza, uma vez que tenha poder interno, uma vez que esteja cristalizado e saiba que já ninguém pode quebrar seu centro interno, pode ir a qualquer parte. Então o mundo inteiro é um lugar solitário. Então, em qualquer lugar que esteja é terra virgem. Então o espaço de silêncio vai contigo, porque é seu criador. Então cria em torno de ti, seu próprio silêncio interno e, vá onde vá, está em silêncio. Ninguém pode penetrar nesse silêncio. Nenhum ruído pode perturbá-lo.

Mas, a não ser que tenha acontecido a cristalização, não cria que não pode ser perturbado. Está perturbado, saiba ou não. Em realidade, está tão perturbado que não pode sabê-lo. Acostumaste-te à perturbação. Tem os nervos de ponta; está continuamente perturbado. Agora mesmo não sente a perturbação: para sentir a perturbação necessita fases de não perturbação. Só então pode senti-la por contraste. Está continuamente perturbado, mas acostumaste a isso, habituado a isso. Pensa que assim é a vida. Viria-te bem ir aos Himalayas uma temporada. Viria-te bem ir a algum povo remoto, a um bosque remoto, e estar sozinho durante uns dias de silêncio: como se toda a humanidade tivesse desaparecido. Logo volta para Bombay. Então saberá com que perturbação estiveste vivendo. de repente, estará perturbado. Agora tem um contraste.

Tinha uma música interna; agora está quebrantada. Para os buscadores, a solidão é boa; para os *siddhas*, é irrelevante.

E há dois tipos de pessoas equivocadas. Com o primeiro, se lhes disser que são eles os que estão perturbados, que a situação é irrelevante, então nunca procurarão a

solidão para ter um vislumbre do que é o silêncio. Então ficarão aqui e dirão: «Nada nos perturba. Em realidade, somos nós, não o entorno. Assim que ficamos aqui.» E estão perturbados, mas sua teoria se converterá em uma racionalização. Logo há outras pessoas, o outro tipo de pessoas equivocadas, às que, se lhes disser que vão ao silêncio, à solidão, porque lhes ajudará, irão-se..., mas então não voltarão nunca. Então se converte em uma adição, e permanecerão fracos para sempre, e sempre terão medo de voltar para mundo. Então sua solidão não foi uma ajuda; mas bem se tornou um obstáculo. Não são mais fortes devido a ela; tornaram-se mais débeis. Já não podem voltar para mundo. Ambos os tipos são errôneos.

Se do terceiro tipo, que é o tipo correto. Ao princípio, tenha muito claro que as circunstâncias lhe perturbam; assim, às vezes, tenta, consegue, te sair delas. Então, enquanto esteja fora delas, o silêncio que alcance leva-o contigo de volta às circunstâncias e tráfico de conservá-lo. Só se pode conservá-lo em meio das circunstâncias se converteu a teoria em uma experiência. Então sabe que nada perturba. Então sabe que, em última instância, é você o que está perturbado ou não. Mas converte-o em uma experiência: só como teoria é inútil.

Quarta pergunta:

Uma coisa é realizar a consciencia cósmica na Terra e transcender o corpo. Mas como sabem com segurança as pessoas realizadas que esta consciencia é eterna e permanecerá depois da morte do corpo?

O primeiro é que não se preocupam com isso.

Não lhes preocupa se permanecerá ou não. É você o que está preocupado. Eles não pensam no momento seguinte. A próxima vida é simplesmente irrelevante; inclusive o dia seguinte, o momento seguinte, não é um ponto de interesse. É você o que sempre pede algo no futuro, algo do futuro. Porquê? Porque seu presente está vazio, sua presente não é nada, seu presente está podre; seu presente é um sofrimento tal que só pode suportá-lo se segue pensando no futuro e no paraíso e na vida vindoura. Justo aqui e agora não há vida, de modo, que lanças sua mente ao futuro para escapar do presente, o feio presente.

Uma pessoa que está realizada está aqui e agora, totalmente viva. Tudo o que pode acontecer aconteceu. Não há futuro. Que venha ou não a morte a lhe matar não é uma preocupação absolutamente. É igual a desapareça ou permaneça, dá no mesmo. Este momento é tão rico, tão absolutamente rico, este momento é tão intenso, que todo seu ser está aqui agora.

Ananda perguntou a Buda, uma e outra vez:

«O que te acontecerá, quando mora seu corpo?»

E Buda repetiu uma e outra vez: «Ananda, por que está tão preocupado pelo futuro? por que não me olha, e o que está acontecendo agora?».

Mas, depois de uns poucos dias, voltava a perguntar: O que acontece a um iluminado quando morre seu corpo?». Tem medo a respeito de si mesmo. Tem medo. Sabe que quando o corpo morre não há nenhuma possibilidade de reanimá-lo, não há nenhuma possibilidade de permanecer, não há nenhuma possibilidade de ser. E ele, não alcançou nada. A luz, apagará-se... foi em vão. Se isso acontecer sem ter alcançado nada, simplesmente desaparecerá. De modo que nada teve sentido, todo o sofrimento não teve sentido, não conduziu a nenhuma parte. Estava preocupado; queria saber se algo sobrevive depois do corpo, mas Buda diz: «Estou aqui e agora. O que aconteça no futuro não me preocupa absolutamente.»

Assim, em primeiro lugar, uma pessoa realizada não se preocupa. Esses é um dos sinais de que uma pessoa está realizada: não lhe preocupa o futuro.

E em segundo lugar: perguntou como sabe com segurança? O conhecimento sempre é seguro. A certeza é inerente, intrínseca ao conhecimento. Tem dor de cabeça. Posso te perguntar: «Como pode dizer com segurança que tem dor de cabeça?»? Dirá: «Sei.» Posso perguntar: «Mas como está seguro de que seu conhecimento é correto e não errôneo?» Mas ninguém faz perguntas tão absurdas. Quando se tem dor de cabeça, tem-se: sabe. O conhecimento é intrinsecamente seguro. Quando alguém está iluminado, sabe que está iluminado; sabe que não é este corpo; sabe que dentro é só um espaço imenso..., e o espaço não pode morrer. As coisas podem morrer; o espaço não pode morrer.

Pensa nesta habitação. Podemos destruir este edifício, Woodlands, mas não podemos destruir o espaço desta habitação. Pode destruí-la? podem-se destruir as paredes, mas estamos sentados aqui neste espaço, neste espaço. As paredes podem ser destruídas, mas como vais destruir esta habitação...; não as paredes, a não ser o espaço nela? Pode que todo Woodlands desapareça -desaparecerá um dia-mas este espaço permanecerá. Seu corpo desaparecerá e, como, não conhece o espaço interno, tem medo. Quer sabê-lo com segurança. Mas um homem iluminado sabe que é espaço: não o corpo, não as paredes, a não ser o espaço interno. As paredes cairão, cansado-se muitas vezes, mas o espaço interno permanecerá. Não é algo para o que tenha que encontrar provas; é seu conhecimento imediato. Sabe; isso é tudo. O conhecimento é intrinsecamente seguro.

Se seu conhecimento for incerto, então recorda que não é conhecimento. A gente vem a me dizer: «Nossa meditação vai muito bem. Sentimo-nos muito felizes.» E então, de repente, perguntam-me: «O que diz você? Existe realmente nossa felicidade? Somos realmente felizes?» Perguntam-me isso !Não estão seguros de sua própria felicidade. Que tipo de conhecimento é este? Simplesmente estão simulando, mas não podem determinar. Estão pensando, estão confiando, estão desejando..., mas não são felizes. Do contrário, que necessidade tem que me perguntar? Eu nunca irei perguntar a ninguém se for feliz ou não. Para que ia fazer o? Se for feliz, sou feliz. Se não o for, não o sou. O que outra pessoa pode me dar provas disso? Se eu não posso ser uma testemunha, quem o será por mim, e como pode a outra pessoa ser testemunha?

De modo que às vezes jogo certos jogos. Às vezes digo: «Sim, é feliz. É absolutamente feliz.» E são mais felizes com apenas me ouvir. E às vezes digo: «Não, não dá nenhuma evidência, não há nenhuma indicação. Não é feliz; deve ter estado sonhando.» E se afundam, sua felicidade desaparece, ficam tristes. Que tipo de felicidade é esta? Com apenas dizer que é feliz, aumenta; e com apenas dizer que não o é, desaparece! Estão tão somente tratando de ser felizes, mas não o são. Isto não é conhecimento; isto são só bons desejos. Esperam que seja assim, e pensam que podem enganar-se a si mesmos. Pensando que são felizes, acreditando que são felizes, encontrando alguma prova, encontrando alguma certificação de alguém de que são felizes, pensam que podem criar a felicidade. Não é tão fácil. Quando acontece algo no mundo interior, sabe que aconteceu, não necessita nenhuma certificação. Não a necessita! A busca mesma de alguém que do visto bom é infantil. Mostra que deseja a felicidade, mas que não a obtiveste. Não a conhece, não te aconteceu.

Alguém que se realizou, sempre está seguro, e quando digo seguro, absolutamente seguro, não quero dizer que sente alguma insegurança em alguma parte e se sente seguro contra essa insegurança; não. Simplesmente está seguro. Não há nenhum tipo de insegurança. Estou vivo. Estou seguro disso? Não há dúvida. Não é questão de segurança. É absolutamente seguro; não tem que ser decidido. Estou vivo.

Sócrates se estava morrendo e alguém lhe perguntou: «Sócrates, está morrendo com tanta calma, tanta felicidade. O que acontece? Não tem medo? Não está assustado?»

Sócrates disse algo muito formoso. Disse: «Só duas coisas são possíveis quando tiver morrido: ou existirei ou não existirei. Se não existir, então não há dúvida: não haverá ninguém para sabê-lo, para saber que não existo. Todo o assunto simplesmente desaparece. E se existir, então não há dúvida: existo. Só há duas possibilidades: ou existirei ou não existirei, e as duas estão bem. Se existir, então tudo continua. Se não existir, então não há ninguém para sabê-lo, assim por que preocupar-se?»

Não estava iluminado, mas era um homem muito sábio. Recorda: esta é a diferença entre um sábio e um iluminado. Um sábio pensa profundamente, penetra intelectualmente em tudo, e chega a uma conclusão. Ele é um homem muito sábio. Diz que há duas alternativas. Penetra logicamente no fenômeno da morte: «Só há duas possibilidades: ou simplesmente desapareço, já não existo; ou permanecerei.» Existe alguma terceira alternativa? Não existe nenhuma terceira alternativa. De modo, que Sócrates diz: «pensei nas duas. Se permanecer, então não há nada do que preocupar-se. Se já não existir, já não há ninguém para preocupar-se. Assim, por que me preocupar agora? Verei o que acontece.» Não sabe, não sabe o que vai acontecer, mas pensou nisso sabiamente. Não é um buda; é o intelectual mais agudo possível. Mas se pode te voltar sábio -não iluminado, porque a iluminação não é nem sabedoria nem ignorância, a dualidade foi transcendida-, se puder inclusive te voltar sábio, sentirá-se depravado; se puder inclusive te voltar sábio, pode te sentir muito contente.

Mas a sabedoria não é a meta do tantra ou do ioga. O tantra e o ioga têm como meta o sobre-humano, o ponto no que tanto a sabedoria como a ignorância são transcendidas, no que

a gente simplesmente sabe e não pensa, no que um simplesmente olhe e é consciente.

Última pergunta:

Não há dúvida de que quero me iluminar. Mas se me ilumino, o que significará isto para o resto do mundo?

Mas por que se preocupa o resto do mundo? Deixa que o mundo se preocupe com si mesmo. E não se preocupe por que lhe acontecerá ao resto do mundo se segue sendo ignorante.

Se for ignorante, o que lhe acontece ao resto do mundo? Cria desdita. Não é que o faça de propósito: é desdita, de modo que, faça o que faça, planta sementes de desdita em todos lados.

Suas esperanças não têm sentido; seu ser é insignificante. Pode que pense que está ajudando a outros: estorva-lhes. Pode que pense que ama a outros: pode que simplesmente lhes esteja matando e assassinando. Pode que pense que está ensinando a outros, mas pode que tão somente esteja lhes ajudando a permanecer ignorantes para sempre; porque o que esperas, o que pensa, o que desejas, não é importante. O importante é o que é.

Todos os dias vejo pessoas que são carinhosas entre si... mas se estão matando as umas às outras. Pensam que são carinhosos, e pensam que estão vivendo para outros, e que sem eles a vida de sua família, seus seres queridos, seus filhos, suas almas, seus maridos, seria desventurada..., mas é desventurada com eles. E o tentam por todos os meios, mas tudo o que fazem sai mau. Tem que ser assim, porque eles estão mau. Fazer

não tem muita importância; o ser de que provém, no que se origina, sim a tem. Se for ignorante, está contribuindo a que o mundo seja um inferno. Já o é; isto é o que aconteceu graças a ti. Onde toque, criará inferno.

Se te iluminar, tudo o que faça... -ou possivelmente não precisa fazer nada: tão somente seu ser, sua presença- ajudará a outros a florescer, a ser felizes, a ser ditosos. Mas isso não deveria ser de sua incumbência. O primeiro é como iluminar-se.

Pergunta-me: «Quero estar iluminado.» Mas esse desejo parece ser muito impotente, porque imediatamente diz «mas». Sempre que aparece o «mas», isso demonstra que o desejo é impotente. «Mas o que lhe acontecerá ao mundo?» Quem é você? Quem te acreditaste que é? Depende de ti o mundo? Dirige-o você? Controla-o você? É você o responsável? por que te dá tanta importância? por que se sente tão importante?

Esta sensação forma parte do ego, e esta preocupação por outros nunca te permitirá alcançar um cenit de realização, porque esse cenit só se obtém quando despreza todas as preocupações. E é tão eficiente acumulando preocupações que é simplesmente prodigioso. Não só as tuas próprias; segue acumulando as preocupações de outros..., como se as tuas não fossem suficientes. Segue pensando em outros, e o que pode fazer? Só pode estar cada vez mais preocupado e mais louco.

Estive lendo o jornal de um vice-rei, o jornal de Lorde Wavell. Parece ser um homem muito sincero, profundamente honesto, porque alguns comentários que faz são simplesmente excelentes. Um comentário que faz no jornal é: «A menos que estes três anciões, Gandhi, Jinnah e Churchill, morram, Índia estará em dificuldades.» Estes três homens, Gandhi, Jinnah, Churchill..., e os três estavam ajudando em todos os aspectos! O próprio vice-rei do Churchill escreve em um jornal que estes três homens deveriam morrer logo -e esperançosamente escreve suas idades: Gandhi, setenta e cinco, Jinnah, sessenta e cinco, Churchill, sessenta e oito-, porque os três são o problema. Pode imaginar ao Gandhi pensando que ele é o problema..., ou ao Jinnah, ou ao Churchill? iLos três estão fazendo tudo o que podem para solucionar o problema deste país! E Wavell disse que estes três são o problema, porque os três são inflexíveis, teimosos; cada um deles crie ter a verdade absoluta e que os outros dois estão completamente equivocados. Estes três absolutos não podem juntar-se em nenhuma parte: os outros dois simplesmente estão equivocados. Não há nenhuma dúvida a respeito.

Todo mundo pensa que é o centro e que tem que preocupar-se com o mundo inteiro, e trocar o mundo inteiro, transformar o mundo inteiro, criar uma utopia. Quão único pode fazer é te trocar a ti mesmo. Não pode trocar o mundo. Pode armar mais animo tentando trocá-lo, pode criar mais caos, pode fazer mal, e pode desconcertar. O mundo está já muito desconcertado. Pode desconcertá-lo mais e confundi-lo mais.

Por favor, deixa em paz ao mundo. Só pode fazer uma coisa, e é que pode alcançar o silêncio interno, a sorte interna, a luz interna. Se obtiver isto, ajudaste muitíssimo ao mundo. Com apenas transformar um ponto ignorante em uma chama iluminada, com apenas levar a uma pessoa da escuridão à luz, trocaste uma parte do mundo. E esta parte trocada terá suas próprias reações em cadeia. Buda não está morto. Jesus não está morto. Não podem estar mortos porque há uma reação em cadeia, de um abajur, de uma chama se acende outra chama. E se cria um sucessor, e seguem vivendo.

Mas se sua luz não existe, se seu abajur não tem chama, não pode ajudar a ninguém. O primeiro e o básico é que deve conseguir sua chama interna. Então outros podem compartilhá-la, então pode acender também a luz de outros; então se volta uma sucessão. Então pode que desapareça do corpo, mas sua chama segue passando de emano em mão. Segue e segue até a eternidade. Os budas nunca morrem, as pessoas iluminadas nunca morrem, porque sua luz se volta uma reação em cadeia. E as pessoas

que não estão iluminadas nunca vivem, porque não podem criar nenhuma cadeia, não têm nenhuma luz que compartilhar, nenhuma chama que acenda a chama de outra pessoa.

Por favor, preocupe-se só de ti mesmo. Se egoísta, digo-te, porque essa é a única maneira em que deixará de ter ego, essa é a única maneira em que pode te voltar uma ajuda e uma bênção para o mundo. Não se preocupe por ele; não é teu assunto. Quanto maiores são suas preocupações, maiores pensa que são suas responsabilidades. E quanto maiores são suas responsabilidades, maior te parece que é. Não o é. Simplesmente está louco.

Salte desta loucura de ajudar a outros. te ajude a ti mesmo; isso é tudo o que se pode fazer.

E então acontecem muitas coisas..., mas acontecem como uma consequência. Uma vez que te volta uma fonte de luz, começam a acontecer coisas. Muitos a compartilharão, muitos se iluminarão por meio dela, muitos obterão vida, mais vida, vida abundante, por meio dela. Mas não pense nela. Não pode fazer nada conscientemente respeito a isso. Só se pode fazer uma coisa, e é que pode te voltar consciente. Então tudo vem sozinho.

Jesus diz em alguma parte: «Primeiro entra no reino de Deus. Primeiro busca o reino de Deus, e todo o resto te será dado além disso.»

Eu repito o mesmo.

Lista de meditações

- L. Observa a pausa entre duas respirações
2. Observa o ponto de mudança entre duas respirações
3. Observa o ponto de fusão de duas respirações
4. Sei consciente quando a respiração se detém
5. Centra sua atenção no terceiro olho

6. te centre na pausa durante suas atividades cotidianas
7. Uma técnica para ser consciente em sonhos

8. Observa o ponto de mudança com devoção

- 9a. te tombe como um morto
- 9b. Olhe sem mover uma pestana

- 9c. Chupeta algo e te volte a chupadura
10. te volte a carícia
11. Fecha seus sentidos, te volte como uma pedra
12. te permita te voltar leve
13. te concentre totalmente em um objeto
14. Ponha seu consciencia em sua coluna vertebral
15. Fecha todos os orifícios da cabeça
16. Absorve os sentidos no coração
17. Não escolha, permanece no meio
18. Olhe amorosamente um objeto
19. Sente-se só sobre as nádegas.
20. Como meditar em um veículo em movimento.
21. te concentre em uma dor de seu corpo

22. Olhe seu passado, dê
23. Sente um objeto e te converta nele.
24. Observa seus estados de ânimo
25. Para!
26. Confronta qualquer desejo.
27. te esgote e cai ao chão.
28. Imagina que está perdendo toda sua energia.
29. Sente devoção.
30. Fecha os olhos e para seu movimento.
31. Olhe um objeto como lubrificado.
32. Olhe um objeto como se fora pela primeira vez.
33. Olhe o céu ilimitado.
34. Um método secreto.
35. Olhe ao fundo de um poço profundo.
36. te retire completamente.
37. além das palavras e os sons.
38. Sinta-se a ti mesmo no centro dos sons
39. Entoa um som e te volte esse som.
40. Escuta um som –mortiço.
41. Escuta um instrumento de corda.
42. Usa o som como passagem para o sentimento.
43. Enfoca sua mente na língua.
44. Um método para os que têm o ouvido sensível.
45. Entoa uma palavra que termine em «AH».
46. Fechar os ouvidos e contrair o reto.
47. Usa seu nome como um mantra.
48. No ato sexual, não procure o desafogo.
49. Tremer no sexo.
50. Faz o amor sem casal.
51. Quando surgir a alegria, te volte alegria.
52. Come e bebe conscientemente
53. Recordar-se a gente mesmo
54. Sente a satisfação.
55. Se consciente do lapso entre estar acordado e dormido
56. Considera o mundo uma ilusão
57. Que os desejos não lhe alterem
58. Vê o mundo como um teatro
59. Permanece no meio entre duas polaridades
60. Aceptación
61. Experimenta a existência como um ondear
62. Usa a mente como a porta à meditação
63. Sei consciente de quem está sentindo
64. Ao princípio de uma sensação forte, se consciente
65. Não julgue
66. Sei consciente do que nunca troca em ti

67. Recorda que tudo troca
68. Não tenha esperança
69. Vê além da atadura e a liberdade
70. Visualiza raios de luz subindo por sua coluna vertebral
71. Visualiza uma faísca de luz saltando de um chakra ao seguinte
72. Sente a presença da existência eterna
73. te volte a claridade do céu sem nuvens
74. Sente todo o universo em sua cabeça
75. te recorde a ti mesmo como luz
76. te dissolva na escuridão
77. Tirando a escuridão interna
78. Desenvolve a atenção pura
79. te concentre no fogo
80. Imagina o mundo inteiro ardendo
81. Tudo conflui em seu ser
82. Se ente, não pense
83. Leva seu enfoque aos intervalos
84. te dissocie de seu corpo
85. Pensa em nada
86. Imagina o inimaginável
87. Sente «Eu existo».
88. Conhece que conhece e o conhecido.
89. Inclui-o tudo em seu ser.
90. te toque os olhos ligeiramente
91. Sente seu corpo etérico
92. Sei consciente dos momentos de não-pensamento.
93. Considera ilimitado o corpo
94. Sinta-se saturado
95. te concentre nos peitos ou na raiz do pênis.
96. Olhe o espaço ilimitado
97. Enche o espaço infinito com seu corpo de sorte
98. Sente a paz em seu coração.
99. te expanda em todas as direções
100. Permanece desapegado.
101. Acredita que é Onipotente.
102. Imagina o espírito dentro e fora
103. Não lute com o desejo
104. Os limites da percepção
105. Cai na conta da unidade da existência
106. te volte cada ser
107. Sabe que só existe a consciencia
108. te volte seu próprio guia interno.
109. Sente que seu corpo está vazio.
110. Joga na atividade
111. além de saber e não saber
112. Entra no espaço interno.

O Autor

A maioria de nós vivemos nossas vidas no mundo do tempo, entre lembranças do passado e esperanças do futuro. Só estranha vez tocamos a dimensão intemporal do presente, em momentos de beleza repentina, ou de perigo repentino, ao nos encontrar com uma pessoa amada ou com a surpresa do inesperado. Muito poucas pessoas saem do mundo do tempo e da mente, de suas ambições e de sua competitividade, e ficam a viver no mundo do intemporal. E muito poucas das que assim o fazem tentaram compartilhar sua experiência com outros. A Tse, Gautama Buda, Bodhidharma... ou, mais recentemente, George Gurdjieff, Ramana Maharshi, J. Krishnamurti: seus contemporâneos tomam por excêntricos ou por loucos; depois de sua morte, chamamos “filósofos”. E com o tempo se fazem legendários: deixam de ser seres humanos de carne e osso para converter-se possivelmente em representações mitológicas de nosso desejo coletivo de nos desenvolver deixando atrás as coisas pequenas e o anedótico, o absurdo de nossas vidas diárias.

Osho tem descoberto a porta que lhe deu acesso a viver sua vida na dimensão intemporal do presente, há dito que é “um existencialista verdadeiro”, e dedicou sua vida a incitar a outros a que encontrem esta mesma porta, a que saiam deste mundo do passado e do futuro e a que descubram por si mesmos o mundo da eternidade.

Osho nasceu na Kuchwada, Madhya Pradesh, na Índia, em 11 de dezembro de 1931. Desde sua primeira infância, o seu foi um espírito rebelde e independente que insistiu em conhecer a verdade por si mesmo em vez de adquirir o conhecimento e as crenças que lhe transmitiam outros.

depois de sua iluminação aos vinte e um anos de idade. Osho terminou seus estudos acadêmicos e passou vários anos ensinando filosofia na Universidade do Jabalpur. Ao mesmo tempo, viajava por toda a Índia pronunciando conferências, desafiando aos líderes religiosos a manter debates públicos, discutindo as crenças tradicionais e conhecendo pessoas de todas as classes sociais. Lia muito, tudo o que chegava a suas mãos, para ampliar sua compreensão dos sistemas de crenças e da psicologia do homem contemporâneo. A finais da década dos 60, Osho tinha começado a desenvolver suas técnicas singulares de meditação dinâmica. Diz que o homem moderno está tão carregado das tradições defasadas do passado e das angústias da vida moderna que deve acontecer um processo de limpeza profunda antes de ter a esperança de descobrir o estado depravado, livre de pensamentos, da meditação.

Ao longo de seu trabalho, Osho falou que quase todos os aspectos do desenvolvimento da consciência humana. destilou a essência de tudo o que é significativo para a busca espiritual do homem contemporâneo, sem apoiar-se na análise intelectual a não ser em sua própria experiência vital.

Não pertence a nenhuma tradição: “Sou o começo de uma consciência religiosa totalmente nova”, diz. “Vos rogo que não me conectem com o passado: nem sequer vale a pena recordá-lo”.

Seus bate-papos dirigidos a discípulos e a buscadores espirituais de todo o mundo se publicaram em mais de seiscentos volúmenes e se traduziram a mais de trinta idiomas. E ele diz: “Minha mensagem não é uma doutrina, não é uma filosofia. Minha mensagem é uma certa alquimia, uma ciência da transformação, de modo que só os que estão dispostos a morrer tal como som e a nascer de novo a um pouco tão novo que

agora nem sequer o podem imaginar... só essas poucas pessoas valentes estarão dispostas a escutar, porque escutar será arriscado.

“Ao ter escutado, destes o primeiro passo para o renascer. De maneira que esta filosofia não lhes podem jogar isso por cima como um casaco para presumir. Não é uma doutrina em que podrás encontrar o consolo ante as dúvidas que lhes atormenta. Não, minha mensagem não é nenhuma comunicação oral. É algo muito mais arriscado. Trata nada menos que da morte e do renascer”. Osho abandonou seu corpo em 19 de janeiro de 1990. Sua enorme comuna na Índia segue sendo o maior centro de desenvolvimento espiritual do círculo e atrai a milhares de visitantes de todo o mundo que vão para participar de seus programas de meditação, de terapia, de trabalho com o corpo, ou simplesmente para conhecer a experiência de estar em um espaço búdico.

OSHO COMMUNE International

17 Koregaon Park
Pune 411 011 (MS)
Índia
Lhe: + 91 (212) 628 562
Fax: + 91 (212) 624 181
Email:

Osho Internacional

570 Lexington Ave
New York. N.Y. 10022 USA
Email:
Phone: 1 800 777 7743 (USA only)